

Empire of Royals



his
TESORO

AN ARRANGED MARRIAGE
AGE GAP MAFIA ROMANCE

Emilia Rossi

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



his TESORO

EMILIA ROSSI



**2 ANOS DE
REBELDIA**

SINOPSE

Sempre sonhei com romance, mas este casamento é estritamente profissional.

SOFIYA

Passei anos escondida para proteger meu pai da vergonha de ter uma filha defeituosa. O chefe da Bratva não pode ser associado à fraqueza... e para ele, isso é tudo o que sou.

Isto é, até que uma aliança matrimonial lhe dê a oportunidade de finalmente se livrar de mim.

Quando me dirijo ao altar em direção ao meu misterioso marido, espero estar caminhando em direção ao amor e à liberdade. Mas Matteo deixa claro que não quer ter nada a ver comigo.

Gostaria de poder retribuir sua frieza, mas o perigoso Don deixa meu corpo em chamas sempre que ele está por perto.

MATTEO

Minha vida foi marcada pela traição.

Um traidor da família assassinou meus pais e tenho carregado o sangue deles em minhas mãos durante todos esses anos. Apreendi há muito

tempo a não abrir meu coração.

Como chefe das Cinco Famílias, sempre controlei minha cidade, mas com inimigos surgindo por todos os lados, uma aliança matrimonial é meu único caminho a seguir. No entanto, minha noiva não é o que eu esperava... e agora ela está consumindo todos os meus pensamentos.

Mas quando minha confiança for quebrada novamente, recorrerei a todos os meios necessários para proteger a família.

Consulte a Nota da Autora no início do livro para ver todos os avisos de conteúdo.

NOTA DA AUTORA

LEIA ISTO PARA AVISO DE CONTEÚDO

A personagem principal deste livro, Sofiya, tem síndrome de Ehlers-Danlos hipermóvel, que é uma doença genética rara do tecido conjuntivo. A SDE é uma síndrome complexa e muitas vezes mal compreendida. Embora a SDE hipermóvel (SDEh) seja a mais comumente diagnosticada, existem treze tipos diferentes de SDE e os sintomas podem ser variados. Fiz o meu melhor para apresentar uma versão do hEDS, a versão de Sofiya, com cuidado e precisão. Mas a experiência dela é apenas uma e pode diferir significativamente de outras com hEDS. Com a maioria das doenças crônicas e deficiências, o corpo pode ser imprevisível e apresentar diferentes desafios no dia a dia. Minha esperança é que qualquer pessoa com doença crônica e deficiência se sinta vista nesta história, mesmo que a jornada de Sofiya possa ser diferente da sua.

Este livro contém conteúdo adulto, incluindo cenas de sexo explícito e elementos como palmadas, bondage, cockwarming e degradação leve. Toda intimidade física entre o casal principal é totalmente consensual.

Este livro contém conteúdo que alguns leitores podem achar perturbador, incluindo violência, gore, sequestro, descrições de tortura, conversas sobre tráfico sexual, ameaças de agressão sexual, abuso emocional e físico por parte dos pais, uma descrição de uma experiência sexual perturbadora no passado, *percepção* de drama da outra mulher e uma breve menção a um incidente de crueldade contra animais no passado (não na página).

Esta história tem representação de doenças crônicas e deficiências. O mundo da máfia neste livro está impregnado de capacitismo, assim como o nosso mundo. Os personagens usam linguagem capacitista prejudicial, incluindo o uso de calúnias capacitistas, e possuem crenças capacitistas. Existe também a capacidade internalizada, que ocorre quando os indivíduos com deficiência absorvem as crenças e julgamentos capacitistas da cultura em geral, muitas vezes fazendo com que tenham sentimentos negativos sobre si mesmos e sobre as suas deficiências.

Outro conteúdo geral inclui gravidez.

Este livro termina com um feliz para sempre!



Matteo

O primeiro tiro corta o ar e o relógio começa a contar.

Um.

Dois.

Três.

Apenas uma bala, seguida de um grito. Ecoa em minha mente, a trilha sonora horrível do meu pesadelo. Foi um tiro mortal?

Ou ainda tenho tempo?

Quatro.

Cinco.

Seis.

Mesmo em meio a essa lembrança, tantos anos depois, posso sentir os ecos daquela bala vibrando em meus ossos.

Saber que sou o culpado traz mais dor do que qualquer lesão física jamais poderia causar.

Sete.

Oito.

Nove.

Vejo o sangue deles todas as noites em meus sonhos. É meu castigo por não ver isso na vida real. É muito fácil imaginá-lo pingando no chão. Já derramei sangue suficiente desde então para saber como deveria ser a aparência, como o tom metálico do ferro teria preenchido o ar.

Dez.

Onze.

Doze.

Cada segundo traz a morte um pouco mais perto, e lá estou eu, congelado. Então, a pequena mão de Sienna preenche a minha e a decisão é tomada.

Eu a puxo comigo em direção à porta escondida nos fundos da casa.

Treze.

Quatorze.

Quinze.

O segundo tiro divide o ar.

Mal conseguimos sair vivos, mas os segundos entre os dois tiros me assombram. Eu ainda tinha tempo de salvar um deles? Eu nunca saberia porque abandonei meus pais, nossa casa, minha herança legítima.

Demorei dois anos para reconquistá-la. Dois anos suportando a morte lenta e dolorosa de Matteo Rossi, filho e irmão, para ressuscitar como Matteo Rossi, Don da Máfia Italiana, chefe das Cinco Famílias na cidade de Nova Iorque.



O álcool queimou minha garganta quando tomei outro gole da minha bebida.

Este foi um dia de merda, além de uma semana de merda, além de um mês de merda.

Outro de nossos armazéns no norte do estado foi atingido. O homem morto no porão, vinte andares abaixo, finalmente confirmou o que eu suspeitava há muito tempo: os albaneses estavam tentando invadir meu território.

Minha mão apertou meu copo.

Passei os últimos treze anos como chefe das Cinco Famílias, estendendo nosso alcance ao norte e ao oeste do estado. Muitos tentaram se infiltrar em meu território... a maioria deles com o desejo de trazer o comércio de peles para a cidade de Nova Iorque. Os albaneses vinham atacando nossas fronteiras nos últimos cinco anos, mas seus ataques aumentaram com a morte de seu último chefe. Seu filho idiota, Arben, colocou na cabeça que poderia me desafiar.

A porta do meu escritório se abriu e entrou meu segundo em comando, meu irmão em tudo menos sangue... Romeo. Ele se sentou na minha frente, jogando uma pasta na minha mesa.

Eu olhei para ele, tomando outro gole. — Isso é o que eu acho que é?

— Sim. — A habitual expressão descontraída de Romeo estava ausente. Nada foi divertido esta noite depois de perdermos dois dos nossos homens no incêndio do armazém.

Esfreguei a mão no rosto e me forcei a abrir a pasta. Olhei para a foto lá dentro.

— Pelo menos ela é bonita. — disse ele.

Bonita era um eufemismo. Olhos azuis penetrantes olharam para mim, emoldurados por cachos loiros dourados. Lábios vermelhos cheios. Sobrancelhas escuras. Nariz pequeno e reto. Bochechas rosadas. Sofiya Ivanov era a mulher mais deslumbrante que já vi. Houve uma agitação estranha em meu peito quanto mais eu olhava para ela.

Desviei meu olhar. — Qual a idade dela?

— Acabou de comemorar seu vigésimo primeiro aniversário.

— Porra. — Coloquei meu copo na mesa. — Ela é praticamente uma criança.

— Você não tem muita escolha, fratello¹. Se quisermos os russos do nosso lado, precisamos desta aliança com Rustik.

Rustik Ivanov era o chefe da Bratva em Chicago. A tensão vinha crescendo entre nós até que uma guerra parecia iminente. Então ele estendeu a mão com a oferta de uma trégua. Ele queria acesso às nossas rotas comerciais orientais para o tráfico de armas e drogas, em troca, os russos nos apoiariam contra os albaneses.

— Você realmente acha que deveríamos fazer isso? — Perguntei.

Romeo hesitou e eu arqueei a sobrancelha. Ele não era do tipo que retinha sua opinião.

— Acho que estamos muito isolados aqui. — disse ele finalmente. — Os russos a oeste, os irlandeses a leste e agora os albaneses. Temos uma fortaleza aqui na cidade, mas precisamos de aliados. Isso pode ser um começo.

— Só não sei por que tudo tem que começar comigo me casando. — eu disse, meus olhos voltando para a foto de Sofiya. Os capos vinham sussurrando há anos sobre seu Don, ainda solteiro. Eu precisava de herdeiros para assegurar o meu império, mas uma mulher e filhos me tornariam vulnerável.

Romeo recostou-se na cadeira, olhando-me atentamente. — Eu sei que é o aniversário. Sienna tentou encontrar você hoje mais cedo.

Eu olhei para fora da janela. — Não comece. — Eu não precisava de sua reprovação, de seu julgamento sobre como eu era covarde, me escondendo. Apontei para o arquivo. — O que sabemos sobre ela?

Um músculo na mandíbula de Romeo se contraiu, mas ele não pressionou. — Não muito. Rustik protege suas duas filhas. Elas concluíram a escola em casa e raramente são vistas. A próxima página é o que ele enviou sobre ela.

Movi a imagem para revelar uma página quase toda em branco. Ele listava a idade, a altura e os hobbies de Sofiya... cozinhar, assar e ler.

— Tenho certeza que você poderia insistir em conhecê-la antes do casamento.

Fechei a pasta para não me distrair com a foto de Sofiya.

— Não importa — eu disse. — Não é como se fossemos ser marido e mulher de verdade.

— Oh?

— Moraremos juntos, mas não seremos mais do que colegas de quarto. — Eu tive meu quinhão de mulheres ao longo dos anos, mas uma noite foi tudo o que elas conseguiram de mim. Eu decidi há muito tempo que nunca deixaria uma mulher me enfraquecer.

Romeo ergueu uma sobrancelha. — E quanto aos herdeiros?

Acenei com a mão. — Temos anos para pensar em algo. O que é importante agora é deter os albaneses. — A crescente tensão com a Bratva exigia muito de nossa mão de obra, distraindo-nos da ameaça de Arben.

Romeo recostou-se na cadeira de couro do escritório, observando-me atentamente. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto enquanto ele cruzava os braços.

— O quê? — Eu perguntei, carrancudo.

— Só estou interessado em ver como isso vai ser. O inabalável Matteo Rossi morando com sua linda *colega de quarto*.

Minha irritação aumentava quanto mais ele sorria. — Foda-se. Esta é uma decisão de negócios, nada mais.

— Como você quiser. — Ele levantou. — Vou avisá-los que podemos definir a data.

— Casamento pequeno. — eu disse. — Vamos fazer isso rapidamente.

Romeo assentiu e pegou o arquivo.

— Deixe isso. — rosnei.

Ele apenas cantarolou ao sair do meu escritório.



Mila se aconchegou mais perto de mim como fez tantas vezes enquanto crescia. Ela passou mais noites na minha cama do que fora dela. Nossa casa estava sempre fria – tanto em temperatura quanto em emoção – então absorvíamos todo o calor que podíamos.

— Você realmente vai se casar com ele? — ela sussurrou, parecendo mais jovem do que seus dezenove anos.

Minha garganta e meu peito estavam apertados. Meu pai acabara de dar a notícia. Suas palavras exatas foram: — Quando você se casar com Matteo Rossi e consolidar esta aliança com os italianos, você finalmente será útil para mim. — Minha mãe ficou em silêncio ao lado dele.

— Acho que sim. — sussurrei de volta.

— Você sabe alguma coisa sobre ele?

— Ele é o chefe da máfia de Nova Iorque.

Mila bufou enquanto batia no meu braço. — Sofiya, fale sério.

— Mas isso é tudo que sei. — protestei. Meu lábio se projetou em um beicinho enquanto eu esfregava meu braço.

— Isso nem doeu. — disse ela, revirando os olhos enquanto pegava nosso telefone secreto compartilhado. — Vou procurá-lo.

Abri a boca para dizer a ela que não fizesse isso, mas então me contive. Por que eu não deveria descobrir tudo o que pudesse sobre esse homem com quem eu deveria passar o resto da minha vida?

Mila digitou no telefone e depois engasgou. — Ele é tão gostoso.

Peguei o telefone, mordendo o lábio enquanto olhava para a foto abaixo da manchete de um artigo que dizia: “O bilionário mais sexy de Nova Iorque sai mais cedo da festa de ano novo”. Era uma foto de Matteo do lado de fora de um hotel. Ele estava carrancudo em seu smoking preto de corte perfeito, que se estendia sobre seus ombros largos. Seu cabelo escuro caía bagunçado em seu rosto, e seu queixo quadrado era bem definido.

Senti uma pequena vibração no estômago. — Acho que ele está... bem.

— Oh, ele está ótimo. — disse Mila, sorrindo amplamente. Ela sempre foi louca por garotos. Eu não conseguia contar quantas vezes eu a encobri enquanto ela escapava pela janela para ficar com o namorado do mês, enquanto eu tinha ido a uma única festa no ano passado e nunca quis repetir a experiência. Estremeci quando deixei de lado a memória e me concentrei novamente na foto.

— Quantos anos tem ele? — Perguntei. Ele era obviamente mais velho que eu, pois já era o chefe da Máfia. O homem na foto não era exatamente do nível da raposa prateada², mas tinha uma maturidade que eu poderia achar um pouco sexy.

Mila pegou o telefone, sua carranca se aprofundou quando suas pesquisas não produziram nenhuma informação nova. Depois de trinta minutos, finalmente tivemos que desistir. Foi impossível encontrar informações pessoais sobre Matteo Rossi.

Mila desligou o telefone bufando. Ela se virou e ficou deitada de lado, de frente para mim. — Pelo menos sabemos que seu noivo é gostoso.

— Eu me pergunto se ele é legal. — murmurei. Deus, eu me senti tão estúpida só de dizer essas palavras em voz alta. Eu nunca tinha visto um marido gentil ou um casamento feliz na Bratva, mas me agarrei à esperança de que Matteo não fosse tão horrível quanto meu pai. Talvez as coisas fossem diferentes com os italianos. Talvez eles tratassem melhor suas mulheres.

A expressão de Mila mudou, a testa enrugada de preocupação. — É melhor que ele seja. — Sua voz era feroz.

Como irmã mais velha, sempre fui protetora com Mila, intervindo para cuidar dela quando nossos pais nos ignoravam e as babás iam para casa. Mas à medida que meus problemas de saúde se agravaram ao longo dos anos, foi ela quem me protegeu.

— E quanto a Dimi? — Mila perguntou. Nosso meio-irmão, Dimitri, viveu uma vida envolta em segredo. Nosso pai constantemente o mandava embora para fazer o trabalho sujo no exterior, incapaz de suportar a presença do filho por muito tempo. Dimi o lembrava muito de sua primeira esposa. Uma mulher, que se os rumores fossem verdadeiros, ele realmente amou.

Apertei a mão dela. — Tenho certeza que ele sabe. Talvez ele venha para o casamento. — Mas minhas palavras não tinham convicção. O casamento seria daqui a dois dias. Dimi não tinha um número de telefone estável, então sempre tínhamos que esperar até que ele entrasse em contato conosco.

— Você acha que Matteo sabe sobre meu... — Apontei minha mão para meu corpo.

Os lábios de Mila se separaram. — O Pakhan teve que contar a ele, certo? Matteo provavelmente conseguiu muitas informações sobre você antes de concordar. — Havíamos parado de chamar nosso pai de

“papai” anos atrás. Tudo o que ele era para nós, para qualquer pessoa em sua vida, era o Pakhan.

Respirei fundo, o alívio enchendo meu peito. — Sim, claro. — Um pequeno fio de esperança juntou-se à minha ansiedade. Matteo devia ser um homem decente se quisesse se casar comigo como eu era. Embora... talvez uma aliança com a Bratva fosse uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada, mesmo que isso significasse aceitar uma noiva como eu.

— Vou sentir sua falta. — Mila murmurou.

Pisquei para evitar que minhas lágrimas caíssem. Os anos em que meu pai gritou para que eu me tornasse mais forte não fizeram nada para me impedir de ser profundamente sensível.

— Talvez ele deixe você me visitar — eu disse.

— Sim, talvez.

Lágrimas caíram pelo meu rosto enquanto eu puxava minha irmã mais nova para meus braços.



Romeo e eu sentamos no banco de trás do carro no caminho do aeroporto até a igreja. Dois SUVs cheios de meus homens nos flanquearam na estrada. Sienna ficou furiosa porque eu não permiti que ela comparecesse ao meu casamento, mas eu não confiava nos russos o suficiente para arriscar a segurança da minha irmã.

Olhei para o meu relógio. Eu tinha uma reunião na cidade esta noite para inspecionar um novo carregamento de armas com Domenico, meu executor, então esta cerimônia precisava ser sucinta.

— Você pode querer praticar seu sorriso. — disse Romeo.

Eu encontrei seu olhar com uma carranca.

— Não, não, o oposto disso.

— Foda-se. Por que preciso sorrir?

— Para causar uma boa impressão em sua noiva.

Romeo apenas riu do meu olhar de resposta. Idiota. Ele era o único, além da minha irmã, que interagiu comigo sem nem um pinga de

medo.

— Não hesitarei em atirar em você. — eu disse, olhando pela janela. Ele apenas bufou.

Eu não precisava deixar essa mulher à vontade. Ela moraria no meu apartamento e se juntaria a mim em eventos quando precisávamos manter a aparência de um casamento forte. Eu não seria cruel – ela teria acesso a dinheiro e a tudo o que precisasse – mas era isso. Eu me recusava a interromper minha vida por ela. Me recusava a fazer qualquer coisa que tornasse mais fácil para ela obter vantagem sobre mim.

Paramos em frente à igreja no lado norte da cidade. Tradicionalmente, os casamentos de família aconteciam perto do meu apartamento em Manhattan, mas Rustik disse que se o casamento fosse católico por insistência nossa, seria em Chicago, na dele. Foi um inconveniente para mim, e eu já temia a viagem de avião de duas horas de volta com minha nova esposa.

Rustik Ivanov poderia ser meu novo aliado, mas eu ainda o desprezava. Ele derramou muito sangue italiano ao longo dos anos e nós retaliamos na mesma moeda. Levaria algum tempo para se acostumar com essa aliança.

Angelo, nosso motorista e um dos meus soldados de maior confiança, sinalizou que nossos homens estavam em posição. Saí do SUV blindado e abotoei meu paletó. Eu usava meu terno preto padrão para o casamento. Traje de negócios para um evento de negócios. Minha Glock estava confortavelmente encostada contra minhas costas.

Verifiquei meu relógio novamente quando entramos na igreja. Faltavam dois minutos para a cerimônia.

— Está faltando pouco. — Romeo murmurou.

— Não há necessidade de demorar. — respondi.

Uma senhora idosa que trabalhava na igreja nos conduziu até a frente, onde o padre esperava. Metade dos meus homens ocuparam os bancos vazios no lado do noivo, enquanto os outros ficaram

posicionados ao redor do perímetro. Os bancos à minha direita estavam pouco cheios de convidados da noiva. Fiquei surpreso com o número de pessoas depois da insistência de Rustik em realizar o casamento em sua cidade. O Pakhan estava sentado no banco da frente e inclinou a cabeça para mim. Não retribuí o gesto. Eu esperava que ele levasse a filha até o altar, mas talvez os russos tenham costumes diferentes.

A esposa de Rustik sentou-se ao lado dele. A mulher era magra e seus olhos estavam vazios, embora seu vestido me fizesse piscar duas vezes. *Gritante* era a única palavra para descrevê-lo: laranja brilhante com babados no pescoço. Ao lado dela estava uma garota bonita com cabelo castanho escuro... a irmã de Sofiya, presumi. Ela encontrou meu olhar e segurou-o com firmeza.

Interessante.

A música começou e as portas dos fundos da igreja se abriram. O sol brilhava através do vitral, criando um halo de luz ao redor de uma jovem *sentada em uma cadeira de rodas*.

Mantive o rosto inexpressivo, recusando-me a olhar para Rustik, que claramente havia ocultado essa informação sobre a filha. O que mais o bastardo estava escondendo? Ele achava que eu teria rejeitado a proposta de casamento se soubesse? Senti a presença de Romeo ao meu lado e quase pude ouvi-lo dizer: “Talvez seja por isso que você deveria tê-la conhecido antes”.

Sofiya virou-se pelo corredor, com o véu de renda atrás dela e uma expressão tensa no rosto. Ela era linda na foto, mas pessoalmente era de tirar o fôlego. Seu cabelo era dourado e emoldurava seus traços delicados, e eu não conseguia evitar que meus olhos descessem até seus lábios carnudos. Quando seus olhos azuis encontraram os meus, senti uma estranha descarga elétrica tão forte que quase rompeu minha máscara vazia.

O vestido de Sofiya se alargou em seu colo, dificultando a manobra da cadeira de rodas. Uma sensação estranha e desconfortável se formou em meu peito ao vê-la se esforçar sozinha pelo corredor.

Disse a mim mesmo que era porque agora ela era uma rainha da Máfia e precisava parecer forte diante dos meus homens.

Sofiya finalmente chegou à frente do corredor e eu abri espaço para ela ao meu lado. Ela me lançou um olhar tímido antes de olhar para o padre, e tive a estranha vontade de exigir que ela voltasse a olhar para mim.

O padre foi instruído a manter a cerimônia o mais curta possível, por isso não demorou muito para que chegássemos aos votos. Ele limpou a garganta, lançando-me um olhar ansioso antes de olhar para o papel. — Matteo Rossi e Sofiya Ivanov, vocês vieram aqui para se casar sem coerção, de forma livre e de todo o coração?

— Sim — eu disse.

— Sim — disse Sofiya. Sua voz era gentil e doce, senti uma pontada estranha no peito.

— Vocês estão preparados, ao seguirem o caminho do casamento, para amar e honrar um ao outro enquanto ambos viverem? — o padre continuou.

— Eu estou. — eu disse, e Sofiya repetiu minha resposta.

— E vocês estão preparados para aceitarem com amor os filhos de Deus e educá-los de acordo com a lei de Cristo e de sua Igreja?

Quando ascendi como Don, há treze anos, sabia que produzir herdeiros era parte de minha responsabilidade. Mas a perspectiva de ter filhos nunca pareceu tão real como agora, com minha linda noiva ao meu lado.

Sofiya e eu respondemos afirmativamente.

Os votos foram os próximos. Quando o padre perguntou a Sofiya se ela jurava - me amar, me honrar e me obedecer - o seu maxilar cerrou-se. Seus olhos se voltaram para o pai e depois para mim. Eu podia ver a rebelião acontecendo, seus olhos eram tão expressivos que eu praticamente podia ouvir seus pensamentos.

O padre pigarreou e ela bufou irritada antes de dizer: — Eu juro.

Porra, isso foi... *fofo*.

Foi quase o suficiente para me fazer sorrir.



— Eu juro.

Foi isso. Não há como voltar agora.

Era hora de trocar alianças. Entrei em pânico por um breve momento, já que não recebi um anel para Matteo, mas ele exibiu anéis para nós dois. Dei-lhe um sorriso agradecido e algo em sua mandíbula tremeu. Meu sorriso caiu e uma sensação de mal estar revirou meu estômago. Meu marido já me odiava?

O padre abençoou os anéis e então Matteo colocou a aliança de ouro simples em meu dedo. Um breve lampejo de decepção passou por mim antes de eu engoli-lo. Quando criança, eu passava horas circulando meus anéis favoritos nos catálogos de joias que eu pegava no lixo depois que minha mãe acabava com eles. Eu sonhei com um anel estilo art déco com um diamante grande no meio e pedras menores ao redor. Mas nada neste casamento foi como o que eu imaginei quando era mais jovem. Não o vestido que minha mãe havia escolhido, embora isso tornasse a movimentação na minha cadeira de rodas um pesadelo. Não

a lista de convidados, que consistia principalmente de homens velhos e poderosos da Bratva. E não o noivo.

Para ser justa, eu não poderia ter escolhido um marido mais atraente, mesmo que tivesse escolha. As fotos que Mila e eu encontramos não lhe fizeram justiça. Matteo era devastadoramente bonito. Seu cabelo escuro estava casualmente bagunçado, contrastando com seu comportamento severo e controlado. Seu terno – não um smoking – era impecavelmente cortado e exibia seu corpo alto e musculoso. Mas sempre imaginei me casar com alguém que me amasse. Ou que pelo menos gostasse de mim. Engoli o nó na garganta enquanto colocava a aliança de ouro simples em seu dedo, as pontas dos dedos ásperos roçando minha pele.

Assinei a certidão de casamento com uma mão mais firme do que eu me sentia. Tentei dar mais uma olhada para o meu novo marido, mas ele estava olhando para frente com a mesma expressão plana que usava desde que entrei na igreja. Nunca fui capaz de controlar meu rosto, para imensa decepção de meu pai. Segundo ele, eu era muito fácil de ler, muito vulnerável, muito patética. Eu não sabia se deveria ficar impressionada ou aterrorizada com a habilidade de Matteo de disfarçar suas emoções.

— Eu agora os declaro marido e mulher. Você pode beijar sua noiva. — disse o padre, encerrando a cerimônia.

Eu congelo.

Oh, não, oh, não, oh, não.

Matteo teria que se abaixar para me beijar, mas fazer isso seria degradante para um Don da Máfia. Sua expressão permaneceu inalterada quando ele se inclinou, pegou meu queixo entre o polegar e o indicador e pressionou seus lábios nos meus. O beijo foi suave, apenas um toque, mas seu toque foi elétrico e me deixou querendo mais. Muito rapidamente, acabou. Meu marido acenou com a cabeça para o padre antes de finalmente encontrar meus olhos, apontando com o queixo para a saída. — Hora de ir.

Engoli em seco. Não era como se tivéssemos planejado uma recepção. Meu pai nunca iria querer exibir sua filha defeituosa de forma tão pública. Ele só convidou seu círculo íntimo, homens que estavam cientes da minha deficiência, para a cerimônia. Mas ainda pensei que teria mais tempo para me despedir. Balancei a cabeça e virei minha cadeira para voltar pelo corredor. Parei no banco da minha família e estendi a mão para Mila, que passou por meus pais com o rosto impassível para se juntar a mim. Matteo avançou até perceber que eu não estava ao lado dele. Ele parou e se virou para mim. Mordi o lábio, não querendo irritá-lo, mas não poderia ir embora sem me despedir da minha irmã.

— Acho que estamos saindo agora. — eu disse, agarrando a mão dela.

Ela assentiu, o queixo balançando. Apertei sua mão com mais força para evitar que minhas lágrimas viessem. Ela se inclinou e passou os braços em volta de mim.

— Não deixe ele te dominar, Sofiya. Você é muito doce para o seu próprio bem. — ela sussurrou.

— Ok. — eu sussurrei de volta. Sempre fui boa em defender Mila, mas nunca fui capaz de fazer isso sozinha. Acho que estava na hora de aprender.

Encontrei o olhar de Matteo por cima do ombro de Mila. Ele olhou para o relógio e tomei isso como um sinal de que meu tempo havia acabado.

— Eu te amo. — Apertei minha irmã com força antes de soltá-la relutantemente.

Olhei para minha mãe, mas ela estava olhando para frente. Ser casada com meu pai a fez desaparecer lentamente até se tornar uma concha super-medicada. Respirei fundo e segui pelo corredor em direção ao meu novo marido e à minha nova vida.

Meus braços doíam, cada empurrão da cadeira de rodas forçava meus pulsos e ombros. Felizmente, a frente da igreja tinha uma rampa,

então contornei-a até a rua, onde três BMWs pretos esperavam.

— Este é nosso. — disse Matteo, apontando para o veículo do meio. Seus olhos se voltaram para minha cadeira.

Mila e eu passamos horas assistindo a vídeos de como passar da cadeira de rodas para o carro, e então saíamos tarde da noite para praticar na garagem. É claro que Matteo usaria SUVs enormes, assim como meu pai. Isso tornava a transferência ainda mais desafiadora, já que eu teria que me sentar no assento com meu vestido enorme, mas eu não estava disposta a mostrar qualquer fraqueza na frente daqueles homens, que formaram um círculo em torno de Matteo e de mim.

Isso era tão embaraçoso.

Um dos soldados entrou na minha frente. Meus olhos se arregalaram quando eu o observei. Ele era provavelmente o maior cara que eu já vi... pelo menos 1,80m, talvez mais alto, e ridiculamente musculoso. Meu coração deu um pulso de ansiedade até que percebi seu rosto levemente infantil, seu sorriso gentil e seu coque masculino. — Olá, Sra. Rossi, meu nome é Angelo. Posso ajudá-la a entrar se me disser o que fazer.

Por um segundo, não sabia com quem ele estava falando, mas é claro, agora eu era a Sra. Rossi. Eu levaria algum tempo para me acostumar com isso.

— Eu posso fazer isso se você abrir a porta para mim. — Ele assentiu e fez o que eu pedi.

Me aproximei do carro em um ângulo e pisei no freio. Eu gostaria de poder pedir a todos que virassem as costas porque eu estava me sentindo especialmente fraca hoje e já sabia que seria uma luta. Fui até a beirada da cadeira e depois fui para o estribo do carro. Agora eu só precisava me sentar no assento. Agarrei a alça acima da janela e usei-a para me levantar, cerrando os dentes contra a dor nos ombros.

— Impressionante, bella. — disse Angelo, ajudando-me a puxar a saia do meu vestido para dentro do carro. — Vou colocar sua cadeira atrás.

Dei-lhe um pequeno sorriso e Matteo fez um som quase como um rosnado. Sua mandíbula estava cerrada e seus olhos pareciam brilhar de raiva antes de ele bater a porta atrás de mim.

Fechei os olhos, recusando-me a chorar. Depois de crescer numa casa tão fria, sonhei em casar e constituir família. Agora eu me perguntava se assinar meu nome naquele papel havia selado meu destino de viver em outro lar sem amor.



Peguei meu telefone no segundo em que entrei no carro, olhando as mensagens sem pensar para me distrair da minha nova esposa ao meu lado. Eu não tinha ideia do que havia acontecido comigo quando ela sorriu para Angelo. Tudo que eu sabia era que odiei isso. Eu o designei para ser o guarda de Sofiya, mas agora estava questionando minha escolha.

Ela mesma fez um bom trabalho ao entrar no carro, mas meus dedos coçavam de vontade de pegá-la. Eu cerrei meu punho. Eu não podia deixá-la entrar na minha cabeça. Eu não deixaria ela ser uma distração. Minha lealdade era para com a Máfia, meus homens e Sienna. Era isso.

— Tenho uma ligação de trabalho que preciso atender no avião. — eu disse, cortando o silêncio enquanto continuava olhando para o meu telefone.

— Oh, tudo bem. — disse Sofiya, com a voz suave.

Eu não pude evitar de olhar. Suas mãos se torceram na saia branca do vestido. Ela parecia tão jovem, tão inocente. Ela não era o que eu

esperaria de alguém criado na Bratva. As palavras de Romeo sobre Rustik protegendo suas filhas voltaram à minha mente. Ela sabia alguma coisa sobre o meu mundo?

— Portanto, certifique-se de não me incomodar. — acrescentei, com a mandíbula cerrada.

Sofiya engoliu em seco, com os olhos arregalados enquanto balançava a cabeça antes de desviar rapidamente o olhar.

Senti uma pontada estranha no peito.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso durante o resto da viagem interminável até o aeroporto. No momento em que paramos em frente ao meu jato particular, eu estava fora, precisando criar a maior distância possível entre Sofiya e eu.

Abotoei o paletó e me virei em direção ao avião, olhando para as escadas de metal que levavam até a porta. Quando Angelo levantou a cadeira de rodas de Sofiya da traseira do carro, ocorreu-me: como é que as pessoas em cadeiras de rodas entravam nos aviões? Eu nunca tinha pensado nisso até agora.

Sinalizei para Enzo, um dos meus principais guardas. — Verifique com o pessoal da companhia aérea como colocá-la no avião. — ordenei, em voz baixa.

Passei a mão pelo cabelo quando Romeo se juntou a mim. — No que você está pensando? — ele perguntou.

— Rustik guardou alguns segredos.

— Isso teria mudado sua decisão?

Eu sabia o que ele estava perguntando: eu teria rejeitado esse casamento se soubesse que ela estava em uma cadeira de rodas? Como Don, eu sabia que qualquer sinal de fraqueza seria explorada. Ter uma esposa já me tornava vulnerável - meus inimigos certamente tentariam usá-la para chegar até mim - mas ter uma mulher tão visivelmente *defeituosa*? Eu fiz uma careta. A palavra parecia errada em minha mente quando Sofiya contornou o carro, parando quando ela estava ao meu

lado. Ela inclinou o rosto para encontrar meu olhar, seus lábios carnudos e vermelhos me hipnotizando. Cadeirante ou não, ela era perfeita.

Nós nos entreolhamos em silêncio, um leve rubor colorindo suas bochechas conforme os segundos passavam.

Enzo se juntou a nós novamente. — Chefe — disse ele, olhando para Sofiya. — A tripulação disse que há uma rampa para cadeiras de rodas, mas como não os notificamos, pode levar até uma hora para que esteja disponível.

— Isso é inaceitável. Diga a eles para chegarem aqui mais rápido.

Enzo fez uma careta. — Eu tentei, chefe.

Fechei os olhos, respirando em meio à raiva. Era por isso que não gostava de sair de Nova Iorque. Todos na cidade sabiam quem eu era e com quem estavam lidando, o que nem sempre acontecia em outros lugares.

— Como você costuma entrar em aviões? — Eu perguntei a Sofiya.

Ela pareceu assustada. — Nunca estive em um avião. Mas acho que poderia, hum, subir as escadas.

Eu olhei para ela, totalmente confuso com o que sua vida tinha sido. Como ela nunca tinha viajado antes?

— Eu não tenho tempo para isso. Vou carregar você escada acima e então poderemos sair daqui.

Sofiya mexeu novamente na saia do vestido. — Oh, bem, não é muito seguro ser carregada... — Ela parou quando percebeu minha expressão.

— Eu não vou deixar você cair. — eu gritei. — Vamos.

Caminhei até a escada do avião, sem olhar para trás para ver se ela estava me seguindo. Ela faria isso se soubesse o que era bom para ela.

Romeo acompanhou-me. Chegamos ao final da escada e nos viramos. Sofiya estava vindo em minha direção, cada impulso da cadeira de rodas era lento e desajeitado. Angelo caminhou ao lado dela, inclinando-se ligeiramente para falar. Ela riu de tudo o que ele disse, e minha mandíbula apertou.

— Você ainda se casou com ela. — Havia algo na expressão de Romeo - um *conhecimento* em seu sorriso - que me deixou nervoso.

— O que eu deveria fazer? Foi você quem disse que precisávamos dessa aliança.

— Nós precisamos. — Romeo encolheu os ombros.

Vimos Sofiya e Angelo se aproximarem em silêncio. Ele tinha que andar tão perto dela? E o que diabos poderia ser tão engraçado para fazer Sofiya sorrir tanto?

— Posso carregá-la para o avião. — disse Romeo.

Virei-me para encará-lo, algo quente queimando dentro de mim.

Ele riu, agarrando meu ombro antes de subir as escadas. — Vou verificar com o piloto se estamos prontos para a decolagem.

— Finalmente. — eu disse quando Sofiya parou na minha frente. Eu olhei para ela, tentando descobrir a melhor maneira de levantá-la. — Coloque seu braço em volta do meu pescoço. — Consegui colocar um braço em volta de suas costas e o outro embaixo de suas pernas. Angelo teve que ajudar quando as muitas camadas de seu vestido atrapalharam, mas então ela estava em meus braços com um pequeno rangido.

Seu vestido tornava um pouco complicado segurá-la, mas algo na sensação dela afrouxou o nó de tensão em meu peito. Ela agarrou meu pescoço e ombro com força enquanto eu subia os degraus. O calor de sua pele pressionou contra a minha e o vento soprou seus cabelos em meu rosto.

— Não é exatamente a maneira tradicional de carregar a noiva até a soleira. — brincou Sofiya quando entramos no avião.

Coloquei-a em um assento e a olhei com uma expressão severa. — Este casamento é uma aliança entre nossas famílias. Nada mais. Você não é minha noiva. Espero que você se comporte de maneira condizente com sua posição, mas não espere de mim um casamento de verdade. Entendeu?

A dor passou pelo rosto de Sofiya, seus olhos expressivos revelando tudo o que ela estava sentindo. A dúvida me encheu novamente sobre como ela poderia sobreviver a esta vida. O submundo do crime iria mastigá-la e cuspi-la.

— Ok. — ela disse suavemente. — Nós estamos... quero dizer... vamos morar juntos?

Limpei a garganta e ajustei as abotoaduras. — Claro. Apresentaremos um casamento forte para o mundo exterior. Em privado, teremos vidas separadas. — Obriguei-me a me virar e sentei-me do outro lado do corredor.

Romeo se esparramou no banco ao meu lado, ainda com um sorriso malicioso que me deixou nervoso, e Angelo sentou-se ao lado de Sofiya, apertando-a contra a janela.

— Você está nervosa? — Eu o ouvi dizer.

— Um pouco — respondeu Sofiya. — É seguro, certo? — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Desculpe, essa é uma pergunta estúpida.

— É perfeitamente seguro, bella. O voo dura pouco mais de duas horas, então não é muito longo.

Eu bufei e peguei meu telefone de volta, olhando aleatoriamente minhas mensagens. — Está tudo preparado para esta reunião? — perguntei a Romeo.

— Essa reunião incrivelmente não urgente com um fornecedor de armas que eu poderia ir sem você ou que poderíamos remarcar? Sim, acho que estamos todos prontos. — disse ele secamente.

Eu fiz uma careta. — Agora não é hora de sentar e relaxar. Os albaneses estão avançando. Precisamos estar em alerta.

— Como quiser. — disse Romeo, recostando-se na poltrona e fechando os olhos.

Resisti à vontade de atirar nele. Ele estava sendo muito presunçoso, e eu nem tinha certeza do porquê. Mas eu não gostei.

A comissária voltou para nos informar que estávamos prontos para decolar. Seu vestido vermelho era decotado, exibindo seus peitos grandes, e a saia indecente deixava suas pernas longas e bronzeadas à mostra. Eu transei com ela no quarto na parte de trás do avião no mês passado, e o jeito faminto que ela estava olhando para mim me disse que ela queria repetir a experiência. Mas agora eu não conseguia lembrar o que havia achado atraente nela.

O avião começou a se mover e tive que forçar meus olhos a permanecerem no telefone, em vez de deixá-los desviar para minha nova esposa.

— Pegue todos os registros médicos dela, qualquer coisa que você puder encontrar sobre ela. — eu disse baixinho para Romeo. — Eu quero saber tudo sobre ela e essa porra de família. Rustik pode ter proposto esta aliança, mas dar-nos esta filha foi um desrespeito. Ele quer a vantagem e eu não vou deixá-lo conseguir.

Ele assentiu, pegando seu telefone. Por mais que Romeo me irritasse, não havia ninguém em quem confiasse mais.

Quando o avião decolou, Sofiya soltou um pequeno suspiro. Eu não pude evitar de olhar para ela. Ela agarrou os braços enquanto olhava pela janela, com os lábios entreabertos. A luz do sol da tarde batia na janela, refletindo em seus cabelos dourados e fazendo-a parecer um anjo.

Se ela era um anjo, eu era o diabo. E nunca pertenceríamos um ao outro.

Assim que estávamos no ar, fui até a parte de trás para fazer algumas ligações de trabalho.



Mila e eu passamos inúmeras horas sonhando com tudo o que queríamos fazer no mundo exterior... os destinos para onde queríamos viajar e o que queríamos fazer quando chegássemos lá. Chamamos isso de nossa Lista de Sonhos e eu já podia marcar meu primeiro item: voar de avião.

Claro, eu nunca esperei estar em um avião particular com assentos largos e macios e uma comissária de bordo trazendo lanches e champanhe. Dei-lhe um sorriso rápido enquanto pegava um pacote de biscoitos de chocolate quentinhos. Ela era linda, seu vestido destacando suas curvas, e senti uma onda de ciúme, especialmente quando vi como seu olhar permaneceu em Matteo.

Tentei me concentrar em como era emocionante estar acima das nuvens, ver o pôr do sol pintar o céu em tons de laranja e rosa enquanto nos dirigíamos em direção ao nosso destino, mas senti um nó na garganta. Meu novo marido deixou claro que eu nunca completaria vários itens da minha lista... ser amada, criar um lar feliz para os filhos.

Foi infantil até mesmo colocá-los ali. Que mulher no meu mundo já teve felicidade? Aprendemos a viver sem isso. As desafortunadas acabavam como minha mãe: conchas vazias, destruídas por maridos cruéis. As afortunadas com maridos ausentes passavam os dias cuidando dos filhos, fazendo compras e reclamando com as amigas.

Matteo foi brusco e sério, mas ainda não havia sinais de que ele fosse cruel. Ele não comentou sobre minha cadeira de rodas, não me chamou de “desperdício de espaço” como meu pai fez quando me viu usando-a esta manhã. Matteo até me carregou até o avião, com um toque gentil, em vez de me forçar a subir as escadas de bunda.

Eu gostaria de ter conhecido meu marido em um dia de saúde melhor, mas acordei hoje de manhã, como em muitas manhãs ultimamente, com meus joelhos e quadris prontos para ceder a qualquer momento. Será que Matteo estaria interessado em um casamento de verdade comigo se eu fosse mais bonita, mais magra ou menos danificada?

— O que você acha de voar? — Angelo perguntou, tirando-me dos meus pensamentos melancólicos.

Virei-me para o guarda com um sorriso. — É incrível.

— Você nunca viajou antes?

— Eu nunca saí de Chicago. — A verdade é que eu mal tinha saído da ala leste da minha casa. Quando Mila e eu éramos mais jovens, antes de minha condição piorar, às vezes íamos a festas ou saíamos com nossa babá. Mas isso parecia ter acontecido há muito tempo.

— Nova Iorque é uma cidade ótima. Acho que você vai gostar de lá. — disse ele.

— Você morou lá a vida toda?

— Sim. Nascido e criado. Eu cresci pobre e meio que caí em tudo isso... — ele acenou com a mão para nosso ambiente luxuoso — ...quando eu era mais jovem. O chefe tem sido bom para mim.

Encontrei seu olhar, olhando-o atentamente para ver se ele estava dizendo a verdade. Mila sempre disse que eu confiava demais, mas preferia acreditar que as pessoas eram fundamentalmente boas do que passar a vida esperando que elas mentissem ou me machucassem. Talvez eu tivesse nascido no mundo errado.

— Você pode me contar mais sobre ele? — Eu sussurrei.

Matteo tinha ido para a parte de trás do avião há algum tempo, mas Romeo estava do outro lado do corredor, e mais guardas estavam sentados nos sofás - sim, malditos *sofás*, o que não poderia ser normal - e eu não queria que eles ouvissem.

Angelo me deu um sorriso gentil. — Você deve ter adivinhado que ele não é muito expressivo. Mas ele é um Don justo. Ele recompensa as pessoas que são leais a ele.

As palavras não ditas pairavam no ar... o que acontecia com aqueles que não foram leais.

— Ele tem família? — Perguntei.

— Ele tem uma irmã. Ela mora no mesmo prédio que ele. Mas acho que é isso. Você sabe que os pais dele foram assassinados?

Franzi a testa e balancei a cabeça. Eu não sabia disso. Eu não sabia praticamente nada sobre meu marido, exceto que ele ficava bem de terno.

— Por seu tio — disse Angelo, em voz baixa. — O chefe levou dois anos para derrubar o traidor e recuperar Nova Iorque.

— Quando foi isso? Há quanto tempo ele é Don?

— Isso foi há treze anos.

Meus olhos se arregalaram. — Quantos anos tem ele?

Romeo riu do outro lado do corredor e percebi que tinha falado alto demais. Corei e me encolhi. Meu pai não suportava quando eu fazia perguntas.

— Não se preocupe. — Romeo disse com uma piscadela. — O Chefe fugiu, então agora ele tem que enfrentar as consequências.

Levantei as sobrancelhas, chocada com a maneira como ele estava falando sobre seu Don. Se alguém falasse assim do Pakhan - mesmo seu braço direito - seria punido.

— Matteo tem trinta e oito anos. — continuou Romeo. — Velho filho da puta.

Angelo bufou. — E quantos anos você tem?

Romeo o rechaçou. — Trinta e sete. — ele respondeu a contragosto, e eu não pude deixar de rir. Romeo apenas piscou para mim novamente.

Eu não conseguia acreditar como Matteo era jovem quando se tornou Don, e senti uma onda de simpatia por meu novo marido. Não admira que ele fosse tão sério. Ele era responsável por toda Nova Iorque há muito tempo. Mordi o lábio, pensando nos dezessete anos que nos separavam. A diferença de idade não me incomodava, mas provavelmente era outra razão pela qual Matteo não estava interessado em mim. Eu era jovem e ingênu... por que ele iria querer passar algum tempo perto de mim?

— Conte-nos sobre você, Sofiya. — disse Romeo.

Dei de ombros. — Não há muito para contar. Não sou muito empolgante.

— Pelo contrário, imagino que você esteja prestes a trazer uma emoção sem fim para nossas vidas. — disse ele, recostando-se na poltrona.

Dei ao sociável segundo em comando um sorriso hesitante. — Gosto de cozinhar e ler. Chata, como eu disse.

— Você é boa em panificação? — Angelo perguntou, esfregando a barriga.

— Eu não tenho certeza. — Dei de ombros. — Minha irmã e nosso guarda-costas pareciam gostar bastante das minhas criações. — Meus

pais nunca pisaram na cozinha, então era um lugar seguro para Mila e eu passarmos nosso tempo, cercadas por funcionários simpáticos. Mas minha saúde roubou até isso de mim, pois ficou mais difícil subir e descer escadas. Minha nova casa teria escadas?

— Na verdade, não sei o que são as sobremesas tradicionais russas. — disse Romeo.

— Eu faço alguns produtos de panificação russos, como piroshki, que são tortinhas artesanais, e blini, que são como crepes. Mas aprendi principalmente assistindo a programas de culinária americanos e britânicos, então faço muitos biscoitos, cupcakes e coisas assim. — eu disse.

— Alguma sobremesa italiana? — Angelo perguntou, com uma faísca de interesse em seus olhos. — Tiramisu é minha favorita.

— Nunca fiz, mas adoraria tentar. — respondi. Guardei um bloco de notas com todas as minhas receitas favoritas, junto com uma lista das que ainda queria fazer. Minha lista cresceu muito no ano passado, pois passei meses a fio presa na cama.

— Minha favorita é cannoli. — disse Romeo. — E eu sou muito mais importante que esse cara, então você definitivamente deveria fazer minha sobremesa primeiro.

Angelo bufou e cruzou os braços. O calor se instalou em meu estômago com suas brincadeiras divertidas. Talvez eu não tivesse um marido amoroso, mas já havia mais gentileza nessas pequenas interações do que alguma vez tive em casa. Mila e eu fizemos o nosso melhor para criar nosso próprio mundo em nossa ala da casa, e nosso guarda, Nikolai, concordava com nossas travessuras. Mas com a rara exceção de quando Dimitri nos visitava, éramos uma ilha no meio de homens frios e severos.

— Vou ter que fazer os dois. — eu disse. — Qual é a favorita de Matteo?

Romeo franziu a testa. — Sabe, não tenho certeza se já o vi comer uma sobremesa.

Só então, o próprio homem apareceu. Eu não o ouvi chegando e me sobressaltei um pouco.

— Ahh, momento perfeito, Matteo. — disse Romeo. — Qual é a sua sobremesa favorita?

A expressão gelada de Matteo fixou-se em mim como se soubesse que eu era o motivo da pergunta. Ele rapidamente desviou o olhar, me dispensando, e meu coração se partiu um pouco.

— Eu preciso de você lá atrás. — ele disse, balançando a cabeça. Romeo deu um suspiro exagerado antes de se levantar e seguir o Don.

Angelo deve ter percebido minha expressão desanimada porque deu um tapinha na minha mão. — O Chefe tem lidado com muita coisa em seu território. Isso o mantém muito ocupado.

Assenti, voltando-me para a janela. A noite havia caído e as luzes piscantes sobre as asas do avião juntaram-se às estrelas para iluminar o céu. Meu pai não acreditava que as mulheres deveriam saber alguma coisa sobre os negócios da Bratva, e imaginei que aconteceria o mesmo na minha nova casa.

Tínhamos mais ou menos uma hora de voo e decidi que me deixaria afundar na autopiedade até pousarmos. Então eu estaria pronta para enfrentar minha nova vida e tirar o melhor proveito dela.



O toque suave do elevador soou antes que as portas se abrissem. Fiz um gesto para que Sofiya entrasse primeiro, seguida por Romeo e eu. As portas se fecharam, deixando Angelo esperando pelo próximo com as duas malas de Sofiya e a grande caixa que ela trouxera. Eu consegui ficar longe dela durante toda a viagem de avião, mas agora estava preso neste espaço minúsculo. Incapaz de escapar dela.

O elevador subiu da garagem subterrânea até o vigésimo segundo andar, onde meu apartamento de cobertura aguardava. Eu comprei este edifício histórico no lado oeste do Central Park depois de me tornar Don. Sienna e eu não suportávamos ficar na casa em que havíamos crescido, com as paredes cheias de lembranças de nossos pais e o chão manchado com o sangue deles.

Os andares inferiores do prédio incluíam moradias para Sienna e meu círculo íntimo, além de escritórios para meus negócios legítimos e ilegítimos. O edifício rodeava um grande pátio e jardim. Sienna almoçava lá fora quando o tempo estava bom. Era um dos poucos lugares do lado de fora onde ela poderia ficar sem um comboio de guardas. Mas só eu tinha acesso ao telhado. Algumas noites, eu ficava

sentado sozinho tomando uma bebida, os sons fracos da cidade chegando até mim vindos da rua abaixo. Nesses momentos, me sentia o rei desta cidade.

A porta do elevador se abriu, revelando a grande entrada e a porta da frente. Sofiya parecia exausta quando saímos do elevador.

— Há acesso por impressão digital para entrar. — eu disse a ela. — Romeo, Angelo, Enzo, minha irmã e eu somos os únicos com acesso.

Ela assentiu enquanto mastigava o lábio inferior. Eu queria gritar com ela para parar com isso. Por que ela parecia tão nervosa? Era eu quem tinha a casa prestes a ser invadida.

No momento em que coloquei a impressão digital dela na fechadura, dando-lhe, a contragosto, acesso ao meu espaço privado, as portas do elevador se abriram novamente, revelando Angelo e as malas. Ele sorriu para Sofiya. — Sou o chefe da sua equipe de segurança e serei seu guarda-costas pessoal. Tenho certeza de que o chefe lhe dirá como entrar em contato comigo, mas ficarei do lado de fora do apartamento durante o dia se precisar de alguma coisa e te levarei se precisar ir a algum lugar.

— Obrigada — disse ela.

— Foi um prazer conhecer você, Sofiya. — disse Romeo. — Vou dizer boa noite agora. Deixar vocês dois se conhecerem. — Ele levantou uma sobancelha para mim antes de voltar para o elevador com uma risada. Ele morava alguns andares abaixo e tive vontade de exigir que ele ficasse. O que eu deveria fazer sozinho com essa garota?

Angelo colocou as duas malas de Sofiya dentro do apartamento antes de me acenar com a cabeça e voltar para a entrada. Fiz um gesto para Sofiya entrar e a segui, a porta fechando com um baque atrás de nós.

O apartamento era muito grande, mas nunca pareceu tão pequeno como naquele momento. Sofiya podia ser uma garotinha, mas sua presença preenchia o espaço. — É muito bonito — disse ela, olhando para mim.

Eu apenas grunhi. Sienna se dedicou ao projeto de todos os apartamentos do prédio. Eu não me meti nisso, além de vetar algumas de suas ideias mais malucas.

Peguei as malas de Sofiya, me perguntando onde estava o resto das coisas dela. Eu esperava que seus pertences ocupassem vários carros, mas talvez seus pais estivessem planejando enviar tudo mais tarde.

Apontei o queixo para o lado esquerdo do apartamento, onde um corredor se ramificava da sala de estar. — Seu quarto é por aqui. — O mais distante do meu quarto.

Sofiya conduziu sua cadeira de rodas pela sala e me seguiu pelo corredor. Abri a porta do quarto de hóspedes e coloquei as malas ao lado da cama. Ninguém nunca tinha ficado neste quarto antes - não era como se eu tivesse hóspedes - mas pedi a Gianna para ter certeza de que estava pronto para minha nova esposa.

Sofiya entrou no quarto, parecendo prestes a dizer alguma coisa.

— Eu vou pegar o resto. — eu grunhi, saindo antes que ela pudesse.

Algo chacoalhou na caixa de papelão enquanto eu a carregava pelo apartamento e fiquei tentado a olhar para dentro. Mas eu estava determinado a demonstrar o mínimo de interesse possível pela minha nova esposa, por isso mantive a boca fechada e coloquei-a ao pé da cama.

— Obrigada — disse ela.

— Gianna Pesci é minha governanta e cozinheira. Ela e a filha vêm algumas vezes por semana para cuidar de algumas coisas, mas ela está viajando neste mês para um casamento. — O filho de Gianna ia se casar, então ela tirou umas raras férias. Eu sempre disse que ela deveria tirar mais, mas ela insistiu que eu não conseguiria sobreviver sem ela, o que provavelmente era verdade. Eu tive que admitir que estava aliviado por ela não estar aqui agora. Ela era uma mulher teimosa e não tinha medo

de me insultar. Eu não precisava do comentário dela para complicar esta situação.

— Você tem algum outro funcionário? — Sofiya perguntou.

— Não que entra no apartamento.

Ela assentiu, parecendo tão pequena em sua cadeira de rodas.

— Tenho uma reunião para ir. — eu disse rispidamente.

— Oh. — Ela mordeu o lábio exuberante novamente. — Você está indo?

Cerrei o maxilar com a tristeza em sua expressão. Por que ela não conseguia esconder o que estava sentindo? — Eu disse que isso não seria um casamento de verdade. — retruquei.

Ela piscou lentamente antes de dar um pequeno aceno de cabeça. — Claro. Desculpe.

Mil respostas irritadas estavam na ponta da minha língua, mas as engoli, virei-me e saí do apartamento. Senti uma sensação estranha e inquietante em meu peito quando passei por Angelo e voltei para o elevador. Esfreguei-o distraidamente enquanto as portas do elevador se abriam para o andar inferior que abrigava meu escritório.



Precisei três tentativas para amarrar a gravata esta manhã. E definitivamente não foi porque meus pensamentos foram consumidos pela minha nova noiva.

Ela era muito jovem.

E muito linda.

Depois da reunião com o traficante de armas, fiquei no escritório, bebendo sozinho até as três da manhã. Quando voltei para o meu apartamento, a porta do quarto de hóspedes estava fechada e as luzes apagadas. Mesmo no silêncio, eu jurava que podia sentir a presença dela.

Eu poderia ser um bastardo por deixá-la sozinha logo depois que chegamos, mas ela não era nada para mim, na verdade. Apenas uma estranha. Uma colega de quarto.

Mas isso não explicava a urgência que senti em sair do quarto e encontrá-la.

Olhando no espelho para minha gravata ainda torta, revirei os olhos enquanto passava a mão pelo cabelo. Eu era *Matteo* maldito *Rossi*. Chefe da Máfia. Uma garota de 21 anos não iria atrapalhar minha vida.

Saí do meu quarto enquanto ajustava as abotoaduras, mas parei abruptamente quando vi Sofiya parada na ilha da cozinha.

Porra, *de pé*.

Isso era algum tipo de piada? Meu cérebro girava enquanto tentava entender por que ela mentiu sobre estar em uma cadeira de rodas. Foi para obter algum tipo de vantagem sobre mim? Foi ideia dela ou de sua família?

A luz da manhã entrava pela janela, fazendo seu cabelo brilhar enquanto ela colocava uma mecha atrás da orelha. Ela estava escrevendo algo em um pedaço de papel, completamente alheia a mim. Isso também não me agradou. Por que ela não estava mais atenta ao que acontecia ao seu redor?

Entrei na cozinha, minha raiva conduzindo cada passo.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Eu rosnei.

Sofiya ofegou com um sobressalto, seus olhos voando para os meus. — Oh! Desculpe, não vi você. — Suas bochechas redondas ficaram rosadas enquanto eu olhava para ela, sem piscar. — Hum, bom dia? — Suas palavras saíram como uma pergunta.

Não, recusei-me a ser influenciado pelo seu ato inocente.

— Você não respondeu minha pergunta. — eu fervei.

Ela mordeu o lábio, suas bochechas ficando mais vermelhas. — Eu não entendi. Desculpe.

Por que ela estava se fazendo de boba? Contornei a ilha da cozinha e foi então que o vi. O andador na frente dela. Como ela estava apoiando todo o seu peso no balcão.

Merda.

Minha insistência de que eu não precisava saber nada sobre minha noiva antes do nosso casamento parecia idiota agora. Eu tinha que verificar com Romeo se ele já tinha conseguido os registros médicos dela.

— Algo está errado? — Sofiya perguntou. Ela teve que inclinar a cabeça para encontrar meu olhar.

— Você está atrapalhando. — eu rebati, minha raiva por ela rapidamente se transformando em irritação envergonhada comigo mesmo. — Você pode morar aqui agora, mas isso não significa que seja sua casa para fazer o que quiser.

Seus lábios se separaram e ela rapidamente olhou ao redor do enorme apartamento de cobertura, como se tentasse descobrir em que caminho ela estava.

— Você... eu deveria... — Sua voz era um sussurro enquanto ela tropeçava nas palavras.

— Fale logo. — Eu não queria mais ter que olhar para seus grandes e tristes olhos azuis.

— Você quer que eu fique no meu quarto? — ela finalmente disse.

— Sim, tudo bem. — eu disse, precisando que essa conversa terminasse.

Ela desviou o olhar e me deu um pequeno aceno de cabeça antes de mover as mãos para o andador. Estava na ponta da minha língua perguntar a ela sobre sua deficiência, mas isso significaria ficar na presença dela. E a cada segundo que passava com minha esposa, mais eu me envolvia. Cometi o erro de confiar nas pessoas no passado e isso me custou tudo. Eu não faria isso de novo.

Sofiya caminhou lentamente de volta para seu quarto, apoiando-se fortemente no andador. Senti um toque de seu perfume quando ela passou por mim... algo doce e floral. Olhei para o papel em que ela estava escrevendo. No topo da página estava escrito “Os Famosos Rolinhos de Canela da Sofiya” e parecia que ela estava marcando os ingredientes de que precisava.

Algo se agitou em meu peito. Uma dor aguda que parecia quase... arrependimento. Ajustei as mangas e afastei a sensação. Eu precisava chegar ao escritório. Eu me peguei esperando que os albaneses causassem alguma merda hoje. Sujar as mãos tiraria minha mente da minha esposa.

Saí do apartamento, apontando a cabeça para Angelo. — Certifique-se de que ela não vá embora.

Ele assentiu, mantendo sua posição perto da porta.



Fechei a porta do quarto atrás de mim, apoiando-me pesadamente no andador para manter o equilíbrio. Meus quadris doíam e um cansaço que não tinha nada a ver com meu distúrbio estava se instalando em meus ossos. Eu não sabia quanto tempo poderia viver assim. Mila sempre foi a corajosa, aquela que revidava. Sem ela ao meu lado, senti-me murchar.

Eu me enrolei na cama, jogando aleatoriamente um cobertor sobre meu corpo. Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas até que finalmente cedi a elas, deixando-as escorrer pelo meu rosto. Não era como se houvesse alguém aqui para me julgar por chorar. Eu me perguntei se meu novo marido gritaria comigo se visse minhas lágrimas, como meu pai sempre fez. Eu não entendia por que tive que nascer com um coração tão terno. Eu gostaria de poder ser fria e insensível... como Matteo.

Passei os braços em volta do travesseiro e deixei meus olhos se fecharem. Talvez meus sonhos me levassem a uma vida melhor.



A luz do quarto mudava conforme o sol se punha, ficando dourada, depois rosa e depois azul. Eu não tinha saído do meu lugar na cama o dia todo e não tinha energia para acender uma lâmpada.

Eu deveria ter feito mais perguntas esta manhã. Eu tinha permissão para sair do meu quarto para pegar comida? Matteo não especificou, o que, pela minha experiência, significava não. Ele me bateria se eu desobedecesse? Meu estômago embrulhou com o pensamento.

Há alguns meses, ousei descer depois que meu pai me disse para eu ficar no meu quarto. Eu estava menstruada, mas não tinha suprimentos, e Mila havia saído. Meu pai me pegou vasculhando a penteadeira do banheiro da minha mãe e me deu um tapa no rosto. Eu caí no chão, batendo o quadril com força suficiente para deixar um hematoma feio. Tive que rastejar de volta para o meu quarto, contendo meus gritos de dor, enquanto meu pai me repreendia por não obedecê-lo. Algo em mim quebrou naquele dia enquanto eu estava deitada na cama, com o sangue encharcando a toalha que enfiei na calcinha.

Com base no que vi e nas minhas conversas com seus homens, Matteo não parecia violento, mas até eu pude perceber o quanto isso soava ingênuo. Ele era o Don. Ele certamente assassinou e torturou pessoas. Só porque ele era atraente não significava nada. Monstros se escondiam atrás de rostos bonitos.

A escuridão envolveu o quarto e eu olhei pela janela sem ver. A fome corroeu meu estômago, mas eu estava com muito medo de me aventurar na cozinha. Não ouvi ninguém se movimentando pelo

apartamento durante todo o dia, mas tinha certeza de que Matteo tinha câmeras. Tudo isso foi um teste para ver o quão obediente eu era?

Não havia relógio no quarto, então eu não sabia que horas eram quando finalmente desabei e rolei para fora da cama. Fui ao banheiro e peguei minha bolsa, sabendo que Mila havia colocado uma barra de chocolate lá na manhã do casamento. Isso foi ontem? Parecia que foi há muito tempo.

O açúcar atingiu meus lábios, mas eu mal conseguia sentir o gosto. Comi mecanicamente, dobrei a embalagem e coloquei de volta na bolsa. A dormência tomou conta de mim, me puxando para baixo.

Eu não tinha mais lágrimas para chorar. Esta era a minha vida - ser odiada e esquecida - e eu simplesmente tinha que aceitar isso.



— Ouvi dizer que você está evitando sua nova esposa. — disse Romeo. Ele me deu um sorriso provocador enquanto desabava na cadeira de couro em frente à minha mesa.

Eu sabia que deveria ter removido aquela cadeira. Eu não queria que ninguém se sentisse confortável em meu escritório. Agora meu número dois estava reclinado na cadeira com os pés na *porra da minha mesa*.

— Eu não estou evitando ela. — Esfreguei meu queixo. Eu desenvolvi um tique com a força com que o apertei nos últimos dias.

Romeo levantou uma sobrancelha. — Claro. Foi por isso que você dormiu no Star ontem à noite.

— Era mais conveniente. — eu disse. O Star era um dos hotéis de luxo que eu possuía no centro da cidade.

Romeo cantarolou enquanto cruzava os braços. — A coisinha linda deve estar se sentindo sozinha. Talvez eu deva ir até lá e lhe fazer companhia.

Eu estava fora da cadeira antes de perceber o que estava fazendo, minha mão se movendo em direção à arma que eu mantinha escondida sob meu paletó.

Romeo riu enquanto levantava as mãos em sinal de rendição. — Porra, Matteo. Sentindo-se um pouco possessivo?

Minha respiração estava pesada e senti uma necessidade inexplicável de ver Sofiya. A ideia de qualquer homem perto dela me tornava um assassino, e eu não conseguia entender por quê.

— Falaremos sobre o tráfico de drogas mais tarde. — eu gritei, pegando meu telefone e as chaves e saindo do escritório.

— Diga olá para sua noiva por mim. — Romeo gritou atrás de mim.



— Relatório. — ordenei a Angelo. Ele estava posicionado fora do apartamento onde eu o deixei ontem de manhã. Enzo foi designado para o turno da noite. Eles teriam trocado há algumas horas.

Angelo se mexeu desconfortavelmente, me colocando em alerta máximo.

— Ela tem estado no quarto dela. — disse ele.

— Então? — Eu rosnei. Angelo estava escondendo alguma coisa e isso estava me irritando.

— Quero dizer, ela não saiu do quarto, chefe. Esse tempo todo.

Angelo e Enzo eram os únicos, além de Romeo e eu, com acesso aos vídeos dentro do apartamento. Embora eu tivesse câmeras em todos os espaços comuns, estabeleci um limite ao tê-las dentro dos quartos.

— Desde ontem de manhã?

Angelo assentiu.

— Por que diabos você não me contou? — Eu rosnei. Aquela sensação estranha no meu peito aumentou novamente. Resisti à tentação de esmurrá-lo. Que porra ela estava fazendo lá?

— Você disse que não queria ser incomodado, chefe. A menos que ela tivesse tentado ir embora.

Meu punho cerrou com vontade de socá-lo. Angelo subiu rapidamente na minha hierarquia. Eu o escolhi para meu círculo íntimo depois que ele salvou minha vida em uma emboscada. Ele era um dos melhores atiradores de toda a Família e provou ser leal. Mas agora? Eu queria matá-lo. Ele engoliu em seco, mas não desviou o olhar.

Eu lidaria com ele mais tarde. Agora, eu tinha que lidar com minha esposa.

Balancei a cabeça, sinalizando para ele abrir a porta, e entrei no apartamento. Olhei para a cozinha como se Sofiya estivesse lá, sorrindo docemente enquanto ela colocava o cabelo atrás da orelha ou tirava rolinhos de canela do forno. Eu nunca admitiria isso para ninguém, mas eles eram uma das minhas comidas favoritas.

Mas o apartamento estava silencioso.

Fui até o quarto dela e bati na porta. Quando não houve uma resposta imediata, entrei e encontrei minha esposa enrolada sob as cobertas, de costas para mim. Aquela estranha pontada no meu peito começou novamente. Talvez eu precisasse consultar o médico para ter certeza de que não estava tendo um ataque cardíaco.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, minha voz soando alta e áspera no quarto silencioso.

Sofiya estremeceu e percebi que ela estava dormindo.

— Matteo? — Ela se esforçou para se sentar contra a cabeceira da cama. Ela manteve os olhos desviados, a tensão cobrindo seus ombros. Seu moletom preto enorme a fazia parecer pálida, com os olhos sombreados por olheiras.

— O que você está fazendo? — Perguntei novamente, desta vez tentando controlar minha voz.

— Eu estava dormindo. Desculpe. — ela acrescentou em um sussurro. Suas mãos se torceram nas cobertas.

— Por que você está se desculpando? — Dei alguns passos em direção à cama.

— Você parece zangado.

Eu estava com raiva, mas era difícil segurar a emoção ao olhar para essa garota frágil.

Soltei um suspiro alto, sem saber para onde levar essa conversa. — Ouvi dizer que você está neste quarto desde ontem.

Ela assentiu, mas não ofereceu uma explicação para seu comportamento absurdo.

— Você comeu?

Ela mordeu o lábio, os olhos encontrando brevemente os meus antes de desviar o olhar novamente. Cerrei a mandíbula para me impedir de exigir que ela mantivesse os olhos em mim.

— Eu tinha uma barra de chocolate na minha bolsa. — ela murmurou.

— Você comeu uma barra de chocolate? — Ela ficou escondida em seu quarto o dia todo e noite toda com uma única barra de chocolate?

Para meu horror, seu lábio inferior começou a tremer e seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sinto muito. Não sei o que fazer ou quais são as regras. Eu posso fazer melhor. Apenas me diga o que fazer.

Fiquei paralisado enquanto Sofiya se encolhia, com os ombros tremendo. Nada em meu treinamento me preparou para isso.

— Pare de chorar. — eu rebati.

Sofiya soltou um pequeno soluço e franziu os lábios para silenciar os soluços.

Passei a mão pelo rosto. Devo ligar para alguém? Minha irmã saberia o que fazer. Mas ligar para outra pessoa agora seria admitir que fui derrotado por essa garota.

Apertando a mandíbula para não atacar, sentei-me na beira da cama e coloquei a mão em seu ombro. Ela enrijeceu e meu humor piorou ainda mais. Tirei minha mão.

— Você vai me dizer o que eu fiz de errado? — ela perguntou suavemente.

Franzi a testa. — Nada. Mas você precisa comer. Vamos.

Fiquei de pé enquanto ela colocava as pernas para fora do colchão. Ela pegou o andador com as mãos trêmulas, os dedos brancos enquanto apertava os apoios. Minha carranca se aprofundou quando ela tentou se levantar e caiu de volta na cama.

— O que está errado? — Pela primeira vez, eu gostaria de saber falar... gentilmente ou algo assim.

— Desculpe, só estou um pouco trêmula. — Ela mordeu o lábio e respirou fundo, como se estivesse se preparando para alguma coisa. — Você poderia pegar minha cadeira de rodas?

A cadeira de rodas dela estava no canto do quarto. Seria fácil para mim pegar isso para ela, mas por algum motivo, me vi me inclinando e pegando-a no colo. Sua frente estava colada ao meu peito, seus braços estavam em volta do meu pescoço e suas pernas abraçavam meus quadris. Eu sabia agora que ela poderia movê-las, mas claramente precisava entender seu problema médico. Por enquanto, isso pode esperar. Um dos meus braços apoiou sua cintura e o outro moveu-se sob sua bunda.

— Posso realmente usar minha cadeira. — disse ela. Sua respiração deslizando contra meu pescoço, fazendo-me apertar ainda mais. Quando foi a última vez que estive tão perto de alguém? Eu tinha fodido mulheres enquanto tocava pouco seus corpos.

— Estou machucando você? — Eu perguntei, em voz baixa.

— Não.

— Está bem então. — Saí do quarto, levando-a direto para a cozinha. Hesitei antes de colocá-la na ilha. A ideia de soltá-la parecia inaceitável.

Eu apoiei meus braços em cada lado dela. — Você pode sentar aqui?

Os olhos de Sofiya estavam arregalados, mas ela parou de chorar, então considerei isso uma vitória. Ela assentiu.

— Você não vai cair?

O menor sorriso apareceu no canto de seus lábios. — Eu não vou cair.

Eu apenas grunhi e abri a geladeira. O ar frio soprava contra mim enquanto eu olhava fixamente para as prateleiras. Passei toda a minha infância aprendendo a manter um controle rígido sobre mim e os outros. Isso só se intensificou quando assumi o cargo de Don, e já fazia anos que eu realmente não me sentia fora de controle. Mas aqui, na porra da minha cozinha, com uma garotinha sentada no balcão atrás de mim, algo começou a se desenrolar dentro de mim.

— Hum, você precisa de ajuda? — A doce voz atrás de mim continha uma risada, e percebi que estava olhando para o interior da geladeira em um silêncio de pedra por mais tempo do que o apropriado.

— Não.

Sim. Não conseguia me lembrar da última vez que cozinhei alguma coisa. Por que não havia comida preparada aqui?

Fechei a porta. — Vou pedir algo. O que você quer?

— Eu não sou exigente.

Fixei meu olhar nela. — Você vai me dizer o que quer.

— Pizza? — ela quase guinchou.

— Se adaptando a sua nova vida italiana? — perguntei, mandando uma mensagem para Angelo para que nos trouxesse tortas da casa do meu primo.

— Eu gosto de pizza. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e eu segui o movimento. — E eu poderia cozinhar algum dia... — Ela parou, com uma expressão abatida no rosto enquanto desviava o olhar.

Pensei na receita do rolinho de canela de ontem de manhã. Talvez ela gostasse de cozinhar, embora eu não soubesse por que isso a deixaria tão chateada.

— Por que você não comeu nada? — Eu perguntei, cruzando os braços.

— Eu não sabia se tinha permissão para isso. — ela sussurrou.

— Por que você não teria permissão para isso?

— Você disse que eu deveria ficar no meu quarto, então eu não tinha certeza...

Meu cérebro zumbia enquanto eu tentava entender o que ela estava dizendo. Quando eu disse a ela que ela não podia sair do quarto? A única conversa que tivemos foi ontem de manhã...

Merda.

Porra.

Coloquei meu telefone no balcão e fiquei na frente de Sofiya.

— Olhe para mim. — Pronto, minha voz soou suave o suficiente. Para minha confusão, ela não fez o que eu disse. Quando foi a última vez que alguém me desafiou?

Agarrei seu queixo com o polegar e o indicador e inclinei seu rosto para cima. Sua pele era tão macia pra caralho.

— Eu não quis dizer que você não poderia sair do seu quarto.

— Oh.

— Esta é sua casa agora. Você pode usar qualquer cômodo que quiser. E se quiser cozinhar ou fazer rolinhos de canela, você pode.

Sofiya piscou, parecendo cansada e confusa. A vontade de confortá-la me dominou. Deixei cair as mãos e recuei para evitar fazer algo ridículo.

— Sofiya — eu disse, com um toque de exasperação na voz. — Agora você está casada com o Don da Máfia Italiana. Isso faz de você a rainha. Você não pode simplesmente deixar as pessoas te dominarem.

— Você quer que eu lute contra você? — Ela inclinou a cabeça e um toque de atrevimento entrou em sua voz. Em vez de me irritar, meus lábios se contraíram como se estivesse tentado a sorrir. Eu controlei minha expressão bem a tempo.

— Não. — Então decidi pressioná-la um pouco para ver que resposta obteria. — Você deveria me obedecer.

A irritação tomou conta de seu rosto, desta vez, não consegui evitar minha expressão divertida. Descobri que não me importava com um pouco de fogo na minha nova noiva. Levei minha mão ao rosto para esconder meu sorriso, mas o ligeiro arregalamento de seus olhos me disse que ela percebeu.

Limpei a garganta. — Você pode me fazer perguntas, Sofiya. Este pode não ser um casamento de verdade, mas não sou seu carcereiro. — Se quiséssemos convencer a Família de que este era um casamento de verdade, ela não poderia ter medo de mim.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar antes de concordar. Um silêncio constrangedor caiu sobre nós e olhei para o meu telefone, desejando que a pizza chegasse para me salvar. Sofiya mexia-se, as pernas balançando na ilha da cozinha. Eu olhei para elas.

— O que há de errado com suas pernas?

Ela congelou com meu tom áspero. — Oh, hum, eu tenho algo chamado síndrome hiper móvel Ehlers-Danlos. — Ela enfiou os dedos nas coxas. Tive que me impedir fisicamente de substituir as mãos dela pelas minhas.

— O que é isso?

— É uma doença do tecido conjuntivo, então minhas articulações não são muito estáveis. Meus quadris e joelhos são os piores. Eles podem se deslocar ou fazer algo chamado sub luxação, que é como um deslocamento parcial. Comecei a usar o andador há alguns anos, mas recentemente não tem sido o suficiente e tive que usar uma cadeira de rodas.

Sua voz baixou até ser quase um sussurro, suas bochechas ficando vermelhas. Em nosso mundo, imagem era poder, então não era surpresa que ela carregasse vergonha. Mas descobri que não me importava muito que isso a tornasse vulnerável. Isso realmente importava quando eu estava aqui para protegê-la?

— É perigoso? — Perguntei com os dentes cerrados.

— Eu não sei? — Surgiu como uma pergunta.

— Como é que você não sabe?

Meu estômago embrulhou quando Sofiya estremeceu com meu tom áspero.

— Nunca tive acesso consistente a cuidados médicos, então tive que juntar as peças.

Cerrei a mandíbula, balançando a cabeça para ela continuar.

— Comecei a ter problemas quando era pequena. Eu girava meus tornozelos o tempo todo e minhas pernas sempre ficavam machucadas por causa de onde tropeçava e caía. Tive dores horríveis de crescimento, dores de cabeça e outros sintomas aleatórios. À medida que fui crescendo, as coisas pioraram e tive uma série de luxações graves. Finalmente convenci meus pais de que não estava inventando.

Eles me levaram para ver vários médicos antes que um deles finalmente me diagnosticasse, mas nunca mais o vi depois disso.

Porra. Eu não ficaria surpreso se Rustik mandasse matar o médico só por saber de tal fraqueza em sua família. Sofiya e eu crescemos em famílias importantes do crime organizado, mas estava claro que nossa infância não poderia ter sido mais diferente. Meu pai tinha sido rigoroso comigo, raramente demonstrando afeto enquanto me preparava para ser o próximo Don, mas eu nunca duvidei de seu amor. Nunca duvidei que tudo o que ele fazia era para o benefício da nossa família. Ao passo que Rustik obviamente não dava a mínima para sua filha.

— Qual é o tratamento?

— Eu não acho que realmente haja algum. Quer dizer, analgésicos e almofadas térmicas podem ajudar, e acho que algumas pessoas fazem fisioterapia. E, claro, os auxiliares de mobilidade. Mas não há cura nem nada.

Uma batida na porta me impediu de responder. Acessei a câmera do corredor no meu celular e vi Romeo com nossa pizza. Abri a porta apenas o suficiente para agarrá-la dele.

— O quê, você não vai me convidar para entrar? — ele perguntou com um sorriso irritante.

Ignorei sua pergunta. — Você conseguiu os registros médicos dela?

Sua expressão ficou séria. — Eu queria atualizá-lo sobre isso. Franco não consegue encontrar nada.

Franco era meu principal hacker e nunca deixou de me fornecer as informações de que precisava. — O que você quer dizer?

— Se ela tinha registros médicos, alguém os destruiu. E quero dizer destruídos. Você sabe que Franco poderia tê-los encontrado se estivessem escondidos.

Isso deixou Rustik totalmente envolvido. Desgraçado.

Dei a Romeo um breve aceno de cabeça antes de fechar a porta na cara dele.

Coloquei a pizza na ilha da cozinha e peguei dois pratos. Pelo menos eu sabia onde eles estavam.

— Vamos agendar uma consulta médica para ver o que eles dizem. — Eu tinha certeza de que haveria tratamento para sua doença se ela visse a pessoa certa.

— Obrigada. Isso é... isso é muito legal.

Meu peito ficou apertado e me ocupei em pegar algumas fatias de pizza. — Coma seu almoço. Tenho trabalho a fazer. — Fui em direção à porta, mas parei quando Sofiya chamou meu nome.

— Você poderia pegar minha cadeira de rodas? — ela perguntou.

Esfreguei a mão no rosto, minha irritação comigo mesmo crescendo. Primeiro, eu a fiz pensar que estava presa em seu quarto, e agora a deixei *presa no balcão*. Que maldito marido eu era. Era por isso que eu não podia me permitir me aproximar das pessoas. Isso me deixava sem foco, disperso.

Peguei a cadeira de rodas dela e a empurrei até a ilha da cozinha. Então eu a levantei do balcão e a ajudei a sentar.

— Você precisa de mais alguma coisa?

Ela balançou a cabeça. — Você tem que ir?

— Sim.

Ela assentiu lentamente. — Espero que você tenha uma boa tarde.

Suas doces palavras me seguiram enquanto eu caminhava até a porta e a batia atrás de mim.

Angelo me deu um aceno de cabeça quando entrei no elevador para meu escritório. Eu tinha trabalho a fazer, um império para supervisionar e não podia deixar ninguém atrapalhar isso.



Eu estava no meio das minhas repetições de agachamento quando a porta da academia se abriu. Sofiya entrou na sala, parecendo nervosa. Eu não a tinha visto desde que saí ontem, ela estava em seu quarto quando voltei, tarde da noite. Esta manhã, ela estava usando leggings preta justa e uma blusa tão pequena que parecia mais um sutiã. Minha frequência cardíaca acelerou enquanto eu largava meus pesos.

— Tudo bem se eu estiver aqui? — ela perguntou. Seus olhos percorreram meu peito nu antes de voltarem para meu rosto, e senti uma necessidade inexplicável de levantar algo pesado.

Levantei o queixo em assentimento e ela me deu um sorrisinho antes de ir até o suporte de halteres. Peguei meus próprios pesos de 22 quilos enquanto a observava agarrar os halteres de 2,5 quilos nunca antes usados. Fiquei de olho nela enquanto continuava com minhas repetições, a queimação em meus músculos esquecida enquanto tentava descobrir o que Sofiya estava fazendo. Ela agarrou os pesos desajeitadamente e começou a fazer exercícios nos ombros. Eu cerrei os dentes para sua forma de merda. Ela iria se machucar.

Larguei meus pesos novamente e me aproximei. — O que você está fazendo?

Seus lábios se separaram quando ela inclinou a cabeça para olhar para mim. — Hum, levantando pesos? — Ela parecia tão adorável que me deixou irritado.

Cruzei os braços. — Você está fazendo um trabalho terrível.

Ela piscou antes de desviar o olhar. — Só quero fortalecer meus ombros para poder empurrar minha cadeira com mais facilidade.

Deixei meus olhos vagarem por seus braços, observando a extensão de pele macia, antes de me forçar a olhar para a cadeira de rodas que ela estava usando. Eu não tinha prestado muita atenção nisso antes, muito focado na linda mulher que estava nela, mas era preta e desajeitada. Parecia muito grande e pesada para ela.

— Essa é a melhor cadeira de rodas para você? — Eu deixei escapar antes que pudesse me conter.

Ela congelou e um dos halteres escorregou de sua mão, caindo no chão com um baque surdo. Agarrei o outro antes que ela o deixasse cair e sentei no banco de musculação para não ficar pairando sobre ela.

— Sofiya? — Arqueei minha sobrancelha.

Ela torceu as mãos antes de olhar para mim. — Bem... eu só... fiz algo muito ruim.

Meu peito se contraiu. Ela iria admitir que mentiu para mim? Que estava me espionando? O som de dois tiros ecoou em minha mente.

— Diga-me. — eu exigi com os dentes cerrados.

Ela olhou de volta para suas mãos, os ombros curvados. — Há cerca de seis meses, caminhar começou a ficar muito difícil para mim. Eu ainda estava usando meu andador, mas minhas pernas estavam fracas e eu estava tendo tonturas quando me levantava. Eu estava com muita dor e continuei caindo e deslocando o joelho. Meu pai se recusou a permitir que eu comprasse uma cadeira de rodas. Ele disse que eu só precisava ser mais forte e me esforçar mais.

Minhas mãos flexionaram.

— Minha irmã e eu estávamos tentando descobrir como conseguir uma para mim, mas elas são muito caras e não sabíamos o que fazer.

— O que você quer dizer com elas são caras?

Sofiya me deu uma expressão confusa. — Elas custam muito dinheiro?

— Seu pai é o chefe da Bratva. Ele tem dinheiro quase ilimitado.

— Mas Mila e eu não temos. — ela disse, sorrindo tristemente.

— Ele não lhe dava uma mesada?

Ela balançou a cabeça. Filho da puta.

Passei a mão pelo cabelo. — Então, como você conseguiu isso? — Apontei para a cadeira dela.

Sofiya enterrou o rosto nas mãos. — Por favor, não me julgue. Eu sei que sou uma pessoa horrível, mas estávamos ficando desesperadas. Eu não conseguia sair da cama há semanas e Mila estava em pânico, então ela convenceu nosso guarda-costas a ajudá-la a invadir uma loja de suprimentos médicos e roubar isso.

Esperei que ela dissesse mais alguma coisa, mas ela permaneceu em silêncio.

— E?

— E o quê? — Sofiya respondeu, elevando a voz. — Esta é uma cadeira de rodas roubada. Não é sob medida nem nada, então não é como se alguém estivesse esperando por ela, mas ainda assim é horrível. — Seus olhos se voltaram para os meus e ela estendeu a mão para tocar minha mão. — Não é culpa da Mila. Eu a fiz fazer isso. — Sua voz carregava uma ponta de pânico, como se ela pensasse que eu estava prestes a pegar meu telefone para denunciar um crime.

Meus lábios se contraíram. Minha inocente esposa.

— Deixe-me ver se entendi. Você está me dizendo que teve que roubar uma cadeira de rodas que claramente não cabe em você porque seu pai não lhe deu dinheiro para comprar uma, e você achou que eu ficaria muito chateado com o roubo?

— Roubar é errado. — disse Sofiya seriamente.

Agarrei seu queixo. — Você era uma princesa da Bratva e agora é uma rainha da Máfia. Você está cercada por criminosos muito piores do que ladrões de cadeiras de rodas.

Sofiya me deu um sorriso relutante. — Isso foi o que Mila disse.

— As coisas estão melhores desde que você a conseguiu?

— Sim, está melhor. — ela disse suavemente.

— O que seu pai fez quando viu isso?

— Oh... ele não sabia disso até a manhã do casamento.

Levantei uma sobrancelha.

Ela encolheu os ombros. — Mila e eu ficamos praticamente na ala leste do segundo andar. Raramente víamos nossos pais. — Ela limpou a garganta. — Ele não ficou feliz quando viu isso, no entanto. É por isso que ele se recusou a me levar até o altar.

Um músculo latejou em minha mandíbula.

Eu era um homem frio. Era quem eu fui criado para ser, quem eu tinha que ser. Mas era difícil não sentir algo ao olhar nos grandes olhos azuis de Sofiya.

— Você precisa contrair seu core e manter os cotovelos flexionados ao fazer exercícios nos ombros.

Ela piscou com a mudança abrupta de assunto.

Peguei os dois halteres e os entreguei a Sofiya antes de sair do banco e ficar atrás dela. Vi seu reflexo no espelho do chão ao teto que cobria a parede dos fundos da academia. Ela era toda luz - cabelos brilhantes, olhos brilhantes - para minha escuridão. Meus olhos

percorreram seu corpo. Desta posição, eu poderia desfrutar de todas as suas curvas - a abertura de suas coxas, o movimento suave de sua barriga, a forma como seus mamilos duros pressionavam contra sua blusa. Meus dedos coçavam para mover, tocar, para descobrir por que ela tinha tanto efeito sobre mim.

Ela endireitou-se, apertando os pesos nas mãos, e ergueu-os acima da cabeça.

— Mantenha os cotovelos leves. — eu disse, passando meus dedos pelos braços dela. Ela respirou fundo e o som foi direto para o meu pau.

Porra. Eu tinha que parar. Isso era perigoso. Sem propósito. A razão pela qual concordei com este casamento foi pela aliança. O arranjo deveria ser simples e direto. Nunca misturei negócios com prazer.

Limpei a garganta. — Tenho trabalho a fazer.

O silencioso “obrigada” de Sofiya me seguiu para fora da academia.

Seu doce perfume me assombrou no chuveiro.

A imagem de seus seios naquele top minúsculo brincava diante dos meus olhos enquanto eu acariciava meu pau.

Eu gozei embaraçosamente rápido.

Eu precisava transar ou corria sério risco de atacar minha esposa.



Minhas bochechas estavam molhadas de lágrimas quando acordei e uma náusea revirou meu estômago. Respirei fundo e limpei meu rosto. O quarto estava completamente escuro - nenhuma luz do sol entrava pela fresta das cortinas - me dizendo que era meio da noite.

Fui para a cama cedo, incapaz de aguentar mais a solidão opressiva do apartamento. Matteo escapou depois do nosso tempo juntos na academia, e eu não o vi pelo resto do dia.

Eu não tinha visto ninguém.

Eu tinha andado pelo apartamento. Assisti um pouco de TV. Tentei e não consegui encontrar um livro interessante para ler na biblioteca de Matteo. Mesmo meu romance favorito – um livro bastante usado escrito nos anos 80 com uma capa dramática – não conseguia prender minha atenção. Mila e eu encontramos uma pilha de livros de romance no sótão há alguns anos, em uma caixa pertencente à nossa baba – nossa avó materna. Eu tinha deixado a maioria deles com Mila, mas não pude resistir e trouxe esse comigo. Eu tentei ler algumas das minhas cenas

favoritas, mas minha atenção continuava vagando. Ler sobre o amor me fez sentir vazia agora.

Por volta das 20h30, eu estava tão entediada que tomei um longo banho e fui dormir.

Até que meu pesadelo me acordou.

Eu me sentei, me encolhendo com a maneira como meu pijama grudava na minha pele suada. Não havia como voltar a dormir agora.

Eu estava acostumada com pesadelos. Eu os tinha desde criança, embora não acontecessem com tanta frequência quando Mila dormia na minha cama. Eu nunca admiti isso para minha irmã porque não queria que ela se sentisse culpada se escolhesse dormir em seu próprio quarto. Ela não deveria ter que cuidar de mim. Mas ela encontrava o caminho para minha cama na maioria das noites. Talvez nós duas precisássemos uma da outra.

Aqui, no vasto e silencioso apartamento, parecia que meus pesadelos eram meus únicos visitantes constantes.

Eu me levantei, deixando meu andador e cadeira de rodas para trás enquanto saía do meu quarto. A dor estava afetando meus músculos após o treino matinal, mas eu não queria usar um auxiliar de mobilidade e correr o risco de fazer barulho.

Fiquei parada no meio da sala, sem saber o que fazer. Eu não queria mais ficar neste apartamento. Eu precisava de espaço para respirar.

Fui até a janela que dava para a escada de incêndio e a abri. Uma rajada de ar frio me atingiu e peguei um cobertor do sofá antes de retornar. Saí pela janela, rezando para que todas as minhas juntas permanecessem no lugar, e então minha bunda pousou no metal frio.

Eu sorri.

A escada de incêndio dava para a cidade. As luzes brilhavam abaixo de mim, os carros ainda enchiam as ruas. Me fez sentir menos sozinha saber que não era a única acordada nesse momento. Algo sobre

sentar em uma escada de incêndio parecia tão legal. Se eu tivesse um telefone, tiraria uma foto e mandaria para Mila.

Depois de um tempo, a curiosidade tomou conta de mim. Estávamos no último andar do apartamento, mas escadas metálicas de incêndio se estendiam acima de mim até o telhado. Uma sensação de aventura e talvez de imprudência tomou conta de mim. O que havia lá em cima?

Meus joelhos rangeram quando me levantei, mas os ignorei. Eu subiria as escadas, danem-se as consequências. Meu corpo teria que aguentar isso.

Caminhei devagar, tomando cuidado para não tropeçar no cobertor enrolado em mim como uma capa. Meu sorriso se alargou quando cheguei ao topo. Eu poderia subir no telhado. Meus pulsos doíam quando pulei sobre uma pequena saliência, raspando as palmas das mãos no concreto áspero.

E então eu estava lá. De pé acima da cidade.

Eu esperava algo simples e industrial, talvez canos aleatórios e equipamentos utilitários, mas quando olhei para a escuridão, encontrei algo muito mais luxuoso.

Algumas luzes ao longo do perímetro iluminavam uma grande área de estar à minha esquerda. Uma pérgula independente cobria um conjunto de móveis de exterior que formava um círculo ao redor de uma fogueira de metal. À minha direita havia uma laje grande e ligeiramente elevada. Não consegui ver claramente no escuro, mas aposto que era um heliporto. Eu reconheci isso dos programas médicos que Mila e eu costumávamos assistir.

Fui em direção à área de estar, deixando escapar um pequeno grito de excitação quando vi luzes de corda enroladas na pérgula. Tateei ao redor até encontrar a tomada e ligá-las. A luz brilhante fazia o espaço parecer aconchegante e destacava um conjunto de vasos de madeira que revestiam este lado do telhado. Quando olhei dentro deles, não encontrei nenhuma planta, apenas terra. De qualquer forma,

provavelmente era muito cedo para fazer jardinagem, já que a cidade só agora cedeu à primavera. Arrastei meus dedos pela terra. Talvez eu pudesse plantar algumas coisas. Ervas para assar e cozinhar. Flores para a mesa da sala de jantar.

Quando não consegui mais ignorar a dor nos joelhos, deixei-me cair num dos sofás. Não me atrevi a tentar iniciar uma fogueira – provavelmente queimaria todo o prédio – mas, enquanto me aconchegava mais fundo sob meu cobertor de lã, imaginei estar aqui com Matteo com o fogo aceso. Poderíamos fazer marshmallows – era um dos itens da minha Lista de Sonhos.

Suspirei, meus olhos se fechando. Aqui, cercada pelos altos edifícios da cidade de Nova Iorque e pelos sons fracos da rua abaixo, minha lista parecia incrivelmente infantil. Eu me senti incrivelmente infantil. Mesmo tendo crescido na casa do Pakhan, eu era extremamente protegida. As mulheres não tinham livre arbítrio na Bratva, e minha deficiência fez com que me tratassem ainda mais como uma criança.

Ou uma prisioneira.

As palavras de Mila voltaram para mim: *Você é muito doce para o seu próprio bem*. Eu precisava desenvolver coragem. Ser mais forte. Eu ainda não tinha saído deste apartamento, mas sabia que o faria, eventualmente. Matteo queria uma rainha, seja lá o que isso significasse. Ele definitivamente escolheu a noiva errada se quisesse alguém poderosa ao seu lado. Eu havia passado os últimos anos praticando ser invisível e me tornar pequena. Isso me tornava um alvo menor.

Mas talvez também tenha me tornado menos pessoa.

Como se eu tivesse lentamente me despojado de toda a humanidade.

Eu só me permiti ser genuína com Mila e Dimi. Esses eram os únicos momentos em que eu me sentia real, me sentia forte.

Quando provoquei Mila sobre suas milhões de paixões na TV.

Cuidando dela quando ela voltou bêbada depois de fugir para alguma festa.

Forçando nosso guarda-costas, Nikolai, a assistir comédias românticas femininas conosco.

Saindo para o campo de tiro com Dimi. Sentindo-me poderosa com uma arma nas mãos enquanto acertava o alvo.

Hoje em dia, minha emoção principal era o medo, mas eu queria sentir mais. Essa nova vida com Matteo, esse casamento falso, não era o que eu teria escolhido, mas precisava tirar o melhor proveito disso. E isso exigia inspirar-se na bravura de Mila.

Eu estava perdida em pensamentos quando o som de alguém limpando a voz cortou o silêncio. Eu balancei no sofá e soltei um pequeno grito antes de ver Matteo parado diante de mim.

— Oh, oi. — eu engasguei. Eu queria me bater por parecer tão estridente e ofegante. *Que jeito de ser forte, Sofiya.*

As luzes iluminavam o queixo duro de Matteo e a maneira como sua camiseta escura de mangas compridas se esticava em seu peito largo. Sua calça de moletom estava baixa em seus quadris e eu rapidamente trouxe meus olhos de volta para os dele.

Ele não estava dizendo nada. Ele apenas ficou ali, seu olhar penetrante fixo em mim.

Lutei contra a vontade de me desculpar por estar aqui. Ele me disse que eu tinha permissão para explorar o apartamento. Ele não dissera que o telhado estava proibido. Se ele quisesse ficar sozinho, ele poderia ir embora. A parte mesquinha de mim disse *cheguei aqui primeiro.*

— Como você chegou aqui? — ele perguntou.

— Eu levitei. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las. Prendi a respiração enquanto esperava sua resposta ao meu sarcasmo, mas seu rosto permaneceu inexpressivo.

Tentei igualar sua expressão, olhando-o sem piscar, mas rapidamente cedi. — Eu subi as escadas.

— Hmm. — foi sua única resposta antes de se sentar à minha frente.

Meu peito estava explodindo de alívio e excitação. Eu estava faminta por companhia e ele estava escolhendo ficar aqui *comigo*.

— Sem andador, então?

Inclinei a cabeça. — Seria um pouco difícil de usar nas escadas.

Matteo assentiu, olhando para a cidade, o gelo tilintando em sua bebida na mão. Ele parecia imerso em pensamentos, mas o silêncio não era desconfortável. Enrolei meu cobertor mais apertado em volta de mim e observei enquanto ele esfregava o polegar nos lábios. Algo acendeu no fundo do meu estômago.

Eu não desviei o olhar.

— Porque você está acordada tão tarde? — ele finalmente perguntou, tomando um gole de sua bebida.

Mordi o lábio, me perguntando o que dizer a ele. — Um pesadelo. — finalmente admiti.

— Algo que temos em comum.

Pisquei, chocada por ele ter revelado algo pessoal sobre si mesmo. A maneira como seus dedos apertaram sua bebida me disse que ele estava tão surpreso quanto eu.

— Sinto muito que você tenha pesadelos. — eu disse, minha voz quase um sussurro.

Ele tomou outro gole de sua bebida. — Sobre o que é o seu?

Minha mente voou para meu sonho mais recente. Eles eram sempre os mesmos... eu, indefesa e incapaz de me mover enquanto as pessoas que eu amava eram feridas. Eu assisti Dimi levar um tiro, Mila ser cortada em pedaços mais vezes do que meu coração poderia aguentar. Não importa o que eu fizesse para salvá-los, nunca conseguia

me mover. Eu estava sempre presa, presa dentro de um corpo congelado que não conseguia nem rastejar até eles.

O pesadelo desta noite tinha sido o mesmo, só que desta vez era Matteo na minha frente. Uma figura mascarada passou uma faca pelo peito nu dele enquanto eu gritava. Eu acordei com o nome dele em meus lábios.

— As pessoas com quem me importo se machucam. — eu finalmente disse. — E você?

Eu tinha certeza de que ele não responderia, mas depois de alguns longos momentos, suas palavras vieram, tão suaves que quase não pude acreditar que não as tinha imaginado. — O mesmo.

Nós nos olhamos e algo mudou no ar entre nós.

A escuridão nos envolveu como um cobertor, envolvendo-nos num casulo secreto. Este momento entre nós tinha um ar de irreabilidade, como se os raios do sol nascente fossem levar tudo embora. Mas eu não esqueceria: seu olhar atento, a eletricidade entre nós. Eu guardaria essa memória como a primeira vez que não me senti sozinha em minha nova vida.

Nunca seríamos amantes. Ele deixou isso claro. Mas talvez pudéssemos ser amigos.

Estremeci e isso quebrou o feitiço entre nós.

Matteo limpou a garganta. — Está frio. Você deveria entrar.

Como seria para ele se juntar a mim no sofá, me abraçar e me aquecer com seu corpo? Sentir a pressão de seus lábios contra os meus, mas desta vez sem plateia?

Uma pontada de tristeza apertou meu coração ao pensar no que eu nunca teria. — Provavelmente deveríamos tentar dormir um pouco.

Ele se levantou, olhando por cima do ombro para a escada de incêndio. — Eu vou carregar você para baixo.

— Eu posso fazer isso. — Eu não sabia o que mais eu queria: afirmar minha capacidade de lidar com um lance de escadas ou ser pressionada novamente contra o peito de meu marido.

Eu me levantei. Uma brisa gelada soprava no telhado e calafrios sacudiam meu corpo.

— Não permitirei que você se machuque. — disse Matteo.

— Eu não vou. — Apertei o cobertor com mais força e caminhei até as escadas. Meus joelhos doíam, mas continuei.

Eu mostraria a ele que era capaz.

Eu mostraria a mim mesma.

Ele não me apressou, não comentou a lentidão com que eu me movia. Quando chegamos à janela, ele a abriu para mim. Sua mão roçou minhas costas enquanto eu rastejava desajeitadamente para dentro. Matteo me seguiu, de alguma forma parecendo gracioso ao passar pela janela.

Senti um toque de seu cheiro – couro e chuva – e lutei contra a vontade de pressionar meu rosto em seu peito. Devo estar mais cansada do que pensava.

Meu cobertor escorregou e Matteo o colocou de volta no meu ombro. Seu toque persistiu, então ele respirou fundo e se virou, voltando para seu quarto.



Sentei-me na cama, com a cabeça apoiada nas mãos. Eu segui minha esposa até o telhado e então fugi como um covarde *ao ver seu ombro nu.*

Porra, eu fui um idiota.

Uma notificação telefônica do meu sistema de alarme me tirou do meu sono agitado, mostrando que a janela da escada de incêndio havia sido aberta.

Rondar pelo apartamento escuro até o telhado tinha sido a distração perfeita dos pensamentos incessantes em minha mente – pensamentos sobre Arben e os albaneses, a saúde de nossos investimentos, os novos soldados entrando em nossas fileiras...

Mas nada poderia me distrair dos pensamentos sobre minha esposa.

Levantei-me com um gemido. Eu não poderia mais ficar aqui... neste apartamento, perto de Sofiya. Me vesti e desci para o meu escritório.



Olhei para o último relatório enviado por Franco. Ele conseguiu invadir o servidor de e-mail do subchefe de Arben. O problema era que todos estavam codificados e Franco ainda não tinha conseguido decifrar o código.

Pareceu-me estranho. Os albaneses nunca foram particularmente sofisticados. Ou Arben era mais esperto do que eu pensava ou os albaneses estavam recebendo ajuda de algum lugar. Ninguém havia anunciado uma aliança, mas eu estava cada vez mais confiante de que eles haviam feito uma.

Bati minha caneta contra uma das xícaras de café vazias espalhadas pela lateral da minha mesa. Eu estava em meu escritório desde as três da manhã, me jogando no trabalho para me distrair dos pensamentos sobre Sofiya. Ela tinha voltado a dormir? Com que frequência ela tinha pesadelos? Ela tinha tudo que precisava?

Eu queria bater, atacar, fazer algo *físico*, não olhar para o meu computador, tentando decodificar a porra dos e-mails até meus olhos ficarem marejados. Todos cobiçavam minha posição, sonhavam em ser o homem mais poderoso da cidade de Nova Iorque, mas nenhum deles percebia quanta papelada tediosa estava envolvida.

Minha cabeça se ergueu quando minha porta se abriu. Sienna entrou em meu escritório num lampejo de cores e se deixou cair na cadeira em frente à minha mesa.

Massageei minhas têmporas. Eu realmente precisava remover aquela cadeira.

— Por que você está escondendo sua esposa de mim? — ela choramingou.

— Sienna, estou trabalhando.

— Sim, eu sei. Você está sempre trabalhando. São sete horas da manhã e aqui está você, de terno.

A mesma sensação inquietante que sempre tive perto de Sienna apertou meu peito. A luta da minha mãe contra a infertilidade fez com que minha irmã e eu tivéssemos 12 anos de diferença. Sienna tinha apenas onze anos quando nossos pais foram assassinados. Da noite para o dia, meu papel se transformou de irmão mais velho em pai. Tínhamos vivido escondidos durante dois anos enquanto eu trabalhava para reconstruir o meu império e derrubar o meu tio. Eu tinha trancado meu coração atrás de barreiras impenetráveis para me tornar o Don. Ao longo do caminho, perdi a capacidade de ser irmão.

Sienna era um lembrete constante dos meus fracassos... meu fracasso em salvar nossos pais, minha incapacidade de amá-la do jeito que ela precisava.

— O que você quer, Sienna? — Eu perguntei, a exaustão embargando minha voz.

— Eu só quero conhecê-la. Moramos no mesmo prédio. Seria bom, não sei, sermos amigas.

— Ela não está aqui para ser sua amiga.

Um lampejo de mágoa passou pelo rosto da minha irmã e aquela sensação desconfortável em meu peito se intensificou. Quando concordei com esse casamento, parecia tão simples. Eu participaria de uma cerimônia, assinaria um pedaço de papel e garantiria uma aliança russa. Eu tinha esquecido que me casaria com uma pessoa real... um ser humano vivo e que respirava, pelo qual eu era agora responsável. Não gostei da ideia de Sienna e Sofiya serem amigas... era uma mistura de dois mundos que eu queria manter separados. Mas não era realista mantê-los separados para sempre. Eu tinha que aceitar que Sofiya era uma presença permanente em minha vida.

— Desculpe. — eu murmurei. — Ainda estou me acostumando com tudo isso.

Sienna se inclinou para frente na cadeira. — Como ela é? Ela é legal? Ela é bonita?

— Eu não a conheço. — Eu não ia admitir que achava minha esposa bastante... cativante.

Sienna franziu a testa. — Vamos, me diga alguma coisa.

Bati a caneta na minha mesa novamente. — Há algo errado com as pernas dela.

Sua testa franziu. — O que você quer dizer?

— Ela tem aquela doença... Ehlers-Danlos? Ela usa cadeira de rodas ou andador para se locomover.

— Oh. — Sienna inclinou a cabeça. — Isso é um problema?

— Isso poderia torná-la mais vulnerável. Nós tornar mais vulneráveis.

Ela soltou um longo suspiro. — Não há inimigos em cada esquina, Matteo.

— Isso é porque eu protejo você deles. — eu rebati.

O rosto de Sienna endureceu, sua mandíbula cerrou quando ela se levantou e se dirigiu para a porta.

— Depois de amanhã. — eu disse com os dentes cerrados.

— O quê? — Ela olhou para mim por cima do ombro.

— Venha depois de amanhã. Você pode conhecê-la.

O menor sorriso surgiu em seus lábios e eu esperei ter sido perdoado.

— Você merece ser feliz, você sabe. — ela disse suavemente.

Engoli em seco, incapaz de olhar para Sienna quando ela saiu do meu escritório. Deixando-me sozinho.



Eu estava dolorida e cansada enquanto andava pela cozinha. Usei meu andador para manter o equilíbrio, mas foi difícil colocar peso em meus braços com o quanto eles estavam doendo depois do treino de ontem. Eu esperava que os exercícios compensassem a longo prazo, porque naquele momento a dor estava apenas me deixando irritada. Eu tinha tomado meus analgésicos, mas sabia que a dor provavelmente duraria o dia todo... a semana toda se eu tivesse azar.

Nada do que eu tentei para aliviar meus sintomas pareceu ajudar. Mila tinha começado a praticar “bem-estar” há algum tempo, convencida de que poderia me curar se fizéssemos as coisas certas. Bebemos extrato de grão de café verde, meditamos e fizemos ioga. A última vez que tentei ioga, meu joelho subluxou e eu caí em cima de Mila. Nós rimos tanto que eu até fiz xixi em mim mesma, o que só nos fez rir ainda mais.

Nosso isolamento forçado na mansão do Pakhan nos últimos anos foi angustiante, mas também havia coisas que eu sentia falta. Éramos Mila e eu contra o mundo há muito tempo, e agora eu estava sozinha.

Comi uma banana da fruteira enquanto tentava descobrir o que fazer do meu dia. A cozinha estava totalmente abastecida. Eu sorri quando decidi assar e cozinhar. Só para passar o tempo, claro. Não para impressionar secretamente meu marido com a única habilidade que eu tinha. Eu só precisaria escolher receitas que não exigissem muita força na parte superior do corpo.

Uma batida na porta tirou minha cabeça da despensa. Eu mordi meu lábio. Eu deveria atender? Eu ainda estava nervosa neste apartamento lindo e enorme, apenas esperando para fazer algo errado e ele gritar comigo.

A pessoa na porta bateu novamente. Peguei meu andador e caminhei lentamente até a entrada. Espiei pelo olho mágico e vi meu guarda-costas parado ali.

— Bom dia, Sra. Rossi. — disse Angelo, com um amplo sorriso no rosto quando abri a porta.

— Bom dia. E, por favor, me chame de Sofiya.

— Não tenho certeza se o chefe gostaria disso.

Inclinei a cabeça. — Mas você é meu guarda-costas, certo? Então, eu não sei... não tenho uma palavra a dizer?

Angelo riu. Sua risada foi calorosa e profunda e instantaneamente me deixou à vontade. — O chefe tem muito trabalho com você, não é? — Ele piscou para mim. — Tudo bem, Sofiya. Como quiser. — Ele fez uma pequena reverência com um floreio, me fazendo bufar.

— Você quer entrar?

— Não, obrigado, bella. Eu só precisava te dar isso. — Ele estendeu um celular novo e top de linha.

Meus olhos se arregalaram. — Realmente? Para mim?

— Claro. Os números que você precisa já estão programados. Somos eu e Enzo... ele tem o turno da noite vigiando o apartamento. Também Romeo, o segundo em comando do Chefe, e Domenico, seu

executor. Se você estiver em uma emergência e não conseguir entrar em contato comigo ou com o chefe, você pode ligar para qualquer um deles.

O telefone parecia suave e frio em minhas mãos. — Posso ligar para outras pessoas? Como a minha irmã?

— Claro.

— E... posso entrar na internet e outras coisas? — Mila e eu tínhamos um telefone nos últimos meses - um modelo antigo que Nikolai havia contrabandeado. Eu o deixei com Mila e esperava encontrar uma maneira de contatá-la, mas nunca esperei apenas me ser dado um telefone.

Sua testa franziu. — Você não é uma prisioneira aqui, Sofiya. — Sua voz era baixa e ele se abaixou para que nossos olhos ficassem no mesmo nível. — Você é casada com o Don. Isso lhe dá poder, status. Você entendeu? — Ele percebeu minha expressão confusa e suspirou. — Vejo que você ainda não sabe, mas vai. Você se acostumará com sua posição e tenho certeza de que desempenhará seu papel lindamente.

— Obrigada. — eu sussurrei. Foi uma das coisas mais legais que alguém me disse, não que houvesse muita competição. Embora tenha sido outro lembrete frio de que eu estava aqui apenas para desempenhar um papel.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Angelo perguntou.

Eu balancei minha cabeça. — Não, isso está ótimo, obrigada. Vou fazer alguns assados.

Seus olhos estavam brilhantes. — Ah, tiramisu?

Um sorriso surgiu em meus lábios. — Ainda não decidi. — Era emocionante ter liberdade na cozinha, um telefone para procurar receitas e pessoas que queriam provar o que eu fazia.

— Bem, estou ansioso para descobrir. — disse ele com uma piscadela.

Voltei para a cozinha e levei alguns minutos para configurar meu telefone. Talvez eu pudesse comprar uma capa para ele. Eu tinha visto

algumas fofas online.

Depois de tudo configurado, disquei o número de Mila. Mantivemos o telefone no modo silencioso para evitar que alguém o encontrasse e nos punisse, então fechei os olhos com força, rezando para que ela atendesse.

— Olá? — Mila parecia um pouco sem fôlego. Ouvir sua voz fez lágrimas brotarem em meus olhos.

— Mila. — eu engasguei.

— Oh meu Deus, Sofiya! Eu estive esperando e torcendo para que você ligasse. Você está bem? Sinto muito sua falta.

— Eu também sinto sua falta. — eu disse com uma fungada. Peguei uma toalha de papel debaixo da pia e enxuguei as lágrimas.

— O que está errado? — Sua voz era feroz e eu podia imaginar sua expressão, como aquela pequena linha entre as sobrancelhas aparecia quando ela estava estressada.

— Estou muito feliz em ouvir sua voz. Estou totalmente bem, prometo. Tenho um telefone novo, então podemos conversar sempre que quisermos.

— Porra, tenho deixado Nikolai louco de preocupação com você. Como é seu marido? Ele está te tratando bem? Você, você sabe... fez isso?

Minhas bochechas esquentaram. — Matteo é... não sei, confuso? — Eu disse, evitando sua pergunta. — Não que eu tenha muita experiência com homens, mas ele é muito difícil de ler. Não acho que ele goste muito de mim. — Tirei um saco de gotas de chocolate da despensa. Toda a equipe do meu pai adorava meus biscoitos de chocolate, então parecia uma coisa segura para começar. E havia uma batedeira na cozinha, o que significava que eu não forçaria meu pulso misturando a massa.

Houve um momento de silêncio antes de Mila responder. — O que te faz dizer isso? Ele machucou você?

— Não, de jeito nenhum. Mas ele disse que só quer que vivamos como colegas de quarto. Ele está fora a maior parte do tempo e temos quartos separados. — Eu não ia contar a ela sobre meu mal-entendido idiota... como eu havia me encolhido em meu quarto por um dia inteiro com medo de ser punida. Foi patético.

Eu também não ia contar como as mãos de Matteo permaneceram na minha pele na academia... ou a nossa conversa no telhado no meio da noite.

Eu praticamente podia ouvir os pensamentos caóticos de Mila. — Vocês querem ser apenas colegas de quarto?

Tirei ovos e manteiga da geladeira. — Eu realmente não tenho escolha. Talvez esta não seja a vida que eu teria escolhido, mas não é ruim. Matteo tem sido... legal. — Eu me encolhi, pressionando meu rosto em minhas mãos.

— Legal? O chefe da Máfia é *legal*?

— Ok, essa é uma palavra ruim para descrevê-lo. Mas ele não disse nada cruel. — Olhei para a ilha da cozinha, lembrando-me de como Matteo estava preocupado com a possibilidade de eu cair se ele me soltasse enquanto eu estava sentada na bancada. Por um segundo, eu até imaginei algum tipo de faísca entre nós.

— O que você não está me contando? — Mila perguntou, desconfiada.

— Nada. — eu disse muito rapidamente. — Não há nada para contar.

— Uh huh... Então, o que você está fazendo agora?

Suspirei de alívio por ela não estar forçando. — Pensei em fazer alguns biscoitos. E então talvez algo italiano para o jantar.

— Jantar e sobremesa. Parece que você está tentando impressionar seu marido.

Fiquei em silêncio enquanto minhas bochechas queimavam.

— Sofiya! — Mila engasgou. — Você *está*. Eu sabia. — A excitação era palpável em sua voz e me lembrou que ela tinha apenas dezenove anos. — Aposto que ele é mais do que legal com você. Ele é muito gostoso para ser seu colega de quarto.

Eu bufei. — Ele não está interessado em mim desse jeito.

— Você não pode pensar que eu acreditaria nisso.

— Bem, eu não sei o que te dizer. Ele foi muito claro. — Exceto quando ele não foi. Como quando ele me carregou, ou pareceu zangado ao ouvir como meu pai me tratou, ou sentou comigo no telhado.

Antes que Mila pudesse dizer mais alguma coisa e aumentar a confusão que eu já estava sentindo, mudei de assunto. — Você teve notícias de Dimi?

Mila suspirou, vendo através do meu desvio, mas respondeu mesmo assim. — Não.

— Você acha que ele está bem?

— Ele sabe cuidar de si mesmo. — disse ela, mas nossa ansiedade compartilhada era forte ao telefone. Dimi era o único membro da nossa família que realmente amava Mila e eu, e eu sentia falta dele.

— Você acha que ele ainda está no exterior? — Perguntei.

— Presumo que sim. Talvez eu pudesse perguntar ao Pakhan...

— Não — interrompi. — Não faça isso. Ele não vai te contar de qualquer maneira. — O pânico tomou conta de mim tão visceralmente que tive que me apoiar no meu andador. Respirei através da minha tontura. Nosso pai nunca tinha batido em Mila, e ela não sabia que ele tinha batido em mim. Mas agora que eu estava fora de casa, fiquei com medo de que ele voltasse sua raiva contra ela.

— Ok. — Mila bufou. — Eu não vou.

— Apenas... apenas certifique-se de ficar fora do caminho dele, ok? E se Dimi ligar, você pode dar meu novo número e dizer para ele me ligar?

— Claro.

Mila me atualizou sobre sua vida. Nosso pai estava permitindo que ela saísse de casa com mais frequência agora que eu não estava lá. A culpa me encheu por ela ter ficado presa naquela casa por minha causa, por causa da vergonha que meu corpo causou à minha família em público.

— Como está sua dor? — ela perguntou.

— Está tudo bem. — eu menti. Medi a farinha e o bicarbonato de sódio.

— Sofiya. — A voz de Mila estava repreendendo.

— Ok, tem sido meio ruim. Mas meus joelhos estão mais fortes do que no dia do meu casamento. Estou usando meu andador pelo apartamento.

— Você precisa fazer com que o Don te leve ao médico. Tenho certeza de que há medicamentos melhores ou algo que irá ajudá-la. Não confio em nenhum dos médicos do Pakhan.

— Não se preocupe comigo, Mila. Eu sou a mais velha. É *minha* responsabilidade proteger *você*.

Mila fez um som irritado no fundo da garganta. — Sempre me preocuparei com você porque te amo, Sofiya. Eu gostaria... eu gostaria que você pudesse deixar outras pessoas amarem você. Você está tão convencida de que tem que fazer tudo por todos, mas as pessoas que realmente amam você não precisam que você faça ou seja nada por nós.

Lágrimas picaram meus olhos. — Não tenho certeza se é uma longa lista de pessoas.

— Eu acharia isso irritante se não soubesse que você realmente acredita nisso. Você é a pessoa mais linda que já vi. Você é gentil, talentosa e tem essa energia que atrai todos para sua órbita. Acho que essa é uma das razões pelas quais ele escondeu você. Você ofusca todos nós.

Deixei escapar uma risada. — Do que você está falando? Nosso querido pai só sentiu desprezo por mim.

— Talvez. — Mila concedeu. — Mas acho que há mais em seu ódio.

Descansei meu rosto no balcão de mármore frio enquanto nós duas ficávamos em silêncio.

— Estou com saudades de você. — eu finalmente disse.

— Saudades de você também. — A voz de Mila estava tensa, como se ela estivesse chorando, e isso fez uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Minha irmã quase nunca chorava. Ela costumava dizer que eu já tinha lágrimas suficientes por nós duas.

— Você parece mais leve. — ela sussurrou.

Enxuguei minhas lágrimas. — Me sinto mais leve. Existe um mundo inteiro fora da ala leste.

— Você pode começar a riscar coisas da lista.

Eu sorri. — Já risquei a primeira coisa. Voamos de volta para Nova Iorque em um *jato particular*. Foi tão legal.

Continuamos conversando e sonhando com nossa lista até que Mila disse que precisava ir. O Pakhan estava fazendo com que ela almoçasse com as esposas da Bratva. Tive medo de que ele já estivesse pensando em casá-la. Nada me fez sentir tão impotente quanto não ser capaz de proteger Mila de todas as coisas ruins.

— É melhor você mandar mensagens e me ligar o tempo todo, Sofiya. Quero atualizações.

— Eu prometo. Você também, ok?

— Sim. — Ouvi uma batida na porta do lado dela. — Merda, Nikolai está aqui e eu ainda não me vesti. Vou ter que te mandar uma foto do vestido que a mamãe está me fazendo usar. É horrível.

Nossa mãe tinha o pior senso de moda que já conheci. Não conseguimos descobrir se suas roupas estranhas eram algum tipo de

declaração, uma pequena rebelião contra o Pakhan, ou se ela legitimamente achava que elas pareciam boas.

— Amo você. Fique segura. — eu disse.

— Também te amo.

O silêncio na cozinha pesou sobre mim depois de desligar. Encontrei um aplicativo de música e escolhi uma playlist pop aleatória. Notas otimistas começaram a tocar no alto-falante. Mila e eu sempre tomamos cuidado para não fazer muito barulho. Era mais seguro ficar quieta e passar despercebida. Mesmo que a música estivesse tocando suavemente, ainda assim sentia um arrepio de medo e excitação por estar fazendo barulho, ocupando espaço.

O cronômetro do forno disparou e tirei o primeiro lote de biscoitos e polvilhei sal marinho por cima deles. Coloquei o próximo lote e abri um navegador no meu telefone para procurar receitas italianas. Eu estava determinada a fazer do jantar um sucesso.



Giuseppe chamou minha atenção no momento em que entrei no saguão do Star. Ele estava um pouco sem fôlego quando me encontrou no elevador particular. O baixo e atarracado gerente do Star usava um terno listrado azul e branco hoje. Traje absurdo para um Made Man, assim como seu sorriso alegre.

— Boa noite, chefe.

Eu dei a ele um breve aceno de cabeça.

— O de sempre ou algo novo?

— Surpreenda-me. — Bati os dedos na perna, impaciente enquanto esperava a porra do elevador. Finalmente chegou.

— Muito bom. Vou mandá-la subir imediatamente — disse Giuseppe. — E, devo dizer, parabéns pela sua nova noiva.

Cerrei a mandíbula, mas as portas se fecharam, evitando que eu respondesse.

Ajustei minhas mangas. Eu não estava fazendo nada de errado. Eu tinha todo o direito de estar aqui, de fazer o que quisesse. Mas a estranha sensação de aperto no estômago não desapareceu quando entrei na minha suíte privativa na cobertura.

Servi-me de um copo de uísque e olhei para minha cidade. A cidade pela qual eu sangrei e matei. Nada poderia ser mais importante do que a Família. Eu poderia ter pensado algo diferente quando era jovem, mas esse Matteo foi morto ao lado dos meus pais.

Virei-me quando a porta se abriu e uma mulher entrou. Ela era alta, seu vestido preto destacando suas longas pernas, e loira. Tomei outro gole. Giuseppe geralmente mandava mulheres italianas de cabelos escuros. Isso foi uma coincidência ou ele estava tentando encontrar alguém que lembrasse minha esposa?

Exceto que esta mulher não se parecia em nada com Sofiya. Seus lábios estavam pintados de vermelho, sua expressão confiante e sensual quando ela se aproximou de mim.

— Eles me disseram que você era atraente — disse ela, parando tão perto de mim que seus seios grandes roçaram meu peito. — Mas atraente não corresponde. — Ela passou os dedos pelo meu queixo.

Minha aliança de casamento pesava muito em meu dedo.

Meu pai tinha sido leal à minha mãe. Ele sempre dizia: — A vida da Família gira em torno do Don. A vida de Don deve girar em torno de sua esposa. — Não era segredo que ele permitia que a minha mãe tivesse uma opinião sobre os assuntos da Família. Ela até o convenceu a proibir o comércio de peles em nosso território, uma decisão impopular que fez com que alguns capos perdessem uma quantia significativa de dinheiro. Meu pai também criticou duramente os maridos que abusavam das esposas. Suas ações provocaram discórdia nas fileiras de homens que achavam que tinham o direito de fazer o que quisessem em suas próprias casas. Meu tio aproveitou essa discórdia para ganhar poder.

A devoção do meu pai à minha mãe os destruiu.

Quase destruiu Sienna e eu.

Mas agora, diante da oportunidade de trair minha esposa, descobri que não conseguiria. Meu pau estava mole, minha pele arrepiada de desconforto. Meu pai era o homem que eu mais admirava no mundo: firme, forte e amoroso à sua maneira. Era difícil para um Made Man criar seu herdeiro porque ele nunca poderia ser pai plenamente... ele sempre seria Don para seu filho primogênito. Mas meu papa foi primeiro um marido, acima de tudo.

Minha mão se estendeu e agarrou o pulso da mulher, afastando-a de cima de mim. — Saia. — Minha voz era áspera, mas não me importei. Seu toque parecia veneno.

Seus olhos se arregalaram. — Senhor?

Soltei seu pulso e ela tropeçou alguns passos para trás. — Saia. Fora. — eu repeti.

Ela girou nos calcanhares e saiu correndo do quarto.

Minhas mãos tremiam enquanto eu bebia o resto da bebida. O que diabos havia de errado comigo? Por que eu tinha um senso equivocado de lealdade a uma mulher que eu nem conhecia só porque tinha assinado uma folha de papel?

— Porra!

Joguei o copo vazio contra a parede, pedaços de vidro e líquido se espatifando no chão. Eu precisava de algo para me distrair, para me fazer sentir no controle novamente, e não encontraria isso neste quarto.

Peguei meu telefone e disquei.

— Romeo, encontre-me fora do Star. Nós vamos caçar.



Estava escuro quando Romeo tirou o carro da estrada, escondendo-o atrás de um bosque.

Ele desligou o motor e o silêncio da noite nos cercou.

— Esta é uma das ideias mais estúpidas que você teve recentemente. — disse ele.

Puxei outra arma debaixo do assento e verifiquei se estava carregada. — Fique aqui, então. — O ar fresco da noite clareou minha cabeça quando saí do carro. Era disso que eu precisava. Foco. Controle.

Romeo me seguiu, murmurando maldições enquanto engatilhava a arma. — Você sabe, alguns homens compram carros esportivos quando estão passando por crises de meia-idade. Ou um jato particular. Eles não vão emboscar esconderijos albaneses só pela emoção.

— Já possuo um jato particular. — Parti em direção à pequena casa à frente, uma luz solitária na janela sendo a única coisa iluminando o caminho.

— Oh, ele está praticando sua rotina de comédia agora. — Romeo bufou.

— Se alguém falasse assim comigo, eu já o teria matado.

— Sim, mas se eu fosse qualquer outra pessoa, estaria na cama com uma mulher sexy no meu pau. Não aqui em alguma missão suicida.

Revirei os olhos. — Só é uma missão suicida se você estragar tudo.

Mantivemo-nos nas sombras enquanto nos aproximávamos da casa, mas não havia ninguém lá fora e nenhum alarme visível. A informação de Franco sugeria que esta casa anteriormente abandonada

estava sendo usada pelos albaneses... provavelmente soldados de baixa patente. Eles não eram importantes e provavelmente não teriam informações úteis. Arben podia ser um idiota, mas nem ele era estúpido o suficiente para contar seus planos aos soldados de infantaria. Isso não importava, no entanto. Eu não estava aqui para obter informações.

Atirei na fechadura da porta e entrei, Romeo cobrindo minhas costas.

Três homens estavam sentados em uma sala de estar suja... dois apenas de cueca e o terceiro com uma camiseta suja. Eles gritaram, pegando as armas que haviam deixado de lado descuidadamente, mas eu fui rápido demais. Atirei no primeiro na mão, no segundo no joelho e no terceiro no ombro. Gritos de dor encheram o ar.

— Por que diabos eu precisava estar aqui se você mesmo iria pegar todos eles? — Romeo resmungou.

— Vá limpar o resto da casa se precisar de algo para fazer. Vocês três, no chão.

Os albaneses caíram no chão, os seus gritos enchendo o ar. Eu rapidamente removi suas armas. Eles eram obviamente jovens e pouco qualificados. Sem nenhum valor real para mim.

Eu ainda gostaria de brincar com eles.

— Matteo. — A voz de Romeo veio de um dos quartos dos fundos.
— Ci sono due ragazze qui³.

Merda.

Romeo voltou para a sala, com fúria nos olhos. — Maldita escória.
— Ele cuspiu nos soldados e apontou sua arma para eles. Seus olhos brilharam para os meus. — Quarto dos fundos à esquerda.

Eu me preparei para o que encontraria enquanto abria a porta, revelando duas garotas amontoadas em um canto. Elas pareciam jovens... dezessete? Dezoito? Suas roupas estavam rasgadas e cabelos longos e sujos caíam em seus rostos. Algemas de metal estavam presas aos tornozelos muito finos.

Um colchão sujo era a única coisa no quarto.

Somente uma vida inteira de prática escondendo minhas emoções me permitiu manter meu rosto inexpressivo enquanto uma raiva incandescente revirava meu estômago. Meu tio reviveu o comércio de peles durante o breve período em que estive no poder, mas eu coloquei um fim nisso quando ascendi como Don. Isto era uma afronta direta à minha autoridade.

Agachei-me, esperando que isso me tornasse menos intimidante. Os olhares vazios das meninas encontraram os meus.

— Qual é o nome de vocês?

Elas não disseram nada.

— Vou levar vocês para um lugar seguro. — murmurei. — Como vocês chegaram aqui?

As meninas se entreolharam como se estivessem se comunicando silenciosamente antes de se voltarem para mim. Uma delas disse algo num sussurro rouco, mas ela não estava falando inglês.

— O que é que foi isso?

A garota repetiu suas palavras, sua voz ficando mais forte. Parecia que ela estava falando uma língua do Leste Europeu... russo, possivelmente? Por um segundo pensei em ligar para Sofiya para ver se ela entendia, mas descartei a ideia. Eu precisava mantê-la separada da minha vida, do meu trabalho. Ela podia parecer doce e inocente, mas eu não podia confiar nela.

— Eu já volto. — eu disse, embora elas não pudessem me entender, e voltei para a sala.

— Bem, isso nos dá alguma clareza sobre por que a escória está tentando assumir o controle da minha cidade. — eu disse a Romeo.

— Você acha que é mais do que as duas garotas?

— Sim. — Eu suspeitava que Arben estivesse negociando peles em Boston, mas fiquei fora disso... aquele era território irlandês. Mas agora

ele não estava apenas tentando assumir o controle da minha cidade, ele estava se preparando para trazer o comércio de peles.

Meus olhos se voltaram para os três homens patéticos amontoados no chão à nossa frente. — Parabéns, vocês três acabaram de se tornar muito mais úteis para mim. — Dei um passo mais perto, saboreando seus gemidos de dor enquanto seus ferimentos acumulavam sangue no tapete cinza.

— Quem é você? — o homem em quem eu atirei no joelho cuspiu.

Eu me agachei na frente dele. — Sou aquele a quem você implorará pela morte antes do fim.

Seu rosto se contorceu de raiva antes de ele atacar com um grito. Um brilho de aço veio em minha direção. Eu pulei para fora do caminho, mas não fui rápido o suficiente para evitar totalmente que a faca dele fizesse um corte raso na minha lateral. Eu mal senti enquanto o sangue escorria pela minha pele.

Com um movimento rápido, chutei o joelho machucado do homem, virei-o de bruços e prendi-o no chão, enfiando a faca em sua mão. Tirei meu paletó enquanto me levantava e olhava para os outros dois soldados. — Algum de vocês está se sentindo corajoso? Agora é sua chance de atacar.

Seus olhos estavam arregalados enquanto balançavam a cabeça, lançando olhares dissimulados para seu companheiro que chorava.

— Boa escolha. Onde está a chave da algema?

Um soldado gesticulou para o homem que eu esfaqueei. Enfiei a mão em seu bolso e peguei a chave, certificando-me de esmagar seu joelho contra o chão enquanto o fazia.

Virei-me para Romeo. — Chame Domenico e Stefano para levar o lixo para fora.

Voltei para o quarto dos fundos, agachando-me novamente enquanto me aproximava das meninas. A mais nova das duas tinha lágrimas escorrendo pelo rosto, mas ambas permaneceram em silêncio.

Estendi a chave e aponte para as algemas. — Vou removê-las. — Elas pareceram entender o que eu quis dizer, permanecendo imóveis enquanto eu as destrancava. Soltei um xingamento alto quando vi as marcas vermelhas de sangue deixadas pelo metal, fazendo com que as duas pulassem.

Procurei no fundo de mim a voz suave que costumava usar com Sienna quando ela era mais nova, quando eu acordava no meio da noite e a encontrava enrolada no chão ao lado da minha cama depois de ter um pesadelo. Antes que meu coração congelasse.

— Eu não vou machucar você. — Estendi a mão para elas, mas elas se encolheram. — Tudo bem. Eu não vou tocar em vocês. Vocês podem andar?

Levantei-me lentamente e dei alguns passos até a porta, gesticulando para que as meninas me seguissem. Seus movimentos eram rígidos quando se levantaram. Elas apertaram as mãos uma da outra e mancaram até a porta.

— Eles estão a caminho. — disse Romeo quando nós três entramos na sala. Ele amarrou os soldados albaneses no chão e atou seus ferimentos de bala para evitar que sangrassem. Eu os queria vivos por muito, muito tempo. — Para onde você quer levar as meninas?

Passei a mão pelo cabelo e gesticulei para as duas meninas se sentarem à mesa torta da cozinha. Peguei água para elas e encontrei pacotes de biscoitos em um dos armários.

— Vou perguntar a Aria se elas podem ficar em um quarto da clínica até resolvermos a situação.

Aria era minha prima por parte de mãe. Ela teve permissão para frequentar a faculdade de medicina, algo raro até agora para as filhas da Família, e ela dirigia nossa clínica particular.

As meninas engoliram a água, os olhos fixos nos três captores. Encostei-me na bancada da cozinha, me perguntando o que Sofiya estava fazendo. Senti uma estranha vontade de ver como ela estava,

mas já era tarde. Ela provavelmente estava na cama, e Enzo estava no apartamento, de qualquer maneira.

Romeo pegou seu telefone e acenou para mim. — Eles estão aqui.

Fiz um gesto para as meninas seguirem. Romeo saiu primeiro pela frente, sinalizando quando tudo estava limpo. Stefano e Domenico passaram por nós no caminho para o carro e levantei o queixo para eles. Eu os encontraria no porão depois de levarmos as meninas para a clínica.

Os albaneses podiam esperar. Eles desejariam que eu tivesse ficado longe no final.



Lutei para dormir a noite toda, por isso tinha certeza de que meu marido nunca voltou para casa. Eu esperei por ele durante o jantar. Eu estava acostumada a comer por volta das sete, mas sabia que os italianos comiam tarde, então fiquei esperançosa. Quando eram quase onze da noite, desisti e comi sentada no chão da cozinha, tocando música tão alto quanto meu telefone conseguia tocar.

Se eu estava vivendo essencialmente sozinha, poderia muito bem quebrar todas as regras de etiqueta que foram ensinadas a mim.

A dor nos quadris me manteve virando e revirando, desesperada para encontrar uma posição tolerável. Isso, combinado com minha solidão e falta de sono, me deixou de mau humor. Eu saí da cama de madrugada, precisando de algo para me distrair. Usei a sofisticada máquina de café expresso italiana para preparar um café com leite e depois explorei o resto do apartamento, fazendo o possível para me movimentar com minha cadeira de rodas volumosa.

O apartamento tinha um ar abandonado, como se ninguém morasse aqui, mas era lindo... a combinação perfeita de arquitetura

histórica e toques modernos. Grandes janelas deixavam a luz do sol nascente entrar, e ela refletia nas paredes brancas e nas molduras de madeira escura. Não era nada parecido com a opulência fria da casa do Pakhan, que pretendia intimidar todos que entrassem com sua extravagância e riqueza. Havia quatro quartos - eu não ousei entrar no de Matteo, mas o resto era decorado de forma simples e de bom gosto - cinco banheiros, uma sala de jantar formal, sala de estar e academia, mas meu lugar favorito, de longe, era a biblioteca.

Foi ali que decidi me aconchegar... no grande sofá de couro da biblioteca com minha segunda xícara de café enquanto observava o nascer do sol. Prateleiras do chão ao teto estavam cheias de livros... livros lindos e antigos que pareciam lindos, mas eram uma leitura terrível. Na verdade, não parecia haver nada remotamente legível em toda a casa. Imaginei. Eu achava que o Don não encontrava muito tempo para lazer. Bem, exceto pelas noites dele. Parecia que ele encontrava bastante tempo para atividades extracurriculares. Imagens de Matteo com outras mulheres entraram e saíram dos meus sonhos até que eu estava prestes a gritar.

Inclinei minha cabeça para trás no sofá com um gemido. Não adiantava nada ficar remoendo as decepções da vida.

Eu estava tentando reunir energia para me levantar e preparar o café da manhã quando ouvi uma batida na porta da frente. No começo eu não tinha certeza se tinha ouvido direito, mas lá estava de novo. Por um momento, meu coração deu um pulso quando pensei que Matteo estava de volta, mas então percebi que ele não teria batido.

Sentei-me na cadeira, respirando fundo devido à dor que percorria minhas articulações, e rolei para fora da biblioteca. — Entre! — Gritei assim que cheguei à sala de estar.

A porta se abriu lentamente, revelando um sorridente Angelo. — Bom dia, bella. Eu estava preocupado que pudesse ter acordado você.

Abri um sorriso. Fiquei feliz em vê-lo, mas não consegui evitar que meu coração doesse com a ausência de meu marido.

— Já estou acordada há um tempo. — Fiz uma careta quando percebi que ainda estava de pijama... pijama de seda rosa choque com flamingos, cortesia da minha mãe.

— São fofos. — disse Angelo.

Balancei a cabeça e rolei para a cozinha. — Posso pegar algo para você? Café? Eu estava tentando decidir o que fazer para o café da manhã.

— Eu não diria não a um café. O que você acabou fazendo ontem à noite?

— Biscoitos de chocolate e risoto de cogumelos. — O rosto de Angelo se iluminou e eu olhei para ele com diversão. — Há sobras, se você quiser?

— Eu adoraria um pouco. — Ele esfregou as mãos.

Eu ri. — Às oito da manhã? Café da manhã bastante estranho. — O risoto estava delicioso, mas comer sozinha não era a mesma coisa.

Comecei a ir até a geladeira, mas Angelo rapidamente me impediu. — Deixe-me pegar. — disse ele, olhando para minha cadeira de rodas com preocupação.

— Posso me movimentar pela cozinha, Angelo.

— Mas por que fazer isso quando estou aqui, Sra. Rossi?

Eu enruguei meu nariz. Eu não tinha certeza de quanto tempo levaria para me acostumar a ser chamada de *Sra.*

Peguei uma barra de granola enquanto Angelo tirava um recipiente com sobras de risoto da geladeira.

— Então, você está aqui apenas para invadir a geladeira?

Angelo sorriu com meu tom irritado enquanto colocava o recipiente no microondas. — Não, isso é apenas um bônus. Estou aqui para te buscar. O chefe marcou uma consulta para você.

— Oh. — eu disse, sentando-me mais ereta. — Ele está voltando?

A expressão de Angelo caiu ligeiramente e ele se ocupou com as sobras. — Não, ele está ocupado.

Um nó se formou na minha garganta e me senti além de estúpida. Por que eu deveria ficar chateada porque meu marido ficou fora a noite toda, obviamente na companhia de mulheres mais interessantes? Ele deixou claro que não éramos nada um para o outro. Só pensei que ele poderia esperar pelo menos uma semana depois do nosso casamento para arranjar uma amante.

Eu me permiti ser muito esperançosa e acreditar em contos de fadas românticos.

Engoli em seco antes de falar e fiquei satisfeita com a firmeza da minha voz. — Que tipo de consulta?

— Uma avaliação de cadeira de rodas a ser adaptada uma cadeira personalizada.

Meus lábios se separaram e tudo que pude fazer foi piscar enquanto Angelo tirava o risoto do microondas e dava uma mordida apreciativa.

— Isso é muito bom — disse ele. — Eu nem gosto de cogumelos.

— Obrigada. Mas o que você quer dizer com consulta para cadeira de rodas? Já tenho uma cadeira de rodas.

— O chefe disse que não é boa. — disse Angelo, encolhendo os ombros. — Ele insistiu muito que você merece o melhor.

Meus olhos estavam desfocados enquanto eu tentava entender o enigma do meu marido... frio, severo e ausente em um momento, e aparentemente atencioso no seguinte.

— Ele é um homem confuso. — eu finalmente disse.

— Não é tão confuso quanto as mulheres. — disse Angelo.

Revirei os olhos, avançando para poder pegar o recipiente de biscoitos da mão dele. — Sexistas não ganham biscoitos.

— Não, bella, por favor, não seja assim. — Seu lábio se projetou em um beicinho. Era uma expressão tão ridícula naquele homem enorme e musculoso que não consegui parar de rir.

Ele arrancou o pote da minha mão e enfiou um biscoito na boca antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Você é ridículo. — eu disse. — Eu tenho que ir me preparar. Não coma todos os biscoitos.



Fiquei mexendo no rádio do carro, ligando-o em uma estação pop. Mila e eu passamos horas ouvindo rádio quando éramos pequenas, antes de contrabandearmos uma TV para nossa ala da casa.

— Então, Angelo, conte-me mais sobre você.

Estávamos presos no trânsito matinal de Manhattan.

— Uhh, o que você quer saber?

— Não sei. Qualquer coisa. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

A luz mudou e avançamos novamente.

— Não tenho muitos hobbies... eu participo de uma noite semanal de pôquer, se isso conta.

— Oh, isso é legal. Eu nunca joguei. Mila e eu tínhamos um baralho de cartas, mas não conhecíamos nenhum jogo, então inventamos coisas. Você é bom?

Um sorriso apareceu nos lábios de Angelo. — Eu sou decente.

— Você pode me ensinar? Talvez eu possa ir à noite de pôquer se me sair bem.

Ele me lançou um olhar incrédulo. — Uma mulher na noite de pôquer? — Mas diante da minha carranca, ele pigarreou e rapidamente acrescentou: — Já era hora.

Cruzei os braços.

— Não tire os biscoitos de mim. — ele implorou.

— Talvez eu te perdoe se você me ensinar a jogar. — Eu sabia que Angelo só estava aqui comigo porque era isso que o Chefe ordenava, mas estava desesperada por um amigo. — Oh! — Eu disse. — Você tem um campo de tiro que usa para praticar?

Angelo virou à direita e estacionou paralelamente em uma rua movimentada de Midtown. — Por quê?

— Achei que talvez pudéssemos ir algum dia. Preciso manter minhas habilidades afiadas.

Meu guarda-costas bufou. — Suas habilidades?

— O quê, você não acredita em mim? Meu irmão me ensinou a atirar quando eu era mais jovem.

Dimitri ensinou Mila e a mim, determinado que precisávamos saber como nos proteger. Cada vez que ele nos visitava, todos nós saíamos juntos para o campo de tiro para praticar tiro. Mila estava perdida, mas Dimi disse que eu era natural. A última vez que ele nos visitou, há seis meses, praticamos tiro na minha cadeira.

— Não tenho certeza se o chefe aceitará isso. — disse Angelo antes de sair do carro. Esperei que ele tirasse minha cadeira dos fundos. Fiz uma careta quando saí, meus quadris doendo. Eu precisava usar uma almofada térmica quando voltássemos.

Angelo abriu uma grande porta de vidro com a placa *Mobility Center* e eu rolei para um espaço enorme cheio de todos os tipos de cadeiras de rodas.

— Você deve ser a Sra. Rossi. — Uma mulher de meia-idade com olhos bonitos e rabo de cavalo marrom saiu de trás da recepção para nos cumprimentar. — Eu sou Sandra. Sou o fisioterapeuta que está fazendo sua avaliação hoje. — Ela apertou minha mão e depois a de Angelo antes de nos apresentar a dois funcionários do sexo masculino que trabalhavam com ela... Ted e DiMarco.

— Faremos uma variedade de avaliações hoje para garantir que temos tudo o que precisamos para conseguir sua cadeira personalizada, o que é uma coisa boa porque já posso ver que essa não é a certa para você — disse Sandra com uma expressão calculista — A avaliação incluirá muitas perguntas sobre sua mobilidade e quais são seus objetivos, e também faremos algumas avaliações físicas. Alguma pergunta antes de começarmos?

Balancei a cabeça, ainda um pouco atordoada com o que estava acontecendo. Era desorientador estar perto de pessoas que queriam que eu me sentisse confortável em uma cadeira de rodas depois de ter escondido por tanto tempo a gravidade da minha deficiência.

E o fato de meu marido ter marcado a consulta tornou tudo ainda mais agradável.



Descansei minha testa contra a parede do chuveiro enquanto a água escorria pelo meu corpo. Sofiya e Angelo já tinham saído para a consulta quando voltei. Provavelmente uma coisa boa, já que minhas roupas estavam encharcadas de sangue.

Observei o que restava escorrer pelo ralo.

Um dos soldados albaneses morreu enquanto era transportado de volta ao porão e os outros dois não souberam de nada de útil. Seus gritos ainda ecoavam em meus ouvidos. Pelo menos eu os fiz sofrer pelo que fizeram com aquelas meninas, mas não estávamos nem perto de descobrir se os albaneses tinham mais mulheres e onde elas poderiam estar.

Me vesti e fui para a cozinha. Eu precisava pegar algo para comer e depois ir para o escritório para começar a resolver essa merda. Quanto mais cedo Arben fosse destruído, melhor.

Um pote de biscoitos estava sobre o balcão e eu peguei um. Dei uma grande mordida e parei no meio do caminho. Era o melhor biscoito que eu já comi. Eu normalmente ficava longe de sobremesas – não

parecia certo que o Don da Máfia comesse doces – mas eu precisava descobrir de onde eles vinham.

Preparei um café e peguei outro biscoito para levar para o escritório.



Consegui ficar em meu escritório por quarenta e três minutos.

Quarenta e três minutos de agonia, minha pele coçando por saber que Sofiya não estava lá em cima. Não havia razão para eu me sentir assim, nenhuma razão para sentir a necessidade de saber que ela estava segura e esperando por mim.

Sienna me disse que eu não poderia prender minha esposa no apartamento.

Eu não queria prendê-la. Eu só precisava que ela estivesse ao meu alcance o tempo todo.

Entrei na loja de cadeiras de rodas sem ser notado por todos, exceto por Angelo, que ergueu o queixo para mim enquanto eu me movia para trás de uma vitrine alta.

Eu não queria que Sofiya soubesse que eu estava aqui. Eu nem tinha certeza de por que estava aqui. A única razão pela qual marquei essa consulta foi porque, como esposa do Don, Sofiya precisava do melhor. E eu sempre daria a ela o melhor.

Ignorei a satisfação que senti ao pensar em sustentá-la.

Três funcionários estavam realizando uma série de testes musculares em Sofiya, usando máquinas para avaliar sua força. Mesmo

quando ela se esforçava, ela mantinha um sorriso no rosto e brincava com a equipe. Depois de um tempo, eles a colocaram em uma cadeira de rodas. Sofiya concentrou-se atentamente no que o homem à sua frente dizia enquanto uma mulher ajustava a altura do encosto da cadeira. Fiquei irritado com o quão perto o homem estava, mas me forcei a ficar para trás enquanto Sofiya girava para frente e para trás. Esta cadeira de rodas parecia muito mais leve e melhor ajustada do que a roubada. As costas e a parte inferior eram acolchoadas, e o sorriso da minha esposa estava radiante enquanto ela se virava. Meu peito doeu enquanto eu a observava.

— Esse assento é confortável? Isso está colocando muita pressão em algum lugar? — a mulher perguntou.

Sofiya se mexeu um pouco. — Não, é muito bom.

— Excelente. Como você provavelmente sabe, com Ehlers-Danlos, você normalmente tem uma pele mais fina e macia, que é mais fácil de machucar e rasgar. Queremos ter certeza de que você tem um assento e encosto acolchoados para mantê-la confortável e evitar lesões por pressão.

— Qual é a sensação em seus ombros? — o funcionário perguntou.

— Ainda há tensão quando estou empurrando, mas não é tão ruim quanto a outra. — respondeu Sofiya.

— Esta é significativamente mais leve que a antiga, por isso deve ser muito melhor para uso diário. — disse a mulher.

Sofiya mordeu o lábio. — Com que frequência devo usá-la?

— Oh, bem, você pode usá-la sempre que precisar. — respondeu a mulher.

— Mas... não sei, talvez esteja confiando demais nisso? Como se eu ficasse muito dependente dela se usá-la o tempo todo em vez do meu andador.

Fiquei irritado com a ansiedade em sua voz e me preparei para saber como a equipe responderia. Se eles dissessem alguma coisa que a chateasse...

— Não, de jeito nenhum. — a mulher a tranquilizou. — Você provavelmente passa por momentos em que seus sintomas pioram mais e depois diminuem por um tempo. Essa foi sua experiência?

Sofiya assentiu.

— Você sempre pode usar seu andador quando precisar, mas eu a encorajo a usar sua cadeira na maior parte do tempo. Não só pode ajudar quando você está com dor ou luxações, mas também pode evitá-las. Você pode muito bem conseguir andar por aí se se esforçar, mas pagará por isso depois.

Os ombros de Sofiya suavizaram-se como se um peso tivesse sido retirado. Eu não tinha percebido que ela estava preocupada com isso, mas deveria ter percebido depois de ouvir como o pai dela a tratou quando descobriu sobre a cadeira de rodas.

Mas ela morava comigo agora, não com ele.

— Também há fisioterapia que você pode fazer para fortalecer os músculos e ajudar a estabilizar as articulações. — disse o homem enquanto tirava algum tipo de dispositivo de uma caixa. — Isso ajudará a mantê-la forte.

— O que é isso? — Sofiya perguntou.

— Você disse que um de seus objetivos é sair de casa com mais frequência. Esta é uma assistência elétrica motorizada. Ela é presa ao eixo traseiro da sua cadeira. Ela alimenta sua cadeira e ajuda você a sair na rua, subir rampas e apenas poupar seus braços e ombros.

Os olhos de Sophia brilharam. — Quão rápido isso pode ir?

Angelo bufou. — Você está planejando fazer algumas corridas?

Sofiya corou. — Talvez. Poderia ser divertido.

Quanto mais eu a observava, mais queria estar perto dela. Pela primeira vez em anos, senti necessidade de tirar uma folga do trabalho. Imaginei passar o dia com Sofiya, saindo com ela como ela quisesse. Mas eu tinha responsabilidades. Eu precisava encontrar um intérprete para as meninas, para ver quais informações elas tinham, e conversar com Franco, que estava monitorando os movimentos dos albaneses.

Mas, por alguma razão, meus pés não se moviam em direção à porta.

— Tudo bem, está tudo pronto, Sofiya. — disse a mulher. — Ligaremos para seu marido assim que sua cadeira estiver pronta.

— Muito obrigada por tudo. Foi muito bom conhecer todos vocês. — Ela acenou para eles enquanto seguia Angelo em direção à entrada. Eu os encontrei na porta, me divertindo ao ver como os olhos de Sofiya se arregalaram ao me ver.

— Matteo. — ela respirou. — O que você está fazendo aqui?

— Preciso que você venha me ajudar com uma coisa. — Eu já tinha me decidido. Sofiya iria comigo à clínica para ver se conseguia obter informações das duas meninas. Se Sofiya pudesse traduzir, tudo seria muito mais eficiente.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Oh, tudo bem.

Examinei a rua quando saímos da loja, mais nervoso do que o normal.

— Obrigada por marcar essa consulta. — A voz de Sofiya era suave e doce.

Limpei a garganta. — Você ficou satisfeita com o resultado?

— Sim, a nova cadeira deve ser incrível. — Ela mordeu o lábio. — Mas esqueci de perguntar quanto tempo levará para chegar.

— Estará pronta em uma semana. — eu disse.

— Espere, uma semana? Achei que demoraria uma eternidade para fazer uma cadeira de rodas personalizada.

Angelo bufou. — Você ainda não entendeu, não é? Você é casada com o Don. As regras normais não se aplicam.

Um lindo rubor se espalhou por suas bochechas e eu senti vontade de estufar meu peito.

Joguei minhas chaves para Angelo. — Siga-nos até a clínica.

— Sim, chefe.

Sofiya pegou meu braço oferecido para entrar na BMW blindada e isso me encheu de satisfação.

Quase tanta satisfação quanto vê-la no banco do passageiro quando dei a volta no carro, com as bochechas rosadas e os lábios sorrindo como se ela estivesse feliz por estar comigo.



— Você disse que vamos para uma clínica? — Perguntei a um Matteo silencioso enquanto ele entrava e saía do trânsito. O rádio estava desligado e não tive coragem de ligá-lo.

— Sim.

Eu não sabia se ria ou gritava com sua resposta curta.

— Você está sendo cobrado por palavra? Porque tive a impressão de que você poderia pagar algum tipo de plano de fala ilimitado.

Matteo olhou para mim com a testa franzida. — O quê?

— Isso provavelmente lhe custou mais dez cents. — murmurei.

Eu não sabia por que estava sendo tão malcriada, por que me importava tanto em conversar com esse homem, em saber que ele *gostava* de mim. Eu poderia culpar a dor - a avaliação da cadeira de rodas havia forçado meu corpo já dolorido - mas, para ser honesta, era a ideia de passar o resto da minha vida em um casamento frio e sem amor que era demais para suportar.

Matteo limpou a garganta. — Ontem à noite, Romeo e eu fomos a um esconderijo albanês. Encontramos duas jovens lá e suspeitamos que tenham sido traficadas. Mas elas não falam inglês. Parecia que elas estavam falando russo, então gostaria de saber se você poderia ver se as entende.

Eu olhei para ele, os lábios entreabertos. Ele não apenas havia falado *várias* frases seguidas, mas também estava permitindo que eu me envolvesse em negócios da máfia. Mas a parte que mais me chamou a atenção foi o fato de que ontem à noite ele estava em um esconderijo, não com uma amante. O monstro feio e ciumento que estava apodrecendo dentro de mim ergueu o punho em vitória.

— Esse parágrafo provavelmente me custou um dólar e cinquenta. — disse Matteo.

— Oh. Meu. Deus. — Ele acabou de fazer uma piada? Olhei para meu marido com uma admiração confusa, que só aumentou quando sua expressão se transformou em um sorriso malicioso. Foi *quase* um sorriso verdadeiro.

— Chegamos — disse ele, entrando em uma garagem subterrânea.

— Estamos perto do apartamento?

Ele assentiu. — É só dar a volta no quarteirão. A clínica ficava no meu prédio até que o Dra. Amato insistiu em um espaço maior.

— As meninas estão feridas? Foi por isso que você as trouxe aqui?

— Fique aí — disse Matteo, saindo do carro e virando para o meu lado. Ele abriu a porta do passageiro e se inclinou em minha direção. Seu grande corpo me prendeu, imponente, mas de alguma forma reconfortante.

— Elas tinham alguns ferimentos, sim, mas principalmente, precisávamos de um lugar seguro para elas.

Olhei para ele, aquele Don frio e duro que demonstrava mais gentileza do que eu jamais esperara de um Made Man. Meus olhos percorreram seu queixo forte e quadrado, seus lábios que pareciam

incrivelmente macios, a pequena cicatriz sob seu olho que eu nunca tinha notado. Parecíamos que ambos estávamos nos absorvendo, e então nossos olhos se encontraram. Estávamos nos aproximando um do outro? Uma pequena faísca vibrou em meu estômago e olhei para seus lábios. Ele me beijaria? Nosso beijo na cerimônia foi muito breve e eu queria outro.

Matteo endireitou-se abruptamente. — Vou pegar sua cadeira.

Meu coração afundou e fechei os olhos por um segundo antes de abri-los novamente. Eu estava sendo estúpida.

Saí do carro, forçando-me a respirar lentamente enquanto a dor me atingia. Tudo doeu. Eu gostaria de poder me deitar com uma almofada térmica e meus remédios e dormir até a dor passar, mas havia coisas mais importantes para fazer agora.

E não é como se a dor passasse completamente, de qualquer maneira.

Sentei-me pesadamente, desejando já ter minha nova cadeira almofadada. E então uma onda de ressentimento me atingiu de repente. Ressentimento por eu precisar de uma cadeira de rodas. Por que eu não poderia simplesmente ser normal?

Fui empurrar, mas Matteo se adiantou, agarrando as alças da cadeira de rodas e me impulsionando para frente.

— Oh, umm, espere. — eu disse, me virando. — Você não pode fazer isso?

— Fazer o quê?

— Empurrar minha cadeira. Eu realmente não gosto que as pessoas toquem nela. — Eu me preparei para sua raiva, ou pelo menos para sua frustração, mas ele simplesmente soltou as alças.

— Mas você está cansada. — disse ele.

Inclinei a cabeça. — Como você sabe disso?

Ele cruzou os braços. — Eu sei tudo. — Ele parecia tão mal-humorado que não pude deixar de sorrir.

— Certo...

— Então, se você está cansada, por que não posso empurrá-la?

Eu não tinha muita experiência com alguém tocando minha cadeira quando eu estava nela, mas a maior parte da minha experiência em cadeira de rodas foi passear com Mila pela pequena ala particular minha e dela na mansão do Pakhan. Eu nunca tive que me esforçar por qualquer distância como tive nos últimos dias, e meus ombros estavam pagando por isso.

Eu mordi meu lábio. Por mais frustrada que eu estivesse por ter uma cadeira de rodas, ela era uma extensão do meu corpo. Ter outra pessoa controlando meus movimentos me deixava ansiosa, embora não fosse como se Matteo não pudesse me dominar em meio segundo, se quisesse.

— Eu acho que estaria tudo bem. Se você perguntar primeiro. — Devo ter desejado morrer, mas gostei bastante de ver os olhos de Matteo se contorcerem. Mesmo que tenha sido a última coisa que vi.

Ele bufou e passou a mão pelos cabelos. — E eu aqui que pensei que você era tão mansa e quieta. Um Don não pede permissão, Sofiya.

Virei minha cadeira para encará-lo. — Eu não sabia que havia um manual para Dons. Existe uma cópia em sua biblioteca?

Nesse momento, um carro estacionou ao nosso lado e Angelo desceu. Eu encontrei seu olhar. — Você sabia que Dons tem um manual?

Ele sorriu. — O que é isso?

— Sofiya decidiu ser um incômodo. — disse Matteo, mas não havia nenhuma amargura em sua voz.

— Como deveria ser — disse Angelo. Sua expressão imediatamente ficou séria quando Matteo olhou para ele.

Revirei os olhos. — Oh, vamos lá, ele não é *tão* assustador.

Matteo apenas me lançou um olhar exasperado. — Vou avisá-la antes de tocar em sua cadeira. Isso é o melhor que posso fazer. — Então ele se virou para meu guarda-costas. — Você não deve empurrá-la na cadeira de rodas sem pedir permissão.

Angelo olhou para mim e assentiu sério. Uma sensação quente encheu meu peito.

— Vamos indo, porra. Vou empurrar você agora.

Bufei, mas recostei-me enquanto meu marido me levava até o elevador. Tê-lo nas minhas costas era estranhamente reconfortante.

O elevador nos levou até dois andares acima e se abriu para um grande saguão. Eu esperava que fosse branco e estéril com luzes fluorescentes, mas em vez disso havia pisos de madeira quentes e lâmpadas suaves e brilhantes.

Uma linda mulher que parecia ter quarenta e poucos anos, cabelo castanho escuro, pele morena e expressão severa caminhou rapidamente em nossa direção. — Já era hora, chefe. — disse ela, cruzando os braços. Então ela olhou para mim. — Eu sou a Dra. Aria Amato e você deve ser Sofiya. Você é adorável demais para ficar presa a este.

— Achei que você estava com pressa. — Matteo bufou.

Levantei minhas sobrancelhas, olhando entre os dois com um sorriso. — Vocês dois parecem irmãos.

— Eu o conheço desde sempre. Ainda não consegui me livrar dele. — disse a Dra. Amato, mas um sorriso surgiu em sua boca.

— Eu compro uma clínica inteira para você e depois tenho que ouvir isso?

— Isso mesmo. — ela respondeu. Seus olhos estavam quentes quando ela olhou para mim. — Agradeço que você tenha vindo, Sofiya. Não tenho certeza se as meninas falam russo. Tentei usar um aplicativo de tradução, mas elas não responderam. Isso pode ser devido ao trauma, no entanto. Eu descobri que seus nomes são Katya e Stasya. Eu

as examinei quando elas chegaram. Elas tiveram alguns cortes e hematomas, mas o pior foi o trauma sexual.

Meu coração deu um salto e pisquei rapidamente para não chorar. Eu me senti tão inadequada. O que eu poderia fazer para ajudar essas meninas? Mas isso não era sobre mim ou minha tristeza. Elas mereciam alguém para ouvi-las, então eu faria tudo o que pudesse.

— Elas estão obviamente assustadas e desconfiadas. — ela continuou. — Então eu realmente espero que você possa entendê-las e que elas falem com você. Se elas tiverem uma casa para onde voltar, nós as levaremos até lá. Se não, nós as levaremos para algum lugar seguro.

— E obter informações sobre quem as levou e o que viram. — acrescentou Matteo ríspidamente.

A Dra. Amato lançou-lhe um olhar de desaprovação antes de se voltar para mim. — Vou ver se elas concordam em ver você.

Esperei do lado de fora da porta enquanto a Dra. Amato entrava.

Matteo se aproximou do meu lado. — Você está bem para fazer isso? — ele perguntou.

Olhei para ele com uma carranca. — Sim, estou bem. Você está bem?

Ele zombou. — Estou sempre bem.

Eu apenas cantarolei. Ele parecia tenso, mas eu não tinha ideia do porquê.

A Dra. Amato saiu do quarto. — Acho que elas entenderam o suficiente para concordar que você falasse com elas. Por que não tentamos?

Eu dei a ela um sorriso quando ela abriu a porta para mim. O quarto tinha uma janela grande e duas camas, mas as duas meninas estavam amontoadas em uma delas. Elas pareciam ter a mesma idade que a minha e a de Mila, e assim como nós duas, uma era loira e a outra tinha cabelos castanhos. Seus olhos estavam arregalados e assombrados enquanto me observavam.

— Olá, meu nome é Sofiya. — eu disse suavemente em russo. — Vocês conseguem me entender?

As meninas se abraçaram mais perto, mas não disseram nada.

— Tenho certeza de que não parece assim, mas prometo que vocês estão seguras aqui. Eu vou me certificar disso. — Não estava realmente em meu poder fazer essa promessa, mas confiei na Dra. Amato.

Olhei ao redor do quarto sem jeito, sem saber o que fazer. Fui até uma pequena estante e peguei um livro de romance que reconheci.

— Este é realmente bom. — eu disse, sentindo-me estúpida ao mostrá-lo para elas. — Não sei se existe uma tradução para o russo, mas posso dar uma olhada se vocês quiserem. Isto é, se vocês gostam de ler romance. Minha irmã e eu ficamos muito viciadas nisso. — Coloquei o livro de volta na estante. — Ou talvez o russo não seja o idioma certo?

— Nós entendemos você. — sussurrou a garota de cabelos castanhos. Ela limpou a garganta e repetiu, desta vez com a voz mais forte.

Meu coração acelerou. — É um prazer conhecer vocês. — eu disse. — Vocês são irmãs?

Ambas assentiram. — Eu sou Katya e esta é Stasya. — disse a garota de cabelos castanhos. Sua irmã se enrolou ao seu lado, apoiando a cabeça em seu ombro. Meu peito apertou quando pensei em Mila e eu fazendo o mesmo.

— Alguém machucou você? — Stasya perguntou, falando pela primeira vez.

Inclinei minha cabeça para o lado. — O que você quer dizer?

Ela apontou para minha cadeira de rodas.

— Oh não. Eu nasci com... — parei, percebendo que não sabia como traduzir Ehlers-Danlos. — Bem, uma condição médica que às vezes me dificulta andar.

Ela assentiu, seus ombros relaxando ligeiramente com a minha resposta. — Você conhece os homens que nos trouxeram aqui? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Um deles é meu marido, Matteo. — Dizer marido em voz alta fazia com que tudo parecesse mais real.

— Ele nos deu doces porque eu disse que gostava de chocolate. — ela disse suavemente. Ela puxou um grande saco de papel de trás de si e inclinou-o para me mostrar... estava cheio de barras de chocolate. — Você quer um?

Eu estava prestes a recusar, mas então meu estômago roncou. O café da manhã parecia há muito tempo. — Eu adoraria um, obrigada. — Virei-me para frente para poder pegar minha barra favorita de chocolate e caramelo.

Eu cantarolava enquanto dava uma mordida. — Quantos anos vocês duas têm?

— Tenho dezenove anos. — disse Katya. — Stasya tem dezessete anos.

Engoli em seco e belisquei minha coxa para não chorar. — Você poderia me dizer o que aconteceu com vocês? — Quando as duas ficaram em silêncio, acrescentei: — Por favor, só quero ajudar.

Katya acariciou o cabelo da irmã. Eu tinha certeza de que elas se recusariam a falar comigo. Eu era uma estranha. Elas não tinham motivos para confiar em mim. Mas então Katya começou a falar.

— Havia um homem lá em casa. — Ela piscou rapidamente e Stasya apertou a mão com força. — Ele disse que poderia conseguir empregos para nós na América. Nossos pais morreram há alguns anos e não tivemos muitas oportunidades em nossa cidade. Então dissemos que sim. Ele nos trouxe para Boston.

Inclinei a cabeça. Seu russo soava acentuado. — Vocês não são da Rússia, são?

Katya balançou a cabeça. — Ucrânia.

Eu sorri e mudei de idioma. — Minha avó materna era ucraniana. — Minha baba morou conosco quando eu era pequena. Ela morreu antes de eu completar seis anos, mas eu só tinha lembranças felizes dela.

As meninas relaxaram ao ouvir sua língua nativa e até recebi um sorrisinho de Stasya.

— O que aconteceu quando vocês chegaram a Boston? — Perguntei.

— Fomos colocadas num apartamento apertado com outras três mulheres e todos os nossos documentos foram levados. Trabalhávamos limpando casas à noite. Não tenho certeza de quanto tempo ficamos lá... algumas semanas? Um mês? E então, uma noite, quando nos preparávamos para sair para o trabalho de limpeza, um grupo de homens mascarados entrou no apartamento. Eles nos colocaram na traseira de uma van. Passamos alguns dias visitando diferentes armazéns e casas até... até que três homens nos levaram para uma casa.

Não consegui conter as lágrimas quando ela me contou o que elas suportaram naquela casa durante dois dias antes de Matteo encontrá-las.

Nós três estávamos chorando agora, mas as lágrimas pareciam certas. De que outra forma poderíamos expressar o sofrimento pelo qual passaram?

— Sinto muito. Me desculpe. — Minhas palavras não foram suficientes, mas nada seria suficiente.

Nós três ficamos sentadas em silêncio por um tempo. — Vocês querem voltar para a Ucrânia? — Eu finalmente perguntei. — Ou poderíamos tentar encontrar outro lugar para vocês ficarem?

— Não há nada lá atrás para nós. — sussurrou Stasya. — Mas também não há nada aqui para nós.

Inclinei-me para frente e agarrei cada uma de suas mãos. — Encontraremos um lugar ao qual vocês pertençam, eu prometo. Enquanto isso, vocês pode ficar aqui. E eu virei visitá-las.

Ficamos em silêncio novamente. Katya me ofereceu outra barra de chocolate e eu aceitei. Comemos em silêncio, perdidas em nossos próprios pensamentos. As meninas pareciam exaustas, então, depois de alguns minutos, coloquei as embalagens de doces vazias no bolso, me despedi e saí para o corredor. Matteo, Angelo e a Dra. Amato estavam todos esperando. Para meu horror, um soluço escorregou pelos meus lábios.

A Dra. Amato colocou a mão em meu ombro. — Vamos para o meu escritório conversar. — Assim que nos instalamos em seu grande escritório, ela me entregou uma caixa de lenços de papel e eu contei o que havia descoberto.

— Elas não viram quem as tirou do apartamento em Boston? —
— Matteo perguntou.

Eu balancei minha cabeça. — Elas apenas disseram homens mascarados. Elas não viram o rosto de ninguém até chegarem à casa onde você as encontrou. E aqueles homens... — interrompi-me com um soluço. — Desculpe, desculpe. — murmurei, enxugando minhas lágrimas.

— Você fez um trabalho maravilhoso, Sofiya — disse a Dra. Amato gentilmente. — E encontraremos um lugar seguro para elas. Não se preocupe.

Eu funguei e dei a ela um sorriso trêmulo. Olhei de relance para Matteo, me perguntando se ele estava com raiva por eu estar chorando. Mas sua expressão era ilegível.

— Precisamos descobrir quem as levou. — disse Matteo.

— Eu sei o que você está pensando. — respondeu a Dra. Amato. — Mas não tire conclusões precipitadas ainda.

Eu não sabia o que ela queria dizer, mas ele apenas grunhiu.

Ela voltou seu olhar para mim. — Matteo disse que já faz muito tempo que você não consulta um médico por causa da sua SDE. Por que você não vem amanhã? Posso examinar você e você pode conversar com as meninas novamente, se quiser.

— Amanhã não vai funcionar. — disse Matteo. — Sienna insistiu em vir amanhã.

— Depois de amanhã, então. Com certeza terei muitas histórias embaraçosas preparadas. — disse ela com uma piscadela.

— Sem respeito, porra. — Matteo murmurou.

Angelo estendeu uma pequena lata de lixo para eu jogar meus lenços usados. Guardei alguns limpos para as lágrimas que ainda poderiam vir. Eu me senti tão frágil. Ver Katya e Stasya agarradas uma à outra fez meu coração doer por Mila. Eu mandei mensagens para ela durante todo o dia, mas ela não respondeu.

— Vamos, vamos para casa. — disse Matteo, sua voz estranhamente gentil. — E eu vou empurrar você.

Eu estava cansada demais para discutir. Sentei-me tensa na minha cadeira enquanto voltávamos para o carro, cada osso e músculo do meu corpo gritando de dor, e meu coração junto com ele.

— O que a Dra. Amato quis dizer quando disse que sabia o que você estava pensando? — Perguntei quando voltamos ao apartamento.

A mandíbula de Matteo apertou e ele olhou pela janela da sala. — Os irlandeses estão em Boston.

Eu não sabia muito sobre a máfia irlandesa. Ocasionalmente, eles eram mencionados em algum jantar da Bratva, mas não com frequência.

— Você acha que eles estão envolvidos com tráfico sexual?

Matteo suspirou e esfregou a mão no rosto. — Não sei. O chefe deles, Ronan Finnegan, e eu sempre tivemos uma espécie de acordo tácito. Mas se ele estiver se unindo aos albaneses... — Ele parou. — Eu preciso ir para o escritório. Você deveria descansar.

— Tudo bem — murmurei.

Ele foi até a porta, mas voltou antes de sair. — Você se saiu bem hoje, Sofiya. Obrigado.

Um sorriso apareceu em meus lábios quando ele fechou a porta atrás de si. Soltei um suspiro profundo e o nó que se formou em meu estômago se desfez.



Sienna entrou no apartamento num vibrante redemoinho de energia.

— Onde ela está? Você não pode mais escondê-la!

Esfreguei minha mão no rosto. Eram apenas oito da manhã e eu estava exausto.

— Não a vi esta manhã. — eu disse com um encolher de ombros.

— O que você quer dizer com você não a viu? Ela foi a algum lugar?

— O quê? Não.

— Então, você não acordou ao lado dela?

Merda.

Se quiséssemos convencer as pessoas de que este era um casamento de verdade, eu precisava ter mais cuidado. Mas esta era Sienna, e ela certamente descobriria eventualmente. Tomei um gole do meu café. Era preto e amargo e me fez desejar algo doce.

— Matteo — ela sibilou, a voz cheia de reprovação. — O que está acontecendo?

— Este casamento é sobre a aliança. Você sabe disso.

— Mas... — Sienna estava, pela primeira vez, sem palavras. — Você está sendo legal com ela, certo?

— O que isso deveria significar? — Eu agarrei.

Um barulho no corredor a impediu de responder. Sofiya entrou na cozinha usando seu andador.

— Oh meu Deus, é tão bom conhecer você, Sofiya. — Sienna disse com entusiasmo. — Meu irmão tem mantido você só para ele.

Sofiya piscou e franziu a testa enquanto olhava entre mim e minha irmã, como se tentasse entender como poderíamos ser parentes. Sienna e eu tínhamos o mesmo cabelo escuro, olhos escuros e pele morena, mas a semelhança parava aí. Sienna era amigável e extrovertida e tudo o mais que eu não era.

A voz de Sofiya ficou suave enquanto ela colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Prazer em conhecê-la.

— Aqui, venha sentar. Você quer café? — Sienna perguntou.

— Isso seria ótimo, obrigada. — Sofiya sentou-se num dos bancos da cozinha, mas os seus movimentos eram rígidos e espasmódicos. Havia sombras escuras sob seus olhos. Ela estava com dor?

Sienna serviu-lhe uma xícara grande de café. — Creme? Açúcar?

— Ambos, por favor.

— Estou tão brava que perdi o casamento. — Sienna bufou. — Matteo não achou que fosse seguro eu ir. Me fale sobre isso! Espere, preciso ver seu anel.

Ela estendeu a mão e agarrou a mão de Sofiya, mas seu sorriso desapareceu quando ela percebeu a aliança de ouro simples. Seu olhar de desaprovação pousou em mim. — Onde está o anel de noivado?

— Nós não estávamos noivos. — eu disse, terminando o resto do meu café. Era verdade, mas quando Sofiya gentilmente tirou a mão do aperto da minha irmã, seu sorriso desapareceu, um aperto desconfortável se instalou em meu peito. Olhei para minha aliança de ouro simples. Eu não tinha pensado nos anéis nem por um momento. Romeo foi quem me lembrou que eu precisava pegá-los em primeiro lugar.

— Eu gosto disso. — Sofiya disse suavemente.

Sienna fez uma careta para mim novamente antes de se virar para minha esposa. — Vim ver se você queria fazer compras.

— Tenho trabalho a fazer. — eu disse rispidamente.

Sienna apenas revirou os olhos. — Eu não estava convidando você, irmão. Como se você já tivesse feito compras na vida. Quero ir com minha nova cunhada.

Sofiya corou e olhou para mim como se pedisse permissão. Tive a vontade repentina de passar o polegar ao longo de seu lábio inferior, para sentir a suavidade de sua pele rosada. Quebrei o contato visual e agarrei a bancada.

— Vocês levarão os guardas e estarão de volta na hora do almoço. — eu disse, afastando-me das duas mulheres.

— Estaremos de volta na hora do jantar. — Sienna gritou atrás de mim. Minha mandíbula se apertou, mas continuei andando, abrindo a porta da frente.

Angelo ficou em posição de sentido no corredor.

— Elas vão fazer compras. — rosnei. — Qualquer coisa que aconteça com elas, é por sua conta.

— Sim, chefe.

Eu bufei enquanto me dirigia para o escritório, sem saber por que estava tão perturbado.



Meus olhos estavam arregalados quando Matteo saiu furioso do apartamento. Eu tinha feito algo para aborrecê-lo? Depois de como deixamos as coisas ontem, eu estava esperançosa com o futuro. Mas agora, a sensação desconfortável no meu estômago estava de volta. Sempre que meu pai ficava bravo, isso significava coisas piores mais tarde.

— Esses mafiosos são tão dramáticos — disse Sienna, virando-se em minha direção. — E dizem que as mulheres são as emocionais. — Ela estava sorrindo, completamente despreocupada com o comportamento do irmão.

— Parecia que ele não queria que fôssemos? — Eu perguntei hesitante.

— Como se Matteo fosse nos impedir. — Ela piscou e me entregou a xícara de café. — Devíamos começar comprando algo para o café da manhã. Há uma padaria fofa perto das minhas lojas favoritas.

— Acho isso adorável.

Eu queria desesperadamente que Sienna gostasse de mim. Minha solidão me envolveu como um cobertor grosso. Eu chorei a noite toda, pensando no que Katya e Stasya tinham passado e sentindo falta de Mila. Eu tentei ligar para ela, mas o telefone dela estava desligado.

— Excelente — disse Sienna, batendo palmas. — Vamos ter o melhor dia.

Sua excitação era contagiante. Sorri e tomei um gole do meu café. — Só me dê um minuto para pegar minhas coisas.

Saí do banco da cozinha, minhas pernas gritando de dor. Voltei para o meu quarto e sentei-me pesadamente na cama desarrumada. Eu não tive energia para arrumar ela esta manhã. Olhei para minha cadeira de rodas. Eu deveria levá-la hoje. Meu joelho estava subluxado, minhas articulações doíam e eu me sentia tonta. Mas seria um grande inconveniente para Sienna carregá-la por aí.

E fiquei envergonhada.

Eu não conseguia esconder a cadeira de rodas de Matteo e seus homens, mas não queria sair com ela em público.

Reuni forças para me levantar da cama. Peguei minha bolsa, telefone, remédios e os trinta dólares que Mila me deu antes do casamento. Eu me recusei a aceitá-los, mas ela os colocou na minha bolsa quando eu não estava olhando.

Já se passaram anos desde que fui às compras. Assim que comecei a usar auxiliares de locomoção, o Pakhan me proibiu de sair de casa. Ele disse que era porque seus inimigos iriam me atacar, mas eu sabia que era realmente um esforço para esconder sua vergonha sombria... o chefe da Bratva com uma filha deficiente. Matteo não parecia ter as mesmas reservas sobre eu ser vista em público, embora talvez fosse por isso que ele ficou bravo com a ideia de Sienna e eu sairmos. Cerrei a mandíbula quando uma onda de emoção avassaladora tomou conta de mim. A vontade de me diminuir, de me esconder, era forte. Eu tinha que ser mais forte.

Coloquei minhas coisas na minha bolsa. Trinta dólares não iriam longe, mas eu estava muito animada para sair do apartamento e conhecer Sienna. E se eu pudesse comprar uma camisa nova, uma capa de telefone ou algo assim, seria um bônus.

Sienna sorriu quando voltei para a cozinha. — Tudo pronto?

— Sim. — Agarrei-me ao meu andador, apoiando nele o máximo de peso que pude, sem agravar os pulsos.

— Antes de irmos, há algo específico que você precisa? Ou isso seria útil para você?

Meu peito ficou apertado com a preocupação dela, e principalmente com a maneira como ela perguntou, como se não fosse grande coisa. — Na verdade não, mas eu agradeço. — A tensão em meus ombros diminuiu e o sorriso em meu rosto pareceu mais real enquanto segui Sienna até a porta.



— Você ficaria tão fofa nisso!

Virei-me para Sienna, que segurava um vestido prateado brilhante. Estávamos no provador de uma loja de departamentos absurdamente chique na Quinta Avenida. Angelo havia ordenado a três outros guardas que vasculhassem a loja antes de entrarmos, em poucos instantes, todo o último andar estava vazio e vendedores pessoais estavam agitados ao nosso redor, trazendo braçada após braçada de roupas com etiquetas de preços que me deram vontade de vomitar.

— Sofiya? O que você acha?

Pisquei e forcei um sorriso no rosto. Eu adorei o vestido. De alguma forma, Sienna acertou meu estilo em segundos, embora fosse mais revelador do que qualquer coisa que eu já usei. Eu costumava ter um guarda-roupa cheio de roupas luxuosas, mas há anos não tinha uma desculpa para me vestir bem. Não que eu sentisse falta de ir aos coquetéis da Bratva do meu pai, mas ser mantida em casa era desumano. De qualquer forma, eu ganhei muito peso para caber em qualquer uma das minhas roupas velhas, então nem as trouxe comigo. Tudo o que usava recentemente eram leggings e moletons.

— É realmente lindo. — eu disse, mordendo o lábio.

Sienna pegou outro punhado de vestidos de uma prateleira próxima e os trouxe para mim. — Experimenta-os.

Minhas bochechas esquentaram enquanto eu tentava descobrir como explicar que não tinha dinheiro para comprar uma única meia nesta loja. Antes que eu pudesse encontrar as palavras, as roupas foram colocadas sobre meu andador e Sienna estava segurando a porta do vestiário aberta para mim. Quando a porta se fechou atrás de mim, coloquei o rosto nas mãos.

Porra.

Eu queria que Sienna gostasse de mim. Eu não tinha ninguém com quem conversar há anos além de Mila e Nikolai, e estava sem prática. Ela ficaria com vergonha de estar perto de mim se descobrisse que eu não tinha dinheiro?

Passei o dedo pelo tecido brilhante do vestido. Era leve e transparente, com saia longa e fenda alta. Incapaz de resistir à tentação, tirei a roupa e consegui vestir o vestido, usando o sofá do camarim para ficar de pé enquanto ajustava o vestido. Minha respiração ficou presa quando vi meu reflexo. A luz suave da sala refletia no tecido, lançando brilhos nos espelhos altos. A parte superior do vestido acentuou meus seios e depois fluiu sobre meus quadris, cobrindo minha nova barriga.

Eu nunca tinha usado algo tão bonito.

Sentei-me no assento do meu andador, mas em vez de me sentir desajeitada e desalinhada, uma fenda alta se abriu para revelar minha coxa, fazendo-me sentir quase sexy. Minha EDS deixou minha pele especialmente sensível, mas o tecido do vestido era macio e sedoso e não causava irritação.

— Sofiya, você está vestida? Posso vê-la? — A voz animada de Sienna passou pela porta. Eu a destranquei e saí da sala.

Os lábios de Sienna se abriram com um suspiro. — Oh meu Deus, você parece literalmente um anjo. Porra, eu tenho um ótimo olho. Então isso é um sim definitivo. Você adorou, certo?

Eu Corei. — Sim, é tão bonito, mas...

Sienna olhou em volta. — Deixe-me ver se conseguimos fazer com que eles façam a bainha. A menos que você queira encontrar saltos altos com ele?

— Não sei se conseguiria usar salto alto. — eu disse.

— Isso é o que eu imaginei. — ela disse com um sorriso.

Sienna puxou um dos funcionários da loja e eu entrei em pânico enquanto eles falavam sobre alterações. Eu não poderia deixá-los alterar um vestido que eu não teria condições de comprar nem em um milhão de anos.

— Tudo bem, vá em frente e experimente a próxima roupa e eles levarão esse vestido para alterações — disse Sienna, virando-se para mim. Seu sorriso brilhante desapareceu quando ela percebeu minha expressão de pânico. — O que está errado?

— Eu só... — Captei o olhar de Angelo por cima do ombro de Sienna. O guarda-costas parecia preocupado.

— Vamos vir aqui — disse Sienna, apontando para uma área de estar. Nós sentamos e ela pegou minha mão. — O que está acontecendo?

Eu respirei fundo. — Bem, eu realmente só queria vir às compras para conhecer você. Eu realmente não esperava comprar nada para

mim.

A testa de Sienna franziu. — Por que não?

Dei de ombros, tentando fingir uma indiferença que não sentia. — Eu realmente não preciso de nada.

— Querida, deixe-me dizer, você precisa deste vestido.

O canto dos meus lábios se abriu em um sorriso. Olhei em volta para ter certeza de que ninguém mais poderia ouvir. — Eu só... não tenho dinheiro para isso.

A expressão de Sienna mudou.

— Está tudo bem. — apressei-me em dizer. — Fico feliz em ver você experimentar coisas e conhecê-la.

— Sofiya, você é casada com meu irmão. — Ela falou as palavras lentamente.

Inclinei a cabeça, confusa. Eu nunca recebi nenhum tipo de mesada do Pakhan, e Matteo não disse nada diferente.

Sienna bufou. — Ele não lhe deu um cartão de crédito? — No meu silêncio, ela jurou. — Pelo amor de Deus. Os homens são impossíveis. — Ela pegou o telefone.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei rapidamente.

— Enviando mensagem para Matteo, o idiota.

— Espere, não, não faça isso. — Sienna deve ter percebido o pânico em minha voz porque ela ergueu os olhos do telefone, com os lábios entreabertos. — Eu não quero que ele fique bravo.

Sienna desligou lentamente o telefone. — Aconteceu alguma coisa entre vocês dois?

— O que você quer dizer?

Sienna olhou para Angelo antes de se inclinar e baixar a voz. — Ele não machucou você nem nada, certo? Porque se ele tiver, eu vou matá-lo.

Ela parecia tão séria, tão intensa. Ela realmente me defenderia contra seu irmão? O chefe da família?

— Não, ele não fez nada parecido.

Sienna relaxou, um sorriso suave brincando em seus lábios. — Bom. Ele não é assim, Sofiya. Ele protege aqueles que estão perto dele, eu prometo. Mas podemos esperar para resolver o problema do cartão de crédito se isso deixar você nervosa. Pagarei apenas por hoje. — Ela já estava com o dedo levantado para afastar meus protestos. — Não, eu insisto. Eu comprarei coisas para você, quer você queira ou não, então você pode muito bem escolher o que deseja.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Sienna acenou para uma das vendedoras da loja entrar no provador e a instruiu a tirar medidas para fazer as alterações adequadas no vestido.



— Você está bem, *principessa*⁴? — Angelo perguntou baixinho enquanto caminhávamos para o restaurante onde estávamos almoçando. Era um lindo café italiano com hera nas paredes e flores frescas em todas as mesas. Sienna disse que era administrado por alguém da Família.

— Estou bem. — Minha voz estava rouca e desejei poder me deitar. O carro já estava cheio de sacolas – a maioria contendo roupas para mim – e eu estava com medo da reação de Matteo. Estaria zangado por Sienna ter pago por elas? Havia uma seleção de vestidos formais impressionantes, mas também roupas mais casuais, incluindo duas sacolas de lingerie que Sienna havia insistido. Ela recusou meu argumento de que não adiantava tê-las, dizendo que eu merecia me sentir bonita.

Angelo pousou a mão gentilmente em meu ombro. — Vamos para casa depois disso. — Ele levantou uma sobrancelha como se me desafiasse a discutir, mas eu apenas dei-lhe um pequeno aceno de cabeça. Eu não queria decepcionar Sienna encurtando nosso dia, mas

também me recusei a envergonhá-la desabando dentro de uma loja de roupas de luxo.

Sentei-me em frente a ela em uma mesa em um canto tranquilo, com meu andador de lado. Havia uma grande janela ao nosso lado, e um dos nossos guardas estava posicionado do lado de fora, enquanto Angelo permanecia ali dentro, perto o suficiente para nos proteger, mas longe o suficiente para ficar fora do alcance da voz.

— Eu diria para pedirmos os cardápios, mas o chef, Edoardo, vai nos trazer o que quiser. — disse Sienna, sorrindo enquanto revirava os olhos. — É sempre incrível, no entanto.

— Isso parece ótimo.

Pouco depois, um homem sorridente, de cabelos grisalhos e uniforme de chef apareceu à nossa mesa, batendo palmas.

— Ahh, *carina* — ele disse para Sienna. — Já faz muito tempo. — Então ele se virou para mim e fez uma pequena reverência. — Sra. Rossi, é uma honra cozinhar para a nova esposa do nosso Don. — Ele pegou minha mão e a beijou, e minhas bochechas esquentaram quando eu o cumprimentei. Ele me lembrou um avô gentil.

— Você tem alguma alergia? — ele perguntou, e eu balancei minha cabeça. — Excelente. Prepare-se para ter a melhor refeição da sua vida. — Ele deu mais um beijo na minha mão e depois saiu correndo.

— Ele é sempre assim — Sienna disse rindo. — Sempre tão feliz e cheio de energia.

— Definitivamente não é o que eu esperaria de um homem da Família. — falei.

— Edoardo é único assim. — Sienna suspirou. — Eu gostaria que todos os Made Men fossem mais parecidos com ele.

— Homens Bratva também.

Um garçom veio e colocou focaccia e azeite na mesa, junto com dois coquetéis de laranja.

— Aperol Spritz⁵ — disse Sienna, erguendo o copo em um brinde.
— Para uma Made Women, muito superior a Made Men.

Bati meu copo contra o dela e tomei um gole. A bebida era frutada e doce.

— Sienna, posso perguntar quantos anos você tem? — Eu esperava que não fosse uma pergunta rude, mas ela parecia muito mais nova que Matteo.

— Tenho vinte e seis anos — disse ela com um sorriso. — Ainda não tenho idade suficiente para ter vergonha de responder a essa pergunta.

Eu sorri. — Essa é uma grande lacuna.

Sienna tomou outro gole de sua bebida. — Minha mãe lutou para engravidar, e é por isso que há doze anos entre nós.

— É engraçado. Meu irmão é doze anos mais velho que eu. — Diante de sua expressão confusa, acrescentei: — Ele é meu meio-irmão. A primeira esposa do meu pai faleceu. Dimitri mora no exterior, então não o vejo muito, mas adoro sempre que posso. Parece que você e Matteo são próximos.

Sienna mexeu no guardanapo e encolheu os ombros. — Não tão próximos como éramos quando mais jovens. Ele... ele mudou depois que nossos pais foram assassinados.

— Lamento que eles tenham morrido. — eu disse suavemente.

— Obrigada — respondeu Sienna, sorrindo tristemente. — Sinto muita falta deles e sinto falta do irmão que tive antes.

Meu coração doeu por ela e pelo que esta vida roubou de todos nós.

— Como eram eles?

— Oh, eles eram incríveis. Os dois estavam tão entusiasmados por finalmente terem outro filho que me mimaram tanto. Minha mãe era minha pessoa favorita. Ela era tão alegre e vibrante, sempre fazendo um

projeto pela casa e redecorando. Meu papa fingia estar irritado com isso, mas não podia recusar nada a ela. Ele era tão gentil comigo. Ele às vezes até se juntava a mim no meu quarto e fazia chás comigo. Você consegue imaginar o Don sentado no chão com uma pequena xícara de chá rosa? — Ela fungou e enxugou os olhos com o guardanapo. Estendi a mão e peguei a mão dela, apertando-a.

— Papa sempre foi mais gentil comigo do que com Matteo. Ele disse que Matteo precisava estar preparado para ser Don. Mas todos nós nos amávamos. Papa amava muito minha mãe. Quase me deixa feliz por ambos terem morrido, porque não conseguiria imaginá-los vivendo sem o outro. — Ela tomou um gole de água e limpou a garganta. — Isso me deu certeza de que nunca me contentaria com menos no casamento. Sou praticamente uma solteirona nos anos da Máfia, mas não consigo me acomodar. Fiz Matteo prometer que nunca me forçaria a casar.

Desejei ter tido a mesma vida, a mesma certeza de que o amor estava me esperando. — Como ele mudou depois que eles morreram?

Sienna olhou pela janela e fiquei com medo de ter ultrapassado o limite. Antes que eu pudesse me desculpar, ela falou. — Ele se sente culpado, como se deveria ter sido capaz de salvá-los. Depois que eles morreram, ficamos escondidos por dois anos enquanto ele planejava a derrubada do nosso tio. Estávamos juntos, mas era como se ele não estivesse mais lá. Ele acha que a única maneira de ser um bom Don é se desligar dos seus sentimentos.

Eu odiei a dor que eles sentiram e o quão solitários eles se sentiram em tudo isso. Eu não conseguia imaginar como seria não ter Mila para me apoiar.

— De qualquer forma, já chega de conversa deprimente. — Sienna sorriu brilhantemente. — Me fale sobre sua família.

— Oh... — Hesitei, sem saber o que compartilhar. Eu não tinha certeza se alguém na Bratva tinha uma família feliz. — Não há muito o que contar. Nossa família é bem pequena – só meus pais, Mila e Dimi. Eu era próxima da minha avó, mãe da minha mãe, mas ela morreu quando eu era jovem. — Dei uma mordida no pão para ganhar algum tempo.

Finalmente decidi dizer. — Não sou próxima dos meus pais — encolhendo-me internamente diante do eufemismo do século. — Mas Mila e eu somos melhores amigas.

— Eu amo isso. Qual a idade dela?

— Dezenove.

— Ah, tão jovem. Ela precisa vir visitar. Há muita energia masculina em nosso prédio. Precisamos de mais meninas para podermos dominá-los.

Eu ri de sua expressão descontente. — Dominá-los?

— Com nossa energia feminina. — disse ela com uma piscadela.

— Eu adoraria que ela me visitasse. Eu sinto muita falta dela. — Agora era hora de eu me emocionar. Tomei um longo gole da minha água.

— Bem, essa é uma das vantagens de possuir um jato particular. Teremos que planejar uma visita em breve.

Eu não tinha certeza se o Pakhan iria deixá-la vir me visitar, mas talvez a aliança com Matteo o tornasse mais agradável. Se eu conseguisse que Matteo perguntasse a ele.

O peso da nossa conversa se dissipou enquanto Sienna falava sobre as reformas que estava fazendo em seu apartamento. Ela me mostrou fotos de suas ideias de design, pedindo minha opinião e dizendo que eu teria que ir ver pessoalmente.

Tentei me concentrar na conversa, nessa primeira chance de fazer uma amiga de verdade, mas meu corpo estava à beira do colapso. Fiquei aliviada quando o almoço acabou e Angelo disse que tínhamos que voltar.

Quando voltamos para o prédio, Sienna me convidou para ir à casa dela, mas eu estava segurando as lágrimas por causa da dor que percorria minhas articulações. Eu dei minhas desculpas, acenando para ela quando ela desceu e fui para a cobertura.



A dor me acordou no meio da noite. Meus tornozelos, joelhos e quadris gritavam comigo e minha cabeça estava rachando. Eu choraminguei enquanto jogava o braço sobre o rosto, me amaldiçoando por usar meu andador em vez da cadeira de rodas enquanto fazia compras. Eu fui estúpida e vaidosa, mas Sienna era tão perfeita e linda. Depois de passar o dia com ela, não conseguia imaginar que ela me julgaria por usar cadeira de rodas, mas era impossível saber disso quando conhecia alguém pela primeira vez.

Eu estava pagando pela minha decisão agora.

Peguei meu telefone, apertando os olhos contra a luz brilhante da tela, e gemi quando vi que eram duas da manhã. Eu precisava dos meus remédios e da almofada térmica, mas isso significava sair da cama. Quase comecei a chorar quando percebi que tinha deixado minha almofada térmica na gaveta da cozinha. Eu a havia usado no início da noite e, por algum motivo inexplicável, achei que deveria mantê-la ali.

Eu não sabia quantos minutos se passaram antes que eu tivesse coragem de me sentar. Enxuguei algumas lágrimas enquanto o

movimento agravava a dor nas minhas articulações. Meu andador estava ao lado da cama, mas deixei minha cadeira de rodas encostada na parede. Desde que fui medida para minha nova cadeira, a antiga parecia ainda mais volumosa e desconfortável.

— Deus, você é tão estúpida. — eu disse para mim mesma.

Bem, não havia nada de errado nisso. Estendi a mão e agarrei o andador, levantando-me de pé. Eu não pude evitar de gritar, minha visão ficou manchada de dor. Dei um passo hesitante, outro gemido escapando pelos meus lábios. Minha cadeira de rodas estava a poucos metros de distância, mas parecia um abismo.

— Pare de ser um bebê. Apenas mantenha-se andando.

O suor escorria pelas minhas costas com o esforço enquanto eu dava outro passo. Meu joelho parecia estar prestes a se deslocar, mas antes que eu pudesse decidir se deveria tentar sentar no chão e correr para a cadeira, meu tornozelo cedeu e caí no chão. Meu andador voou para frente, atingindo a cadeira de rodas com um som metálico tão alto que pude senti-lo reverberar pelos meus ossos.

Eu não tinha energia para me levantar, então me enrolei no chão, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu era um bebê, mas sempre tive Mila comigo durante crises graves e sentia muita falta dela.

A porta do meu quarto se abriu e eu gritei. Virei a cabeça para ver quem era. A luz do corredor iluminou uma grande figura masculina. Meu coração batia forte de medo até que percebi que era Matteo.

Ele acendeu a luz do teto e fechei os olhos quando a luminosidade enviou uma adaga na minha cabeça.

— Que porra está acontecendo? — ele rosnou.

Eu deveria ter me desculpado por acordá-lo, por fazer tanto barulho, mas sabia que se abrisse a boca tudo o que sairia seria um soluço. Então cerrei os dentes e silenciosamente desejei que ele me deixasse.

— Merda. Você caiu?

Abri os olhos para encontrar Matteo agachado sobre mim. Ele deve ter voltado para casa algum tempo depois de eu ter ido para a cama, porque não o via desde esta manhã. Seu peito estava nu e era coberto de tatuagens, embora minha visão estivesse muito embaçada para entender o que eram. Sua calça de moletom escura estava pendurada na cintura.

— Sofiya — ele disse, com a voz severa. — Você caiu?

Meu lábio inferior tremeu, mas consegui sussurrar um — Sim.

— Ok, vamos voltar para a cama. — Braços fortes me cercaram enquanto ele me levantava do chão e gentilmente me deitava no colchão.

Meu rosto queimou de vergonha por ele me encontrar assim. — Sinto muito. — eu resmunguei. Deus, essa não era a maneira de fazer meu marido gostar de mim.

— O que você estava fazendo?

— Eu estava tentando pegar minha almofada térmica e remédios.

Ele afastou meu cabelo do rosto com um movimento surpreendentemente gentil. — Onde eles estão?

— Os remédios estão no banheiro e a almofada térmica está na cozinha. A gaveta ao lado da geladeira.

Ele assentiu antes de olhar para o abajur na mesa de cabeceira. Ele ligou e se dirigiu para a porta, apagando a luz do teto enquanto caminhava. Minhas pálpebras se fecharam em alívio com a luz mais suave.

Não demorou muito para que ele voltasse com os suprimentos em mãos. Ele ficou em silêncio enquanto colocava um copo de água na mesa de cabeceira e ligava a almofada térmica. Estremeci quando me sentei, e Matteo rapidamente se moveu para me ajudar, arrumando alguns travesseiros nas minhas costas.

— Obrigada — eu disse, minha voz rouca enquanto pegava o frasco de remédios.

Ele apenas grunhiu.

Tomei meus analgésicos e um relaxante muscular antes de pousar o frasco. — Eu devo ficar bem agora. — Olhei para meu marido silencioso. — Você pode voltar para a cama. Sinto muito novamente por ser um incômodo.

Ele cruzou os braços sobre o peito musculoso. Ele praticamente brilhava sob a luz quente, e senti vontade de passar meus dedos por sua pele. Eu rapidamente desviei os olhos antes de me envergonhar ainda mais. Por que ele tinha que ser tão atraente?

— Por que você caiu?

Eu mordi meu lábio. — Fui estúpida e deixei minha cadeira de rodas muito longe. Minhas articulações estão doendo e meu tornozelo cedeu enquanto eu tentava alcançá-la.

Matteo olhou para os poucos metros entre minha cadeira e a cama. — Você está com dor?

Devo ter imaginado a tensão em sua voz. Este não parecia ser o momento certo para dizer a ele que eu estava sempre com algum nível de dor, então apenas balancei a cabeça.

— O que mais ajuda?

Eu pisquei. — Oh, hum, eu não sei. — Diante de sua expressão severa, eu bufei. — Um banho quente com sais de Epsom às vezes pode ajudar.

— OK.

Eu levantei uma sobrancelha. — Certo. OK. De qualquer forma, desculpe atrapalhar sua noite. Vejo você amanhã?

Matteo me lançou outro olhar impressionado antes de se virar e entrar no banheiro. Minha confusão aumentou quando ouvi a água correndo. Ele estava realmente preparando um banho para mim?

Ele voltou para o quarto, deixando cair uma braçada de produtos de banho no colchão na minha frente.

— Não sei o que são sais de Epsom. Algum desses funcionará?

Havia bombas de banho coloridas e óleos em recipientes lindos e de aparência cara.

— Tem certeza que devo usá-los? — Olhei para meu marido. — Eles parecem chiques.

Matteo revirou os olhos. — Escolha um, Sofiya. — Ele parecia irritado, mas inclinei a cabeça enquanto o observava e me perguntei se havia uma chance de eu estar interpretando errado. Ele poderia facilmente ter me sozinha, mas ainda estava aqui... como se se importasse comigo.

Peguei um pequeno recipiente floral e dourado com sais de banho. — Isso deve funcionar. — eu disse, entregando-o a ele.

Ele assentiu e então, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, estava de volta em seus braços. Soltei um grito e agarrei seus ombros.

— Como se eu fosse deixar você cair. — ele bufou, entrando no banheiro.

— Um pequeno aviso seria bom. — respondi.

Ele apenas me sentou em cima do balcão da pia, seus braços me prendendo de cada lado. — Você pode sentar aqui? Ou você vai cair?

Eu fiz uma careta para ele. — Eu não vou cair.

Ele passou o dedo pela minha testa. — Se você diz.

Meus lábios se separaram quando ele se virou para a banheira quase cheia para colocar os sais de banho. Eu poderia jurar que vi o canto de seus lábios se contorcer como se ele estivesse me provocando. Eu não entendia nada do meu marido. Ele era tão frio e fechado, mas no pouco tempo que passei aqui, ele já havia sido mais gentil comigo do que a maioria das pessoas em minha vida. Quem, além da minha irmã, cuidaria de mim assim?

Ele desligou a torneira e se virou para me encarar. — Tudo bem. Braços para cima.

— O quê?

— Você tem o hábito de entrar no banho vestida?

— Mas você está aqui. — eu disse indignada.

— De fato, eu estou. Braços para cima, Sofiya. — Ele se colocou entre minhas pernas, seus dedos brincando com a barra da camisa enorme que eu estava vestindo.

Cruzei os braços. — Você não pode me ver nua.

Ele bufou, passando a mão pelo cabelo, que caía bagunçado em seu rosto. Havia a sugestão de uma sombra de barba em sua mandíbula.

— Você é minha esposa e eu sou seu marido. Você está com dor, então vou consertar isso.

— Você disse que éramos apenas colegas de quarto. — respondi. Eu nunca teria ousado responder assim ao meu pai, e não sabia por que estava fazendo isso agora, quando Matteo estava tentando cuidar de mim. Mas a ideia de ele me ver nua, no meu estado mais vulnerável, quando eu não tinha certeza se ele gostava de mim, era demais para aguentar.

Ele apenas encontrou meu olhar com uma carranca severa e silenciosa. Como eu poderia entender tudo isso se ele não usava palavras reais?

Uma onda de opressão tomou conta de mim e não pude evitar de me inclinar para frente e descansar a cabeça em seu peito. Eu estava tão cansada e meus remédios ainda não tinham feito efeito. — Estou tão confusa. — eu sussurrei.

Os braços de Matteo me envolveram e ele me puxou para mais perto.

— Vamos, *Tesoro*. Não gosto de ver você sofrendo.

A ternura em sua voz fez um nó subir na minha garganta. Levantei meus braços acima da cabeça enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ele puxou-a lentamente, mantendo os olhos fixos no meu rosto.

Minhas bochechas queimaram, esperando por seu julgamento, mas ele apenas segurou minhas bochechas e enxugou minhas lágrimas. Meus seios se apoiaram em seu peito enquanto ele me manobrava o suficiente para tirar meu short de dormir e minha calcinha. E então eu estava sentada completamente nua na frente do meu marido pela primeira vez.

Esta não era uma posição lisonjeira. Minha barriga estava evidente, minhas coxas estavam espalhadas contra o balcão e eu não tinha me depilado... nada. A última vez que fiz uma depilação foi na manhã do dia do meu casamento. Depois de toda aquela conversa de “colega de quarto” eu não via sentido em continuar assim. Mas agora ele estava olhando para mim como se... bem, eu não tinha certeza. Seu rosto estava tão estoico o tempo todo. Ele me achou feia? Atraente? Ele estava pensando em todas as coisas desagradáveis que as amigas da minha mãe disseram sobre o meu corpo quando vieram me visitar? Sua mandíbula apertou quando ele me olhou, e eu desejei mais do que qualquer coisa poder esconder.

Eu pulei quando ele gentilmente passou os dedos por um hematoma na minha perna. — De onde é isso?

— Não sei. Eu me machuco facilmente.

Ele assentiu e depois recuou, tirando a calça de moletom com um movimento rápido. Aparentemente ele não usava cueca porque agora estava nu na minha frente. Meus olhos foram atraídos para seu pau - seu pau *duro* - que parecia incrivelmente grande e intimidador. Quando percebi que estava olhando, desviei o olhar, com as bochechas queimando.

Matteo apenas se inclinou para dar um beijo carinhoso na minha testa. — Considere este o seu aviso. — Sua voz era baixa e sensual. Antes que eu pudesse decifrar suas palavras, estava de volta em seus

braços e mergulhado na banheira. Eu gemi com o quão boa a água quente era nas minhas articulações doloridas.

— Para frente. — disse ele.

— O quê?

— Sente-se à frente.

Avancei e Matteo entrou atrás de mim. Sentei-me rigidamente enquanto seu corpo embalava o meu. Isto era mais intimidade física do que qualquer coisa que eu já experimentei. Era ao mesmo tempo tudo que eu desejava e temia.

Sua respiração percorreu o topo da minha cabeça enquanto ele passava os braços em volta de mim, guiando-me para descansar em seu peito.

— O que estamos fazendo, Matteo?

— Estou cuidando de você.

Esperei para ver se ele diria mais alguma coisa, mas meu confuso marido permaneceu em silêncio. Respirei fundo e me permiti relaxar nele.

— Boa menina. — ele murmurou. — A água está ajudando?

Meu estômago embrulhou. *Boa menina?* Uma faísca de excitação percorreu meu estômago. Eu não tinha certeza de como poderia estar tão excitada e ao mesmo tempo sentir dor.

— Sofiya? — Seus lábios roçaram a lateral do meu rosto.

— Sim, está ajudando. Obrigada.

— Fica ruim assim com frequência?

Passei meus dedos pela água. — Não, mas andei mais do que o normal hoje cedo.

— Você não usou sua cadeira de rodas? — Havia censura em sua voz.

Encolhi os ombros.

— Por quê?

— Eu não queria ser um incômodo. Ou envergonhar Sienna.

Matteo fez um barulho no fundo da garganta. — Você precisa cuidar de si mesma. Ou serei forçado a fazer isso por você. — Ele passou um dedo pelo meu ombro. — Mas talvez eu não me importasse com isso. — Ele pronunciou as últimas palavras tão baixo que pensei ter ouvido mal. Tentei me virar para ver seu rosto, mas ele me segurou rapidamente. — Apenas descanse, *Tesoro*.

Era a mesma coisa pela qual ele me chamou antes. — O que isso significa?

Ele ficou em silêncio até que eu tivesse certeza de que ele se recusaria a me responder. — Tesouro — ele finalmente disse.

Um sorriso brincou em meus lábios. Minha medicação estava fazendo efeito, me deixando com sono e aliviando a dor mais aguda nas articulações. Deixei meus olhos se fecharem, sentindo-me surpreendentemente segura nos braços de meu marido.



Eu tinha certeza de que havia entrado em algum tipo de dimensão alternativa. Essa era a única explicação de como eu estava na banheira com minha esposa dormindo.

Minha esposa nua e adormecida.

Pressionada contra meu corpo nu.

Eu estava sentado na sala, olhando para a cidade com meu uísque na mão, tentando escapar dos meus pesadelos, quando ouvi um barulho alto vindo do quarto de Sofiya. Eu não conseguia me lembrar da última vez que senti um pânico tão intenso. Eu joguei meu copo no chão, ignorando como ele se espatifou no chão enquanto corri até ela. Meu coração batia forte quando abri a porta, visões dela coberta de sangue brilhando diante dos meus olhos. Mas não havia sangue. Só ela, enrolada no chão. Mas não relaxei, *não consegui* relaxar, quando vi as lágrimas em seu rosto. Sofiya me disse que muitas vezes sentia dores nas articulações, mas vê-la assim... algo torcia em meu peito.

Eu odiava ficar indefeso. Eu não poderia protegê-la de seu próprio corpo. Mas a sensação da pele dela contra a minha me acalmou. Inclinei

a cabeça para trás, apoiando-a na beirada da banheira. Eu não conseguia me lembrar de ter me sentido tão relaxado... pelo menos não desde que meus pais morreram.

Sofiya choramingou um pouco durante o sono e eu a puxei para perto, minha mão roçando suas costelas. Eu fiz o meu melhor para não olhar para o corpo dela - eu não deveria ficar excitado quando ela estava com dor - mas eu não podia deixar de ver seus seios perfeitos, com lindos mamilos rosados nas pontas, e a mecha loira de cachos me tentando para sua boceta. Meu pau era como ferro contra suas costas.

Eu fiz o meu melhor para manter distância entre nós, mas a cada dia que passava – minuto que passava – Sofiya me torcia cada vez mais em torno de seu dedo.

A compreensão me atingiu como uma tonelada de tijolos: eu queria minha esposa.

Era atração física, nada mais, mas talvez eu devesse parar de resistir. Estávamos presos um ao outro, eventualmente, eu precisaria de um herdeiro. Ela estaria interessada em ter um relacionamento físico comigo? Eu não deixei de notar como seus olhos percorreram meu peito nu quando ela pensou que eu não estava olhando.

Por enquanto, porém, eu estava contente em segurá-la em meus braços.

Depois de um tempo, a água esfriou. Eu precisava levá-la para a cama.

— Sofiya? — Apertei-a suavemente, tentando acordá-la. Mas ela apenas fez um barulhinho de descontentamento e se enrolou ainda mais em mim.

Consegui tirar nós dois da banheira e ela acordou o suficiente para me ajudar a secá-la. Então ela estava de volta em meus braços. Levei-a de volta para a cama e relutantemente cobri seu corpo nu com o cobertor. Olhei para ela, aliviado ao ver sua expressão relaxada. Eu esperava que ela não estivesse mais com dor.

Eu deveria deixá-la e ir para minha própria cama. Ela não deveria ser nada para mim. Apenas uma jogadora no tabuleiro de xadrez no jogo que Rustik e eu estávamos jogando com os albaneses. Mas, por alguma razão inexplicável, eu não queria deixá-la.

Meu corpo se moveu por conta própria, deitando-me ao lado de minha esposa. Talvez eu ficasse apenas alguns minutos para ter certeza de que ela não acordasse e precisasse de alguma coisa. Seria muito inconveniente se ela me acordasse novamente com um estrondo. Era lógico ficar.

Eu não tinha certeza de qual lógica me fez puxá-la contra meu peito e envolvê-la em meus braços, mas quando ela soltou um suspiro de satisfação, o nó que esteve em meu peito a noite toda se aliviou completamente.



Acordei suavemente, como se estivesse flutuando em uma nuvem, da melhor noite de sono da minha vida. Mantive meus olhos fechados e me aninhei mais profundamente em minha cama ridiculamente confortável. Então algo atrás de mim se moveu... não, *alguém*. Memórias da noite passada voltaram. Elas estavam nebulosas, presas em uma névoa de sonolência e dor, mas a maneira como Matteo me segurou na banheira era perfeita demais até mesmo para que meus sonhos pudessem fabricar.

Seus braços ainda estavam em volta de mim, seu joelho pressionado entre minhas pernas. Era a posição certa para aliviar a tensão dos meus quadris, como meu próprio travesseiro corporal.

Mantive minha respiração tão calma e constante quanto possível, sem vontade de perturbá-lo. Ele voltaria a manter uma distância fria ou isso seria o começo de nossa conexão como marido e mulher de verdade?

Eu senti isso no momento em que ele acordou. Ele enrijeceu atrás de mim e rapidamente rolou para longe. Fechei os olhos, a decepção me

inundando como um maremoto.

— Bom dia. — eu disse enquanto me sentava contra a cabeceira da cama. Matteo já estava saindo da cama.

— Você está se sentindo melhor? — ele perguntou, mantendo-se de costas para mim.

— Muito melhor do que ontem à noite, sim. Obrigada por me ajudar. — Eu queria dizer mais, queria dizer o quanto o cuidado dele significou para mim, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Ele já estava na porta como se não conseguisse fugir de mim rápido o suficiente.

Ele abriu a porta do quarto e fez uma pausa. — Use sua cadeira de rodas hoje. — Então ele saiu, fechando a porta com força atrás de si.

Me arrumei devagar, tentando ser gentil com meu corpo depois da noite difícil. Quando finalmente me vesti e fui até a cozinha – na minha cadeira de rodas – vi algo no balcão. Era um cartão de crédito preto com meu nome e uma nota que dizia:

Use isto. Sem limite.

Dobrei cuidadosamente a nota e coloquei-a no bolso junto com o cartão de crédito, com um sorriso no rosto.



Angelo e eu entramos na garagem subterrânea do apartamento. Fiquei exausta, mas encorajada depois da consulta com a Dra. Amato. Finalmente tive a oportunidade de aprender sobre EDS. Todas as peças de um quebra-cabeça aleatório de sintomas que tive durante todos esses anos estavam se encaixando e, embora isso não tenha resolvido nada, fez com que eu me sentisse menos fora de mim.

Eu também fiquei com Kat e Stasya. Assistimos a um filme e eu lhes ensinei algumas palavras em inglês. Seus olhos ainda estavam assombrados e elas estavam quietas e nervosas, mas havia momentos em que parecia que éramos apenas três garotas nos divertindo juntas. Isso me fez sentir que tinha algo a oferecer a elas... como se eu fosse útil de alguma forma.

Foi uma sensação boa.

Angelo contornou o carro com minha cadeira de rodas e abriu a porta para mim. Quando eu estava entrando, outro SUV preto parou ao nosso lado. Meu coração começou a bater forte quando Matteo saiu. Seu olhar escuro estava fixo em mim enquanto ele abotoava o paletó e

passava o polegar pelo lábio inferior. Algo vibrou em meu estômago e desejei que ele me abraçasse e me beijasse.

— Onde você esteve? — ele perguntou, sua voz dura enquanto seus olhos se voltavam para Angelo. Mordi meu lábio. Ele estava chateado comigo?

— Na clínica? — Eu disse, odiando o toque de nervosismo que penetrou na minha voz.

Matteo engoliu em seco. — Como foi?

— Bom.

Ele hesitou, quase como se quisesse pedir mais informações, mas então se virou para o homem que estava entre ele e Romeo. — Este é Domenico. Meu executor.

Domenico era quase tão alto quanto Matteo e musculoso do jeito que eu esperaria de um executor. Ele se aproximou de mim e pegou minha mão, inclinando-se para beijá-la. Os nós dos dedos dele estavam cobertos de cicatrizes. — Prazer em conhecê-la, Sra. Rossi.

— Prazer em conhecê-lo também. — eu disse, embora a maneira como ele estava olhando para mim me desse uma sensação desconfortável. Tirei minha mão da dele.

— Você recebeu alguma informação nova das meninas na clínica? — ele perguntou.

— Oh, não, mas eu não estava realmente tentando conseguir, hum, informações.

Domenico estalou os nós dos dedos. — Elas podem estar escondendo alguma informação que nos ajudaria a derrubar essa rede de tráfico sexual. Não há limite para a depravação destes albaneses.

— Não acho que elas estejam escondendo nada. — Não gostei da insinuação. Stasya e Kat foram vítimas de tudo isso.

A expressão de Domenico estava cheia de condescendência. — Talvez.

Angelo se moveu para ficar atrás de mim e eu tirei forças de seu apoio.

— Temos trabalho a fazer. — disse Matteo, virando-se e indo para o elevador. Romeo me deu uma piscadela antes de ele e Domenico seguirem o Don.

— Porra, eu odeio esse idiota pretensioso. — Angelo murmurou assim que as portas do elevador se fecharam.

Virei-me para ele e ri. — Oh sim?

— Ele está tentando fazer com que todos o chamemos de *Il Diavolo*. — Ele revirou os olhos. — O Diabo.

Eu sorri. — Os mafiosos são tão dramáticos com seus apelidos.

— Sim, sim. Vamos levá-la para cima. Você está com fome?

— Eu poderia comer. Oh, Matteo me deu um cartão de crédito. Eu poderia pedir alguma coisa para nós? — Eu mordi meu lábio. — Você acha que ele se importará se eu usar?

Angelo bufou quando entramos no elevador. — Acho que a conta bancária dele pode sobreviver à entrega. — Ele me ajudou a baixar um aplicativo de pedidos de comida e fizemos um pedido de hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes. Eu precisava de um pouco de comida reconfortante.

Mandei uma mensagem para Mila fazendo check-in enquanto Angelo descia até o saguão para pegar nossa comida. Suas mensagens para mim eram esporádicas, então eu não esperava que ela respondesse, mas ainda olhava para a tela, desejando que uma mensagem chegasse. Eu me assustei quando realmente começou a tocar. Era um número desconhecido e hesitei por um momento antes de atender. Talvez Mila tivesse conseguido um novo número?

— Olá?

— Sofiya?

— Dimi. — eu respirei aliviada, a voz do meu irmão trazendo lágrimas aos meus olhos. Carreguei o peso da minha preocupação por ele todos os dias. — Onde você esteve?

Houve um momento de silêncio antes de Dimitri responder. — Você sabe que não posso dizer. Liguei assim que pude. Porra, Sofiya. Matteo Rossi?

— Sim, eu sei. Tudo parte do plano brilhante do Pakhan. Rotas comerciais e tudo mais.

— Eu não sei o que ele está fazendo. — ele murmurou. — Rossi machucou você?

Eu esperava que ninguém estivesse ouvindo esta ligação. — Não, ele não me machucou. — Mordi o lábio, insegura sobre minha próxima pergunta. — O que você sabe sobre ele? — De alguma forma, parecia uma traição ao meu marido pedir informações, mas eu precisava de toda a ajuda possível para entendê-lo.

Dimi suspirou e pude imaginá-lo andando de um lado para o outro. Ele nunca conseguia ficar parado. — Nunca o conheci e quem sabe o quanto do que dizem sobre ele é verdade. Seu tio matou seus pais e assumiu o papel de Don. Rossi tinha apenas vinte e três anos quando foram assassinados, mas conseguiu reunir homens suficientes para apoiá-lo, matando seu tio e recuperando sua cidade. Seu apelido é Anjo da Morte.

Eu queria revirar os olhos para outro apelido dramático. — Você sabe alguma coisa sobre a vida pessoal dele? Quero dizer... você acha que ele será um bom marido?

Houve um longo silêncio. — Não sei se algum de nós será um bom marido. Mas se ele te machucar, eu vou acabar com ele, eu prometo.

Engoli em seco. — Estou com saudades de você. — eu sussurrei.

Dimi suspirou. — Também sinto saudade. Apenas... tome cuidado, ok? Estou acompanhando alguns rumores sobre tráfico sexual. O comércio de peles não é novo, mas está focado no Nordeste. Houve algumas sugestões de que os italianos estão envolvidos.

Um calafrio se espalhou por mim. — Não isso não é verdade. São os albaneses.

— Isto é mais do que apenas os albaneses — disse Dimitri. — Mas Rossi tem sido tradicionalmente contra o comércio de peles em Nova Iorque, então você pode estar certa. Preciso investigar Finnegan. — Ele murmurou a última frase. — Não importa o que aconteça, você precisa ficar alerta.

Angelo voltou com dois grandes sacos de papel nas mãos.

— Eu vou. — Minhas bochechas esquentaram sob o olhar do meu guarda-costas, como se eu tivesse sido pega fazendo algo errado. — Posso entrar em contato com você neste número?

— Não. — disse Dimi. — Mas entrarei em contato com você quando puder. Fique segura. — E então a linha ficou muda.

— Quem era? — Angelo perguntou, colocando a comida no balcão.

— Meu irmão. — Não havia nada de errado em eu conversar com Dimi, mas depois de ouvi-lo suspeitar da minha nova família, fiquei ansiosa com isso, como se estivesse escondendo algum segredo.

Angelo tirou a comida do saco e me observou atentamente. — Tudo bem, *princesa*?

Colei um sorriso no rosto. — Sim, está tudo bem. Só sinto falta dos meus irmãos.

Queria perguntar a Angelo sobre o tráfico, mas algo me impediu. Eu nunca tive permissão para fazer perguntas sobre os negócios da família e não queria que Matteo voltasse qualquer raiva para Dimitri. Recusei-me a acreditar que Matteo estava participando do comércio de peles – ele salvou Kat e Stasya, estava fazendo tudo que podia para descobrir quem era o responsável – mas obviamente havia algo grande acontecendo. A última coisa que eu queria era que meu novo marido pensasse que eu estava tentando me inserir onde não pertencia.

— Está tudo bem. — eu disse, pegando um dos sacos dele. —
Vamos apenas comer.

Angelo inclinou a cabeça, os olhos suaves, mas não me pressionou,
e eu afastei a conversa da minha mente.



Olhei para o pacote de gomas de cannabis na mesinha de centro à minha frente. Angelo saiu há algumas horas, trocando de turno com Enzo, que estava em seu posto do lado de fora da porta da frente. A noite estava caindo e eu estava com dor e entediada.

A Dra. Amato me deu as gomas, dizendo que poderiam ajudar com minha dor, mas eu não tinha certeza se deveria comê-las. E se eu tivesse alguma reação estranha?

Peguei meu telefone e liguei para Mila. Ela não respondeu à minha mensagem, então eu não esperava que ela atendesse, então meu coração deu um pulso quando ouvi a voz dela do outro lado da linha. — Mila, onde você esteve? Você está bem?

— Desculpe. — ela disse em um sussurro. — Estou sendo vigiada de perto, então não tenho conseguido usar o telefone. Eu estava apenas deixando carregar antes de ligar para você.

Meu coração se apertou com o medo em sua voz. — O que está acontecendo?

— Não tenho certeza. — disse ela. — O Pakhan tem estado fora quase todos os dias, realizando reuniões secretas. E ele continua me mandando para todos esses almoços e eventos aleatórios com as esposas da Bratva. Parece que ele está tramando alguma coisa.

— Ele está sempre tramando. — Minha mandíbula estava cerrada, meus dedos batendo contra o balcão da cozinha. — E mamãe?

— Escondida no quarto dela. Não a vejo há dias.

— Típico. — eu murmurei. Achei que seria pedir demais que a mulher que nos deu à luz se interessasse pelo bem-estar da filha. — Mas você está bem? O Pakhan não... machucou você, certo?

Houve um momento de silêncio antes de Mila responder. — Não, nada disso. Por que você pergunta?

Merda, eu tinha revelado muito? Eu não queria que Mila soubesse do abuso de nosso pai contra mim. Em parte porque eu não queria que ela gastasse mais energia se preocupando comigo do que já gastava, mas também porque eu estava com vergonha. No fundo, parecia que devia haver algo errado comigo para ter causado isso. Mesmo que não fosse verdade, ainda parecia uma marca negra na minha alma.

— Só estou preocupada. — eu disse.

— Bem, estive preocupada com *você*. Você está bem?

— Sim, as coisas estão... boas?

Mila soltou um barulho animado. — Oh meu Deus, conte-me tudo. — ela gritou em um sussurro.

— Eu irei, mas primeiro, Dimi acabou de ligar.

— Oh, estou feliz. Ele entrou em contato com Nikolai e conseguiu seu número, mas não tive chance de falar com ele porque estava em um estúpido jantar de caridade. Ele está bem?

— Quem sabe. — eu bufei. — Ele não me disse nada. Mas pelo menos ele ainda está vivo. — Fiquei me perguntando se deveria contar

a Mila sobre a ameaça de tráfico sexual, mas decidi esperar. Eu não queria estressá-la, e nada disso deveria afetá-la em Chicago.

— Acho que ele gosta de ser um homem misterioso — disse Mila.
— Agora me conte suas atualizações.

— Bem, eu conheci a irmã de Matteo, Sienna. Você a amaria. Ela me levou para comprar roupas.

— Ahh, me mande fotos. — disse ela. — Você deveria ver o vestido que mamãe escolheu para mim no almoço de ontem.

— Laranja néon?

— Chartreuse⁶.

— Meu segundo palpite. — eu disse secamente. E então nós duas começamos a rir. Aprendemos há muito tempo que tínhamos que rir do senso de moda de nossa mãe.

— Ok, pare de enrolar e me conte sobre seu marido gostoso.

Minhas bochechas esquentaram. Eu estava acostumada a contar quase tudo para Mila, mas por algum motivo não queria contar como Matteo cuidou de mim na noite passada. Havia algo tão sagrado e terno nisso.

— Matteo marcou uma consulta para eu tirar as medidas para uma cadeira de rodas personalizada. E acabei de terminar uma consulta médica para minha SDE. — Pronto, isso era completamente verdade.

— Tudo bem — disse Mila. — Eu esperava uma atualização mais interessante, mas Sofiya, isso é incrível. Ele está cuidando de você.

Um sorriso surgiu em meus lábios. — Sim, ele está.

— Você merece — ela disse suavemente.

— Obrigada. Nikolai está tratando você bem?

— Ele está sendo um perfeito cavalheiro.

Cobri minha boca para me impedir de rir do quão perturbada ela parecia. Nikolai era nosso guarda há quatro anos, e Mila estava

apaixonada por ele desde o primeiro dia. Ela negou, mas pensei que o motivo pelo qual ela escapou para ficar com outros caras foi para deixar Nikolai com ciúmes.

— Nem comece. — Mila disse. — O que o médico disse?

— Principalmente apenas coisas que eu sei: usar meus auxiliares de mobilidade, cobrir minhas articulações e descansar. Ela recarregou minhas receitas e... ela também me deu gomas de cannabis. Ela disse que isso poderia ajudar com minha dor.

— De jeito nenhum. — ela engasgou. — Você já experimentou?

— Eu estou nervosa. E se algo der errado?

— O que vai dar errado? Faça isso! Você merece viver um pouco. Você pode riscá-lo da Lista de Sonhos.

— Usar drogas não estava na minha Lista de Sonhos.

— Bem, deveria estar. Está na minha.

— Ok, então, quando você vier me visitar, você pode pegar uma das minhas gomas.

— Você acha que poderei visitá-la?

Engoli em seco. — Espero que sim. Eu sinto mesmo a sua falta.

— Também sinto saudade. Porra, eu tenho que ir. — suas palavras foram apressadas. — Coma a goma, aproveite seu barato e falarei com você em breve. Amo você.

— Eu amo...

A ligação foi cortada. Fiquei olhando para o telefone, a tristeza me dominando tão intensamente que senti enjoo no estômago. Peguei uma das gomas roxas e coloquei na boca antes que eu pudesse me questionar. Talvez isso aliviasse um pouco da dor física e emocional que eu estava sentindo.

Coloquei uma das calças de moletom de alta qualidade que Sienna tinha insistido - definitivamente a coisa mais aconchegante que eu já

usei - e me joguei no sofá. Olhei a seleção limitada de canais. Aparentemente, Dons da Máfia não tinha assinaturas de streaming. Provavelmente muito ocupados sendo assustadores e assassinos.

Passei pelos canais de esportes e notícias, mas parei quando me deparei com *O Poderoso Chefão*. Eu ri alto. O filme estava apenas começando. Eu nunca tinha visto isso, mas que melhor maneira de me acostumar com minha nova vida na máfia italiana?

Cerca de vinte minutos depois, comecei a ficar com fome. Peguei meu andador e fui para a cozinha. De repente, todos os alimentos disponíveis pareciam incríveis. Olhei pela despensa e meus olhos pousaram em um saco de grãos de pipoca gourmet e a inspiração surgiu. Peguei os ingredientes e comecei a preparar milho caramelado no fogão, comendo um pedaço de queijo enquanto esperava ficar pronto.

Eu ri enquanto colocava a pipoca em uma tigela extragrande, equilibrando-a no meu andador enquanto voltava para a sala bem a tempo de ver uma cabeça de cavalo decepada na tela.

— Eca. — eu disse, enfiando pipoca caramelada na boca. A sala girava ligeiramente e caí nas almofadas. Meu corpo estava relaxado e pesado, e passei a mão por um cobertor macio no encosto do sofá.

Eu não sabia quanto tempo havia passado quando Matteo entrou pela porta da frente.



Eu não tinha planejado voltar para o apartamento até que Sofiya estivesse dormindo, mas a cada minuto que passava eu ficava cada vez mais inquieto.

Eu não estava inquieto por causa dela. Tinha sido um longo dia, só isso, e eu não ia deixar minha esposa me afastar da porra da minha própria casa. Mas nada poderia ter me preparado para a visão que me saudou quando entrei.

Sofiya deitada no sofá assistindo a um filme com calça de moletom azul claro, o cabelo preso em um coque bagunçado.

— Matteo!

Eu fiz uma careta enquanto me aproximava. — O que há de errado com você?

Sofiya fez beicinho com o lábio. — Isso foi cruel.

— Você está bêbada? — Eu olhei para ela. Suas bochechas estavam coradas e as pupilas dilatadas.

Ela balançou a cabeça antes de explodir em risadas quando caiu de costas contra as almofadas do sofá. — Acabei de tomar meu novo remédio.

Que porra é essa? Olhei ao redor da sala até encontrar um pacote aberto de edíveis. — Erva?

— Shh — disse ela, agitando os braços. — Vou ter problemas.

Esfreguei a mão no rosto. O que a Dra. Amato estava pensando? — Você certamente é um problema.

— Você quer assistir comigo? — Ela apontou para a TV onde *O Poderoso Chefão* estava passando. — Não diga não! Vou lhe fazer uma oferta irrecusável — disse ela, imitando Don Corleone de maneira horrível.

— Você vai colocar uma cabeça de cavalo decepada na minha cama? — Eu perguntei secamente.

— Não, muito melhor! Eu tenho pipoca caramelada! — Ela segurou uma tigela grande de pipoca para mim, fazendo com que um punhado de pedaços voasse para o chão.

Rapidamente peguei a tigela antes que ela derramasse tudo e coloquei na mesa de centro.

Eu deveria ir embora. Ir para a academia. Ou meu quarto.

Mas de alguma forma me vi sentado ao lado dela.

— Você já viu esse filme antes? — Sofiya perguntou.

— Sim.

— Oh, claro. Aposto que você estudou isso enquanto crescia.

Minha carranca se aprofundou. — Não estudei.

— Bem, eu certamente espero que você seja melhor atirador do que esses caras. Eles tiveram que atirar naquele cara umas cem vezes antes que ele realmente morresse.

— Minhas habilidades de tiro são boas.

— Oh, isso me lembra! — Ela se sentou com um suspiro. — Perguntei ao Angelo se poderia ir ao seu campo de tiro. Quero manter minhas habilidades afiadas. Não gostaria de me transformar em um desses palhaços. — Ela acenou para a TV.

— Palhaços? — Eu levantei minhas sobrancelhas. — Como eles sobreviverão a tal insulto?

— Então posso ir? Angelo disse que você desaprovava, mas não vejo por quê. Você poderia me levar. Poderia ser como um encontro.

A imagem de Sofiya segurando uma arma causou um choque estranho e desconfortável em meu peito. Eu deveria ser o único a protegê-la.

Pisquei com o pensamento que involuntariamente passou pela minha mente.

— Quanta maconha você consumiu? — Eu murmurei. Porra, ela provavelmente nunca esteve chapada.

— Você é muito mais gostoso do que Don Corleone e todos os seus filhos. Nenhum deles tem cabelos tão bonitos quanto os seus. — Ela se inclinou em minha direção e eu sentei, congelado, enquanto ela passava os dedos pelo meu cabelo. — Posso te contar um segredo? — ela sussurrou.

Fiquei tão atordoado com o toque dela que mal consegui formar palavras. — Sim, *Tesoro*.

— Eu queria fazer isso desde que te vi pela primeira vez.

Passei meu polegar por sua bochecha e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Acho que é hora de você ir para a cama.

— Mas eu nem vi se os mafiosos venceram.

Meus lábios se contraíram. — Não se preocupe, os caras da Máfia venceram. Agora, vamos levá-la para a cama. Tenho certeza que você dormirá bem.

Levantei-me do sofá, pronto para mover o andador de Sofiya para mais perto dela, quando ela levantou os braços para mim. Eu levantei uma sobrancelha.

— Carregue-me. — ela exigiu.

— Ou você está muito chapada ou brincando comigo — resmunguei. Mas eu ainda me inclinei e a peguei. Ela se agarrou a mim, passando o nariz pela minha pele.

— Você deveria se aconchegar comigo de novo. — disse ela.

— Não.

— Malvado.

— Você tem que trabalhar em seus insultos.

Levei-a para o quarto e deitei-a na cama.

Ela passou as mãos pelo cobertor. — É tão macio.

— Sim, bem, durma. E falarei com a Dra. Amato sobre isso.

— Dra. Amato é tãooooo legal.

— Simplesmente encantador. — eu disse secamente.

— Você gosta mais dela do que de mim? Ela é muito bonita.

Eu bufei, passando a mão pelo meu cabelo. — Vá dormir, Sofiya.

— Espere, mas você gosta? — ela perguntou, avançando para agarrar minha mão.

Suspirei. — Não, *Tesoro*. Eu não gosto mais dela do que de você. Agora, boa noite.

Forcei-me a sair do quarto dela, reprimindo a vozinha que me dizia que eu deveria ter ficado.



— Qual é a sensação? — Angelo perguntou, agachando-se para ficarmos no mesmo nível dos olhos.

Eu saltei feliz em meu assento. O pessoal da cadeira de rodas tinha acabado de sair depois de me explicar todas as características da minha nova cadeira. — Tão boa. É muito melhor que a minha antiga.

A porta da frente se abriu e Romeo apareceu. — Ouvi dizer que você teve uma entrega especial hoje.

Eu sorri. — Sim! Não é chique? E eu tenho assistência motorizada, então devo ser capaz de ir muito rápido.

Um olhar travesso cruzou seu rosto. — Quão rápido? Devíamos testá-la no corredor.

— Não temos corredor. — eu disse, com a cabeça inclinada. Nosso elevador dava direto para o hall de entrada com a porta da frente.

— O andar do meu e da Sienna tem. — disse Romeo. — Vamos.

Seguimos para o elevador, apertando o botão para descermos dois andares.

— Onde está Matteo? — Eu perguntei, tentando parecer casual. Ele já tinha saído quando acordei esta manhã, o que provavelmente foi uma coisa boa, já que eu estava deitada na cama, esperando ser engolida por um buraco negro depois do meu comportamento na noite anterior. Minhas lembranças daquela noite estavam cobertas por uma névoa estranha que as fazia parecer irreais, mas eu tinha certeza de que eram, infelizmente, muito reais. Eu tinha *passado meus dedos pelos cabelos dele*.

Romeo e Angelo trocaram um olhar. — Ele e Domenico tinham trabalho a fazer.

Bem, isso era misterioso. Fiquei tentada a pressionar por mais informações, mas já estava acostumada a ser excluída dos negócios de meu pai. Matteo já havia me deixado entrar mais do que o Pakhan jamais deixou, mesmo que fosse apenas por causa da minha capacidade de tradução.

As portas do elevador se abriram para um longo corredor com três portas de apartamento espaçadas uniformemente.

— Quem mais mora neste andar? — Perguntei.

— A terceira unidade é para o guarda-costas de Sienna. Ela continua demitindo-os, e isso está deixando Matteo louco. — Romeo pareceu muito divertido ao pensar na irritação de Matteo.

Angelo grunhiu. — Ele deveria ter pensado melhor antes de designar Domenico para ser seu guarda.

— Domenico? — Eu perguntei, com as sobrancelhas levantadas. — Mas ele é um executor.

— Você não quer dizer *Il Diavolo*? — Romeo disse com uma expressão azeda. — Ridículo pra caralho.

— Matteo achava que Domenico poderia lidar com Sienna, mas subestimou a irmã. — disse Angelo.

Eu sorri. Eu poderia imaginar Sienna correndo em círculos em torno de todos os homens da Máfia. — Eu não a culpo. — eu disse. Algo no executor de Matteo me deixou desconfortável, apesar de ele ter sido perfeitamente educado. Eu não conseguia imaginar ter que passar meus dias com ele e fiquei muito aliviada porque o amigável Angelo era meu guarda. — Por que Matteo gosta dele?

Romeo revirou os olhos. — Domenico foi um dos primeiros a declarar lealdade ao Don após a traição de seu tio. Ele ajudou a eliminar traidores da Família e apoiou Matteo na reconquista de seu império.

— Sim, há uma década. — murmurou Angelo. — Ele ainda é um idiota.

Eu sorri com o quão mal-humorado ele parecia.

— Não há discussão aí. — disse Romeo.

Romeo e Angelo continuaram brincando um com o outro enquanto caminhávamos até o fim do corredor, eu senti como se tivesse amigos pela primeira vez. Eles provavelmente não me consideravam uma amiga de verdade, já que era trabalho deles me vigiar, mas eu não me importava em fingir.

— Tudo bem — disse Romeo, esfregando as mãos. — Vamos ver quão rápido esse carro de corrida pode ir.

Liguei o aparelho e fiz alguns ajustes no aplicativo. — Ok, agora devo ser capaz de ir a toda velocidade. — Saí pelo corredor, mantendo a mão direita levemente no volante para dirigir. Estar em uma cadeira confortável feita especialmente para mim e andar nela sem forçar os braços e ombros era pura liberdade.

Eu ri enquanto voava pelo corredor, diminuindo a velocidade relutantemente à medida que me aproximava do fim. Eu me virei para encarar os caras, levantando os braços em vitória. — Isso foi tão rápido!

Romeo bufou. — O que foi isso, uns seis quilômetros por hora? Eu poderia empurrar uma cadeira de rodas mais rápido do que isso. Acho que uma tartaruga poderia ultrapassar você.

Cruzei os braços. — Apenas uma tartaruga muito rápida.

Romeo esfregou as mãos. — Eu me pergunto se poderíamos hackear a unidade para que ela funcione mais rápido.

Antes que eu pudesse ficar muito animada com o processo de correr na minha cadeira de rodas, Angelo nos barrou. — O chefe vai matar você.

— Vale a pena. — disse Romeo.

Voltei para o outro lado do corredor. — Se você acha que poderia me vencer em uma corrida, vá buscar minha velha cadeira lá em cima.

— Oh, você está dentro. — disse ele, rindo enquanto pressionava o polegar contra o sensor do elevador para abrir as portas.

A porta do apartamento de Sienna se abriu e ela colocou a cabeça para fora. Seu cabelo estava úmido como se ela tivesse acabado de sair do banho e ela usava calça de moletom e uma regata, mas de alguma forma ela ainda parecia bem arrumada.

— Pensei ter ouvido algo aqui. O que vocês estão fazendo?

— Romeo e eu vamos fazer uma corrida em cadeiras de rodas.

Sienna sorriu. — Oh, essa é sua nova cadeira? Tão emocionante! Eu definitivamente tenho que ver isso. Além disso, foi um bom momento porque eu ia ver se você queria pedir comida. Poderíamos todos comer juntos?

— Parece bom.

Enquanto esperávamos Romeo, Sienna deu uma volta na minha cadeira, girando em círculos e andando de um lado para o outro no corredor. — Isso é divertido. — disse ela, sorrindo amplamente enquanto me devolia. O fato de ela reagir à minha cadeira com tanta diversão e empolgação aliviou o peso da vergonha que eu carregava desde que comecei a usar aparelhos auxiliares de mobilidade.

Romeo voltou com minha velha cadeira e corremos de um lado para o outro no corredor, seus xingamentos gritados me seguindo

enquanto eu avançava.

— Que porra é essa? Essa coisa é terrível. — disse ele, carrancudo.
— Acho que puxei algo no ombro.

— Oh, o mafioso grande e forte se machucou. — disse Sienna. E então nós duas começamos a rir.

Por fim, pedimos comida - sushi, que eu nunca tinha experimentado - e fomos até o apartamento de Sienna. A casa dela era parecida com a de Matteo, só que menor, parecia mais aconchegante e habitada. Havia coleções de arte na maioria das paredes e todos os móveis tinham almofadas e cobertores brilhantes. Eu tinha certeza de que Matteo não queria que eu mudasse nada em seu apartamento, mas talvez eu pudesse pedir a Sienna que me ajudasse a escolher algumas coisas para personalizar meu quarto.

Angelo desceu até o saguão para pegar a entrega de sushi, e Romeo nos serviu copos de saquê. Angelo voltou com uma braçada de sacolas, e levantei uma sobrancelha ao ver a grande quantidade de bandejas que eles arrumavam na mesa da sala de jantar.

— Como vamos comer tanto assim? — Perguntei.

— Você acha que é o suficiente? Sinto que deveria ter pedido mais.
— disse Sienna.

Eu ri, mas depois percebi que ela estava falando sério. O sushi parecia bom. Mila sempre quis experimentar alguns. Tirei uma foto da mesa para enviar para ela mais tarde.

Sentamo-nos à mesa e Romeo moveu minha cadeira de rodas para o lado.

— Pela nova cadeira de rodas de Sofiya. — disse Sienna, erguendo seu copo de saquê. Todos brindamos e tomei um gole. A bebida era fresca e refrescante com um toque de doçura, e decidi que gostava dela. Raramente bebia, nunca tive muito acesso ou interesse pelo álcool.

— Tudo bem, comece com isso. — disse Sienna, usando os pauzinhos para colocar um pedaço colorido de sushi no meu prato. —

Coloque o gengibre por cima com um pouco de wasabi e depois mergulhe no molho de soja.

— E então eu como numa mordida só?

— Sim — disse Romeo, colocando seu quarto pedaço na boca.

— Tudo bem. — Peguei-o desajeitadamente com meus pauzinhos e coloquei-o na boca, mastigando lentamente.

— Bom? — Sienna olhou para mim com expectativa.

— Isso é bom. — Minha voz saiu suspeitamente aguda.

Angelo riu. — Você realmente é a pior mentirosa.

— Tudo bem — disse Sienna, colocando dois novos pedaços no meu prato. — É por isso que fizemos uma seleção. Isto é atum picante e este é um rolinho californiano. Eles são melhores para iniciantes.

Tomei vários goles de saquê para me livrar do gosto do primeiro rolinho e me preparei antes de pegar o rolinho picante de atum. O primeiro foi realmente nojento e o segundo foi igualmente ruim. Eu não era um grande fã de frutos do mar em geral, e algo na textura do sushi realmente não era para mim.

Sorri para Sienna depois de engolir os dois novos pedaços que ela me deu, mas com base em sua expressão, deve ter saído como uma careta.

— Sinto muito. — eu disse, tomando outro longo gole de saquê. — Pode não ser para mim.

— Vamos encontrar um que você goste. — disse Sienna, cheia de determinação enquanto colocava outra seleção no meu prato. Angelo e Romeo me lançaram olhares de simpatia.

Depois de consumir mais sushi do que eu jamais sonhei ou quis, Sienna colocou um último pedaço no meu prato, parecendo absolutamente derrotada.

— Ok, este é um rolinho vegetariano. Tem pepino e abacate. Você tem que gostar deste.

Mergulhei no molho de soja e coloquei tudo na boca, mastigando devagar.

— Bom? — Romeo perguntou.

Engoli. — Acho que não gosto de algas marinhas.

— Oh meu Deus, você não tem jeito — disse Sienna.

Eu sorri. — Completamente.

— Você quer que eu peça outra coisa? — Angelo perguntou.

— Absolutamente não — eu disse. — Sienna praticamente me alimentou à força com meu peso corporal em sushi.

Ela fungou. — Não sei como posso ser amiga de alguém que tem um paladar tão pouco refinado.

Eu fiz beicinho e ela revirou os olhos. — Certo, tudo bem. Podemos ser amigas, mas só se você fizer minha sobremesa favorita.

— Ei, ela tem que fazer meu tiramisu primeiro. — disse Angelo.

— Você receberá seu tiramisu assim que me ensinar a jogar pôquer. — eu disse.

— Pôquer? — Romeo perguntou.

— Angelo me convidou para sua noite semanal de pôquer e estou determinada a vencer todos eles.

Romeo recostou-se na cadeira com uma risada calorosa. — Você a convidou?

— Eu sempre disse que precisamos de mais mulheres nas noites de pôquer. — Angelo piscou para mim enquanto Romeo bufava. — Mas você é provavelmente a pior mentirosa que já conheci, então não tenho certeza se é uma boa ideia.

— Tenha um pouco de fé, Angelo. — eu disse, dando uma cotovelada em seu braço.

Minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Eu não conseguia me lembrar de ter tido um dia melhor do que este. A única coisa que faltava era ter Mila e Matteo aqui.

Como se meus pensamentos o tivessem conjurado, a porta se abriu e eu abri um enorme sorriso. — Matteo! — Foi só quando todos se viraram para olhar para mim que percebi o quão exuberante eu estava. Limpei a garganta e tomei outro gole de saquê. Eu poderia culpar o álcool pela minha explosão - eu estava deliciosamente quente e embriagada - mas Angelo estava certo ao dizer que eu era péssima em esconder minhas emoções. Meus pais fizeram o possível para me tornar uma esposa Bratva boa, obediente e robótica, que não expressava nada. Às vezes eu gostaria de ter pelo menos internalizado algumas de suas lições... isso me deixaria menos exposta no mundo brutal.

— Venha sentar, *fratello*. — disse Romeo. — Talvez você consiga encontrar alguns pedaços de sushi que a Sienna ainda não deu à força para sua esposa.

— Chega para lá. — disse Matteo ao seu segundo em comando, que saiu da cadeira ao meu lado com um bufo bem-humorado.

Tentei manter a calma porque Matteo queria sentar ao meu lado.

Ele acenou com a cabeça para minha nova cadeira de rodas. — O que você acha dela?

— Eu adorei. — eu disse, virando-me para ele. — Muito obrigada por arrumá-la e obtê-la tão rapidamente.

Matteo se ocupou em pegar um pouco de sushi, mas pensei ter visto um leve toque de vermelho em suas bochechas e me perguntei se meu marido sentia mais do que deixava transparecer.



A luz fraca do porão lançava sombras sobre o homem patético balançando na minha frente.

— Onde Arben está conseguindo as meninas? — Perguntei. O homem soluçou, lágrimas e sangue escorrendo pelo seu rosto.

Domenico encontrou um espião albanês vigiando meu prédio.

Meu. Maldito. Prédio.

Arben estava ficando muito ousado. Deveríamos ter conseguido destruí-lo em questão de dias, mas ele parecia um fantasma. Seu pai tinha sido um filho da puta patético e covarde, mas ele claramente queria fazer seu nome. Cerrei a mandíbula quando o homem soltou outro grito estridente quando Domenico deslocou seus ombros.

O espião estava amarrado pelos pulsos, as pernas tremendo de desespero para tocar o chão e aliviar a pressão.

— Não sei, juro que não sei de nada. — ele engasgou. — Recebi ordens de vigiar o prédio, é isso. — Sua cueca escureceu enquanto ele urinava.

— Pelo amor de Deus. — murmurou Domenico, com o rosto contorcido de desgosto.

Fiz um longo corte na pele do albanês, certificando-me de passar pela tatuagem do clã em seu peito. Ele soltou um grito agudo, ranho escorrendo pelo rosto e se misturando com o sangue no peito.

— As forças de Arben devem ser muito fracas se é ele quem ele está enviando para espionar você. — disse Domenico.

— Por favor, por favor. — implorou o espião. — Eu não sei de nada.

— Então para que você serve? — Cortei outra linha no peito do homem, mas desta vez enfie fundo a lâmina até que sangue e intestinos se espalharam pelo chão.

— Duplique a vigilância ao redor do prédio. — eu disse a Domenico. — Câmeras, homens, tudo. Se Arben estiver monitorando movimentos, quero saber e quero que isso pare.

— Sim, chefe. — respondeu Domenico.

— Bom trabalho em encontrá-lo. — eu disse antes de sair do porão. Domenico e seus homens supervisionariam a limpeza.

Peguei o elevador até minha cobertura, sentindo o cheiro de sangue no nariz. Angelo me mandou uma mensagem avisando que eles iriam jantar com Sienna, então eu sabia que o apartamento estaria vazio.

A raiva pulsou através de mim enquanto eu estava no chuveiro, água fria escorrendo pelo meu corpo. Normalmente, eu ia para a academia para aliviar minha raiva, ou encontraria alguém para foder, mas no fundo, eu sabia que nenhuma dessas opções me acalmaria esta noite. Me vesti, tirando o paletó e arregaçando as mangas, e depois desci para o andar de Sienna.



— Matteo!

A saudação alegre de Sofiya torceu meu interior. Quando foi a última vez que alguém ficou tão animado em me ver? Não minha irmã, que eu afastei durante anos, ou meus homens, que respondiam a mim com respeito e uma ponta de medo, e certamente não meus inimigos, que me chamavam de Anjo da Morte.

Sentei-me ao lado de minha esposa, atraído como um planeta em sua órbita. Suas bochechas estavam coradas, os olhos brilhantes, e percebi que ela estava embriagada. Levantei uma sobrancelha para Romeo, que estava enchendo seu copo com saquê, e ele apenas sorriu.

— Tem certeza de que não quer mais nada para comer? — Sienna perguntou a Sofiya, que balançou a cabeça.

— Confie em mim, estou satisfeita.

— Desculpe por fazer você comer tanto. Eu tinha certeza de que haveria pelo menos um de que você gostaria. — Sienna disse fazendo beicinho.

Sofiya encolheu os ombros. — Tudo bem. Isso pode contar para minha Lista de Sonhos, então valeu a pena.

Angelo ergueu as sobrancelhas. — Lista de Sonhos?

— Há cerca de um ano, Mila e eu fizemos uma lista de coisas que queremos fazer antes de morrer. Passamos a maior parte dos nossos dias presas dentro de casa, então tivemos muito tempo para debater. Uma das minhas coisas na lista é tentar algo novo todas as semanas durante um ano. Então esta semana pode ser sushi.

Havia uma leveza nela que eu não tinha visto antes. Eu me peguei querendo passar os dedos por sua pele, colocar uma mecha de cabelo loiro brilhante atrás da orelha dela e saber cada item de sua lista.

— Que outras coisas novas você tentou? — Romeo perguntou.

— Casar — disse ela, olhando para mim com um rubor nas bochechas.

— Essa é uma ideia tão divertida. Quero fazer uma lista assim. O que mais há na sua? — Sienna perguntou.

— Umm, um monte de coisas. — disse Sofiya, subitamente tímida. — Como comprar um cachorro, ir à Disney World, ver o oceano, coisas assim.

As coisas em sua lista eram tão *inocentes*. Como algo tão doce e puro veio de Rustik?

Peguei um conjunto de pauzinhos e comi um rolinho californiano enquanto os outros conversavam sobre o que colocariam na lista. Sofiya arrumou os pedaços restantes de sushi em um prato e colocou-o na minha frente. Senti uma vibração estranha no peito. Ela cuidou de mim como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Terminei de comer e fomos para a sala. Acabei ao lado de Sofiya no sofá. Ela se enrolou debaixo de um cobertor e minha pele coçou com o desejo de puxá-la contra mim. Fiquei impressionado com a sensação de que iria contaminá-la ao tocá-la. Minha vida era aquela em que minha pele ficava regularmente marcada com sangue. A dela era aquela em que ela sonhava em ter um cachorro e tocar o oceano.

Romeo tirou uma almofada floral de uma poltrona de couro e sentou-se. — Então, o que você está achando da máfia italiana, Sofiya?

— Até agora, tudo bem. — ela respondeu com um sorriso. — E ontem à noite assisti *O Poderoso Chefão* para pesquisa.

Angelo deu uma risada, fazendo-o engasgar com a bebida. Romeo deu um tapa nas costas dele.

— Sim, essa foi basicamente a reação de Matteo. — Ela olhou para mim com um sorriso. — Mas pensei que fosse educativo.

Sienna levantou uma sobrancelha para mim. — Parece que você teve uma noite de cinema aconchegante.

Eu a encarei com uma carranca, mas o sorriso não desapareceu de seus lábios.

— Eu fiz pipoca caramelada. — disse Sofiya.

— Parece que precisamos de uma noite de cinema na casa dos Rossis. — Romeo disse com um sorriso travesso.

— Isso seria tão divertido. — disse ela. Então ela bocejou pela terceira vez.

Eu me levantei. — Hora de ir.

Todos nós fomos para o corredor e notei a velha cadeira de rodas de Sofiya ali.

— O que isso está fazendo aqui?

— Romeo e eu estávamos correndo. — disse ela. — Eu o esmaguei, é claro. Oh! E praticamos alguns movimentos. Olha o que eu sei fazer. — Ela voltou para os pneus traseiros, com um enorme sorriso no rosto. Mas eu estava à beira de um maldito ataque cardíaco.

Imagens dela perdendo o equilíbrio e caindo no chão passaram diante dos meus olhos. — Pare com isso. — eu rosnei, correndo para o lado dela e forçando-a a voltar sobre quatro rodas.

Ela olhou para mim com um beicinho adorável.

— É muito perigoso. Você vai se machucar.

— Mas eu parecia bem, certo?

Belisquei a ponta do meu nariz. — Você sempre parece bem, *Tesoro*. — murmurei.

Com base nas expressões atordoadas de todos, falei alto o suficiente para que eles ouvissem.

— Vamos. — eu disse, irritação transparecendo na minha voz.

Sienna apertou Sofiya em um abraço apertado e meu corpo vibrou com algo que parecia estranhamente com ciúme. Eu bufei e entrei no elevador, batendo o pé com impaciência.

Sofiya se juntou a mim, dando a todos um doce aceno antes de as portas se fecharem.

Naquela noite, não consegui dormir. Pela primeira vez, não eram meus pesadelos que me mantinham acordado. Eram pensamentos sobre Sofiya, imaginando o que mais havia em sua lista e quais itens eu poderia ajudá-la a marcar.

Eu poderia fazer qualquer coisa para garantir que ela estivesse sempre tão feliz em me ver quanto estava esta noite.

E o pensamento me assustou pra caramba.



Sofiya e eu entramos no ritmo.

Todas as manhãs, eu acordava cedo e ia para a academia, malhando até ouvi-la se movimentar na cozinha. Então entrava no chuveiro e me masturbava - definitivamente fantasiando com minha esposa o tempo todo - até eu gozar na parede de azulejos. Então me vestia com um dos meus ternos pretos idênticos e me preparava antes de ir para a cozinha, onde ela estaria preparando algo para o café da manhã.

Alguns dias atrás, eram rolinhos de canela. Ontem foi uma espécie de panqueca russa.

Esta manhã ela já estava sentada em um banquinho da cozinha, com um prato de waffles à sua frente. Amaldiçoei-me por me mover muito devagar esta manhã. Eu sentia falta de vê-la se movimentar pela cozinha como se ela pertencesse aqui, em nossa casa.

— Bom dia. — ela disse docemente.

Eu grunhi e me servi de uma xícara de café.

— Talvez você ficasse menos irritado de manhã se dormisse até tarde. — disse ela, com um sorriso brincando em seus lábios.

Eu fiz uma careta. — Haverá uma entrega para você esta tarde.

— O que você quer dizer? — ela perguntou, levantando os olhos do café da manhã. O banco da cozinha em que ela estava tinha encosto, mas mesmo assim, eu não conseguia tirar da minha cabeça a imagem dela caindo dele. Mudei-me para ficar atrás dela, colocando meus braços em volta de seu peito.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, diversão clara em sua voz.

— Nada. — eu disse com uma carranca.

Ela apenas cantarolou e pegou outro pedaço de waffles. Mas em vez de levá-lo aos lábios, ela se virou e segurou o garfo perto dos meus. Meus lábios se separaram por vontade própria e comi o waffles, mastigando-o lentamente.

Fiquei tão chocado com meu próprio comportamento que quase não vi o sorriso aparecendo nos lábios de minha esposa. Ela comeu um pouco antes de levar o garfo aos meus lábios novamente. Eu deveria recusar. Dons da Máfia não comiam waffles. Mas, novamente, encontrei meus lábios se abrindo e xarope de bordo explodindo na minha língua.

— O que é essa entrega?

Pisquei, tentando lembrar sobre o que estávamos conversando. Sinceramente, eu não tinha certeza se conseguiria lembrar a porra do meu próprio nome agora.

— Certo — eu disse, limpando a garganta. — Você terá que esperar para descobrir.

— Muito misterioso. — Ela se recostou em meu peito com um sorriso e eu a abracei com mais força. Só para ter certeza de que ela não cairia. Seu corpo era tão macio contra o meu, encaixando-se no meu peito como se ela tivesse sido feita para mim.

— O que devo assar hoje? Alguma solicitação?

Comi outro pedaço de waffles do garfo dela. — Eu não como doces.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Certo. Um Made Men provavelmente só consome proteína em pó e pregos de aço.

Eu grunhi. Seu lindo sorrisinho roubou todas as minhas palavras.

— Eu tenho que ir. — E mesmo assim meus pés ficaram colados ao chão.

Sofiya se contorceu em meus braços. — Eu espero que você tenha um bom dia. Faça um bom trabalho na Máfia.

Meus olhos foram para seus lábios... rosados, carnudos e perfeitos. Soltei-a, afastando-me da cozinha antes de ceder à tentação de beijá-la.



Sorri quando a porta se fechou atrás de Matteo. Meu marido podia fingir ser frio e distante, mas eu ainda conseguia sentir o fantasma do seu toque na minha pele. Isso me fez desejar mais... mais do que amizade. Eu queria tudo e estava começando a pensar que poderia ser possível.

Terminei o café da manhã e me arrumei. Eu queria experimentar um novo penteado... uma trança em forma de coroa. Mila e eu passávamos horas arrumando o cabelo uma da outra para passar o tempo. Tive que fazer muitas pausas porque meus ombros estavam doendo, mas achei a trança muito fofa.

Troquei minha cadeira de rodas pelo andador e voltei para a cozinha, olhando algumas receitas que salvei no meu telefone. Não consegui descobrir o que queria fazer e o silêncio do apartamento parecia muito alto. Fui até a porta da frente e espiei para encontrar Angelo em seu posto.

— Bom dia, bella. Você está bem?

— Estou bem. Eu só estava... — Hesitei. Eu estava sendo carente e estúpida?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você quer entrar?

Agora era hora de ele parecer inseguro. Seria porque ele não queria ou porque não deveria? Seria desolador se ele realmente preferisse ficar em um saguão vazio por horas a passar um tempo comigo.

— Você pode me proteger mais facilmente por dentro, certo?

Ele bufou um sorriso. — Eu acho que isso é verdade. Irei passar um tempinho, se é isso que você quer.

Eu sorri para ele, abrindo mais a porta para que ele pudesse passar sua grande estrutura.

— Eu ia assar alguma coisa. Você acha que Matteo gostaria mais de cannolis tradicionais? Provavelmente certo? Tive uma ideia de cupcakes de cannolis que achei super fofo. — pensei.

Angelo riu. — Não tenho certeza se o chefe gosta muito de sobremesas.

Eu sorri para mim mesma. Parecia que meu marido escondia seu amor por doces de todos, menos de mim. No dia seguinte à nossa noite de cinema, acordei e encontrei a tigela de pipoca vazia. A princípio pensei que Matteo devia ter jogado fora o milho caramelado, mas não estava no lixo. Tive uma leve suspeita de que meu marido havia comido tudo.

— Ele parece gostar das coisas que eu faço.

— Tenho certeza que sim. — disse Angelo, lançando-me um olhar astuto.

Comecei a fazer recheio de cannolis enquanto Angelo escolhia algumas músicas, eventualmente, o atraiu para um jogo de “você prefere”.

— Por que diabos você prefere ficar presa em algum planeta alienígena do que conhecer o Pé Grande? — Angelo perguntou.

— Eu disse que só escolheria se eles fossem alienígenas sensuais.

— Alienígenas *sensuais*?

— Leia um livro, Angelo. O romance com alienígenas é muito popular.

Ele revirou os olhos e roubou outro cannoli pronto do balcão. Só então, a porta do apartamento se abriu e ouvi o som de passos antes de um cachorro aparecer no corredor. Era um lindo golden retriever com olhos brilhantes e cauda abanando. E ele estava usando um colete de cão de serviço⁷.

— Oh, olá. — Eu disse enquanto o cachorro se aproximava de mim e colocava a cabeça no meu colo. — De onde você veio?

Matteo entrou na cozinha. — Vejo que você conheceu o Macarrão.

Eu dei a Matteo uma expressão confusa. — Macarrão?

— Eles disseram que não poderíamos mudar o nome dele. — disse ele, parecendo incomodado. — Mas ele era o melhor que eles tinham. Passou em todos os seus testes.

Olhei de volta para o colete de cão de serviço de Macarrão. — Você está dizendo... — Eu parei, não querendo falar as palavras em voz alta, caso eu estivesse enganada.

— Este é o seu cão de serviço.

Meus lábios se separaram. — Você me deu um cão de serviço.

Matteo cruzou os braços. — Sim.

Meu marido parecia tão severo como sempre, mas por dentro meu coração estava derretendo. — O quê? Por quê?

— Conseguir um cachorro estava na sua lista, e achei que você poderia muito bem comprar um que fosse útil.

Um nó subiu na minha garganta. Eu conhecia Matteo há apenas algumas semanas e ele já havia demonstrado mais interesse em minhas necessidades e em tornar minha vida mais fácil do que qualquer pessoa no mundo, além de minha irmã.

— Ajude-me a levantar. — eu disse, estendendo meus braços para ele.

— O quê?

— Ajude-me a levantar. — repeti.

— Por quê? — Ele resmungou, mas fez o que eu pedi, me levantando da cadeira de rodas. Meus pés mal tocaram o chão e eu estava firmemente grudada em seu corpo.

— Porque eu queria dizer obrigada. — murmurei. Passei os dedos pelos seus cabelos, saboreando o quão macios eram os fios. Sua mandíbula estava cerrada e se eu não estivesse observando meu marido tão de perto nos últimos dias, teria pensado que ele estava com raiva de mim.

Mas eu sabia melhor agora.

Passei minhas mãos pelo seu rosto antes de segurar sua mandíbula e puxá-lo para mais perto. Antes que eu pudesse me questionar, meus lábios estavam contra os dele. No início, ele estava imóvel, uma estátua congelada enquanto eu o beijava. Um fio de insegurança envolveu meu peito. Ele não queria me beijar. Não *me* queria.

Fui me afastar, mas então ele rosnou e pressionou minhas costas contra a parede. Seus lábios eram macios e firmes ao mesmo tempo, sua língua exigindo entrar em minha boca. Gemi com o gosto dele, com a sensação de seu controle e domínio. Seu joelho deslizou entre minhas pernas, pressionando meu sexo, e eu respirei fundo.

Um focinho frio e úmido cutucou minha perna e interrompi o beijo com uma risada. — Acho que Macarrão está com ciúmes.

Matteo resmungou, mas havia leveza em seus olhos. Olhei em volta e percebi que Angelo devia ter escapado em algum momento. Matteo me carregou até o sofá e me sentou delicadamente, mas permaneceu de pé. Chamei Macarrão e dei um tapinha na almofada ao meu lado. Ele não perdeu tempo pulando ao meu lado e se aconchegando ao meu lado.

— Ele deveria estar no sofá? — Matteo perguntou, franzindo a testa.

— Você vai dizer não para esse rostinho? — Apertei as bochechas de Macarrão entre as mãos e nós dois olhamos para Matteo com olhos grandes e tristes.

— Porra. — ele murmurou, passando a mão pelo cabelo.

Pressionei meu sorriso no pelo macio de Macarrão. — O que ele foi treinado para fazer?

— O pessoal dos cães virá amanhã trabalhar com vocês dois. — disse ele. — Mas ele pode conseguir coisas como sua bolsa de remédios, abrir portas, ajudá-la a se equilibrar e obter ajuda se precisar. Perguntei sobre o treinamento de cães de ataque, mas disseram que ele não tinha nenhum. Teremos que corrigir isso.

Eu suspirei. — Você não está ensinando Macarrão a atacar pessoas. — O cachorro em questão abanou o rabo, a língua pendurada para fora da boca enquanto olhava entre nós dois.

Matteo passou a mão pelo rosto. — Não com esse maldito nome, eu não posso.

Eu sorri. — Macarrão é perfeito do jeito que é. — Passei a mão pela sua pelagem macia e Macarrão se inclinou ao meu toque, parecendo feliz. — Você não é o melhor garoto? Meu doce bebezinho.

— Ele não é seu bebê. — disse Matteo, cruzando os braços. — Ele é um funcionário.

Eu bufei enquanto Macarrão deitava a cabeça no meu colo. — Acho que alguém está com ciúmes. — sussurrei conspiratoriamente

enquanto acariciava seu pelo macio.

— Não tenho ciúmes de um cachorro.

Estendi minha mão para meu marido. Sua testa franziu em confusão, mas ele aceitou e eu o puxei para o meu lado. Ele sentou-se bufando, desabotoando o paletó. Prendi a respiração quando descansei minha cabeça em seu ombro, pronta para ele se afastar a qualquer momento. Mas ele não se afastou. Ele apenas se mexeu na almofada do sofá e colocou o braço em volta de mim.

Fechei os olhos e pensei que poderia me acostumar com isso: ser abraçada e cuidada. Depois de anos sentindo apenas o toque de Mila, eu estava faminta por isso, desesperada para absorver qualquer conforto que pudesse obter.



Eu estava tirando o dia de folga.

Não conseguia me lembrar da última vez que tirei um dia de folga.

Quando contei a Romeo ontem, antes de sair do escritório, sua expressão chocada se transformou em um sorriso travesso. Ele até me mandou uma mensagem esta manhã, me desejando um dia feliz com minha esposa.

Eu não tinha respondido. Eu não estava aqui por ela. Eu precisava supervisionar os treinadores de cães de serviço. Este era o último dia em que trabalhariam com Sofiya e Macarrão.

— Eu estava pensando que talvez pudéssemos ir ao parque depois que o pessoal dos cães de serviço fosse embora? Se você não tem outras coisas para fazer? — A doce voz de minha esposa interrompeu minha reflexão e levantei os olhos do café da manhã.

— O parque?

— Hum, sim. Central Park? Nunca fui e não sei, parece bonito nos filmes. Aposto que Macarrão iria gostar. Pensei que poderíamos dar

uma volta e comprar um cachorro-quente.

Suas bochechas coraram tão lindamente quando ela disse isso, mas meus lábios se curvaram em uma carranca. Ela queria ir ao Central Park comer um cachorro-quente? Eu não conseguia me lembrar da última vez que fui ao parque. Não era como se eu tivesse algum negócio lá, e era muito exposto para o meu gosto. A cidade inteira era meu território, então, em teoria, deveria ficar tudo bem. Seguro. Mas imaginar Sofiya ali, no mundo onde eu não conseguia controlar tudo, fez meu peito apertar. Esfreguei distraidamente.

— Está tudo bem. — ela disse, eu percebi que estava sentado em silêncio há muito tempo. — Tenho certeza que você tem coisas mais importantes para fazer. — Seu sorriso era frágil e ela não conseguia encontrar meu olhar. Meu coração batia mais rápido, cada batida enviando um choque de dor através de mim porque eu causei isso, e nada no mundo estava certo quando meu *tesoro* estava triste.

— Meus homens precisarão examinar a área para onde estamos indo antes de chegarmos e ficarão de olho em nós o tempo todo. — eu disse rispidamente. Um sorriso transformou o rosto de Sofiya e eu queria gravar isso em minha mente para sempre.

— Realmente? Nós podemos ir?

Balancei a cabeça para suas panquecas. — Você precisa tomar seu café da manhã. Iremos esta tarde.

Talvez eu pudesse convencê-la a ir a um bom restaurante. Algum lugar impressionante que mostrasse como eu poderia cuidar dela. Sua mão deslizou na minha e ela se encostou em meu ombro. Congelei com o contato inesperado, desejando desesperadamente não estar usando esse paletó. Eu queria sentir o calor da pele dela contra a minha.

— Obrigada. — Suas palavras foram suaves quando ela inclinou a cabeça para encontrar meu olhar.

Eu me esforcei para dizer alguma coisa, mas minha boca estava tão seca que minhas palavras ficaram presas na garganta. Então tudo que fiz foi grunhir e puxar a cadeira dela para mais perto de mim. Agora

nossas laterais estavam pressionadas uma contra a outra. Um sorriso surgiu em seus lábios quando ela pegou o garfo para voltar a comer. Mantendo a mão esquerda na minha o tempo todo.



Matteo insistiu que levássemos minha cadeira de rodas ao Central Park. Foi uma decisão inteligente, já que nosso passeio exigiria muita caminhada, mas foi uma surpresa que ele quisesse ser visto em público comigo e com minha cadeira.

Um alarme de carro me fez pular, e Matteo apertou ainda mais minha nuca. Olhei para ele, meus olhos demorando-se nas linhas duras de sua mandíbula. Ele estava de terno hoje, mas sem gravata, e os primeiros botões estavam desabotoados, dando-me uma visão de sua pele dourada.

Estávamos do lado de fora do apartamento, que ficava no lado oeste do parque, enquanto esperávamos que nossos guardas terminassem de proteger a área. Eu tinha certeza de que Matteo recusaria esse passeio. Por que ele iria querer exhibir sua esposa danificada? Mas enquanto estávamos ao sol na beira do parque, perguntei-me se meu marido teria hesitado em sair porque estava preocupado com a segurança. Minha segurança.

Matteo se aproximou ainda mais de mim, seus olhos examinando a rua e sua mão se contorcendo em direção à arma sob seu paletó, como se os inimigos estivessem prestes a saltar sobre nós. Sua preocupação enviou calor à minha barriga e ajudou a dissipar minha impaciência enquanto esperávamos.

O rabo de Macarrão abanou enquanto ele observava todas as pessoas na calçada. Ele estava sentado ao lado da minha cadeira como o bom menino que era, exibindo o colete. Um grupo de crianças em idade escolar gritou e riu ao passar por nós, muitas delas parando para acenar para ele. Acariciei sua cabeça, sorrindo com o quão orgulhoso ele parecia com a atenção. Como ele reagiria se eu tivesse um filho? Eles seriam melhores amigos? Meu coração doeu de saudade ao imaginar um bebê de cabelos castanhos e olhos escuros.

Tirei a fantasia da minha cabeça.

— Vamos ficar aqui o dia todo? — Agarrei a mão de Matteo, sentindo-me viciada em segurá-la depois desta manhã.

Meu marido mal-humorado soltou um suspiro sofrido, apertando minha mão com força enquanto passava a outra pelo cabelo já bagunçado. Ele olhou para Angelo, que lhe deu um aceno de cabeça. Eles devem ter decidido que a área era segura o suficiente. — Tudo bem. Vamos comer... cachorro-quente.

Eu bufei uma risada diante de sua mandíbula cerrada. Ele tentou me convencer a ir a vários restaurantes altamente conceituados, mas eu recusei. Sempre quis comer um cachorro-quente de Nova Iorque... estava na minha Lista de Sonhos. Tive que soltar sua mão para guiar minha cadeira até o carrinho de cachorro-quente mais próximo, desejei que pudéssemos ser como um casal normal e dar as mãos enquanto caminhávamos. Como se Matteo sentisse minha tristeza, sua mão pousou levemente em meu ombro e apertou-o. Ele manteve a mão ali, olhando para qualquer um que estivesse no meu caminho enquanto andávamos pela calçada.

— O que você quer? — ele me perguntou com uma carranca sombria enquanto olhava o menu de fotos do vendedor.

— Um cachorro-quente com ketchup e Coca-Cola.

Sua expressão ficou incrédula. — Você quer um cachorro-quente simples com ketchup?

— Sim — respondi afetadamente.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Não tenho certeza se posso permitir isso, *tesoro*. Tenho quase certeza de que é lei que cachorros-quentes devem ser servidos com mostarda e temperos.

Meu coração pulou uma batida. Meu marido, o Don da Máfia, acabara de contar uma piada.

— Ainda bem que meu marido não está comprometido em seguir a lei. — Mantive o rosto sério, mas tive vontade de cantar, dançar, levantar o punho no ar, principalmente quando o canto da boca de Matteo se contraiu.

— Tudo bem. — ele bufou.

— Oh, deveríamos ver se Angelo quer um. — Olhei em volta, avistando meu guarda a cerca de três metros de distância. Acenei para ele enquanto Matteo rosnava. Eu perguntei a Sienna por que Matteo não gostava de Angelo, e ela pareceu tão confusa. Ela disse que Angelo salvou a vida de Matteo e que ser designado para mim foi uma grande honra para o jovem guarda. Tive de concluir que meu marido poderia se sentir um pouco possessivo em relação a mim, e esse pensamento me deixou tão feliz que poderia levitar.

— O que você precisa, *princesa*? — Angelo perguntou, abaixando-se para ficarmos no mesmo nível dos olhos.

— Eu só estava me perguntando se você queria um cachorro-quente.

Angelo sorriu, ignorando o rosnado contínuo de Matteo. — Eu já comi, mas obrigado. — Ele piscou para mim antes de se afastar, deixando-me sozinha com meu marido ranzinza, que gritou seu pedido para o dono da barraca. Agarrei sua mão, entrelaçando meus dedos com os dele, segurando firme até que nossa comida estivesse pronta.

Matteo pediu quatro cachorros-quentes... três com tudo e um com ketchup. Estendi a mão para pegar os dois refrigerantes e colocá-los no colo enquanto meu marido equilibrava nosso almoço nas mãos. Fiz sinal para Macarrão começar a andar enquanto íamos para o parque.

Instantaneamente, parte do barulho da rua desapareceu quando entramos em um corredor de árvores e vegetação. Matteo acompanhou seus passos ao meu ritmo lento, permitindo-me observar todas as estátuas e flores.

— Parece outro mundo aqui. — suspirei. Mila e eu sempre sonhamos com os lugares que queríamos viajar. Passamos os últimos anos assistindo a reprises de *Friends*, então Nova Iorque estava no topo da nossa lista. Engoli o nó na garganta por ela não estar comigo para ver isso.

Ele me guiou até um banco vazio. — Onde você quer sentar?

Olhei para o banco. Não parecia super confortável. Decidi manobrar minha cadeira até a ponta do banco para que ainda pudéssemos ficar um ao lado do outro. Matteo sentou ao meu lado e me entregou meu cachorro-quente.

Deixei escapar um zumbido feliz na primeira mordida.

— É tudo o que você sonhou? — Matteo perguntou secamente.

Balancei a cabeça com entusiasmo. — Melhor cachorro-quente que já comi.

— Experimente um pouco do meu. — ele ordenou.

Franzi o nariz enquanto observava a cobertura do cachorro-quente que ele estava segurando. Eu não tinha certeza do que aconteceu comigo quando me inclinei e dei uma mordida em sua mão, mantendo meus olhos nos dele o tempo todo. Seus olhos ficaram escuros e quentes, e minhas bochechas coraram. Eu pretendia que o movimento fosse provocativo, mas o ar entre nós parecia carregado de necessidade. Deus, era possível que meu marido me quisesse?

— Como é? — ele perguntou, sua voz rouca.

Recostei-me, mastigando pensativamente. — Nojento. — Tomei um longo gole de Coca-Cola e Matteo deu uma risada. Me juntei a ele e pode ter sido o melhor momento da minha vida.

Comemos em silêncio e eu fingi não notar enquanto meu marido dava pequenos pedaços de comida para Macarrão.

Terminamos o almoço e Matteo jogou nosso lixo fora. — Você gostaria de explorar mais?

Por um minuto, minha mente imaginou como seria tirar a roupa dele e explorar cada centímetro de seu corpo, permitindo que ele fizesse o mesmo comigo. Limpei a garganta. — Sim, por favor.

Fiz um sinal para Macarrão se levantar de seu lugar ao lado da minha cadeira, e ele se espreguiçou um pouco quando veio para o meu lado. Eu o tinha há apenas alguns dias e não conseguia imaginar minha vida sem ele. Sem meus dois rapazes.

As mãos de Matteo pairaram sobre as alças da minha cadeira, mas ele não as agarrou, não assumiu o controle e me empurrou, e meu coração se aqueceu. Ele estava me ouvindo, embora eu soubesse que ele queria assumir o controle.

— Você acha... — comecei antes de parar, subitamente nervosa.

Sua mão segurou minha bochecha, seu polegar acariciando minha mandíbula. — O que foi, *Tesoro*?

— Poderíamos tentar dar as mãos enquanto caminhamos? — Não tive a chance de realmente testar minha assistência motorizada do lado de fora, mas só tinha que dirigir com uma mão quando a usava, deixando a outra livre.

O aperto de Matteo em meu rosto aumentou um pouco quando alguma emoção passou por seus olhos tão rapidamente que quase não tive certeza se era real. Ele se inclinou e deu um beijo carinhoso na minha testa. Então ele se endireitou, pegou minha mão e seguimos pelo parque.





Passei a noite toda tentando me decidir.

Minha mão esteve na maçaneta dela duas vezes antes de eu voltar atrás.

Embora Sofiya e eu tivéssemos ficado juntos o dia todo, de alguma forma não foi suficiente. Eu queria estar ao lado dela na cama, nossos corpos nus pressionados um contra o outro. Eu queria o sabor da sua doçura nos meus lábios, a sensação da sua pele contra a minha. Eu queria empurrar dentro dela, sentir sua boceta apertar meu pau enquanto ela gemia de prazer.

Já fazia muito tempo desde que eu fodi alguém. Essa devia ser a razão do meu estado mental atual. Mas mesmo enquanto esse pensamento passava pela minha cabeça, eu sabia que não estava certo. A verdade estava lentamente se tornando conhecida.

Eu *gostava* da Sofiya. Era divertido estar perto dela. Seu rápido senso de humor, murmúrios atrevidos e seu sorriso *brilhante* fizeram algo comigo.

Isso me fez sentir fora de controle e não gostei.

Então, quando Romeo me ligou antes do nascer do sol, eu já estava acordado. E agora eu estava olhando para um caminhão em chamas, cortesia dos albaneses. Cada lambida das chamas alimentou minha raiva.

— Como diabos eles descobriram sobre esse transporte? — Eu perguntei a Romeo.

— Bianchi está desaparecido — disse ele. — Os únicos que sabiam disso eram o círculo interno, o motorista, Bruno e Bianchi. O motorista e Bruno estão mortos.

— Como eles chegariam até ele? — Eu sibilei. Não fazia sentido que Bianchi fosse informante dos albaneses. Ele era um garoto jovem, leal à Família. Quando seu pai morreu de ataque cardíaco, alguns anos atrás, eu me certifiquei de que sua mãe e sua irmã tivessem sustento. Como pude não perceber que ele era um traidor?

— Eu não sei — disse Romeo, com exaustão pesada em sua voz. — Mas agora Arben tem meio milhão em armas.

O primeiro raio de sol irrompeu no horizonte, banhando o mundo de vermelho.

— Eles sabem que Bianchi não pode continuar sendo informante depois disso, o que significa que ou cometeram um erro ao expô-lo ou temos uma infestação de ratos. — eu disse.

Romeo assentiu. — Você quer criar trilhas com iscas?

— Com a corrida de drogas da próxima semana. E... — minha mandíbula se apertou, sem vontade de pronunciar as palavras — ...vou pedir a Rustik que nos forneça homens também. Teremos mais atenção aos trânsitos de isca dessa forma. — Os albaneses provaram ser mais astutos do que eu esperava e eu não cometeria o mesmo erro novamente. Mas a ideia de pedir ajuda ao Pakhan, principalmente depois de saber como ele tratou Sofiya, era como cinza na minha boca.

A aliança estava fazendo o que eu precisava: evitar que tivéssemos que travar uma guerra em duas frentes. Agora que tínhamos paz com os russos, poderíamos concentrar a nossa energia nos albaneses.

Mas ainda estava tentado a dizer a Rustik para ir se foder. Ele não merecia respirar depois de como tratou sua filha.

— Acho que você tem que tirar algum proveito do fato de ser casado. — murmurou Romeo.

Virei a cabeça em direção ao meu segundo em comando, que imediatamente percebeu seu erro. Ele ergueu as mãos à sua frente em um gesto apaziguador.

— Não quero dizer nada contra sua esposa, *fratello*.

— Este não é o dia para me testar. — eu disse. — Limpe isso para que possamos ir embora.

Esfreguei meu peito, mesmo sabendo que o estranho aperto não iria se dissipar até que eu estivesse de volta com Sofiya. Um dos meus soldados me traiu. Um carregamento vital de armas desapareceu. Arben estava me fazendo parecer um idiota. Mas o que mais me deixou com raiva foi que isso me afastou de minha esposa. Eu não conseguiria vê-la acordar esta manhã, toda bagunçada e amarrotada. E por isso, os albaneses precisavam morrer.



— O que você quer, Angelo? — Olhei para a vitrine de doces, com água na boca ao ver todos os bolos diferentes. Esta era uma das padarias mais populares da cidade e eu queria experimentar de tudo para me inspirar.

— Eu não preciso de nada, *bella*.

Olhei para Angelo. Ele estava segurando minha cadeira, seus olhos vagando pela loja movimentada.

— Claro que você precisa. Se eu não gastar muito dinheiro, Matteo vai gritar comigo.

Angelo bufou. — Como se o chefe fosse gritar com você. — Ele olhou para a vitrine. — Apenas me traga o que você acha que será melhor, não que seja melhor do que o que você cozinha.

Minhas bochechas coraram com o elogio. — E se comprarmos um de cada coisa? — Era excessivo, *extravagante*, mas eu queria experimentar de tudo. E estávamos apoiando uma pequena empresa.

— Bom plano, Sra. Rossi. — disse Angelo com um sorriso. Então seus olhos voltaram para a porta por onde entravam dois empresários. — Mas talvez devêssemos levá-los de volta para o apartamento.

— Algo está errado?

— Não. — ele disse rapidamente.

— Convincente.

Matteo já tinha saído quando acordei esta manhã. Quando perguntei a Angelo onde ele estava, ele tinha acabado de murmurar algo sobre o Don precisar verificar alguma coisa no norte do estado, mas estava claro que ele estava nervoso.

— O que está acontecendo?

Os olhos de Angelo percorreram o café. — Aqui não. Vamos pegar as coisas e ir embora.

Os olhos da garota tatuada no balcão se arregalaram quando eu pedi um de cada, mas consegui impedir que minha mão tremesse quando toquei no meu cartão de crédito. Era mais do que eu já havia gasto, e esperava que Matteo tivesse falado sério quando disse que queria que eu gastasse seu dinheiro.

— Talvez precisemos fazer duas viagens até o carro. — Olhei para a crescente torre de caixas de doces.

Angelo grunhiu, sua postura ainda tensa. Quando as caixas ficaram prontas, ele ajudou a empilhá-las no meu colo e pendurou uma sacola na alça da minha cadeira.

— Veja, essa é a vantagem da cadeira de rodas. — eu disse, ganhando um pequeno sorriso de Angelo.

Macarrão farejou sutilmente as caixas e eu dei a ele um olhar severo. Ele rapidamente se recostou, os olhos cheios do remorso adorável, mas um pouco comovente, que só um cachorro consegue ter. Sua expressão rapidamente mudou para um suspiro feliz enquanto eu acariciava sua cabeça e lhe dava um presente.

— Vamos — disse Angelo ríspidamente.

A tensão que irradiava de seu corpo me deixou nervosa, e eu estava pronta para voltar para casa, no apartamento com Matteo, de qualquer maneira. Estava ficando mais difícil ficar longe dele. Nosso dia de ontem foi perfeito. Ele ainda demonstrava pouca afeição externa, mas rachaduras apareciam em seu escudo geralmente impermeável. Eu queria ver o que mais eu poderia conseguir dele.

Segui Angelo para fora da padaria, gritando “obrigada” por cima do ombro para a garota no balcão.

Antes que eu pudesse contornar todos na calçada, uma maldição saiu dos lábios de Angelo. — Porra!

Meu coração pulou na garganta quando sua mão agarrou minha nuca.

— Abaixese, Sofiya! — ele gritou, me empurrando para o chão. Soltei um grito baixo quando meu joelho bateu na calçada, a dor percorrendo minha perna como uma adaga. As caixas da padaria voaram. O que estava acontecendo? A confusão e a frustração me inundaram até ouvir os tiros.

Merda, merda, merda.

Minha frequência cardíaca disparou. Eu era um alvo fácil: sem armas, mal conseguindo me mover devido à dor na perna e completamente exposta na calçada. Eu cambaleei para frente e agarrei Macarrão, passando meus braços em volta dele e puxando-o para o chão. Ele lambeu meu rosto e soltou um gemido baixo, mas ficou comigo.

As pessoas corriam ao nosso redor e gritos enchiam o ar. O corpo de Angelo bloqueou o meu, seus braços erguidos enquanto ele respondia ao fogo contra quem estava atirando em nós do outro lado da rua.

— Precisamos chegar ao carro. — ele disse enquanto se agachava. Ele agarrou meu braço e me arrastou alguns metros até que o SUV à prova de balas nos oferecesse proteção. As balas atingiram o carro e

Angelo se abaixou para se proteger antes de disparar mais tiros. Mantive minha mão no arnês de Macarrão, certificando-me de que ele permanecesse abaixado.

— Ligue para o chefe. — insistiu Angelo, tirando o telefone do bolso e jogando-o para mim. — Agora, Sofiya.

Minhas mãos tremiam quando liguei para meu marido. Ele atendeu no segundo toque. — Pronto.

— Matteo. — Minha voz falhou e eu sufoquei um soluço.

— Sofiya? O que está errado? Onde está Angelo?

— Alguém está atirando em nós do lado de fora da padaria. Por favor, venha.



— *Por favor, venha.*

As palavras foram como uma adaga no meu coração. Ouvir o pânico na voz de Sofiya fez o suor arrepiar minha testa.

— Vá para a padaria. — gritei para Romeo, que estava dirigindo. Tínhamos acabado de voltar para a cidade e estávamos a poucos minutos do apartamento. Romeo acelerou e fez uma curva, indo em direção à padaria a alguns quarteirões de distância. Angelo havia combinado a viagem comigo esta manhã e eu disse que sim porque sabia que isso deixaria Sofiya feliz. E agora ela estava em perigo.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei com os dentes cerrados.

— O tiroteio parou. — ela sussurrou.

Houve um farfalhar e então Angelo estava ao telefone. — Três homens atiraram em nós. Matei dois, o terceiro fugiu. A polícia está a caminho.

Entramos no quarteirão onde ficava a padaria. As pessoas estavam amontoadas atrás dos carros e a rua estava estranhamente vazia para o meio-dia de Manhattan. As sirenes da polícia soaram à distância e eu praguejei. Pulei do carro antes que Romeo pudesse pará-lo completamente e corri em direção ao SUV preto que reconheci como um dos meus.

Contornei o carro e meu coração quase parou quando vi Sofiya esparramada na calçada, os braços em volta do cachorro. Angelo estava ao lado dela, ajudando-a a sentar-se. Uma forte explosão de alívio e gratidão me atingiu... ele não estava ferido e havia protegido minha esposa.

Ajoelhei-me no chão, apoiando as costas de Sofiya. — Porra, *tesoro mio*⁸. Você está machucada? — Eu não conseguia me lembrar da última vez que pareci tão em pânico, mas quando ela olhou para mim com lágrimas escorrendo pelo rosto, não consegui manter minha máscara no lugar.

— Chefe, precisamos ir. — disse Romeo, vindo atrás de mim. — Vou acalmar as coisas com a polícia, mas será mais fácil se você não estiver aqui.

Tínhamos a maior parte da força policial no bolso, mas um tiroteio durante o dia ainda era um desastre para encobrir.

Sofiya estava fazendo algo com o joelho, uma careta no rosto.

— Você está machucada? — Eu repeti. — Você pode se mexer?

— Estou bem. — disse ela. — Só tive que colocar meu joelho de volta no lugar.

Pisquei, olhando para o joelho coberto pela calça jeans. Quando ela o soltou, eu gentilmente a peguei em meus braços e Romeo abriu a porta traseira do carro para nós. Angelo sentou-se no banco do motorista para nos levar para casa, enquanto Romeo ficou para trás para conversar com a polícia. Passamos pelo primeiro veículo da polícia quando entramos na rua principal.

— Quem estava atirando em nós? — Sofiya perguntou com a voz baixa. Mantive meu toque o mais gentil que pude enquanto a segurava perto do meu peito. Pressionei meu rosto em seu cabelo, respirando seu perfume.

Eu poderia tê-la perdido.

— Albaneses — cuspi, odiando o quão áspera minha voz soava. Arben me fez de bobo. Ele sabia que eu iria para o norte do estado, deixando minha esposa exposta. Mas como ele sabia onde ela estaria?

Seus olhos estavam arregalados. — Por que eles faziam isso?

— Eu não sei, *tesoro*. — Tirei o cabelo do rosto dela. — Vou descobrir e eles vão pagar. — Eu não queria que ela ficasse assustada, mas era óbvio que os albaneses estavam mirando nela para chegar até mim. Isso é o que sempre temi quando considerei o casamento. Ficar muito exposto, muito vulnerável.

Eu fiz o meu melhor para criar distância entre nós nas últimas semanas, mas agora não conseguia suportar a ideia de ficar longe dela. Achei que manter distância me protegeria da vulnerabilidade, mas talvez isso apenas tivesse causado mais problemas para nós dois. Sofiya estendeu a mão hesitante e meus olhos se fecharam quando ela a passou em meu queixo.

— Macarrão foi um menino tão bom. — disse ela, mexendo-se no meu colo para poder acariciar o cachorro. — Você estava com medo, *malysh*⁹? Você foi tão corajoso.

Algo quente queimou em meu peito, e definitivamente não era ciúme do apelido que ela acabou de dar ao cachorro.

— Ele parece bem. — eu disse secamente. A língua de Macarrão estava pendurada para fora da boca enquanto ele inclinava a cabeça na mão de Sofiya.

Entramos na garagem subterrânea do apartamento e Sofiya ficou rígida. — Espere, alguém pegou minha cadeira de rodas?

Encontrei os olhos de Angelo pelo espelho retrovisor e ele balançou a cabeça. — Certifique-se de que Romeo a traga. — ordenei, e ele assentiu.

— Vou levar você para dentro. — Eu não tinha certeza se conseguiria soltá-la, mesmo que tivéssemos a cadeira dela.

Esperei para ver se ela protestaria, mas ela relaxou em meu abraço. A sensação de sua cabeça apoiada em meu peito acalmou algo dentro de mim.

— Angelo — disse Sofiya, estendendo a mão para o guarda quando saímos do carro. — Obrigada por me proteger. — Sua voz falhou e ela piscou rapidamente enquanto pegava a mão dele.

O fato de ele ter salvado a vida da minha esposa hoje foi a única coisa que me impediu de cortar a porra da mão dele. Eu queria ser o único que ela tocava.

— Claro, bella. — ele respondeu.

Eu apenas grunhi e fui em direção ao elevador com Sofiya em meus braços.

— Chame o médico. — eu gritei.

— Não preciso de médico. — protestou Sofiya.

— Não discuta — eu disse, lançando lhe um olhar severo. — Você não vai ganhar esta.

— Estou feliz que você saiba que vencerei a maioria das nossas discussões. — ela disse com simplificado.

Porra. Quase me senti tentado a sorrir enquanto o elevador subia até nosso apartamento.



Matteo não parava de se preocupar. Eu tinha três cobertores sobre mim e ele continuava me trazendo bebidas - água, chá, café, refrigerante e um copo grande de grappa - um forte licor italiano. A última me fez erguer uma sobrancelha, mas meu atormentado marido nem percebeu.

Eu estava aprendendo os sinais sutis de Matteo. Ele tinha uma expressão inflexível, seu tom severo e sério, mas não conseguia esconder como passava a mão pelos cabelos quando estava estressado, a forma como seus punhos cerravam de ansiedade e o leve enrugamento de seus olhos quando estava feliz. A cada bebida e comida entregue, a cada pergunta áspera sobre como eu estava, meu peito ficava mais quente.

Eu não tinha conseguido o casamento elaborado que sonhei, nem o noivo sorridente, nem a vida tranquila e pacífica no campo, mas cada vez mais pensava que tinha conseguido algo melhor.

— Você precisa de outro cobertor? — Matteo pairava sobre mim, mechas de cabelo bagunçadas caindo em sua testa e um olhar

ligeiramente enlouquecido.

A vontade de provocá-lo era forte, mas em vez disso estendi a mão.

— O que foi? O que é? — Matteo perguntou, olhando para mim.

Eu bufei uma risadinha e agarrei sua mão. — Não preciso de mais cobertores. Você vai se sentar comigo?

Seus olhos estavam fixos em nossas mãos unidas. Por um momento, pensei que poderia ter exagerado, mas então Matteo me deu um aperto. Eu o puxei e ele sentou ao meu lado no sofá. Seu corpo estava rígido enquanto ele mantinha espaço entre nós. Quando nos conhecemos, eu teria interpretado o comportamento dele como uma irritação comigo, mas estava ficando cada vez mais desconfiada de que meu marido pudesse gostar de mim.

Talvez se importasse comigo.

Mudei de posição na almofada até que nossos corpos estivessem pressionados um contra o outro. Quando ele não se afastou, descansei minha cabeça em seu ombro.

— O que você está fazendo, *tesoro*?

Ele poderia ouvir a maneira como meu coração batia forte com o termo carinhoso?

— Estou... me inclinando.

— Inclinando-se?

— Sim, eu disse.

— OK. Você se inclina o quanto quiser. — Ele ajustou seu corpo para que seu braço estivesse em volta de mim e então fui puxada contra seu peito. Ele era quente e reconfortante enquanto eu me derretia contra ele. Então sua mão deslizou pelo meu cabelo, e eu tive certeza de que realmente tinha morrido e que isso era o paraíso.

— Eu aceitarei levar tiros todos os dias se isso levar a isso. — eu disse, aconchegando-me ainda mais no abraço de Matteo.

Ele me abraçou com mais força. — Não brinque com isso.

Deslizei meu nariz pela coluna de sua garganta, me surpreendendo com minha ousadia. — Quem disse que eu estava brincando?

Ele suspirou. — Que tal eu prometer te abraçar todos os dias se você prometer não levar um tiro?

— Negócio fechado.

— Tem certeza de que não precisa de outro cobertor? — ele murmurou.

— Não quando você está aqui para me manter aquecida.

Ele passou a mão pelo meu braço. — Está com fome?

Inclinei minha cabeça para encontrar seu olhar e levantei uma mão hesitante para segurar seu rosto. Matteo se inclinou em minha mão e minha respiração acelerou. — Há algo que eu preciso.

— O quê? Qualquer coisa. — disse ele sério.

Mordi meu lábio, meu coração disparado. A adrenalina de antes deve ter confundido minha mente porque não havia como eu dizer isso em voz alta. — Um beijo.

Matteo piscou. — O quê?

— Eu quero um beijo.

Sua testa franziu e eu preendi a respiração, certa de que ele me rejeitaria. Mas então sua mão segurou meu rosto, seu polegar percorrendo minha bochecha. — Se é disso que você precisa, como posso recusar? — Então ele inclinou meu rosto, seus lábios encontrando os meus com uma suavidade que contrastava com sua aspereza típica, e me perguntei se esse era um lado dele guardado apenas para mim. Eu escolheria acreditar nisso, mesmo que não fosse verdade, porque a maneira como ele estava me abraçando era uma sensação que eu nunca queria esquecer.

— Porra, eu não deveria estar fazendo isso. — ele disse entre beijos famintos.

Eu choraminguei e passei os dedos pelos seus cabelos, dando-lhe um puxão. — Sim, você deveria.

— Você está ferida. — Ele pressionou beijos quentes em meu queixo.

— Eu não estou. — Coloquei meus braços em volta de seu pescoço e me sentei de lado em seu colo, sentindo seu pau duro pressionar minha coxa. A Dra. Amato enfaixou meu joelho para estabilizá-lo, mas, fora isso, eu estava completamente bem.

Ele gemeu, seus quadris dando um impulso involuntário contra mim. — Eu deveria estar cuidando de você.

— Você está cuidando de mim. — Movi meus lábios de volta para os dele e desta vez, passei minha língua ao longo da abertura de seus lábios. Eles se separaram com um gemido e então Matteo soltou sua fachada cuidadosamente curada, segurando meu rosto com uma mão e minha bunda com a outra.

Ele estava me devorando, sua língua quente pressionada contra a minha, sua mão enroscando-se em meu cabelo com um aperto ardente. Eu gemi e ele engoliu o som enquanto passava as mãos pelo meu corpo. Fiquei molhada e carente e de repente não conseguia parar de pensar em sentir meu marido dentro de mim. Seus dedos roçaram meus mamilos e meus beijos ficaram mais desesperados.

— Por favor. — eu ofeguei.

— O que você precisa?

— Você. Tudo. — Eu estava além de frases completas enquanto passava minhas mãos por seu peito. A cada movimento que eu fazia, eu estava preparada para a rejeição, para o momento em que meu marido percebesse que não queria isso, que não me queria. Mas o medo e a adrenalina da experiência de vida ou morte de hoje estavam mudando, transformando-me... incitando-me a ir atrás daquilo que me fazia sentir viva.

— Você quer que eu toque em você? — A voz de Matteo era baixa e rouca.

Sem hesitar, mudei de posição e fiquei montada nele. Arqueei-me contra ele e senti uma sacudida de prazer ao apertar minha boceta contra sua ereção, mas o movimento também causou uma dor em meus quadris que me disse que minhas articulações não estavam felizes por serem espalhadas em torno de meu marido largo.

— O que foi? — Matteo perguntou com a testa franzida.

— Nada...

— Não minta. — Seu tom severo me fez ficar molhada, mesmo quando a dor em meus quadris aumentou.

— Talvez eu não consiga sentar assim. — murmurei.

Matteo se moveu instantaneamente, me reorganizando em seu colo para que eu ficasse sentada de lado novamente. — Você está com dor.

Não foi uma pergunta.

Minhas bochechas queimaram. Por que meu corpo não poderia cooperar pelo menos uma vez?

— Não quero parar. — eu disse, encontrando o olhar do meu marido de frente, desafiando-o a discutir.

Ele passou o polegar pelo meu lábio. — Você acha que tenho muito mais autocontrole do que tenho, *tesoro*, se você acha que posso parar agora.

Um sorriso surgiu em meu rosto. Eu não tinha estragado tudo com meu corpo disfuncional. Ele ainda me queria.

Ele passou a mão pela minha perna, apertando suavemente minha coxa. — Com o que mais preciso ter cuidado?

Meu coração parecia que iria explodir com o cuidado dele comigo, e eu não pude evitar de me inclinar para um beijo.

— Não tenho certeza — eu disse, um pouco sem fôlego. — Só não surte se eu deslocar alguma coisa.

Ele franziu a testa. — Você não vai deslocar nada.

— Não tenho certeza se você pode comandar isso. — Passei meus dedos ao longo de sua mandíbula. — Mas vou tentar o meu melhor.

Ele pressionou sua testa na minha, por um momento, respiramos um no outro silenciosamente.

— Estou levando você para a cama. Nossa primeira vez não será nesta porra de sofá.

Ele me segurou ainda mais, deslizando um braço atrás dos meus joelhos, e se levantou. Senti um friozinho na barriga, mas passei os braços ao redor de seu pescoço e respirei fundo. Pela primeira vez em minha vida, eu me senti desejável. Não queria ser uma decepção para meu marido.



Meu pau esticou contra minha calça enquanto eu carregava Sofiya para o meu quarto. Eu amei o peso dela em meus braços, amei o jeito que ela agarrou meu pescoço e deu beijos hesitantes contra minha pele. Por que eu resisti a isso? Como eu pensei que poderia ficar sem minha linda esposa?

Eu a puxei para um beijo antes de colocá-la na cama. Rastejei sobre ela, certificando-me de manter meu peso em meus antebraços para não pressionar suas articulações. Eu queria fazer com que isso fosse bom para ela. Eu não queria machucá-la. Eu pensei que meu coração iria parar quando a vi esparramada na calçada, eu estava lutando contra a necessidade de mimá-la com a necessidade desesperada de reivindicá-la.

— Você quer isso? — Perguntei. Me mataria se ela dissesse não, mas eu nunca a forçaria.

— Sim — ela disse, passando os dedos pelo meu queixo. Seu toque era tão gentil. Eu não conseguia me lembrar de ter sido tocado

daquele jeito desde que minha mãe morreu, e senti aquela estranha pontada no peito que agora percebi ser *emoção*.

Beijeí sua testa enquanto passava os dedos por seus cabelos dourados. — Você é tão linda que dói.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para perto. Nossos lábios se chocaram... bagunçados, selvagens e perfeitos. Eu gemi quando meu pau ficou incrivelmente duro. Essa já era a experiência mais quente da minha vida e tudo que fizemos foi nos beijarmos.

Passei minha mão por seu corpo, saboreando suas curvas, até que segurei sua boceta. Ela era tão gostosa, mesmo com a leggings.

— Mmm, espere um segundo. — disse Sofiya.

Eu me afastei, encontrando seu olhar. Meu coração deu um salto quando vi uma ponta de pânico em seus olhos.

— Preciso da minha cadeira de rodas. — Ela olhou para a porta. Tínhamos deixado a cadeira de rodas dela na sala.

Afastei o cabelo do rosto dela, ainda surpreso por minhas mãos serem capazes de fazer algo tão terno. — Por que você precisa dela, *tesoro*?

Sofiya piscou rapidamente e desviou o olhar. Não, não estávamos fazendo isso. Agarrei seu queixo com firmeza. — Não se esconda de mim. — eu rosnei. — Diga-me.

— Por favor. — ela disse, sua voz frágil. — Por favor, você pode trazê-la aqui?

Sua respiração estava mais rápida agora, e eu estava preocupado que ela estivesse à beira de um ataque de pânico.

— OK. Eu vou buscá-la. Mas então vamos conversar. — Beijeí sua testa e me forcei a sair da cama. Empurrei a cadeira da sala de volta para ela. — Está tudo bem? — Eu perguntei, posicionando-a no lado dela da cama.

Ela assentiu e a tensão em seu rosto diminuiu.

Voltei para a cama, incapaz de me impedir de passar a mão pela sua barriga até à sua boceta coberta. Eu segurei seu calor, saboreando seu suspiro suave.

— Agora, minha linda esposa, fale comigo.

Ela mordeu o lábio, seus olhos azuis brilhantes parecendo tão inseguros. Mas fiquei imóvel e em silêncio, forçando-me a ser paciente por causa dela.

— Já fiz sexo uma vez antes. — ela deixou escapar.

Cerrei os dentes contra a raiva que corria pelas minhas veias como lava derretida. Somente o corpo macio e perfeito da minha esposa debaixo do meu me impediu de sair para rastrear o filho da puta que tocou no que me pertencia.

— Desculpe. Eu sinto muito. — Seus olhos brilharam com lágrimas.

Corri meu nariz pela lateral de seu rosto, respirando seu doce perfume e me forçando a ficar calmo. Eu odiava não ser o primeiro dentro dela, e estava determinado a matar esse maldito *stronzo*¹⁰ que havia tirado sua virgindade. Mas eu não estava bravo com ela.

Nunca com ela.

— Eu só queria me sentir normal pelo menos uma vez. — acrescentou ela.

Dei um beijo suave em sua bochecha. — Está tudo bem, *tesoro*. Apenas me diga o que aconteceu.

Ela mordeu o lábio, ainda parecendo estar se preparando. Passei meu polegar sobre seu lábio e ela respirou fundo.

— Yuri era alguém que eu conhecia desde jovem. Ele estava em um jantar que meus pais estavam oferecendo - um dos últimos que eu tive permissão de comparecer - e me convidou para sair. Eu não estava realmente interessada nele, mas achei que ele era legal e eu só... queria

uma chance de sair de casa e não me sentir tão presa. Fomos jantar e ele quis ir na casa do amigo porque iam dar uma festa. — Ela respirou fundo estremecendo. — A casa estava lotada quando chegamos lá e todo mundo estava bebendo. Fiquei um pouco sobrecarregada com tudo, então Yuri sugeriu que subíssemos, onde era mais silencioso.

Mantive meu rosto pressionado em seu pescoço enquanto minha mandíbula se apertava.

— Eu queria levar meu andador, mas ele disse que não havia problema em deixá-lo. Ele me carregou para cima. — Houve um ligeiro engasgo em sua voz, e eu a puxei para mais perto do meu peito.

— Quando chegamos lá, ele me colocou na cama e era óbvio que queria fazer sexo. Eu não tinha certeza sobre isso, mas acho que me senti com sorte por ele me achar atraente.

Eu não pude conter meu rosnado. — Que porra é essa? — Segurei seu rosto com as duas mãos e olhei para ela atentamente. — Você é a mulher mais linda que já vi.

Sofiya piscou. — Sério?

— *Tesoro mio*, como você pôde perguntar isso? — Meu coração doeu quando dei beijos suaves na lateral de seu rosto. Sofiya esteve escondida durante a maior parte de sua vida, então não deveria me surpreender que ela não soubesse o quão deslumbrante era.

Seus dedos se enroscaram em meu cabelo, me segurando perto. — Você não preferiria alguém que não estivesse danificada? — Sua voz era tão suave, tão frágil.

Os músculos da minha mandíbula se contraíram. Eu tive pensamentos semelhantes sobre ela quando nos conhecemos, mas estava errado. — Da próxima vez que você disser algo negativo sobre você, vou bater na sua bunda. Você é perfeita pra caralho.

— Você acabou de ameaçar me espancar? — ela respirou. Afastei-me para observar sua expressão, preocupado em ver medo ali, mas tudo que vi foi calor e curiosidade.

— Oh, baby, a ideia te deixa excitada? — Pressionei a palma da minha mão firmemente contra sua boceta. — Sua boceta doce está ficando molhada com a ideia?

Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça.

Um largo sorriso se espalhou pelo meu rosto. — Mentirosa.

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Não se preocupe, *tesoro*. Eu sempre lhe darei o que você precisa. Agora, termine sua história.

Meu pau estava duro contra sua coxa, e lutei contra a necessidade de o empurrar dentro dela, de marcá-la com minha porra repetidamente para que todos soubessem que ela pertencia a mim.

— Isso... hum... bem, acabou rápido. — disse ela, fechando os olhos. Havia luz suficiente no quarto para que eu pudesse ver o delicado rubor em suas bochechas. — Doeu, mas não foi particularmente memorável.

— Filho da puta. — eu grunhi.

— E então o amigo dele bateu na porta, precisando de alguma coisa. Ele foi falar com ele e eu fiquei seminua na cama. Eu não tinha certeza se conseguiria descer as escadas sem cair, então tive que esperar por ele.

Aquele filho da puta. Ele tirou a virgindade da minha garota e depois a deixou presa em uma casa cheia de escória bêbada. Usei todo o meu treinamento como Don para manter minha voz uniforme. — Quanto tempo?

— O quê?

— Quanto tempo ele deixou você lá sozinha?

Sofiya mordeu o lábio novamente e eu fiz uma careta enquanto o soltava, passando o polegar sobre a pele macia.

— Quase uma hora. — ela sussurrou. Uma lágrima escorreu por sua bochecha e foi como uma adaga no coração. — Eu devo ter sido

muito ruim na cama para fazê-lo fugir daquele jeito. — Ela tentou sorrir com sua pobre tentativa de humor, mas eu não consegui.

— Não. — eu disse, segurando os lados de seu rosto. — Não. Você não assumirá nenhuma culpa pelo comportamento daquele idiota. Ele se aproveitou de você e deixou você em uma posição vulnerável. — Engoli em seco. Uma vida inteira sem me expressar me dizia para calar a boca, mas ela merecia mais de mim. — Eu nunca faria isso com você. *Nunca.*

Seus dedos deslizaram pela minha bochecha, tocando minha barba por fazer. — Eu já disse que gosto quando você tem barba? — ela murmurou.

Eu sorri e esfreguei minha bochecha na dela. Houve uma leve lufada de ar contra minha pele enquanto ela ria.

— Eu sei que você não é como ele — disse ela. — Eu só... só me sinto mais segura sabendo que posso fugir se precisar.

Descansei minha testa contra a dela. — Eu lhe darei o que você precisa. Mas um dia você saberá que o lugar mais seguro para você estar é em meus braços.

— Quando você se tornou tão doce?

Eu ri. Mesmo com a história enfurecedora que ela me contou, meu peito parecia mais leve do que eu conseguia lembrar. Eu lidaria com o bastardo que a machucou pela manhã, mas por enquanto, era tudo sobre ela.

Meu tesouro.

Minha esposa.

— Eu não sei, porra. O que você fez comigo? — Perguntei.

Seus olhos azuis cristalinos encontraram os meus escuros. — Espero que seja a mesma coisa que você faz comigo.

— E o que é isso?

— Você me faz *sentir*. — Seus lábios tocaram minha bochecha.

Eu gemi enquanto passava minhas mãos pelas costas dela até segurar sua bunda suculenta. — Porra, você é perfeita. Você vai me deixar entrar em você, *tesoro*? Você vai me deixar mostrar o quão profundamente você pertence a mim?

— Por favor, Matteo. — Nada poderia me preparar para a emoção de ouvir meu nome em seus lábios enquanto ela se arqueava contra meu pau. Apertei-a ainda mais, desejando ter mais mãos para poder tocar cada parte dela ao mesmo tempo. Uma vez com ela nunca seria suficiente. Um milhão de vezes com ela não seria suficiente.

Afastei-me o suficiente para tirar a blusa e o sutiã, revelando seios perfeitos com lindos mamilos rosados. Meu pau doeu com a perfeição dela. Coloquei beijos em cada mamilo e depois em sua barriga. Sofiya respirou fundo e se contorceu. Eu me afastei e ela cobriu a barriga com os braços.

— Desculpe, eu sei que sou muito grande. Tem sido difícil me movimentar muito e ganhei peso no ano passado e...

Mordi levemente seu mamilo, fazendo com que um suspiro chocado escapasse de seus lábios.

— Eu nunca mais quero ouvir você dizer uma merda dessas de novo. — Eu mordi seu outro seio para garantir. — E pare de tentar se esconder de mim. É inaceitável. — Afastei seus braços de sua barriga e os substituí por minhas mãos, acariciando e apertando sua maciez.

— Inaceitável, hein?

— Sim. E você deve me obedecer, lembra?

Ela deu um empurrão brincalhão em meus ombros. — Oh pare com isso.

— Isso não é muito obediente, *esposa*.

— Não sei se estou com um humor muito obediente, *marido*.

Eu sorri e abaixei sua legging e calcinha em um movimento rápido. — Posso ser bastante convincente. — Desci por seu corpo até olhar para sua boceta. Era a mais bonita que eu já vi, rosa e molhada

com um triângulo perfeito de cachos loiros. Sofiya fez um pequeno barulho no fundo da garganta, e a sua mão foi cobrir a sua boceta. Rosnei, pegando seu pulso e pressionando-o suavemente na cama.

— Não se atreva a se esconder de mim. Nunca, *tesoro*. Vou olhar para você sempre que quiser, por quanto tempo eu quiser. Seu corpo pertence a mim.

— Bem, então você não deveria se esconder de mim. — ela disse com um beicinho. Ela puxou minha camisa com a mão que não estava presa.

Eu ri, beijando seu beicinho. — Oh, você vai ser uma pirralha. — Mas eu agradeci, tirando minha camisa e saboreando a maneira como seus olhos se arregalaram enquanto ela os acariciava em meu peito.

— Você gosta do que vê?

— Sim — ela disse com um sorriso travesso. — Agora, estas. — Ela puxou minha calça e eu bati em sua coxa, mas não pude negar nada a ela. Tirei o resto das minhas roupas e deitei sobre ela, deleitando-me com o calor de sua pele contra a minha. Eu tinha fodido muitas mulheres ao longo dos anos, mas nunca me senti tão próximo de ninguém.

— Você é tão bonita. — Meus lábios deslizaram por sua pele enquanto eu descia por seu corpo, pressionando beijos quentes em seus seios e barriga até chegar a sua boceta.

Ela enrijeceu. — Você vai... quero dizer, você não precisa...

— Sofiya — eu disse severamente. — Vou comer sua boceta sempre que eu quiser. Entendeu?

Ela piscou para mim enquanto mordeu o lábio contra um sorriso. — Ok, marido.

Eu gemi enquanto respirava seu perfume, esfregando minha barba contra a pele sensível da parte interna de sua coxa. Fiquei com água na boca e não aguentei mais. Lambi uma longa linha desde sua entrada até seu clitóris, gemendo com seu sabor doce e salgado.

Ela demorou um pouco para relaxar, mas a cada lambida, cada vez que minha língua circulava seu clitóris, ela se soltava um pouco mais até agarrar meu cabelo e praticamente montar em meu rosto.

— É isso, baby. Você está indo tão bem para mim.

Eu me movi para que pudesse segurar sua bunda com uma mão, inclinando-a para que ela estivesse em um ângulo melhor para eu pressionar um dedo em sua entrada quente e escorregadia. Uma maldição escapou pelos meus lábios quando senti o quão apertada ela era, meu pau estremecendo com a ideia de deslizar dentro dela.

Eu a preparei até que ela soltou um gemido suave, tomando isso como meu sinal para pressionar um segundo dedo dentro dela. Ela instantaneamente ficou tensa ao meu redor.

— Shh, *tesoro*, estou com você. Você não precisa ter medo.

— Desculpe — ela disse. — Estou sendo estúpida.

— Não há pressa. Levaremos todo o tempo que você precisar. — Meu pau dolorido discordava, mas eu faria isso bom para ela, mesmo que isso me matasse. Eu apagaria a sensação de qualquer outro homem dentro dela, a arruinaria para qualquer um no futuro.

Ela era minha.

Ela lentamente relaxou ao meu redor e eu enfiei meus dedos para dentro e para fora. Sua umidade aumentou até que minha mão e meu rosto ficaram encharcados com ela.

— Essa é minha garota. — murmurei. — Tão boa pra mim. Olhe para você, me encharcando completamente.

Ela desviou o olhar, como se estivesse envergonhada.

— Não. — eu disse. — Mantenha seus olhos em mim. Eu quero ver você desmoronar.

— Oh, Deus. — ela disse enquanto agarrava meu cabelo, meu ombro.

— Eu sou seu deus. — rosnei.

Continuei a prepará-la com os meus dedos e depois chupei o seu clitóris para a minha boca. Ela gritou, arqueando as costas para fora da cama com a intensidade de seu orgasmo.

— Boa menina. — Dei outro beijo em seu clitóris lindo. — Tão boa para mim. — Subi por seu corpo, sentindo-me orgulhoso de sua expressão atordoadada. — Uma esposa tão obediente, gozando para mim.

— Cale a boca — disse ela, revirando os olhos, mas um sorriso apareceu em seus lábios.

— Garota safada, falando assim com seu Don. O que devo fazer com você?

Ela arqueou-se contra meu pau duro com um suspiro. — Tenho certeza que você vai descobrir.

Agarrei suas coxas, abrindo-as antes de empurrar lentamente a cabeça do meu pau dentro dela. — Sim, parece que vou. — Porra, ela estava molhada, quente e apertada. Eu enfiei mais um centímetro e ela respirou fundo. Segurei seu rosto, olhando em seus olhos. — Você está bem? Estou machucando você?

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça, respirando fundo. — Tudo bem. Você parece muito grande. — Seus olhos se abriram como se ela pudesse sentir minha expressão presunçosa. — Nem comece com alguma besteira de homem tóxico.

Beijei a ponta do seu nariz. — Eu nunca faria isso. — Eu me movi um pouco mais, mesmo pensando que a restrição iria me matar. Alcancei entre nós e brinquei com seu clitóris. — Aí está — murmurei enquanto sua boceta relaxava ao meu redor. — Apenas respire e me deixe entrar. Você pode me levar. Você foi feita para mim.

Nós dois gememos quando eu empurrei nela completamente. Olhamos nos olhos um do outro, o silêncio entre nós quebrado apenas por nossas respirações ofegantes. Mas o silêncio não parecia frio ou abafado, especialmente quando Sofiya passou os dedos pelo meu cabelo. Parecia que o mundo havia se reduzido apenas a nós, neste momento.

— Goze novamente para mim. — Minha voz estava rouca, desesperada. Meu corpo ansiava pelo prazer dela, estava ferozmente louco por seus orgasmos, sabendo que eu era a causa de seu prazer.

— Tão mandão. — ela disse, mas então seus lábios se separaram com um suspiro. Continuei empurrando nela, movendo meu polegar contra seu clitóris, até que ela se apertou em volta de mim. Ela jogou a cabeça para trás, a boca aberta em êxtase.

Não consegui conter o meu gemido enquanto me derramava dentro dela.

Sofiya.

Minha Sofiya.

Minha respiração estava pesada, meu coração praticamente batendo fora do peito. — Você fez algo comigo. Me enfeitiçou.

Seus lábios estavam entreabertos, os olhos arregalados enquanto ela olhava para mim. Ela era perfeita. Eu queria ficar dentro dela para sempre, mas precisava cuidar dela, ter certeza de que ela não estava muito dolorida.

Eu relutantemente puxei para fora, meus olhos observando avidamente onde minha porra estava derramando de sua boceta perfeita.

— Isso foi... — Sofiya parou com uma expressão sonhadora.

Um sorriso selvagem se espalhou pelo meu rosto enquanto eu imaginava preenchê-la repetidamente até que ela carregasse meu filho.

Beijei-a suavemente nos lábios, saboreando sua doçura, até que uma compreensão caiu sobre mim como uma lança de gelo em meu peito. Eu me afastei dela, meus pés batendo no chão.



— Merda.

Andei ao lado da cama, precisando fazer algo com a energia frenética que me dominava.

Sofiya sentou-se, puxando o lençol em volta dela para que seu corpo ficasse coberto. Eu teria exigido que ela parasse de esconder suas curvas perfeitas, mas estava precisando de tudo em mim para não perder a cabeça.

— Matteo? — Sua voz estava hesitante, pouco acima de um sussurro.

Minha garganta estava apertada demais para responder.

— Foi... eu fiz algo errado?

— O quê? — Eu me virei para encará-la. — Você foi perfeita. — Minhas palavras saíram em um grunhido furioso. Como ela ousa se questionar quando essa foi a melhor experiência da minha vida?

Um sorriso suave apareceu em seus lábios e foi como se o sol rompesse as nuvens. O aperto no meu peito diminuiu.

— Então por que você está andando?

— Você está tomando contraceptivo? — Minha pergunta foi muito abrupta, mas não consegui suavizar minhas palavras da maneira que ela merecia.

Seus lábios se separaram e ela piscou rapidamente. — Não, eu não estou. Eu deveria estar? Desculpe.

Soltei um suspiro profundo. — Estou fodendo com tudo isso. — Sentei-me na cama e puxei-a para mim.

— Você não quer ter um filho comigo? — Sua pergunta foi tão terna que abriu meu peito.

Agarrei sua mandíbula com força, forçando-a a encontrar meu olhar. — Eu não quero nada mais do que encher você com minha porra até que você esteja carregando meu filho. Seria um sonho tornado realidade. Mas... você pode ter filhos com segurança?

Amaldiçoei-me por estar com a cabeça enfiada na bunda e não ter pensado nisso. E se a gravidez fosse perigosa para ela? Isso não diminuiria o que eu sentia por ela, embora fosse uma complicação em termos de garantir meu legado. Pela primeira vez na minha vida, a minha lealdade à Máfia não parecia a coisa mais importante.

— Oh. — ela disse, mordendo o lábio. — Acho que realmente não sei.

Soltei seu lábio, passando meu polegar pela pele macia. — Conversaremos com o médico amanhã e obteremos uma resposta. — Dei de ombros. Bom. Um plano. Era disso que eu precisava para me sentir no controle.

Sofiya não disse nada. Seus dedos se torceram no cobertor. Eu fiz uma careta, pegando suas mãos nas minhas. Fiquei impressionado novamente com o quanto ela era menor do que eu. Minhas mãos facilmente engoliram as dela.

— E se eu não puder? — ela sussurrou.

— Então você não pode. — Passei os dedos pelos cabelos dela e me inclinei para beijar sua bochecha.

— Mas você precisa de um herdeiro. — Ela estava ficando tensa sob meu toque e eu fiz uma careta. Ela estava perfeitamente relaxada e corada de prazer até que eu estraguei tudo. Eu precisava consertar isso.

Levantei-me da cama novamente, mas desta vez me abaixei para pegar minha esposa. Ela agarrou meus ombros, como se houvesse o menor risco de eu deixá-la cair.

— O que você está fazendo?

— Colocando você no banho. — eu disse, entrando no banheiro.
— Você pode sentar no balcão? Ou devo pegar sua cadeira?

— O balcão está bom. — ela respondeu suavemente.

Coloquei-a no balcão e virei-me para a banheira. Eu queria repetir nosso momento na banheira na outra noite, mas desta vez seria ainda melhor porque eu poderia tocá-la como quisesse. A água deveria aliviar qualquer dor que ela sentisse, o que era bom porque meu pau já estava ficando duro novamente.

Liguei a água quente antes de procurar embaixo do balcão as coisas de banho. Meus olhos pousaram em um frasco de óleo de banho. Lavanda. Parecia algo que Sofiya gostaria.

Endireitei-me e estendi o frasco para ela. — Tudo bem?

Sua testa estava franzida quando ela assentiu. Passei o polegar pela testa dela, alisando a pele. — O que está errado?

— Sinto muito se sou uma decepção.

Meu coração gaguejou. — O quê?

— Se eu não puder ter filhos. E apenas tudo isso. — ela gesticulou vagamente para suas pernas, mas o movimento de sua mão atraiu meus olhos para sua boceta, me distraindo por um momento. Pisquei, desviando os olhos.

— Você não é uma decepção. Você nem vai pensar nisso. Eu proíbo. — Eu olhei para ela e para minha surpresa, ela riu.

Homens adultos caíam de joelhos e implorariam por misericórdia se eu olhasse para eles assim. Mas aqui estava ela, rindo.

Passei minhas mãos pelas pernas dela. — Parece que você não está me levando a sério, *tesoro*. Rir do seu Don é muito perverso.

Calor brilhou em seus olhos.

— O que você vai fazer sobre isso?

Meu pau se contraiu enquanto endurecia e eu gemi, pressionando minha testa em seu ombro. Eu belisquei sua pele. — Talvez eu tenha que punir você.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço, à mão em concha na parte de trás da minha cabeça. — Talvez eu goste disso.

Amaldiçoei e me forcei a me afastar dela. — Pare de me distrair. — eu disse, virando-me para a banheira.

O som de sua risada me seguiu enquanto eu colocava o óleo de banho.

Eu a coloquei na banheira primeiro e depois fui atrás dela.

— Você está confortável, *tesoro*?

— Sim — ela disse com um suspiro, aconchegando-se novamente em meu peito.

Passei minhas mãos pela sua frente, demorando-me em seus seios antes de segurar sua boceta. Ela choramingou e eu me inclinei para beijar sua bochecha. — Quão dolorida você está?

— Hum...

— Seja honesta. — eu disse, beliscando seu mamilo.

Ela bufou e beliscou minha perna. — Tudo bem. Estou muito dolorida por causa do seu pau grande. Feliz?

Eu bufei. — Porra, você é fofa. Mas não, baby, não estou feliz que você esteja com dor.

— Acho que você só terá que cuidar de mim, então.

Dei outro beijo em sua bochecha, gentilmente segurando sua garganta com a mão. — Eu acho que sim.





Nada poderia ter me afastado de Sofiya, exceto a promessa de destruir os responsáveis pelo ataque contra ela. Ela estava com sono depois do banho e eu a coloquei na cama com um travesseiro entre as pernas e almofadas térmicas enroladas em volta dela. Ela adormeceu rapidamente e eu olhei para ela por muito tempo, odiando a ideia de deixá-la.

Mas eu tinha um traidor para encontrar e matar.

Mandei uma mensagem para Romeo vir ao apartamento e ele entrou alguns minutos depois. Eu não queria sair caso Sofiya acordasse e precisasse de mim.

— Diga-me que você localizou o bastardo que fugiu. — eu disse.

Sua careta me contou tudo, e a raiva que reprimi por causa de Sofiya me atingiu com força total.

— Como eles sabiam onde ela estava? Arben tem que estar por trás disso, o que significa que ele está atrás da minha esposa, porra. —

Minha voz ficou mais alta até quase gritar. Os olhos de Romeo se arregalaram com minha explosão.

Olhei de volta para o nosso quarto, preocupado por tê-la acordado. Como não ouvi nada, sentei-me no sofá, o cansaço penetrando em meus ossos.

— Como ela está? — Romeo perguntou.

Engoli em seco. — Ela está bem. — *Desta vez.* Mas e se acontecesse de novo e eu não conseguisse chegar até ela a tempo?

O cachorro levantou a cabeça da cama na sala e veio até mim, cutucando minha mão. Eu relutantemente dei um tapinha em sua cabeça. Sofiya ficou preocupada com ele a noite toda, dizendo que ele merecia guloseimas extras depois do trauma. A pedido dela, eu fiz ovos mexidos para ele.

Suspirei. — Não posso acreditar que Bianchi era o traidor. Ou pelo menos que ele estava trabalhando sozinho.

— Concordo, mas não consigo descobrir quem seria. — Romeo sentou-se ao meu lado. — Poderíamos fazer com que Franco investigasse nossas próprias fileiras, além de montar as iscas.

Eu balancei a cabeça. — Faça isso. Nada é mais importante do que eliminar a ameaça albanesa. Trabalharei na configuração das iscas amanhã e as realizaremos no final da semana.

— Você realmente vai pedir reforços a Rustik?

— Foda-se. — eu murmurei. Pedir reforços ao Pakhan mostraria que eu estava vulnerável. Mesmo com a nossa aliança, eu não confiava nele. — Ele está pressionando para vir para a cidade. Diz que quer inspecionar pessoalmente as rotas comerciais.

Romeo se levantou para nos servir bebidas do carrinho do bar. — Parece um monte de besteira.

Peguei o uísque dele. — Concordo. Mas pode ser um bom momento. Se o convidarmos para vir na próxima semana, poderemos

ver se ainda precisamos de reforços. Nesse caso, podemos discutir isso pessoalmente.

Romeo levantou seu copo para mim em assentimento.

Uma onda de exaustão tomou conta de mim. Eu estava tão focado em garantir que Sofiya estivesse segura que não me permiti sentir a profundidade do meu medo. Mas agora, tudo se repetia na minha cabeça: quão assustada ela parecia ao telefone, os intermináveis minutos antes de eu chegar até ela.

— Vou para o escritório agora — eu disse. — Descubra os planos de isca.

— Não, *fratello*. Tire a noite de folga e passe com sua esposa. — Ele me agarrou pelo ombro, apertando com força.

— E se eu não puder protegê-la? — Assim que as palavras saíram da minha boca, me arrependi delas. Eu não podia permitir que nenhuma rachadura em minha armadura aparecesse, nem mesmo para Romeo, esse homem com quem cresci.

— Você pode, você vai. Eu sei disso. Porque você sempre cuida de quem está perto de você.

Comecei a balançar a cabeça, mas Romeo colocou a mão em meu pescoço. — Você não falhou com eles. Não foi sua culpa.

Bebi o resto da minha bebida e me levantei. — Falarei com você pela manhã.

Romeo suspirou e se levantou. — Eu vou ir.

Coloquei nossos copos vazios na cozinha e peguei uma guloseima para cachorro no recipiente em cima do balcão, jogando-a para Macarrão. Depois de anos passando noites fora monitorando minha cidade ou debruçado sobre a mesa do escritório, era estranho entrar no meu quarto para dormir. Mais estranho ainda é que minha cama não estava vazia.

Tirei minhas roupas e me coloquei debaixo dos lençóis.

— Está tudo bem? — Sofiya murmurou, com os olhos fechados enquanto virava para me encarar.

Passei a mão pelos cabelos dela. — Sim, *tesoro*. — Ela cheirava a lavanda e eu a respirei, ajustando a almofada térmica que havia escorregado de seu quadril. — Mas preciso que você fique em casa até destruírmos os albaneses.

— Você realmente acha que eles estavam atrás de mim hoje?

Fechei os olhos e a puxei para perto. — Sim. Mas eu vou proteger você. Eu prometo.

— Você já me protege melhor do que ninguém.

Meu coração doeu com suas palavras. Eu a apertei contra meu peito, esperando por Deus que fossem verdade.



Beijos suaves na lateral do meu rosto me tiraram do sono e fiz um barulho de descontentamento.

— Desculpe, *tesoro*. Tenho que ir ao escritório, mas a Dra. Amato está aqui para ver você primeiro.

Eu balancei minha cabeça. — Quero dormir.

Matteo riu, seus lábios roçando meu pescoço. — Você nem precisa sair da cama. Ela vai conversar conosco sobre gravidez antes de eu sair.

Isso me acordou. Empurrei-me para uma posição sentada, mas devo ter me movido rápido demais porque uma dor aguda atingiu meu joelho como um raio. — Merda.

— O que está errado? — A voz de Matteo estava em pânico.

— Nada. — Eu dei um tapinha na mão dele. — Meu joelho só quer deslocar da articulação. Preciso embrulhá-lo novamente hoje e colocar um pouco de gelo nele.

— Vou pegar agora. — Ele praticamente saiu correndo do quarto e meu coração apertou com seus cuidados.

Poucos minutos depois, Matteo, Dra. Amato e Macarrão entraram. Soltei um grito, puxando o lençol para cobrir meu corpo nu. Matteo xingou e correu até o closet para pegar uma de suas camisetas. Ele colocou-a sobre minha cabeça e depois afastou o lençol para colocar uma bolsa de gelo em meu joelho.

Macarrão pegou minha bolsa de remédios da mesa de cabeceira e colocou-a na minha mão antes de pular na cama, colocando a cabeça no meu colo.

— Que bom menino. — Esfreguei sua cabeça e engoli meus remédios matinais. Eu estava ficando muito melhor em tomá-los na hora certa com a ajuda do Macarrão.

— Desculpe por me intrometer. — disse a Dra. Amato, sorrindo ao observar o comportamento de ambos os meus rapazes. — Matteo disse que você tinha algumas perguntas para mim.

— Vai fazer mal para a Sofiya ter um bebê? — ele perguntou.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Direto ao ponto, eu acho.

A Dra. Amato sentou-se numa cadeira ao lado da cama. — Esta não é minha área de especialização. Eu fiz algumas pesquisas e parece que as pessoas com SDE têm um risco maior de ter algumas complicações na gravidez, mas não há razão para pensar que não será possível carregar um bebê.

Peguei a mão de Matteo e apertei com força. Ele apertou de volta.

— Que complicações? — ele perguntou.

— Mais uma vez, não sou uma especialista aqui. Mas os estudos que li sugeriram um possível aumento do risco de parto prematuro, hemorragia e cesariana. Mas a pesquisa também sugeriu que a gravidez é bem tolerada em mulheres com SDE hipermóvel. Se e quando você engravidar, garantiremos que você receba os cuidados especializados adequados para que você e seu bebê sejam bem cuidados.

Matteo passou o braço em volta de mim e eu me inclinei para a lateral dele. Soltei um pequeno suspiro de alívio até que algo mais me ocorreu. — Meu bebê teria SDE?

A Dra. Amato me lançou um olhar pensativo. — Pelo que li, há cerca de cinquenta por cento de chance de que qualquer filho que você tiver tenha SDE. É claro que, como você sabe, a gravidade dos sintomas pode variar bastante. Não há como saber se seu bebê terá SDE e como isso pode afetá-lo.

Meu peito apertou enquanto eu tentava processar tudo o que ela tinha me contado. Havia tanta incerteza e eu não sabia como lidar com tudo isso. Olhei para Matteo, mas ele usava sua expressão impenetrável de sempre.

— Obrigado, Aria. — disse ele. — Entraremos em contato se tivermos mais perguntas.

A médica me deu um sorriso e se despediu antes de sair.

Matteo me puxou para seu colo. — No que você está pensando, *tesoro*?

Eu mexi na gravata dele, tentando organizar meus pensamentos. — Sempre quis ser mãe. — Engoli em seco. — Mas e se... e se nosso bebê for como eu?

Ele acariciou meu cabelo e deu um beijo na minha testa. — Teríamos muita sorte se o bebê fosse como você. — Abri a boca para esclarecer o que queria dizer, mas ele me interrompeu. — E se nosso filho tivesse SDE, garantiremos que ele receberá o melhor atendimento médico possível.

Pisquei enquanto lágrimas enchiam meus olhos. — Mas isso faz de mim uma mãe ruim por passar minha deficiência para um bebê? — Mila nunca se interessou por crianças e nunca entendeu porque eu queria tanto ser mãe. Eu também não entendia direito, mas sempre sonhei em ter filhos e criá-los em uma família amorosa e feliz... tão diferente daquela em que crescemos. E depois dos cuidados que Matteo teve comigo e da intimidade da última noite, eu ansiava por ter um filho

com ele. Para vê-lo ser pai. Eu poderia lidar com quaisquer complicações da gravidez que surgissem, desde que meu bebê estivesse bem.

Matteo segurou meu rosto e passou o polegar pela minha bochecha. — Você nunca poderia ser uma mãe ruim.

— O que você pensaria se tivéssemos uma criança que usasse cadeira de rodas? Especialmente se tivéssemos um menino? — Eu pressionei.

Matteo encolheu os ombros. — Então ele usaria uma cadeira de rodas.

— Mas o que os outros pensariam? Eles não o aceitariam como Don.

Matteo fez uma careta. — Porra nenhuma que eles não aceitariam. Isso não o tornaria menos capaz, e eu mataria qualquer um que dissesse o contrário.

Suas palavras aliviaram o aperto em meu peito. Ouvi-lo defender nosso futuro filho, me defender como cadeirante, significou tudo. Eu me aconcheguei ainda mais nele. — Tão assassino.

— Qualquer coisa por você. Ou pelos bebês que tivermos a sorte de ter. — Sua mão tocou minha barriga e pela primeira vez, eu não estava preocupada com a minha barriga. Imaginei meu corpo inchando com uma nova vida e me perguntei se talvez minha Lista de Sonhos pudesse se tornar realidade.



Eu gemi, me afastando da minha mesa. Eu estive no meu escritório o dia todo, fazendo planos para nossos carregamentos de iscas com Romeo e Domenico. Contaríamos aos nossos soldados sobre o nosso plano de levar armas adicionais para a cidade, a partir do nosso armazém no norte, para compensar o carregamento perdido, mas cada grupo receberia uma de cinco rotas diferentes. Rastrearíamos qual rota foi interceptada pelos albaneses, mostrando-nos quais homens interrogar.

Ainda estávamos trabalhando para finalizar nossos planos, mas já fazia horas desde que me despedi de Sofiya esta manhã. A obsessão crescente que eu tinha por minha esposa acelerou como um incêndio depois de eu estar dentro dela. Eu precisava tocá-la, abraçá-la, confirmar que ela estava segura.

Eu anunciei abruptamente a Domenico e Romeo que tínhamos terminado o dia - citando o jantar como desculpa - e os expulsei do meu escritório. A excitação tomou conta de mim com a ideia de passar a noite com Sofiya enquanto eu pegava a grande sacola de presentes e

subia para o nosso apartamento. Parei repentinamente quando a vi na cozinha com três dos meus homens. Angelo, Enzo e Romeo estavam todos amontoados ao redor da ilha da cozinha enquanto Sofiya estava sentada no assento de seu andador, com um lindo sorriso no rosto.

Eu vi. *Vermelho*.

Aquele sorriso era só para mim, e agora ela o estava usando com outros homens.

Angelo me viu primeiro e imediatamente se endireitou, arregalando os olhos. — Chefe.

Enzo ficou de pé, parecendo culpado como o inferno, mas Romeo permaneceu inclinado sobre a bancada enquanto me dava um sorriso travesso. A única que pareceu não perceber minha raiva assassina foi Sofiya, que se moveu para se levantar.

Soltei um bufo irritado. Eu é que deveria estar caminhando até ela, especialmente depois do dia de ontem. Ela conseguiu ficar de pé quando atravessei a sala, e meus braços a envolveram imediatamente. Queria repreendê-la por não ter esperado por mim, mas primeiro tinha três homens para assassinar.

Mantive Sofiya em meus braços enquanto me virava para encará-los.

— Por que vocês estão na minha casa? — Eu perguntei, minha voz gelada.

— A adorável Sofiya nos convidou. — disse Romeo, levantando-se e esticando os braços acima da cabeça. Eu não sabia o que o filho da puta estava fazendo aqui. Ele saiu do meu escritório poucos minutos antes de mim.

— Estou experimentando novas receitas de biscoitos e os convidei para serem meus provadores. — disse Sofiya.

Olhei para minha linda esposa. Seu cabelo estava trançado em uma coroa em volta da cabeça e seus olhos estavam brilhantes e felizes.

Matar três homens na nossa cozinha provavelmente a deixaria infeliz.

Olhei para as bancadas, que estavam perfeitamente limpas, sem nenhum assado à vista. — E onde estão esses biscoitos? — Eu perguntei, certificando-me de injetar calor em minha voz, mesmo enquanto fazia uma careta para meus homens por cima de sua cabeça.

— Oh. — ela disse, seus olhos brilhando de tristeza. Segurei seu rosto, pronto para eliminar quem quer que estivesse perturbando-a. — Receio que comemos todos.

Fechei os olhos e respirei através da minha raiva. Esses desgraçados entraram na minha casa, passaram um tempo com minha esposa e agora comeram todos os meus biscoitos? Minha mão se contraiu em direção à arma enfiada na minha cintura.

— Estou brincando! — Sofiya disse com uma risadinha. — Eu não faria isso com você.

Meus olhos se abriram. — Você acha isso engraçado, *tesoro*?

— Só um pouquinho. — disse ela.

Minha mão desceu por seu corpo e quase segurei sua boceta quente até que me lembrei que meus homens ainda estavam aqui. — Saíam. — eu rosnei para eles. Enzo e Angelo pareciam aliviados por sair daqui, mas Romeo sorriu enquanto caminhava em nossa direção e deu um beijo no topo da cabeça de Sofiya. Rosnei, tentando descobrir como matá-lo sem ferir minha esposa.

— Obrigado por compartilhar sua doçura conosco hoje. — disse ele antes de caminhar em direção à porta.

— Obrigada pela sua ajuda — ela gritou. — Amanhã teremos que experimentar algumas receitas de bolo.

A porta se fechou, nos deixando sozinhos.

Levantei Sofiya até a ilha da cozinha. — Eles estão aqui para proteger você, não para comer biscoitos. — Eu mantive meus braços em volta dela. — E se você precisar de um provador, você tem a mim.

— Mas você está no trabalho. — disse ela, passando os dedos pelo meu rosto.

Eu fiz uma careta, odiando o lembrete de que qualquer coisa poderia me afastar dela. Minhas mãos flexionaram em seus quadris. — Trabalharei na cozinha quando você precisar de um provador.

Sofiya sorriu, mas depois parou, fazendo-me sentir como se o mundo tivesse escurecido.

— Você é um doce. — Ela beijou meu queixo e eu decidi naquele momento que não me importaria de ser chamado de doce por minha esposa. — Mas eu sei que você não pode estar sempre aqui.

— Esses homens estão aqui para proteger você, *tesoro*. Eles não deveriam estar se aproveitando de você.

Sua testa franziu e ela encontrou meu olhar com seus olhos azuis brilhantes. — Eu os convidei para entrar. — Sua voz era suave e hesitante. — Eles não queriam vir no início, mas eu disse que estava tudo bem. Isso foi errado?

Eu odiei o olhar inseguro em seu rosto. Ela nunca deveria se sentir insegura sobre nada quando estivesse em meus braços.

— Não. Você não fez nada de errado. — Suspirei enquanto dei outro beijo em sua testa.

— Mas você não gostou que eles estivessem aqui. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Eu não disse nada em resposta.

— Tudo bem — disse ela, com um sorriso tenso nos lábios.

— Bem o quê? — Perguntei.

— Eu não vou mais tê-los aqui. Lamento que isso tenha deixado você desconfortável. Eu só... Fica vazio aqui quando você sai. Mas tudo bem.

Eu odiei o jeito que ela estava forçando um sorriso no rosto, odiei o jeito que ela desviou os olhos como se estivesse com vergonha.

Eu não aceitaria.

Agarrei seu queixo novamente e a forcei a encontrar meu olhar. — Você não pede desculpas. — eu gritei. — Você deveria ter me dito que estava sozinha.

— Mas isso não é problema seu. — disse ela.

Quando ela perceberia que tudo o que tinha a ver com ela era problema meu? Não, é uma honra consertar.

— Você virá trabalhar comigo amanhã. — anunciei. — Seus guardas podem entrar no apartamento, mas somente se você os convidar. E você vai me dizer se algum deles fizer alguma coisa que deixe você chateada ou desconfortável.

Eu a peguei, apoiando seu peso com uma mão sob sua bunda e a outra em volta de sua cintura. Consegui enrolar a sacola de presentes em minha mão. Eu queria tirar meu terno e não iria passar mais um segundo longe dela.

Ela passou os braços firmemente em volta do meu pescoço, seus lábios pressionando um beijo suave na minha pele.

— Mas *tesoro*? — Eu disse enquanto entrava no meu quarto. *Nosso* quarto, porque ela não iria dormir na porra do quarto de hóspedes nunca mais. — Se algum dia eles comerem *meus* assados, feitos para mim por *minha* esposa, não poderei ser responsabilizado pelo assassinato deles.

Sofiya riu enquanto eu gentilmente a deitava na cama. Inclinei-me sobre ela com uma carranca. Ela não estava levando minha ameaça a sério o suficiente.

— Não se preocupe. Como se eu fosse deixá-los fazer isso. — Ela me puxou para um beijo - o segundo que ela iniciou hoje - e algo em meu peito se suavizou. — Agora, troque-se para que eu possa abraçar você.

Meu pau se contraiu com sua exigência. Levantei uma sobrancelha. — É assim que você fala com seu marido?

Suas bochechas coraram e ela passou a mão pelo meu cabelo. — Acho que ele pode gostar.

Rosnei, pressionando meu rosto em seu pescoço. Sua pele era tão macia e ela cheirava a açúcar e baunilha. Ela riu e me empurrou para longe dela. — Se troque primeiro, a menos que você queira que eu prenda você nesta cama com seu terno. — Seus dedos percorreram minha gravata como se ela não tivesse certeza se queria me soltar.

— Tenho uma ideia melhor. — Afastei-me dela apenas o suficiente para tirar minhas roupas, jogando minha gravata do outro lado do quarto. Então tirei suas roupas como se estivesse desembulhando um presente, saboreando cada novo centímetro de pele que era revelado.

— Você está cheio de boas ideias hoje. — ela brincou.

— Então você virá trabalhar comigo? — Beije uma linha em seu pescoço e peito até chegar a sua barriga macia. Lambi e beijei, prestando atenção extra à área depois que ela compartilhou suas inseguranças.

Ela se contorceu um pouco, mas não me afastou. — Oh, eu tenho uma escolha, não é?

— Não. — eu gritei.

Ela apenas cantarolou e cutucou minha cabeça para baixo. Eu sorri, amando sua confiança inesperada.

— O que há na sacola? — ela perguntou, excitação em sua voz.

— Algo para experimentarmos. — Continuei descendo por seu corpo até estar no nível de sua boceta, e então mergulhei.

Dei uma lambida longa e lenta, gemendo enquanto seu cheiro e sabor me cercavam. Seus dedos roçaram meu cabelo e isso me fez querer ronronar. Eu não conseguia o suficiente. Lambi e chupei, notando exatamente o que a fazia se contorcer e choramingar. Eu estava determinado a aprender tudo sobre o corpo dela. Eu precisava dela tão viciada em mim quanto eu era nela. Ela consumiu meus pensamentos, e isso depois de passar só uma noite dentro dela. A parte razoável de

mim gritou perigo, alertando-me para não baixar a guarda, para não deixá-la entrar na minha pele. Mas era difícil preocupar-me com isso com o sabor doce da sua boceta nos meus lábios.

— Experimentar como?

Ignorei sua pergunta, consumido demais por sua doçura para me afastar o suficiente para responder. Circulei seu clitóris com minha língua, mantendo um ritmo constante enquanto ela se contorcia contra mim.

— *Matteo.* — A voz de Sofiya estava ofegante e desesperada enquanto ela segurava meu cabelo com mais força.

— Eu vou te mostrar quando você gozar. — Pressionei dois dedos dentro dela, gemendo com o quão quente e escorregadia ela estava. Meu pau se contraiu, desesperado para estar cercado por seu calor. Eu precisava encontrar uma maneira de ficar dentro dela o tempo todo.

Ela soltou um gemido, que se transformou em um grito enquanto eu chupava seu clitóris lindo em minha boca. Ela apertou meus dedos, eu não pude evitar de esfregar meu pau contra os lençóis. Pré-sêmen vazou pela ponta como se estivesse tão desesperado para estar dentro dela quanto eu.

Sofiya ofegou ao se recuperar do orgasmo, sua expressão suave e relaxada. Eu a lambi, saboreando seus pequenos gemidos e como ela se contorceu sob meu toque.

Corri meu nariz em sua entrada, tentado a começar tudo de novo, mas então ela cutucou minha cabeça. — Quero ver o que tem na sacola.

Eu sorri com o pequeno gemido em sua voz. Eu iria gostar de mimá-la.

Coloquei a sacola na cama e ela ansiosamente se sentou. Seus braços cobriram seus seios nus e eu os puxei. Recusei-me a deixá-la esconder qualquer parte do seu corpo, especialmente os seus pequenos mamilos cor-de-rosa perfeitos.

Sua testa franziu quando ela puxou um grande travesseiro de espuma.

— É um travesseiro sexual. — eu disse diante de sua expressão confusa. — Eu pedi mais. Eles estarão aqui amanhã. — Eu planejava transar com ela com frequência, e li que travesseiros como esse facilitariam as coisas em suas articulações.

Seus lábios se separaram. — Isso é tão atencioso.

Eu bufei. — Sim, muito atencioso. — *Nenhuma motivação egoísta aqui.*

Ela sorriu. — Bem, acho que eu deveria experimentar. — Ela passou a mão por ele. — Hum, como funciona?

Pressionei meu rosto em seu cabelo e ri. Todo o estresse do meu dia de alguma forma se dissipou. — Deixe-me ajudá-la.

Eu gentilmente a coloquei sobre o grande travesseiro, minhas mãos se recusando a deixar sua pele. Sua bunda rechonchuda estava no ar, o peito pressionado contra a almofada inclinada e os braços estendidos à sua frente. Agarrei suas pernas, abrindo-as para revelar os lábios de sua boceta. Ela mexeu um pouco a bunda e eu tive que agarrar meu pau para não gozar.

— Eu gosto disso — disse ela. Ela se sentou de joelhos, inclinando o corpo para me encarar. — E... eu tenho uma ideia. — Ela estava mordendo o lábio novamente, eu fiz uma careta quando o libertei de seus dentes.

— Qual é a sua ideia, *tesoro*?

— Não precisamos fazer isso.

Eu a encarei com uma expressão severa.

— Ok, tudo bem. — ela bufou. — Você pode sentar na cabeceira da cama e abrir as pernas?

Eu queria exigir que ela me contasse todos os detalhes do que queria fazer, mas me forcei a ceder o controle, pelo menos naquele

momento. Movi-me contra a cabeceira da cama, abrindo bem as pernas.

Ela parecia determinada enquanto arrumava o calço entre minhas pernas. Franzi a testa, tentando descobrir o que ela estava planejando.

Então ela se deitou sobre o travesseiro, posicionando o rosto *bem perto do meu pau*.

Seus olhos piscaram incertos para os meus, e então ela estendeu a mão, sua pequena mão envolvendo-o. Eu deveria encorajá-la, dizer *alguma coisa* para deixá-la à vontade, mas estava muito ocupado concentrando todo o meu poder cerebral em não gozar de forma embaraçosamente rápida.

Então sua pequena língua rosa saiu e *lambeu*. Soltei um palavrão alto e meus quadris se contraíram sem minha permissão. Ela riu.

Porra, *riu*.

— Você está rindo de mim? — Eu rosnei.

Seus olhos arregalados encontraram os meus. — Nunca. — Antes que eu pudesse responder, sua boca estava em mim novamente, só que desta vez ela pegou a cabeça do meu pau na boca e chupou.

Agarrei os lençóis e cerrei a mandíbula. Eu não gozaria em menos de um minuto. Eu me *recusava*.

Fechei os olhos, bloqueando a visão sedutora de Sofiya chupando meu pau avidamente.

Meus quadris sacudiram novamente, tentando empurrar mais fundo em sua boca.

Pense em outra coisa. Qualquer coisa.

Tortura.

Sangue.

A pilha de faturas na minha mesa.

Não adiantou. Sua boca era muito boa.

— Porra. *Porra*. — eu gemi.

Sofiya soltou-me e o meu corpo gritou para empurrá-la de volta para mim. — Estou indo bem?

— Sim. — eu disse laconicamente. Enrolei seu cabelo em minha mão e a empurrei de volta para meu pau.

Ela sorriu. — Sentindo-se impaciente, marido?

— Não brinque comigo, esposa. — rosnei. Ela riu até que eu acrescentei: — Ou da próxima vez, vou levar você ao limite repetidamente, mas nunca deixarei você gozar, mesmo quando estiver chorando e implorando.

Ela piscou e então praticamente atacou meu pau, levando-o para o fundo da boca até engasgar. Ela se afastou, piscando as lágrimas dos olhos. Passei meu polegar em suas bochechas. — Essa é minha boa menina. Você pode me levar. — Ela piscou, seu olhar tão confiante enquanto eu a guiava de volta no meu pau. Desta vez, quando ela me chupou profundamente, ela apenas engasgou levemente enquanto me levava até o fundo de sua garganta.

Meu aperto sobre ela aumentou quando me senti prestes a gozar. Tentei adiar, para provar à minha inocente esposa que tinha mais resistência do que isto, mas depois as suas bochechas afundaram, a sua mão apertou a base do meu pau, e acabou.

Soltei um grito enquanto gozava em sua boca. Minha cabeça caiu para trás contra a cabeceira e minha respiração estava irregular. Esse foi o melhor boquete da minha vida.

Sofiya inclinou a cabeça. — Eu não tinha certeza de qual seria o sabor, mas não é ruim.

Passei o braço sobre o rosto. Ela tinha acabado de me destruir, sugou minha alma do meu pau, e aqui estava ela, analisando casualmente a experiência.

— Geralmente é tão rápido assim? — ela refletiu.

Tirei meu braço do rosto e olhei para minha esposa. — O que você disse? — Minha voz era baixa e sombria.

Ela encontrou meu olhar com os olhos arregalados, mas havia uma leve contração em seus lábios.

Ela estava...

Porra. Ela estava me provocando.

Uma risada explodiu de seus lábios e eu rosnei. — Você acha isso engraçado?

— Talvez um pouquinho.

Eu me movi para frente, segurando seu rosto. — Você vai se arrepender disso, *tesoro*.

— Oh, sim?

Balancei a cabeça, minha boca se contorcendo com o esforço de manter o sorriso longe dos meus lábios. Ela tentou sair do travesseiro, mas eu a segurei, meu toque firme, mas gentil.

— O que você está...

Eu interrompi sua pergunta colocando minha mão em sua bunda. Ela se virou para olhar para mim, os lábios entreabertos. — Você acabou de me bater?

Eu sorri e minha mão desceu em sua outra nádega. — Talvez você aprenda a não provocar seu marido.

Ela engasgou quando eu bati nela novamente. — Não sei se esta é a coisa certa a fazer se você quer me desencorajar.

Meu pau ficou duro novamente ao perceber que ela gostava disso.

Abaixei minha mão mais duas vezes em sua bunda antes de esfregar minhas mãos ao longo de sua pele rosada e quente. Meus dedos mergulharam entre suas pernas. Sua boceta estava encharcada. — Mmm, minha garota safada gosta disso.

Ela balançou a cabeça e soltou um som de protesto, mas isso só me fez abrir um sorriso feroz.

Movi-me totalmente para atrás dela, passando a mão pelas suas costas. — Você ainda está confortável?

— Sim. — ela suspirou.

— Você me contaria se não estivesse?

— Prometo.

E com isso, não consegui mais me conter. Apertei ainda mais seus quadris e empurrei dentro dela. Ela respirou fundo e eu sabia que ela provavelmente ainda estava dolorida da noite passada. Diminuí meus movimentos e passei outra mão por sua pele, acalmando-a. — Boa menina, aceite tudo o que eu te der.

A sua bunda balançava a cada impulso e apesar de eu ter gozado poucos minutos antes, a minha coluna formigou enquanto segurava o meu orgasmo. Inclinei nossa posição para que seu clitóris se esfregasse contra o travesseiro com cada impulso enquanto eu tentava queimar o som de cada gemido e choro dela em meu cérebro.

Finalmente, *finalmente* ela se apertou em volta de mim, e nós dois gritamos quando gozamos.

Descansei minha testa em sua coluna, respirando-a.

Memorizando tudo sobre esse momento.



— Estamos saindo para o escritório em dez minutos. — A ordem de Matteo foi abrupta, mas seus olhos se voltaram para meu rosto como se ele estivesse nervoso para o caso de eu dizer não.

Ele estava parado ao lado da cama - *nossa* cama - já vestido com terno preto e gravata. E parecendo muito sexy.

Estiquei os braços acima da cabeça, ignorando a forma como meus ombros estalavam com o movimento.

— Ok, marido. — Escondi meu sorriso quando seus ombros relaxaram.

Como se eu negasse passar tempo com ele.

Como se eu fosse negar qualquer coisa a ele.

Porra, eu estava tão envolvida.

Matteo se inclinou e puxou o edredom de mim com um movimento rápido. Eu gritei com o ar frio atingindo minha pele nua, mas ele apenas sorriu. Ele passou as mãos pelas minhas coxas, seu

olhar predatório não deixando meu rosto, mesmo quando seus dedos roçaram levemente minha boceta. Fiquei molhada e queria mais.

Seus lábios encontraram os meus em um beijo gentil, mas quando passei meus braços em volta de seu pescoço para aproximá-lo, ele se afastou com uma risada baixa. Eu projetei meu lábio em um beicinho, indignação me enchendo. Eu queria que ele rasgasse minha calcinha e me desse um orgasmo com a boca, os dedos ou o pau. Eu não era exigente. Mas em vez de levar as coisas adiante, ele apenas deu um tapinha suave no meu quadril antes de me endireitar.

— *Matteo*. — eu choraminguei.

— Se vista, *tesoro*. Dez minutos.

— Mas... — Minha mente estava nebulosa de excitação, mas eu ainda era muito tímida para formar as palavras, para exigir que ele me desse um orgasmo.

Ele passou o polegar pelo lábio inferior e eu fiz uma careta. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. — Seja uma boa garota para mim e você será recompensada. — Suas palavras fizeram um arrepio percorrer minha pele. Então ele piscou e saiu do quarto.

Por um segundo, fiquei tentada a terminar o que ele começou, mas não tive tempo. E não importa o quão tortuoso fosse o jogo, fiquei intrigada o suficiente para jogar.

Coloquei uma saia xadrez azul que terminava alguns centímetros acima dos joelhos e uma blusa de seda creme. Olhei para minha cadeira de rodas, mas decidi usar meu andador. Meus joelhos e quadris pareciam sólidos hoje, e eu tinha certeza de que conseguiria chegar ao elevador e voltar sem problemas.

Matteo estava inclinado sobre o balcão da cozinha, franzindo a testa para o telefone, e Macarrão estava enrolado a seus pés. Os dois olharam para cima quando entrei. Não consegui parar de sorrir para os meus dois meninos me dando toda a atenção. Macarrão imediatamente veio para o meu lado, ficando solidamente ao meu lado, caso eu ficasse

tonta. O pessoal dos cães de serviço explicou como Macarrão foi treinado para ficar perto e me ajudar a manter o equilíbrio.

Matteo se juntou a nós, cruzando a sala em minha direção e tirando meu cabelo do rosto. — Suas pernas não estão doendo hoje?

— Eu me sinto bem. Pronta para fazer um trabalho importante da Máfia.

Sua boca se contraiu. — Trabalho importante da Máfia, de fato. — Ele me deu um beijo suave nos lábios e depois me surpreendeu com um tapa na minha bunda. Ele sorriu e me entregou a coleira e o arnês de Macarrão.

— Você está de bom humor hoje. — eu disse.

Matteo apenas cantarolou quando entramos no elevador e descemos para o décimo andar, mantendo uma mão possessiva na minha nuca o tempo todo. Seu escritório era o único naquele andar – uma sala enorme com janelas do chão ao teto. Os três andares abaixo abrigavam o resto de sua equipe.

— Você não se sente solitário aqui sozinho?

Matteo bufou. — Não. Além disso, este andar é principalmente para negócios da Máfia, como você o chama. Os andares inferiores são nossos negócios legítimos... escritórios administrativos de nossos vários hotéis e propriedades imobiliárias.

Balancei a cabeça enquanto olhava ao redor da sala, meu coração explodindo quando vi uma cama de cachorro no canto. — Você tem uma cama para o Macarrão?

Matteo não disse nada, mas pensei ter percebido um leve rubor em suas bochechas. Mordi meu lábio contra meu sorriso enquanto removia a coleira de Macarrão, apertava seu focinho e lhe dava um beijo. — Você vai tirar uma soneca enquanto mamãe trabalha. — Macarrão foi até a cama, abanando o rabo, e imediatamente se enrolou na almofada.

Voltei-me para meu marido e levantei a sobrancelha. — Há apenas uma cadeira. — Uma única grande cadeira de couro estava atrás de sua imponente mesa.

— Eu removi a outra. As pessoas estavam ficando muito confortáveis aqui.

— Você quer que as pessoas se sintam desconfortáveis na sua presença? — Não mencionei que ele aparentemente queria que *Macarrão* ficasse confortável.

— Eu sou o Don, Sofiya. — Ele se sentou em sua cadeira. Mesmo sentado, parecia imponente, como o rei da cidade. Minhas bochechas esquentaram quando ele passou o polegar pelo lábio inferior.

Aproximei-me. — Isso significa que você quer que eu fique desconfortável?

Os olhos de Matteo ficaram escuros enquanto ele passava seu olhar lentamente pelo meu corpo. — Nunca. Você é minha rainha. — Ele me agarrou pela cintura e me puxou para seu colo, minhas costas derretendo contra seu peito. — Você está confortável agora, esposa? — Seus lábios roçaram minha orelha e eu estremeci, lembranças da noite passada - de seus lábios pressionados contra outras partes do meu corpo - inundando minha mente.

— Sim — eu disse, minha voz ofegante.

— Bom. Você é a decoração perfeita para meu escritório enquanto trabalho.

Eu não deveria ter ficado quente e me contorcendo com suas palavras, com a maneira como ele estava me tratando como um objeto, mas não consegui parar de me mexer em seu colo. Seu braço envolveu minha cintura, me segurando com força.

— Mas você disse que eu receberia uma recompensa — eu disse.

— Só se você for uma boa menina e ficar parada e quieta enquanto eu trabalho.

Um gemido escapou dos meus lábios e ele riu, abrindo seu laptop e acessando seu e-mail. Tentei prestar atenção no que ele estava digitando, nas muitas planilhas que ele abriu, mas meu corpo só ficou mais inquieto e necessitado. Matteo não disse nada, fazendo seu trabalho diligentemente, mas não conseguiu esconder seu pau duro pressionado contra minhas costas. Minha calcinha estava absolutamente encharcada enquanto eu me contorcia contra ele. Matteo passou a mão pela minha barriga até que ele segurou minha boceta. Eu gemi, arqueando-me contra sua mão para conseguir alguma fricção, algo para ajudar a minha necessidade ardente.

— Você não está sendo uma boa menina, *tesoro*. Sua bocetinha é tão quente e carente. Você está tentando me distrair do meu trabalho?

Eu balancei minha cabeça.

— Mmm, eu não acredito em você. Acho que você precisa de algo para mantê-la no lugar.

Minha respiração acelerou. O que ele iria fazer?

— Segure a mesa para mim.

Ele me tirou de seu colo, suas mãos permanecendo em meus quadris para me manter firme. Então ele enfiou a mão debaixo da minha saia e tirou minha calcinha. Ouvi o som de um zíper e então voltei para seu colo. Meus pensamentos estavam confusos, e eu não entendi o que ele estava fazendo até que ele me levantou pelos quadris e pressionou a cabeça do seu pau contra a minha entrada. Ele me abaixou em um movimento rápido, eu gritei alto quando ele me esticou. Eu estava encharcada, mas ainda havia uma ardência deliciosa e uma sensação de saciedade. Esperei que ele investisse em mim novamente, mas ele apenas passou o braço em volta da minha cintura e voltou para seus e-mails.

— O que... você não está... — Eu parei, muito excitada e desesperada para formar frases coerentes.

— Eu te avisei, *tesoro*. Você precisa aprender a ficar quieta. Agora meu pau irá mantê-la no lugar enquanto eu trabalho.

— Mas...

— Shh, preciso me concentrar, Sofiya.

Seu castigo severo fez minhas bochechas queimarem, mas fiquei ainda mais molhada. Fiz o meu melhor para ficar quieta, mas não consegui impedir que gemidos suaves escapassem pelos meus lábios. O tempo desacelerou enquanto eu observava os minutos passarem no computador de Matteo, cada um parecendo uma eternidade, até que eu não conseguia parar de mover meus quadris. Eu precisava gozar.

— Matteo, por favor.

Sua mão bateu na minha coxa. — Comporte-se.

O rosnado em sua voz era a única coisa que indicava que ele não estava tão indiferente assim quanto parecia. Eu estava prestes a reclamar novamente quando o telefone dele tocou. Minha boca se abriu quando ele atendeu. Apoiei minha cabeça em seu ombro, sem saber se queria gritar ou chorar. Minha boceta nunca se sentiu tão desesperada antes.

— A entrega tem que estar no armazém amanhã, Enzo. Não há flexibilidade. — A voz de Matteo era dura, mas sua mão subiu pelo meu corpo até que ele segurou meu peito. — Diga ao fornecedor que ele pode entregar a remessa no prazo prometido ou eu pessoalmente lhe ensinarei uma lição sobre pontualidade.

Eu engasguei quando Matteo beliscou meu mamilo através da minha camisa. Eu deveria ter ficado horrorizada com suas palavras, que ele estava ameaçando alguém enquanto brincava comigo, mas não consegui me importar enquanto ele torcia meu outro mamilo. A dor foi direto para o meu clitóris e eu não aguentava mais. Pressionei minhas mãos sobre a mesa, usando meu aperto como alavanca para me afastar alguns centímetros de seu pau e me abaixar de volta nele.

— Cuide disso, Enzo. Eu tenho alguma punição para distribuir do meu lado.

Arrepios cobriram minha pele quando meu marido desligou o telefone. Um silêncio pesado cobriu a sala e mordeu o lábio.

— Isso foi muito travesso, *tesoro*. — Sua voz era mortal, pura Don da Máfia. Estremeci, uma leve ponta de medo em minha excitação. — Vejo que você precisará de muito treinamento para aprender a fazer o que lhe mandam. Não se preocupe, serei persistente até você aprender disciplina.

Oh Deus, oh Deus.

Eu deveria estar protestando, deveria me recusar a deixá-lo falar assim comigo, mas meu corpo me traiu. Deixei escapar um gemido necessitado, agarrando seu braço.

Matteo pressionou o rosto no meu pescoço, respirando profundamente. — Mas agora, precisamos cuidar da sua punição.

— Punição?

— Sim, Sofiya. Eu não seria um bom Don se deixasse as pessoas fazerem o que quisessem. — Ele nos levou para mais perto da mesa até que meu abdômen estava contra a borda. Então ele pressionou a mão nas minhas costas até meu peito ficar rente à superfície dura da madeira.

— Estenda a mão e agarre a borda da mesa.

Eu fiz o que ele ordenou. Ele moveu a cadeira para trás, fazendo com que seu pau escorregasse para fora de mim, deixando-me vazia e dolorida. A mesa apoiava meu torso, mas a forma como a superfície da mesa pressionava o topo das minhas coxas as fazia doer. A dor não durou muito porque meu marido me levantou o suficiente para colocar um travesseiro sob meus quadris.

Seus lábios pressionaram minha orelha. — Isso parece bom, baby? — Eu balancei a cabeça. Aparentemente, meu marido comprou uma loja inteira de travesseiros sexuais, e isso me fez sentir muito cuidada.

— Diga-me no segundo em que alguma coisa começar a doer. Bem, qualquer coisa além da sua bunda.

Sua risada era sombria e provocadora quando ele recuou, me segurando no lugar com uma mão firme nas minhas costas. Sua outra mão desceu na minha bunda sem aviso, e eu gritei com a dor. Ele não me deixou recuperar o fôlego, atingindo a nádega oposta. Cada golpe de sua palma enviava um choque de prazer através de mim, e a umidade cobria a parte interna das minhas coxas. Ele continuou, alternando rapidamente até que minha pele estava quente e meu clitóris estava queimando e desesperado. Meus dedos apertaram a borda da mesa enquanto eu lutava contra a tentação de estender a mão para trás... eu não tinha certeza se queria cobrir minha bunda ou puxá-lo para mais perto.

— É demais. — gritei.

— Você pode aguentar. — Ele passou a mão pelas minhas costas, o toque reconfortante. Relaxei totalmente na superfície.

— Boa menina. É isso, apenas se renda a isso.

Suas palmadas diminuíram até se tornarem uma carícia suave contra minha pele. Eu senti como se estivesse flutuando enquanto ele me tirava a saia e a blusa. Seus dedos finalmente pressionaram meu clitóris.

— Você está absolutamente encharcada por mim, esposa. Eu amo essa boceta linda.

— Por favor. — eu implorei.

— Shh, você tem sido uma garota tão boa para mim. Eu lhe darei o que você precisa.

Seu pau pressionou contra minha abertura e eu gemi quando ele deslizou para dentro, mas desta vez ele não me torturou. Ele empurrou para dentro e para fora, seus movimentos combinando com meu próprio desespero. Agarrei-me à mesa enquanto meu orgasmo explodia sobre mim, arrancando um gemido alto dos meus lábios.

— Porra, eu quero gravar esse som. — Matteo gemeu. Ele empurrou mais algumas vezes antes de gozar dentro de mim. Ele pressionou seu corpo contra o meu, e eu saboreei o peso dele contra

minhas costas, as vibrações de seu batimento cardíaco acelerado e o som irregular de sua respiração ofegante.

— Você se saiu tão bem por mim, *tesoro*.

O prazer roubou minhas palavras, mas eu me derreti em seu elogio.

Se esse era o importante trabalho da Máfia, conte comigo.

Ele se levantou e vestiu minhas roupas antes de me levantar em seus braços. Por mais que eu amasse o corpo do meu marido, foi o seu cuidado obstinado por mim que me levou a me enrolar em seu peito e me aquecer com seus elogios murmurados.





— Você está pronta para entrar no escritório em alguns minutos?
— Beije o topo da cabeça de Sofiya quando passei por ela na cozinha a caminho do café.

— Já fiz uma xícara para você. — disse ela, apontando para a caneca à sua frente.

Meus lábios se curvaram. — O que é isso, *tesoro*?

— Um café com leite de caramelo.

— Em uma caneca de golden retriever? — A caneca tinha pequenos golden retrievers ao redor, todos vestindo roupas absurdas.

Ela olhou para onde o cachorro estava descansando a seus pés. — Devíamos comprar algumas roupas para o Macarrão.

Fiz uma careta, sabendo que não poderia recusar, mas temendo a cara de Romeo quando ele visse o cachorro com a porra de uma capa de chuva ou o que quer que Sofiya tivesse em mente.

— Falando em compras, pensei ter dito para você usar seu cartão de crédito.

— Eu usei!

Peguei meu telefone e li as transações do cartão de crédito... um pedido para entrega de almoço e uma capa de telefone transparente.

— Veja, eu usei.

— Você gastou setenta dólares.

Ela mordeu o lábio, parecendo insegura, como se realmente pensasse que eu estava com raiva dela. Suspirei e contornei a ilha para poder puxá-la para perto do meu peito. — Baby, preciso que você gaste pelo menos cinquenta mil por mês. De preferência perto de cem mil. Do contrário, parece que não estou sustentando você como seu marido, como Don. Você entendeu?

— Acho que vou precisar de mais alguns doces. — ela sussurrou.

Eu ri e ela se afastou rapidamente, como se tentasse captar o sorriso no meu rosto. Eu apenas arqueei uma sobrancelha para ela e ela se aninhou em meu peito.

— É difícil gastar dinheiro quando não posso sair do apartamento.

Dei um beijo no topo de sua cabeça, odiando estar falhando com ela. Ela não estaria segura até que eu destruísse a ameaça albanesa. — É temporário, *tesoro*. Eu prometo. — O único benefício era ter uma desculpa para mantê-la comigo o tempo todo. — Temos trabalho a fazer esta manhã. — Afastei-me o suficiente para poder pegar meu café com leite, tomando um gole, embora odiasse estragar o coraçãozinho que ela fez com a espuma.

— Muitos negócios importantes da Máfia?

Passei minha mão por seu cabelo, usando meu aperto forte para inclinar sua cabeça para trás. — Atrevida. Mas sim, há muitos negócios importantes da Máfia para fazer. Mas ainda mais importante, precisamos continuar seu treinamento.

Seus lábios se separaram com um leve gemido. Eu não pude evitar que um largo sorriso se espalhasse pelo meu rosto.

Seu lábio se curvou em um beicinho. — Eu não preciso de treinamento.

— Você definitivamente precisa. Mas não se preocupe, vou ajudá-la a se tornar uma esposa boa e obediente.

Seus olhos brilharam com fogo e excitação. Ela gostava que eu brincasse com ela, degradando-a.

Descemos para o escritório. Meu pau já estava ficando duro. Este pode ser o momento de treino da Sofiya, mas o meu pau estava tão condicionado que eu não conseguia andar no elevador sem ter uma ereção.



— Acho que estou pegando o jeito desse negócio da Máfia. Talvez você devesse me nomear CEO. — disse Sofiya, saltando levemente no meu pau.

— CEO dos negócios da Máfia? — Eu perguntei secamente.

— Sim. — Sofiya apertou meu pau e um grunhido involuntário saiu dos meus lábios. Eu ergui minha mão para segurar sua garganta enquanto meus lábios deslizavam pela lateral de seu rosto. — E o que farei se você for CEO?

— Hmm — disse ela, tamborilando os dedos na mesa. — Você pode ser meu assistente. Dessa forma, você terá que me obedecer.

Meus lábios se curvaram com a lembrança de sua pequena rebelião em nosso casamento, seguido por uma sensação de aperto no peito com a lembrança de como o dia não foi nada como ela merecia.

— Você quer uma lua de mel? — Eu deixei escapar.

Ela se virou, tentando ver meu rosto, mas o movimento fez com que nós dois gemêssemos com a mudança de posição. Sofiya se contorceu contra mim, tentando conseguir alguma fricção. Precisei tudo de mim para manter seus quadris firmes. Isso era uma tortura para nós dois, mas a sensação de tê-la completamente à minha mercê era inebriante demais para desistir tão cedo.

— Você gostaria de ir em uma... comigo?

Eu bufei. — Certamente não quero ir com outra pessoa.

— Sim — ela disse, um sorriso suave brincando em seus lábios. — Eu gostaria disso.

Ela não tinha ideia de como eu estava enrolado em seu dedo. A sensação era igualmente estimulante e aterrorizante.

Li mais e-mails, saboreando seus pequenos gemidos.

— Espere, pare. — ela disse abruptamente. — O que é isso?

Ela apontou para o e-mail que eu estava lendo, confirmando que meu plano estava em andamento.

— Hum? — Eu disse, fingindo ignorância.

Ela se virou para mim, com uma expressão severa. — Por que este e-mail diz que você confiscou com sucesso os bens de Yuri Kozlov?

Dei de ombros. — Apenas parte dos negócios da Máfia.

— Faz parte dos negócios normais da Máfia confiscar os bens do homem que tirou minha virgindade?

Minha mandíbula se apertou com a lembrança de que esse homem esteve dentro dela, eu a agarrei mais forte, tentando pressionar ainda mais fundo dentro dela.

— Sim. — Levantei uma sobrancelha, desafiando-a a protestar.

Ela voltou ao e-mail e leu o resto. — Você doou o dinheiro para uma instituição de caridade que fornece auxiliares à mobilidade?

Eu me aninhei em seu pescoço, respirando sua doçura. Eu queria fazer mais. Eu tinha pensado em mandar matar Kozlov, em ir para Chicago e fazer isso sozinho. Mas matá-lo colocaria em risco a aliança.

Então resolvi pegar o dinheiro dele anonimamente.

Sua casa.

Enviando para sua esposa evidências de seu caso.

E se ele tivesse sido assaltado no caminho para casa ontem à noite? Bem, coisas ruins aconteciam nas grandes cidades o tempo todo.

Sofiya permaneceu em silêncio e me perguntei se a tinha incomodado com minhas ações. Certamente ela não se importava com Kozlov? Não sentia algum senso de lealdade a ele? Antes que minha raiva aumentasse, Sofiya agarrou minha mão.

— Foda-me.

— O quê?

— Eu preciso que você me foda, marido.

Agarrei seu queixo, virando seu rosto para mim. Suas pupilas estavam dilatadas e os lábios entreabertos.

Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto. Minha pequena esposa ficou excitada com minhas ações.

— Espere aí, *tesoro*. Vou garantir que você me sinta pelo resto do dia. E no momento em que a sensação do meu pau desaparecer da sua linda boceta, estarei de volta dentro de você. Você nunca duvidará de a quem você pertence.

— Sim. — ela engasgou quando eu empurrei dentro dela, com força.



— Isso já durou muito tempo — eu disse, engolindo o uísque que Romeo havia servido para mim. — Precisamos encontrar o traidor.

Franco ainda não conseguiu localizar Arben. Passamos a noite inteira perseguindo pistas após uma denúncia de que ele havia sido localizado no Brooklyn, mas não havia encontrado nada. E então passei a manhã inteira no escritório, examinando e-mails criptografados.

Respirei através da raiva queimando sob minha pele. Alguém na Família estava me traindo e me fazendo parecer um idiota no processo.

— Porra, eu sei, *fratello*. — disse Romeo, apoiando o rosto nas mãos.

— Alguém deve estar ajudando ele a se esconder. Não há como aquele idiota fazer tudo isso sozinho.

— Você ainda suspeita dos Irlandeses?

— Franco está observando Finnegan, mas não encontrou nada. Eu estava pensando em marcar uma ligação com ele, ou até mesmo uma reunião. Tentar senti-lo.

Romeo parecia cético. — Pode ser perigoso se eles estiverem em aliança com os albaneses.

Balancei a cabeça e me servi de outra bebida. — Não farei isso até que não tenhamos outras ideias. Mas pode chegar a esse ponto.

— Você sabe que Lombardi vai dar uma festa de noivado para sua filha amanhã. Todos os capos estarão lá.

— Porra, me esqueci disso.

— Eu acho que você deveria ir. Veja se alguém está agindo de forma suspeita. Com álcool suficiente, alguém pode escorregar e revelar alguma coisa. Também é uma boa chance para você e Sofiya aparecerem juntos, para mostrar que têm um casamento forte.

Eu gemi. Eu mantive Sofiya escondida da Família por muito tempo. Eu queria experi-la, queria que todos soubessem o quão sortudo eu era por tê-la como minha esposa, mas também queria mantê-la para mim. Era a única maneira de protegê-la e de impedir que os homens olhassem para ela. Mas Romeo estava certo.

— Organize isso — eu disse. — Eu quero guardas extras.

Macarrão entrou na cozinha, abanando o rabo, e Sofiya virou no corredor atrás dele em sua cadeira de rodas, parecendo deliciosamente amarrotada. Meu coração disparou ao vê-la. Seu rosto estava sem maquiagem e seu cabelo estava um pouco bagunçado, mas ela parecia bem descansada. Eu fui forçado a deixá-la ontem à noite para perseguir pistas por toda a cidade e só a vi por um minuto quando voltei esta manhã. Ela estava tão exausta que a fiz ficar na cama em vez de vir para o escritório comigo. Ela não ficou feliz com isso, e eu também não. Estar longe dela era doloroso, mas eu não faria nada que pudesse pôr em risco a saúde dela.

— Boa tarde, *tesoro*. Como você está se sentindo?

Ela estava usando legging e um suéter, e tive vontade de comprar um moletom para mim só para que ela pudesse roubá-lo. A fera possessiva em meu peito a queria em minhas roupas.

— Melhor — disse ela com um sorriso suave ao entrar na cozinha.
— Não sei por que estou tão cansada ultimamente. Ei Romeo, como você está?

— Bem, além de morrendo de fome. Matteo disse que você não tem assado nada ultimamente.

Um sorriso brincou em seus lábios. — Huh, ele deve ter esquecido o bolo de morango que fiz ontem. Está na geladeira.

— Oh sério? — Romeo disse, virando-se para mim. — Você realmente deveria verificar seus problemas de memória. Provavelmente todas aquelas pancadas na cabeça.

— Vou te dar uma pancada na cabeça. — murmurei.

Sofiya rolou em minha direção e agarrou minha mão. — Seja legal. Você tem que aprender a compartilhar.

Tirei-a da cadeira de rodas e coloquei-a na ilha da cozinha. — Eu não preciso fazer nada, *tesoro*. Eu sou o Don. — Passei meus braços em volta dela e lhe dei um beijo gentil. Ela estava tão macia e quente contra mim.

— Não, você é meu marido. O que significa que você tem que ser legal comigo. — Ela passou a mão pelo meu cabelo. Ela faz isso sempre que pôde.

Eu ri contra sua pele, beijando uma linha em seu pescoço. — Posso pensar em muitas maneiras de ser legal com você.

— Umm, olá, ainda estou aqui. — disse Romeo, balançando um garfo para nós enquanto comia um pedaço de bolo de morango.

Sofiya tapou minha boca com a mão antes que eu pudesse gritar com ele. — Seja legal. — ela sibilou, carrancuda. Mordi sua mão e ela a puxou, os lábios lutando contra um sorriso.

— Você gostou? — ela perguntou a Romeo, apontando para a sobremesa.

— Delicioso pra caralho. Acho que o bolo de chocolate ainda é meu favorito. Você sabe que meu aniversário está chegando. Você pode ter que me fazer outro.

— Quando é seu aniversário?

Eu bufei. — É em julho. Faltam três meses.

Sofiya sorriu. — Vou fazer outro para você antes disso. Contanto que você seja legal comigo.

— Sou *sempre* legal com você. — disse Romeo em algo que soou suspeitosamente como um gemido.

Coloquei uma mecha do cabelo de Sofiya atrás da orelha e beijei sua testa. — O que você fez ontem à noite, *tesoro*?

— Joguei pôquer com Angelo e seus amigos.

Meu aperto em seus quadris aumentou. — Você fez *o quê*?

Ela segurou meu rosto. — Você está prestes a ficar mal-humorado?

— Eu nunca fico *mal-humorado*.

— Ahh, desculpe. Eu deveria ter dito, você está prestes a se tornar um assassino e ameaçar matar Angelo e seus amigos?

Cruzei os braços e ela riu. — Eu me diverti. Angelo tem me ensinado a jogar.

Romeo bufou. — Eu pagaria para ver isso. Você tem o rosto mais expressivo do mundo. Não tenho certeza se esse é o seu jogo.

— Não, estou ficando muito boa. — ela insistiu. — Até me lembro quais cartas são melhores para ter agora.

Algo me ocorreu. — Com o que você jogou?

Ela inclinou a cabeça. — O que você quer dizer? Jogamos com fichas.

Encontrei o olhar de Romeo por cima da cabeça dela, e ele cobriu a boca para não rir. As noites de pôquer de Angelo tinham um buy-in de dois mil dólares e o pote vencedor geralmente chegava a dez mil. Minha esposa inocente obviamente não percebeu que as fichas representavam dinheiro real.

Eu precisava perguntar a Angelo quanto ela devia depois de eu ter batido nele por levá-la para uma noite de pôquer. Eu não estragaria a diversão dela contando sobre sua dívida, mesmo que não gostasse da ideia de ela estar perto de outros homens sem mim por perto. Um músculo em minha mandíbula se contraiu e eu a segurei com mais força.

— Eles foram todos cavalheiros. — disse ela, lendo-me como um livro.

Eu apenas grunhi.

— Vou ficar com o resto. — disse Romeo, erguendo a forma de bolo de morango.

— Eu vou te matar. — eu disse. Exceto que eu teria que tirar uma das mãos de Sofiya para alcançar minha arma.

— Aproveite, Romeo. — disse ela, mandando-lhe um beijo.

O bastardo pegou o beijo e piscou para ela. — Te vejo amanhã a noite. — Ele saiu correndo, com a sobremesa na mão, e Sofiya se virou para mim.

— O que há amanhã à noite?

Eu gemi, pressionando minha testa na dela. — Só mais uma coisa que vai me impedir de amarrá-la na cama e fazer o que quero com você a cada hora de cada dia.

Ela mordeu meu lábio. — Lembra quando você insistiu que éramos apenas colegas de quarto?

— Não tenho memória disso.

Ela mordeu meu lábio com mais força. — Romeo estava certo. Você realmente precisa verificar sua memória. O que vai acontecer amanhã?

— Um dos meus capos está dando uma festa de noivado para a filha. — Hesitei, sem saber se deveria contar a ela o que suspeitava sobre um traidor. Sofiya era confiável, eu sabia disso, mas algo me impediu. Eu cometi o erro de confiar antes e isso me custou tudo.

Sua mão apertou meu paletó. — Você quer que eu vá com você? — Ela parecia chocada, uma pequena linha aparecendo entre suas sobrancelhas.

— Por que eu não iria querer?

— Bem... eu só não tinha certeza se você gostaria de ser visto em público comigo.

Algo apertou meu peito. — E por que eu não iria querer isso? — Minha voz era baixa, com um toque de advertência nela. Minha esposa se contorceu e evitou contato visual. Agarrei seu queixo, forçando-a a encontrar meu olhar.

— Sofiya.

— Meu pai nunca mais quis ser visto comigo depois que ganhei meu andador. E agora estou em uma cadeira de rodas.

— Eu não sou a porra do seu pai. — eu rosnei.

Ela estremeceu, assustou-se e piscou rapidamente. — Eu sei. Desculpe. — Seu lábio inferior começou a tremer e eu me senti o maior idiota do mundo.

— *Tesoro mio*. — Passei meus braços em volta dela, levantando-a em meus braços e carregando-a para o sofá. — Eu odeio que você possa pensar por um segundo que eu teria vergonha de você. Você é a mais linda... — beijei sua testa — ...doce — beijei seu nariz — ...esposa perfeita — Eu beijei seus lábios. — A única razão pela qual eu não quero você comigo é porque isso significa que outros homens olharão para o que é meu.

Suas bochechas ficaram com um lindo tom de rosa. — Você é ridículo.

Eu a puxei para um beijo, lambendo sua boca e gemendo com sua doçura. Ela poderia me achar ridículo o quanto quisesse, mas eu não hesitaria em arrancar os olhos de qualquer homem cujo olhar permanecesse em minha esposa.



Puxei meu vestido enquanto me olhava no espelho, odiando como o tecido se acumulava desajeitadamente em volta da minha barriga e quadris, me fazendo parecer ainda maior do que já era. Esta noite era importante. Era a primeira vez que Matteo e eu íamos a um evento da Família e não queria envergonhá-lo. Eu estava usando um dos vestidos que Sienna me deu... aquele prateado e brilhante. Parecia mágico e perfeito estando no provador com ela, mas agora a realidade estava se instalando.

As palavras cruéis do meu pai continuavam a passar pela minha mente, dizendo-me como eu era um patético desperdício de espaço. Ouvi minha mãe apontar meus novos pneuzinhos gordos, adquiridos depois de tantas tardes cozinhando para Matteo e os guardas. Meu marido teria vergonha de me ter ao seu lado nos eventos? As esposas Bratva sempre eram perfeitamente magras e glamorosas ao lado de seus maridos. Eu esperava me sentir confiante e elegante nesse jantar, mas em vez disso me senti um pouco triste e desmazelada.

Dei um tapinha na cabeça de Macarrão. — Pegue minha bolsa. — Ele saiu para pegar minha bolsa de remédios ao lado da cama,

colocando-a no meu colo quando voltou. Dei-lhe uma guloseima e depois peguei meus analgésicos, engolindo dois comprimidos a seco.

Eu me assustei quando o reflexo de Matteo apareceu atrás de mim no espelho, encontrando meu olhar com olhos escuros. Sua expressão estava séria como sempre, mas pensei que estava melhorando em captar pequenas microexpressões no rosto de meu marido. Observei seu terno preto de corte perfeito, que se estendia por seu peito musculoso, e a maneira como seu cabelo caía preguiçosamente em seu rosto. Eu queria passar minhas mãos por ele.

Sem dizer uma palavra, ele tirou uma caixa de veludo preto do bolso do casaco e colocou-a no meu colo. Seus lábios roçaram o topo da minha cabeça enquanto ele se inclinava sobre a minha cadeira.

— Para mim? — perguntei, tentando manter a voz fria, como se minhas entranhas não estivessem derretendo.

Ele apenas me deu uma olhada no espelho.

Eu sorri e saltei um pouco. — É para mim.

Passei os dedos pelo veludo macio e abri a caixa. Dentro havia um delicado medalhão de prata com flores gravadas na borda.

— É lindo. — Inclinei minha cabeça para trás e agarrei sua gravata, puxando-o para baixo para encontrar meus lábios em um beijo de cabeça para baixo. — Obrigada. — eu sussurrei enquanto meus lábios roçavam os dele.

Meu marido se levantou, limpando a garganta enquanto ajeitava a gravata. Contive meu sorriso. Eu o havia perturbado.

Ele pegou o colar e prendeu-o no meu pescoço. Suas mãos permaneceram mesmo depois de colocado. — Isso pertencia à minha nonna.

Minha mão voou até o medalhão, segurando-o com força. — Obrigada — eu disse novamente. Minha garganta estava apertada. Eu não conseguia acreditar que ele achava que eu era especial o suficiente para um presente como esse.

— Não tire o medalhão. — ele disse ríspidamente. Sua mandíbula e ombros estavam tensos, imóveis, e eu aprendi que isso era uma característica sua. Ele estava nervoso.

Inclinei a cabeça para o lado, ainda olhando para ele através do espelho. — Por quê? Existe um rastreador aqui ou algo assim? — Eu brinquei.

Sua mandíbula apertou. — Sim. — Isso foi tudo o que ele disse enquanto cruzava os braços, encontrando meu olhar com um olhar duro, como se me desafiasse a desafiá-lo.

— Tudo bem. — eu disse, mordendo o interior da minha bochecha para me impedir de sorrir.

Meu marido protetor.

Ele piscou. — Sim, está bem. Isso mesmo. — Ele limpou a garganta novamente. — Você está pronta para ir?

— Estou pronta. — eu disse, dando uma última olhada no espelho. Com o medalhão colocado, não me sentia mais tão constrangida com meu vestido.

Manobrei minha cadeira para ficar de frente para Matteo. Ele se inclinou mais uma vez, mas desta vez suas mãos percorreram minha lateral e quadris. Seu toque era lento, sensual, possessivo. Seu polegar e indicador agarraram meu queixo. — Você está deslumbrante, *tesoro* — ele murmurou, inclinando-se para beijar minha testa.

Desta vez, não consegui conter meu sorriso.



Meu estômago vibrou de ansiedade. Apertei a mão de Matteo com força, meus olhos fixos nas luzes que iluminavam a estrada arborizada pela qual estávamos dirigindo. A casa do capo ficava a cerca de uma hora da cidade.

Matteo colocou o braço em volta de mim e me puxou para perto dele tanto quanto meu cinto de segurança permitia. — Por que você está tão nervosa, *tesoro*? — Seu nariz roçou a lateral do meu rosto e ele deu um beijo leve em minha bochecha.

— Já faz muito tempo que não apareço em público assim... em uma festa. Tem certeza de que meu lugar é aqui?

Matteo se afastou o suficiente para eu ver sua expressão de desaprovação. — Você pertence ao meu lado, onde quer que eu esteja, e matarei qualquer um que disser o contrário.

— Não tenho certeza se o assassinato ajudaria muito a situação.

Matteo apenas grunhiu como se o assassinato resolvesse tudo. Dei-lhe uma cotovelada nas costelas, exasperada.

— Batendo no seu Don. Isso merece alguma punição, Sofiya. — Seu tom severo se misturou com seu sorriso e a maneira como sua mão subiu pela minha coxa aqueceu meu interior.

Soltei um gemido involuntário e Matteo riu, sua respiração bagunçando meu cabelo. Seus lábios mergulharam em meu ouvido, suas palavras apenas para mim. — Você está molhada para mim, *tesoro*? Você quer que eu acaricie essa bocetinha carente? — Ele apertou minha coxa com mais força, aumentando minha excitação.

Olhei para Enzo e Angelo, que estavam sentados na frente, e Macarrão, que estava enrolado aos meus pés, antes de dar um pequeno aceno de cabeça para meu marido.

— Hum. — Ele segurou minha boceta através do meu vestido. — Pena que já estamos aqui.

Olhei pela janela. Paramos em frente a uma enorme mansão. Virei minha cabeça de volta para meu marido. — Mas...

Angelo e Enzo saíram do carro, deixando-nos sozinhos.

Matteo sorriu e me beijou gentilmente. — Acho que você só terá que ser uma boa menina e esperar até chegarmos em casa.

— Não. — eu choraminguei.

Ele agarrou meu queixo. — Se você for boa para mim, comerei essa boceta doce quando chegarmos em casa. Vou fazer você gozar na minha língua, dedos e pau. Mas... — ele passou os dedos pelos meus cabelos e então agarrou com força, inclinando minha cabeça para trás para encontrar seu olhar quente — ...se você for uma garota safada, eu vou te bater e te foder, tirando meu próprio prazer do seu corpo sem deixar você gozar.

Eu me contorci em meu assento, pressionando minhas coxas juntas com minha calcinha encharcada apertada contra minha boceta.

— Pronto, essa é a expressão que gosto de ver na minha esposa. Carente e implorante, sabendo que ela tem que ser uma boa menina e obedecer.

Respirei fundo. — Você é mau.

Ele puxou meu cabelo, fazendo meus lábios se separarem. — Isso mesmo, *tesoro*. Mau, cruel e perigoso. Não se esqueça disso. — Ele me deu um beijo forte e reivindicativo e então saiu do carro, contornando-o para abrir minha porta.

Enzo já havia tirado minha cadeira de rodas, mas Matteo estava olhando os degraus que levavam à mansão como se fosse destruí-los.

— Posso andar se você me ajudar. — sugeri.

Matteo passou a mão pelos cabelos bufando. — Não, você não vai. Eu carregarei você e depois discutirei com Lombardi.

— *Miliy* você não pode ficar chateado com seus capos por não terem casas acessíveis para cadeiras de rodas.

Seus olhos piscaram com o termo carinhoso. Eu não tinha a intenção de dizer isso, mas pareceu certo quando escapou dos meus lábios. Não era um termo que eu já tivesse ouvido falar na vida real - minha mãe certamente não chamaria o Pakhan de *querido* - mas eu o li em um dos poucos romances russos aos quais tive acesso. Eu adorava ter um nome que só eu pudesse usar para meu marido. Isso me fez sentir como se ele realmente pertencesse a mim.

Os braços de Matteo emolduraram a abertura da porta do carro, seu corpo me prendendo. — Você está muito livre com suas exigências hoje, esposa.

Dei de ombros. — É porque sou brilhante e você deve sempre me ouvir.

Ele passou a mão pelo queixo e eu sabia que ele estava tentando não sorrir. Aproveitei a oportunidade para passar meus olhos por seu corpo. Matteo era alto e forte em seu terno preto, puro poder irradiando dele.

Ele captou meu olhar errante e levantou uma sobrancelha questionadora.

— Só estou admirando meu marido — eu disse. — Ou isso ou decidindo se vou matá-lo por me deixar insatisfeita.

— Eu poderia estar preocupado com sua ameaça se você não parecesse um gatinho feroz.

Revirei os olhos. — Continuo dizendo que sou uma ótima atiradora. Eu provavelmente poderia destruir todos os seus homens facilmente em um tiroteio.

Matteo se inclinou, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto. — Tudo o que você disser, *tesoro*. Agora, vamos acabar com essa festa tediosa. Teremos uma noite movimentada pela frente quando chegarmos em casa.

Minhas bochechas esquentaram quando Enzo tossiu um pouco, claramente por ter ouvido as palavras de meu marido.

— Vamos — disse Matteo. Ele me tirou do carro e me colocou em seus braços. Entreguei a coleira de Macarrão para Angelo.

— Talvez você devesse ficar em meus braços a noite toda.

— Seus braços vão ficar cansados.

Ele me balançou em seu abraço, me fazendo rir. — Até parece.

Eu sorri, pressionando meu sorriso em seu pescoço. Ele cheirava tão bem, como couro, fumaça e chuva. — Já mencionei que gosto da sua barba? — Corri meus dedos por sua mandíbula afiada e com a barba por fazer.

— Você talvez tenha mencionado. — Matteo subiu os degraus até a casa com facilidade.

A pesada porta da frente estava ladeada por quatro guardas que abaixaram a cabeça quando viram Matteo, murmurando — Chefe — Matteo deu-lhes um breve aceno de cabeça e então o mordomo abriu a porta da frente para nós, revelando um hall de entrada tão opulento que machucaram meus olhos. Cada superfície era dourada com o que parecia ser ouro verdadeiro, com enormes pinturas a óleo emolduradas penduradas nas paredes.

— Umm... Eles definitivamente gostam de ouro. — eu disse.

Matteo bufou. — Sente-se inspirada para reformar nosso apartamento?

— Eu sempre disse que se você consegue ver uma sala sem óculos escuros, você está fazendo errado. O que você acha, Angelo? Há uma clara falta de ouro no seu apartamento.

Angelo escondeu a risada com uma tosse sufocada quando um homem baixo e de smoking preto se aproximou de nós.

— Don Rossi! Bem-vindo à minha casa. Estamos honrados em ter você aqui. Todos estão se reunindo nos jardins. — O homem – que presumi ser Riccardo Lombardi, um dos capos das Cinco Famílias – olhou para Matteo me segurando e depois para minha cadeira de rodas na frente de Enzo.

— Sua casa não é acessível para cadeiras de rodas. — disse Matteo, a título de saudação. — Conserte-a. — Ele passou por Lombardi, passou pela sala de estar e saiu pelas portas francesas abertas que davam para o pátio. O cenário ali era tão opulento quanto o interior: castiçais dourados em mesas cobertas de linho, arranjos de flores que deviam custar milhares de dólares e uma multidão de membros da Família elegantemente vestidos.

Minhas bochechas queimaram quando todos se viraram para ver nossa entrada. — Você pode me colocar no chão? — Eu sussurrei. Fiquei muito envergonhada de ser vista em uma cadeira de rodas, mas ser carregada nos braços de Matteo era muito pior. Em seus braços, eu era proeminente e notável. Na minha cadeira, eu ficava invisível.

Matteo deve ter percebido a angústia em minha voz porque me ajudou a sentar na cadeira sem discutir. Ainda assim, ele tinha uma expressão descontente... uma que eu agora entendia como significando que ele estava frustrado por não estar mais me abraçando, não com raiva de mim.

— Vamos — disse ele, segurando minha mão com firmeza. — Eu tenho que falar com as pessoas.

— Você parece preferir ser torturado. — eu disse com um sorriso.

— Ele provavelmente prefere isso. — disse Angelo.

Eu bufei e peguei a coleira dele. Macarrão ficou ao meu lado enquanto Matteo me levava para o pátio.

Os Made Men quase se empurraram para fora do caminho em um esforço para chegar até Matteo primeiro, parecendo pavões enquanto estufavam o peito em um esforço para serem impressionantes. Todos me cumprimentaram com bastante gentileza, mas sua atenção imediatamente se voltou para seu Don.

Depois de trinta minutos ouvindo conversas tediosas sobre rotas marítimas, fabricação de armas e tráfico de drogas, fiquei sobrecarregada e entediada na mesma medida. Eu não conseguia me concentrar no que as pessoas diziam com todo aquele barulho, a agitação das pessoas e meu medo de ser julgada. Macarrão apoiou a cabeça na minha perna e o peso dele me prendeu, mas eu ainda havia atingido meu limite.

Eu puxei a mão de Matteo. Ele imediatamente ergueu a mão para parar o homem à sua frente no meio da frase e voltou sua atenção para mim.

— O que você precisa, *tesoro*? — Ele se inclinou e segurou meu rosto.

— Vou com Angelo tomar uma bebida. Você quer alguma coisa?

— Porra. — ele murmurou. — Eu deveria ter pegado algo para você quando chegamos aqui.

— Você tem coisas importantes para fazer.

Ele fez uma careta. — Nada é mais importante do que cuidar de você.

Sorri e passei o polegar por sua testa franzida. — Você cuida de mim, *Miliy*. Agora, você quer uma bebida?

— Você pega uma para você. Eu me juntarei a você em breve. — Ele me beijou na testa antes de relutantemente se voltar para o homem à sua frente, que estava olhando para a nossa conversa com perplexidade.

Angelo e eu fomos para o bar ao ar livre. — Por que aquele homem parecia tão chocado? — Eu perguntei a ele.

— O Chefe nunca foi visto com uma mulher todos esses anos — disse ele. — E eles certamente nunca o viram tratar alguém como trata você.

Minhas bochechas esquentaram com o quão especial suas palavras me fizeram sentir. Dei uma guloseima ao Macarrão enquanto esperava que Angelo me trouxesse uma bebida. Um grupo de esposas da máfia estava ao lado do jardim com cabelos perfeitamente penteados, vestidos elegantes e joias caras praticamente pingando delas. Quando me pegaram olhando, todas rapidamente se viraram. Uma sensação desconfortável e contorcida cresceu em meu peito, mas me forcei a ficar sentada, tentando levar a sério as palavras de meu marido. Eu era uma rainha e pertencia aqui tanto quanto elas.

— Onde você quer ir? — Angelo perguntou, minha bebida na mão.

— Que tal lá? — Apontei para um local tranquilo na beira do gramado. Luzes cintilantes estavam penduradas acima de nós nesta parte do jardim, fazendo com que parecesse quase aconchegante. Fomos até lá, minha nova cadeira de rodas lidando com o terreno com facilidade.

— Eu me pergunto se elas estão preocupadas que minha condição seja contagiosa. — eu brinquei, acenando para as mulheres que estavam olhando furtivamente para mim.

— Ignore-as, *bella*. Se elas fossem espertas, estariam em cima de você tentando ganhar sua graça.

Cantarolei, pegando minha bebida de Angelo. Eu deveria estar grata por elas estarem mantendo distância. Eu não tinha energia para conversa fiada esta noite, mas a sensação que tive durante a maior

parte da minha vida de sempre ser indesejada e deixada de fora subiu pela minha garganta. Pisquei e desviei o olhar delas.

Macarrão colocou a cabeça no meu colo, como se sentisse que eu precisava de algum apoio extra. Acaricieei sua cabeça distraidamente enquanto observava a multidão.

Havia pelo menos cinquenta pessoas aqui. A maioria dos homens era significativamente mais velhos que Matteo, o que me encheu de orgulho pelo quão jovem ele era quando assumiu o cargo de Don e pelo sucesso que teve durante todos esses anos. A atmosfera era animada, com pessoas bebendo e rindo, mas também havia uma ponta de tensão que reconheci nas reuniões da Bratva das quais participei. A sensação de que traidores e ameaças podem estar à espreita em cada esquina.

— Merda — disse Angelo, olhando para o relógio. — Enzo precisa de reforços dentro da casa. — A tensão alinhava-se em sua mandíbula enquanto ele vacilava, sem saber o que fazer.

— Eu ficarei bem aqui. Eu tenho Macarrão e Matteo está logo ali.

Ele olhou para o relógio novamente e amaldiçoou qualquer mensagem que Enzo havia enviado. — Não saia deste lugar, Sofiya. Quero dizer isso.

— Eu não vou. — eu prometi.

Meu guarda me deu um breve aceno de cabeça e depois caminhou rapidamente em direção às portas francesas. Matteo percebeu seu movimento e olhou para mim, seu rosto parecia um trovão. Eu dei a ele um aceno estranho e um sinal de positivo. Ele consultou o relógio, sua expressão ficando tensa.

Eu esperava que tudo estivesse bem lá dentro. Tinha que ser algo significativo se Enzo precisava de reforços.

Voltei para minha bebida, olhando as cerejas ao maraschino no fundo. Eu estava tentando pescá-las discretamente quando uma mulher linda se sentou ao meu lado. Olhei para cima, chocada por alguém ter se aproximado de mim. Macarrão abanou o rabo, mas continuou focado em mim.

A mulher parecia ter vinte e poucos anos e tinha cabelos ruivos perfeitamente cacheados e um punhado de sardas na ponta do nariz. Ela estava usando um vestido justo de seda verde, e senti momentaneamente inveja de sua figura magra e movimentos graciosos.

— Deus, essas festas são chatas, não são? — Ela se virou na cadeira para me encarar, com um sorriso brilhante no rosto. — Eu sou Leona.

— Sofiya — respondi.

— Oh, eu sei — ela disse com uma piscadela. — A misteriosa princesa Bratva que roubou o coração do Don.

Eu corei. — Não tenho certeza sobre isso.

— Oh, mas eu tenho. — A voz de Leona era sensual quando ela estendeu a mão e enrolou uma mecha do meu cabelo em seu dedo. Olhei em seus olhos escuros. Sua presença era igualmente atraente e perigosa. — Todos esses homens pensam que são tão poderosos, aqui fazendo pose com suas armas e seus paus. Isso torna mais fácil para eles nos ignorarem. — ela continuou.

Eu levantei uma sobrancelha. — Não tenho certeza se alguém poderia ignorar você.

Leona riu enquanto se recostava na cadeira e cruzava as pernas. — Isso é porque você é inteligente e observadora. Eu também sou, e é por isso que sei que você detém o maior poder nesta sala. E todos eles... — ela apontou para o gramado lotado de homens posando em seus ternos — ...são cegos demais para ver.

— Não tenho certeza sobre isso. Passei a maior parte da minha vida me sentindo fraca e invisível. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las. Em poucos minutos, Leona derrubou minhas defesas. Ou talvez eu tenha passado tantos anos sozinha que minhas defesas se tornaram tão patéticas e vulneráveis quanto eu.

Um sorriso feroz dividiu o rosto de Leona. Ela se inclinou em minha direção até que seu rosto estivesse perto do meu. Seus olhos

voaram para meus lábios. — Quão perigosa você será quando reivindicar seu poder. Mal posso esperar para ver.

Meu coração bateu mais rápido. Eu me senti como se estivesse presa por um predador e não sabia se ela estava prestes a me beijar ou me matar.

— Leona — A voz enfurecida de Matteo soou, eu levantei minha cabeça para ver meu marido atacando em uma nuvem de raiva.

— Don Rossi. — Ela recostou-se na cadeira, a imagem da tranquilidade. — É bom te ver.

— Dê-me uma razão pela qual eu não deveria matar você aqui mesmo. — Matteo vibrou com raiva fria enquanto inclinava seu corpo na frente do meu.

Leona bufou. — Porra, essa frase era tão previsível. — Ela olhou ao redor dele para pegar meu olhar. — Foi um prazer conhecer você, Sofiya. Tenho certeza de que nossos caminhos estão destinados a se cruzarem no futuro. — Ela estendeu a mão como se fosse acariciar meu rosto, mas Matteo segurou seu pulso. Ela soltou uma risada alegre, fez algum tipo de movimento para se soltar e desapareceu nas sombras na beira do quintal.

Matteo se moveu como se fosse persegui-la, mas eu agarrei sua mão. Ele olhou para onde nossos dedos estavam unidos.

— Você não precisa fazer nada. Ela estava apenas sendo legal.

— Legal? — Ele passou a mão pelo rosto. — Juro por Deus, Sofiya. Como você se mete em tantos problemas onde quer que vá? Leona Byrne é a principal assassina da máfia irlandesa em Boston.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Seriamente?

Matteo sentou-se no assento que Leona acabara de desocupar. — Sim, seriamente. O que vou fazer com você, *tesoro*? Eu deveria matar Angelo por deixar você sozinha.

— Havia algo acontecendo lá dentro. Eu disse a ele para ir, então não fique bravo com ele.

O olhar aquecido do meu marido me fez contorcer novamente. — Você está apenas acumulando punições. — Ele levou minha mão aos lábios e beijou-a suavemente. — Sobre o que vocês duas estavam conversando?

— Ela estava me dizendo que sou a pessoa mais poderosa aqui. — eu disse com um sorriso.

— Bem, ela está certa sobre isso. — Matteo murmurou baixinho. — Venha aqui. Preciso de você por perto para não entrar e matar seu guarda-costas.

Ele me puxou da cadeira e me colocou em seu colo. Eu me aninhei nele, absorvendo seu cheiro e seu calor. — Você não tem mais pessoas com quem conversar?

— Eles podem esperar. — Ele beijou minha testa.

Um silêncio tenso caiu sobre a multidão, todos tentando vislumbrar o comportamento incomum de seu Don. — Isso não vai manchar a sua imagem? Fazer você parecer menos intimidante?

Matteo me apertou ainda mais enquanto eu tentava me sentar. Eu não queria fazer nada que pudesse pôr em risco a autoridade pela qual ele tanto trabalhou.

— Eu não te dei permissão para se mover, Sofiya.

Meus dedos apertaram seu paletó enquanto a excitação disparava através de mim.

— Ficarei mais do que feliz em mostrar a qualquer um aqui que pensa que sou menos poderoso porque adoro minha rainha o erro de seus caminhos. — As palavras foram ditas como uma ameaça baixa, e isso causou outro arrepio e mim.

Um movimento chamou minha atenção quando Angelo e Enzo caminharam em nossa direção. Passei minha mão na nuca de Matteo. — Você não pode matá-los.

— Eu sou o Don. Posso fazer o que quiser. — foi sua única resposta. Deixei escapar um longo suspiro, feliz por estar em seu colo

para que ele não pudesse atacar facilmente meus guardas.

— Chefe, eu... — Angelo começou.

Matteo ergueu a mão, silenciando-o. — Você e eu, no ringue amanhã.

Angelo deu-lhe um breve aceno de cabeça antes de voltar seu olhar para mim. — Você está bem, Sra. Rossi?

— Matteo é quem está bravo com você, não eu, então pare com essa merda de Sra. Rossi. — eu disse, revirando os olhos. — Estou perfeitamente bem. Meu marido está irritado porque tive uma conversa adorável com uma assassina irlandesa.

A mandíbula de Angelo apertou. — Leona Byrne?

Matteo assentiu.

— Merda — disse Enzo.

— Leona não é um nome irlandês, é? — Perguntei.

— É italiano — disse Matteo. — A mãe dela era filha de um dos nossos capos. Ela fugiu para ficar com o segundo em comando da Máfia de Boston... o pai de Leona. Leona reivindica sua herança italiana apenas quando conveniente. Peça a Franco que investigue o que ela está fazendo na minha cidade e pergunte por que diabos não sabíamos que ela estava aqui.

Romeo ergueu o queixo em assentimento antes de pegar o telefone.

— O que estava acontecendo lá dentro? — perguntei a Angelo.

— Aparentemente, a filha de Lombardi não está entusiasmada com o noivo. — disse ele com uma careta.

— O que você quer dizer?

— Ela está apaixonada por um dos soldados de infantaria de Riccardo, ou pelo menos foi o que percebi quando ele apareceu para tentar reivindicá-la. — disse Angelo.

Virei-me para Matteo. — O pai dela não pode forçá-la a se casar com o noivo se ela estiver apaixonada por outra pessoa. — Pude ouvir o quão ridículas minhas palavras soaram enquanto eu estava sentada no colo do marido que nunca teria escolhido, mas de quem agora nunca abriria mão.

— Ele é o pai dela, *tesoro*. É assim que as coisas são.

— Não é justo. — eu disse calmamente.

Matteo passou a mão pelo meu cabelo.

— Você pode pelo menos garantir que nada aconteça com o outro cara? O soldado?

— Ele insultou seu capo. — disse Matteo.

Segurei seu rosto e olhei em seus olhos escuros. — Por favor. Ele não merece morrer porque a ama.

Matteo suspirou antes de se virar para Romeo. — Cuide para que isso seja feito.

— Sim, chefe — disse Romeo antes de entrar.

— Hora de ir. — disse Matteo. Ele me manteve em seus braços, me segurando com força enquanto saía da festa, ignorando todos que tentavam chamar sua atenção. Angelo seguiu com Macarrão e minha cadeira de rodas.

Matteo me acomodou na parte de trás do carro, puxando-me contra seu corpo assim que entrou. Ele passou o polegar pela minha bochecha em um gesto que parecia dolorosamente terno.

— Você descobriu alguma informação útil? — Eu perguntei quando pegamos a estrada.

— Certamente descobri muitas informações inúteis. — disse ele.

Meu coração torceu ligeiramente com sua não resposta. Ele estava me deixando entrar mais, demonstrando seu carinho por mim, mas ainda não confiava totalmente em mim com os assuntos da Família. Só então, seus lábios roçaram minha testa e eu disse a mim mesma que

isso não importava. Eu aceitaria todos os pedaços que ele estivesse pronto para oferecer porque o amava.

Eu o amava.

A constatação de que havia me apaixonado por meu marido me atingiu em uma onda de emoções. Eu me apaixonei por Matteo pouco a pouco, meu coração se expandia com cada gentileza que ele me mostrava, com cada vez que ele me deixava vislumbrar quem ele era de verdade.

Eu não tinha certeza se Matteo algum dia poderia me amar. Ele trancou seu coração depois do assassinato de seus pais e eu tinha que aceitar que ele poderia nunca destrancá-lo. Mas quando me enrolei ao seu lado, sentindo-me contente, segura e aceita, eu sabia que tinha recebido mais do que poderia pedir.



— Preciso alimentar você. — disse Matteo, passando os dedos pelo meu braço. O carro estava escuro enquanto voltávamos para casa. — Você quer pedir algo quando voltarmos?

Uma placa na interestadual me fez engasgar quando apontei para ela. — Oh, meu Deus. Podemos ir ao Sonic? Mila e eu víamos anúncios dele na TV.

— O que é Sonic? — Romeo perguntou.

— É um drive-in. Então você come no seu carro. — eu disse, pulando de entusiasmo. — Parece tão divertido.

Matteo passou a mão pelo rosto. — *Tesoro*, por favor, eu imploro. Deixe-me gastar mais do que alguns dólares em uma refeição para você.

Inclinei-me para beijar sua bochecha. — Isso provavelmente custará mais do que o cachorro-quente.

Ele resmungou, mas não impediu Romeo de pegar a saída. Poucos minutos depois, entramos no restaurante e estacionamos perto de um menu iluminado. Matteo estava mais perto, então soltei o cinto e passei

por cima dele para ver melhor. Sua mão descansou na minha bunda, apertando-a com força, e eu bati em seu ombro.

— O que você quer? — Perguntei.

— Uma mesa para comer. — disse Matteo.

Eu sorrio. — Vou pedir para você, então. Romeo, Angelo, vocês sabem o que querem?

— Oh, sim — disse Angelo. — Isso é muito melhor do que alguma comida de festa pretensiosa.

— Esse é o espírito.

Romeo abriu a janela para mim e eu fiz nosso pedido, certificando-me de conseguir milk-shakes suficientes para todos nós, mesmo que os caras insistissem que não precisavam de sobremesa. Homens tolos da máfia. Também comprei um hambúrguer simples para o Macarrão. Ele tinha sido um menino tão bom na festa. Só de tê-lo por perto me fez sentir mais tranquila.

— Você está feliz? — Matteo perguntou assim que comemos.

— Sim. — Inclinei-me para o lado dele enquanto abaixava minha voz. — E isso significa que não teremos mais nada que precisemos fazer quando chegarmos em casa.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Sua garota ardilosa e travessa.



Matteo me carregou para fora do elevador, seu corpo praticamente vibrando de energia. Enzo assumiu seu posto do lado de fora da nossa porta e eu dei-lhe um pequeno aceno enquanto passávamos por ele. Angelo se ofereceu para cuidar da rotina noturna de Macarrão, então meu marido e eu estávamos livres para ir direto para o nosso quarto.

Matteo me deitou no colchão, me segurando com os braços enquanto se inclinava sobre mim. — Tenho uma ideia para algo que gostaria de experimentar. — Sua voz era baixa e sensual, causando um arrepio através de mim.

— O que é?

Seus lábios se separaram e então ele hesitou por um momento. Isso chamou minha atenção... era muito raro meu marido duvidar de alguma coisa.

— Eu costumava ser membro de um clube quando era mais jovem. Um clube BDSM. — esclareceu.

Meu coração acelerou.

— Você já ouviu falar em rope¹¹? — Ele me prendeu com seu olhar aquecido.

— Como amarrar alguém?

Ele assentiu. — É algo que gosto e gostaria de compartilhar com você. Fiz algumas pesquisas sobre como modificá-la para que seja seguro para você.

— Você quer me amarrar? — Eu parecia sem fôlego enquanto pressionava minhas coxas, ficando molhada só de pensar.

— Acho que você vai gostar. — Ele passou o polegar pelos meus lábios e eu os separei, colocando seu dedo na boca e chupando-o. — Boa menina. — ele murmurou. — Tão boa para mim. — Ele puxou o polegar, passando-o ao longo do meu lábio inferior.

— O que você gosta sobre isso? — Perguntei.

— Hmm, muitas coisas. Gosto de ver minhas parceiras se submetendo cada vez mais. Rope tem a ver com confiança, comunicação e linguagem corporal. É a interação de dor e prazer, de domínio e submissão. Isso me dá uma sensação de controle que anseio.

Uma faísca de excitação percorreu meu estômago, mas também senti uma sensação desconfortável e de ciúme apertar meu peito.

— O que foi? — ele perguntou, com a testa franzida enquanto percebia minha carranca.

Eu hesitei em responder, não querendo parecer mesquinha e imatura. Ele segurou minha garganta, sua força sobre mim era puro domínio enquanto me forçava a encontrar seu olhar.

— Não gosto de pensar em você com outras mulheres. — Cuspi as palavras, tentando me libertar de seu domínio. Ele não estava aceitando. Ele prendeu minhas mãos, não permitindo nenhum movimento. Um sorriso torceu seus lábios, aumentando minha indignação.

— Não ria de mim. — eu rebati.

— Nunca — disse ele, com uma expressão séria. — Eu estava sorrindo porque gosto de ver você possessiva comigo. — Seus lábios roçaram minha pele. — Você não tem nada com que se preocupar, *tesoro*. Nenhuma daquelas mulheres significou nada para mim. Eu não tive uma conexão com elas além do que fizemos em uma cena. Brincar com você seria completamente diferente.

— Por que seria? — Eu perguntei, ainda um pouco rabugenta.

— Porque eu me importo com você. Porque ver você desmoronar de prazer é a coisa mais linda que já vi. Porque não quero que esta seja uma cena única. Eu quero mais com você. Eu preciso de tudo.

Enterrei meu rosto em seu pescoço, precisando de um minuto para assimilar suas palavras. Ele acariciou meu cabelo em um ritmo calmante e paciente.

— Como funcionaria? — Eu finalmente perguntei.

— Começaríamos devagar. Explorando como seu corpo responde, o que você gosta e o que não gosta.

— E se eu não gostar?

— Então não fazemos isso.

— Isso significa... — Eu parei, nem mesmo querendo falar as palavras em voz alta. Ele agarrou meu queixo, levantando uma única sobrancelha. Eu bufei. — Se eu não gostar, você irá ao clube e encontrará outras mulheres para amarrar?

A expressão de Matteo escureceu como um trovão. — Não, esposa. Não vou encontrar outras mulheres.

Mesmo que sua voz contivesse uma censura severa, aliviou o aperto em meu peito. Eu mordi meu lábio. — O que você quer dizer com gostar de estar com alguém submisso? Não sei se consigo fazer isso, ser isso. Não quero ser um capacho.

Um som semelhante a um grunhido ressoou na garganta de Matteo. — Você nunca será a porra de um capacho. Você é minha rainha. Sua submissão é algo que você dá gratuitamente e já me deu. Qual é a sensação quando eu treino você no escritório? Quando estou a controlando durante o sexo?

Minhas bochechas queimaram. — É uma sensação boa, de um jeito sujo.

Matteo assentiu, sem nenhum sinal de julgamento em sua expressão. — Aí está você, tesouro. Você já me presenteou lindamente com sua submissão. Eu anseio por controle. Você deseja se desapegar.

— Oh. Acho que pensei que submissão fosse algo diferente.

— Talvez eu o leve aos seus limites. Sou um idiota dominante e imponente. Mas você sempre tem o poder. Se alguma coisa parecer errada e precisarmos fazer uma pausa, diga-me ou diga amarelo. E se você ficar com medo, se machucar ou quiser parar por qualquer motivo, diga vermelho.

Corri meus dedos ao longo de sua mandíbula e balancei a cabeça. Ele se mexeu, então ficou montado em meus quadris sem colocar seu peso sobre mim.

— Não sei como tive tanta sorte. — Seu olhar permaneceu em mim, e isso me fez sentir sexy, não constrangida.

Ele segurou minhas bochechas e lentamente passou as mãos pela minha clavícula, meus braços, e depois voltou para cima, traçando um padrão para cima e para baixo no meu torso. Respirei fundo quando ele segurou meus seios, mas ele manteve seu toque frustrantemente leve. Tentei me arquear ao seu toque, e o sorriso em seus lábios me disse que ele sabia exatamente o que eu estava fazendo.

— Alguém está se sentindo carente? — Seus lábios roçaram minha orelha e um arrepio passou por mim.

Suas mãos continuaram seu caminho pelo meu corpo, apertando meus quadris e coxas. Ele brincou com a barra do vestido, empurrando-o pelas minhas pernas antes de tirá-lo completamente. Inspirei profundamente. Ele mal tinha feito nada ainda e minha pele já estava em chamas.

Ele levantou minha perna e pressionou os lábios no meu tornozelo. A sensação de seus dedos, lábios e respiração contra minha pele aumentou o calor em meu núcleo, especialmente enquanto ele subia pela minha perna. Mas quando ele chegou na minha boceta, tudo o que ele fez foi dar um beijo leve no meu clitóris através da minha calcinha de renda antes de beijar minha outra perna.

— Matteo. — eu choraminguei quando ele voltou para a minha boceta, desta vez apenas respirando nela. — Eu preciso de mais.

Ele riu sombriamente enquanto se sentava. — Você aceitará exatamente o que eu lhe der, *tesoro*. — Sua pele era quente contra a minha enquanto ele tirava meu sutiã e colocava meu mamilo em sua boca, deixando-me me contorcendo.

Quando ele saiu da cama, soltei um ruído indignado e estendi a mão para ele.

— Tão carente — ele respondeu com uma risada.

Ele desapareceu no closet e saiu com uma bolsa preta. Ele puxou um pedaço de corda antes de voltar para a cama e me colocar sentada. Ele se sentou atrás de mim, seu peito pressionado contra minhas costas, me apoiando e me fazendo sentir querida e protegida. Então o pedaço de corda estava em suas mãos, percorrendo minha pele.

— Qual é a sensação? — Suas palavras vibraram contra meu pescoço.

— Boa — eu disse. A corda era firme e texturizada, mas não muito áspera.

Ele cantarolou quando começou a enrolar a corda em volta do meu peito. Ele levantou meus seios, apertando cada um em suas mãos grandes antes de passar a corda por baixo deles. Sua mão segurou minha garganta e eu estremeci. — Você está indo tão bem para mim. — Quando ele tirou a mão, olhei para o padrão de diamante no meu peito. Seu controle sobre mim era firme, como uma extensão do toque de Matteo. — Como está?

Virei minha cabeça e dei um beijo suave em seus lábios. — Bom.

Ele retribuiu meu beijo com um beijo forte antes de sair de trás de mim e me abaixar na cama. O movimento fez com que a corda se movesse contra a minha pele, a fricção dela contrastando com a suavidade do colchão. Então ele moveu meu braço para o lado e fechou uma algema larga e acolchoada em volta do meu pulso. Encontrei seu olhar, olhos arregalados.

— Não vou amarrar seus braços com força, apenas o suficiente para você sentir.

— Sentir o quê? — Eu sussurrei.

— Sentir meu controle sobre você.

Ele amarrou um pedaço de corda no pulso e depois o prendeu na lateral da cama antes de repetir do outro lado. Puxei a corda, uma onda de pânico percorreu meu corpo quando percebi que não conseguia me

mover, não conseguia me levantar. Suas mãos pesavam sobre minha barriga enquanto ele me observava, paciente enquanto eu me adaptava a todas as sensações.

Seu toque me deixou de castigo. Respirei fundo e meus músculos relaxaram.

— Tão bom. — ele murmurou contra minha pele. — Tão corajosa, tão linda.

Suas palavras preencheram aquele lugar ferido dentro de mim que nunca pareceu suficiente, curando as bordas da ferida que carreguei por tanto tempo. Eu não acreditava totalmente que era corajosa ou bonita, pelo menos ainda não, mas nunca me cansaria de ouvi-lo dizer isso.



Minha pequena esposa estava embriagada, sua mente indo para aquele doce espaço onde ela poderia se soltar completamente. Seu corpo estava relaxado, cedendo perfeitamente à sua escravidão.

Inclinei-me para frente e dei beijos suaves em sua testa, nariz e lábios. Fui recompensado com um pequeno gemido. O som mais doce que eu já ouvi.

Minha mão percorreu seu peito, verificando se a corda não estava interrompendo a circulação antes de pegar outro pedaço. — Vou amarrar suas pernas, baby.

Já fazia um tempo que eu não praticava rope... pelo menos, com uma parceira íntima. Usei minhas habilidades frequentemente para torturar meus inimigos.

Mas nada poderia ter me preparado para a intensidade de amarrar Sofiya.

Eu pesquisei como modificar o rope para Ehlers-Danlos, até conversando com um dos amarradores do clube que tinha experiência

com SDE. A SDE de Sofiya significava que ela era extremamente flexível, mas eu precisaria ter cuidado para não forçar seu corpo em posições que sobrecarregassem seus músculos ou arriscassem deslocamento ou inflamação das articulações. Sua pele também poderia marcar mais facilmente – houve alguns hematomas quando eu bati nela – então usei algemas de couro macio em seus pulsos. A última amarração que eu queria fazer era uma amarração sereia nas coxas, que segurasse as pernas juntas.

Fiquei focado no que estava fazendo, mesmo que meu pau estivesse duro e pressionando dolorosamente contra minha calça. Sofiya parecia uma maldita deusa em sua amarração peitoral, e eu continuei verificando se havia algum sinal de angústia. Meu coração batia forte, tanto por causa do entusiasmo quanto da excitação, mas também pela ansiedade que carregava... o medo de fazer algo errado e machucá-la.

Terminei de amarrar suas pernas, o padrão destacando suas coxas cremosas.

— Você é perfeita. — murmurei.

Coloquei minhas mãos entre suas pernas gloriosas e segurei sua boceta. Meu pau ficou ainda mais duro com a sensação de seu calor escorregadio encharcando minha mão. — Você está encharcada para mim.

Ela choramingou novamente e tentou arquear-se contra o meu toque, mas as cordas a seguraram com firmeza. — Por favor. Por favor, Matteo. Eu preciso... — Ela gemeu quando eu coloquei a palma da minha mão em sua boceta.

— Eu adoro ouvir você implorar. Adoro ouvir você tão desesperada por mim. — Empurrei um dedo dentro dela, gemendo com a forma como ela se apertou ao meu redor. — Eu vou te possuir assim. Suas doces pernas amarradas, tentando me manter fora. — Corri meu nariz pela coluna de sua garganta, respirando seu doce perfume tingido de sal. — E você vai ficar aí deitada e aceitar, porque não tem escolha. — Agarrei suas nádegas e apertei com força. — Mas você vai adorar.

Ela estremeceu e choramingou e lutou contra sua escravidão até que eu tive piedade dela. Agarrei seus quadris com força, verificando mais uma vez se a corda não estava apertando ou cortando a circulação, antes de me enfiar completamente dentro dela.

Sofiya soltou um grito sufocado.

— Isso mesmo, grite por mim, *tesoro*. Grite pela maneira como meu pau está entrando em sua boceta. — Eu mal conseguia formar palavras. Ela estava mais apertada do que nunca, ainda mais apertada do que na nossa primeira vez. O suor escorria pelas minhas costas enquanto eu empurrava novamente, tentando entrar completamente dentro dela.

— Matteo — ela gritou. — Mais.

Soltei uma maldição e me inclinei, nossos lábios se encontrando com desespero.

— Porra, baby, eu vou gozar de forma embaraçosamente rápida. Preciso que você goze comigo.

Ela choramingou enquanto eu beliscava seus mamilos, sua boceta apertando meu pau. Circulei seu clitóris com meu polegar, implorando silenciosamente que ela gozasse antes que eu fizesse papel de bobo. Assim como minha espinha estava formigando e eu estava a segundos de gozar, ela gritou. Soltei um suspiro de libertação e soltei-a, enchendo a sua boceta apertada e quente com a minha porra.

Seus olhos encontraram os meus, arregalados e vidrados de prazer. Respirávamos o mesmo ar, nossos corações batendo no mesmo ritmo, eu nunca estive tão conectado a outro ser em toda a minha vida.

Ficamos naquele transe mesmo quando eu saí de dentro dela, removi a corda, esfreguei loção em sua pele macia e a segurei perto.

— Obrigada por me fazer sentir tão segura — disse ela, seus lábios roçando a palavra “*lealtà*” tatuada em meu peito.

Pressionei meu rosto no topo de sua cabeça, respirando profundamente. Eu não iria, não *poderia* dizer isso em voz alta, mas ela

também me fez sentir seguro.



A luz da manhã entrava pela janela do banheiro. Recostei-me na banheira, a água quente me banhando, e tomei um gole de café. O café que meu marido tinha feito para mim, completo com uma gota de espuma deformada em cima. Sorri para mim mesma ao pensar em como ele havia feito uma careta ao me entregar o café, murmurando algo sobre "falta de cooperação" por causa da espuma.

Eu esperava estar dolorida depois de nossa incursão no rope na noite passada, mas acordei me sentindo estranhamente relaxada. Provavelmente foi devido à preocupação do meu marido comigo. Ele parecia assassino quando viu que a corda havia deixado algumas marcas na minha pele e insistiu em passar loção nelas depois de beijar cada uma delas.

Mas *gostei* de ser marcada por ele.

Ele me fez uma longa massagem ontem à noite e esta manhã insistiu que eu tomasse um banho de sal Epsom. Eu tentei convencê-lo a ficar comigo, mas ele e Romeo estavam ocupados com alguma coisa e

ele não tinha tempo. Tentei não ficar muito chateada por não termos treinamento no escritório hoje... por eu não poder passar o dia com ele.

Matteo entrou no banheiro, vestido de terno, e se agachou perto da banheira. Larguei minha xícara de café e passei levemente meus dedos ao longo de sua mandíbula. Meus lábios ainda estavam inchados de beijá-lo até tarde da noite.

— Tem certeza que não pode entrar comigo?

Ele deslizou a mão sob a água e beliscou meu mamilo. — Ver você aí, molhada, macia e linda pra caralho, é a maior tentação da minha vida. Mas eu tenho que ir. — Ele agarrou meu queixo, inclinando minha cabeça para me dar um beijo. — Há algo esperando por você no closet quando você sair.

Meu coração pulou uma batida. Ele tinha me dado um presente? — O que é?

Matteo riu enquanto se levantava. — Minha garota impaciente e gananciosa. Você terá que ir ver.

Segurei sua mão antes de ele sair. — Você voltará esta noite? — Mordi o lábio, sem saber se minha pergunta era muito carente, mas sentia falta dele quando ele saía. Eu dormia muito melhor quando ele estava na cama comigo.

— Sim, baby. Estarei de volta esta noite. Seja uma boa garota para mim. — Ele se inclinou e me deu um último beijo antes de sair.

Sentei-me na banheira, passando os dedos pela água. Muita coisa mudou nos últimos dias entre meu marido e eu. Eu gostaria de poder conversar com Mila sobre tudo isso - eu praticamente podia ouvir seu grito animado com os acontecimentos recentes - mas ela ficou em silêncio novamente. Eu estava fazendo o meu melhor para não entrar em pânico, mas a preocupação constante ainda estava lá.

O suspense finalmente tomou conta de mim... eu precisava ver o que Matteo havia guardado no closet. Chamei Macarrão e me apoiei nele enquanto saía da banheira.

— Qual você acha que é a surpresa, Malysh?

Eu rapidamente me sequei, vesti meu roupão e empurrei a porta do closet.

Eu parei no meio do caminho.

O closet de Matteo era enorme – do tamanho do meu quarto de infância – e até agora continha uma longa fileira de ternos dele de um lado e as roupas que Sienna me deu do outro. Mas agora a parede dos fundos estava repleta de uma grande exposição de joias que pareciam ter saído de um filme. Meu coração batia forte quando me aproximei. A parede estava iluminada, destacando pulseiras, colares e brincos dispostos em um arco-íris de pedras preciosas, e no centro havia uma tiara de diamantes.

— Puta merda.

Aproximei-me lentamente do mostruário, como se um alarme fosse disparar se eu chegasse muito perto. Escondido atrás da tiara havia um bilhete. Peguei-o com dedos trêmulos.

Para minha rainha.

Virei o cartão, procurando por mais escrita, por algum tipo de explicação para a súbita e exagerada oferta de presentes do meu marido, mas não havia nada.

Sentei-me no assento do meu andador e olhei para as joias. Não parecia que eram realmente minhas. Mas, novamente, nada na minha vida atual parecia real.

Corri meus dedos ao longo da borda do cartão, observando todos os detalhes da caligrafia de Matteo – o movimento inesperado e os floreios de suas letras – antes de pressioná-lo contra meu peito. O calor se espalhou dentro de mim porque não importa o que acontecesse, este

cartão era real. Embora eu não entendesse isso, não deixasse minha mente acreditar que os presentes do meu marido significavam amor, eles significavam alguma coisa.

Sorri enquanto passava os dedos pela tiara de diamantes.



Eu estava no banco da cozinha, usando a máquina de macarrão que encontrei no fundo da despensa, quando a porta se abriu e Sienna entrou.

— Sofiya! Senti sua falta! Matteo está mantendo você muito só para ele.

Eu recebi seu abraço, mantendo minhas mãos enfarinhadas e as munhequeiras no ar para não sujar sua roupa fofa.

— Ele tem sido muito protetor desde o ataque. — eu disse.

— Alguns dizem que é protetor, outros dizem que é um monstro autoritário.

Eu sorri. Eu tinha adorado a intensidade das coisas entre Matteo e eu nos últimos dias, mas sentia falta de Sienna.

— Massa caseira para o almoço? Garota, você está me fazendo ficar mal. Você é praticamente mais italiana do que eu.

— Estou tentando. — eu disse com um pequeno encolher de ombros. — Cozinhar é a única coisa em que sempre fui boa. — Eu estava usando meus munhequeiras hoje para me manter estáveis enquanto usava a máquina de fazer macarrão.

— Tenho certeza de que você é boa em um milhão de coisas. — disse Sienna.

Era gentil da parte dela dizer, mas não era verdade. Eu não era muito inteligente e quase não tinha nenhuma habilidade, mas alimentar os outros me fazia sentir como se estivesse trazendo um pouco de bondade ao mundo.

Ela pulou no banco ao meu lado. — Como foi a festa ontem a noite?

Passei outra folha de macarrão pela máquina. — Foi... boa, não tenho certeza. Matteo conversou sobre assuntos da Máfia com os homens. A maioria das mulheres foi bastante indiferente. — Eu estava acostumada com os olhares e sussurros das esposas Bratva, mas esperava que as coisas pudessem ser diferentes aqui. — Mas eu conheci uma mulher chamada Leona.

Os olhos de Sienna se arregalaram. — Leona Byrne?

— Sim. Você a conhece?

— Puta merda. Eu não sabia que ela estava de volta à cidade. — Sienna me entregou a próxima folha de massa. — Éramos amigas, mas não a vejo há anos. A mãe dela, Aurora, era a melhor amiga da minha mãe. Não sei exatamente o que aconteceu, mas pelo que descobri, acho que mamãe ajudou Aurora a deixar a Família e a se casar com o namorado irlandês. Acho que eles eram felizes juntos até meu tio chegar ao poder. Ele matou Aurora por desertar. — Ela limpou a garganta e meu coração apertou.

— Sinto muito por ouvir isso.

— Sim, bem... De qualquer forma, Leona cresceu em Boston, mas ela queria fazer faculdade na NYU.

Meus lábios se separaram em surpresa. Eu tinha tantas perguntas.
— Ela foi para a faculdade?

— Sim. Ela precisou obter permissão especial de Matteo para poder entrar na cidade, mas eu o forcei a concordar para ter uma amiga em meu curso. Nós duas estudamos administração de empresas e éramos próximas na faculdade. Mas depois que ela se formou, ela se juntou oficialmente à máfia irlandesa, então ela não deveria estar em Nova Iorque.

— Matteo não ficou feliz em vê-la na festa.

Sienna bufou. — Eu aposto. Ele te contou o que ela faz?

— Umm, ele disse que ela é uma assassina?

Sienna sorriu. — Sim. É muito foda. Os irlandeses ensinam luta e combate às suas meninas, e Leona sempre teve talento para isso.

Não foi difícil de acreditar. Toda a energia de Leona gritava perigo.

— Você aprendeu combate e tudo mais?

Sienna balançou a cabeça. — Posso atirar com uma arma em caso de emergência, Angelo me ensinou um pouco de autodefesa, mas é isso.

— Eu poderia te ensinar a atirar, se você quisesse. — eu disse, lembrando que havia duas coisas em que eu era boa: cozinhar e atirar.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Realmente?

— Sim, meu irmão me ensinou. Ainda estou tentando fazer com que Matteo me deixe ir ao campo de tiro, mas acho que teremos que esperar até que a ameaça albanesa seja resolvida, de qualquer maneira.

— Quando for seguro, vamos lá! E aposto que Angelo também lhe ensinaria habilidades de autodefesa.

Meus lábios se curvaram em um sorriso enquanto imaginava o que Matteo pensaria sobre isso. — Eu adoraria. — Passei a cortar o macarrão em tiras. — Eu não sabia que você fez faculdade. É normal na Família que as meninas frequentem a faculdade?

— Meu papa começou a permitir isso naquela época. Mamãe queria estudar Literatura Italiana e ele nunca poderia dizer não a ela. — Sienna sorriu, mas havia um toque de tristeza nisso. — Ele permitiu que Aria estudasse medicina e aos poucos isso se tornou mais comum. Eu acho que não é assim na Bratva?

— De jeito nenhum. Não conheço nenhuma mulher que fez faculdade. Mila e eu nem sequer frequentamos a escola normal. — Minhas bochechas esquentaram de vergonha. — Recebemos tutores em casa, mas mesmo isso parou há vários anos. Tenho certeza de que seria reprovada se algum dia fizesse uma aula de verdade.

Sienna apertou minha mão. — Tenho certeza que você se sairia muito bem. Posso ajudá-la a se inscrever nas aulas, se você estiver interessada.

Minha mente zumbiu. Matteo realmente me deixaria ter aulas? Eu sabia ler e escrever muito bem, mas, fora isso, minha educação era muito deficiente. — Sempre pensei que seria divertido fazer algumas aulas de culinária. — admiti suavemente.

— Oh, isso seria divertido. Talvez eu possa me juntar a você. Não sei nada sobre cozinhar ou assar. Matteo e eu praticamente sobrevivemos com refeições de microondas depois que nossos pais morreram. Depois que ele se tornou Don novamente, ele contratou Giana, e ela cozinhou para nós todos esses anos. Mal posso esperar para você conhecê-la. Ela vai te amar.

Fiquei um pouco nervosa por conhecer essa mulher que obviamente significava muito para Sienna e Matteo, mas também seria bom ter mais companhia.

Desci do banco e peguei meu andador. Fui até o armário inferior, inclinei-me para pegar uma panela e fui atingida por uma onda de tontura. Macarrão estava ao meu lado instantaneamente, e eu me inclinei contra ele, à cozinha girando.

— Sofiya? — A voz de Sienna estava nebulosa, como se estivesse vindo até mim através da água.

Respirei fundo, agarrando-me a Macarrão até minha visão clarear. Ele me cutucou até que eu estava sentada no meu andador.

— Você está bem? — Sienna estava ao meu lado. — Devo ligar para Matteo ou Aria?

Sorri enquanto esfregava a cabeça de Macarrão. — Tudo certo. Fiquei tonta.

— O que posso fazer?

— Você pode pegar uma panela aí embaixo? — Apontei para o armário inferior. — Eu ia fazer cacio e pepe¹² se estiver tudo bem para você?

Sienna pegou a panela e encheu-a, lançando olhares preocupados em minha direção. — Você poderia me alimentar com macarrão simples e estaria tudo bem para mim, mas cacio e pepe parece perfeito. Se você tem certeza de que está preparada para isso? Se não, você poderia me dizer o que fazer e eu tentarei não queimar a cozinha.

Eu bufei. — Não, eu realmente acho que estou bem agora. — Peguei meu copo de água do balcão e bebi o resto. Eu precisava me manter hidratada.

Sienna colocou a panela em cima do fogão. Levantei-me novamente, desta vez movendo-me lentamente, mas minha tontura havia passado. Ocupei-me com os preparativos da massa.

— Isso cheira tão bem. — disse Sienna, olhando por cima do meu ombro para o que eu estava fazendo. — Acho que precisamos almoçar juntas todos os dias.

Eu sorri. — Não tenho certeza se Matteo ficaria entusiasmado com esse acordo.

— Não podemos todos nos curvar à vontade dele. — disse ela, revirando os olhos. — A propósito, como ele reagiu ao ver Leona?

— Ele não ficou particularmente emocionado, mas não fez nada com ela.

Sienna sorriu. — Não se preocupe, Leona pode se virar sozinha.

Aposto que ela poderia. Mas eu ainda não contaria a Matteo que encontrei um cartão com o número de telefone dela enfiado na minha bolsa.

— Como vão as coisas entre vocês dois? — Sienna perguntou.

Eu corei. — Matteo e eu? Bem.

— Se ele não fosse meu irmão, eu estaria exigindo todos os detalhes sujos porque esse rubor diz tudo.

Eu ri. — Sem detalhes sujos, prometo. — Hesitei antes de acrescentar: — Ele me deu um presente esta manhã.

— Ooh, o que é?

— Umm... um closet cheio de joias. — murmurei, meu rosto esquentando ainda mais. Sienna acharia que era demais? Que eu não merecia isso?

Sienna ofegou. — Entendi certo?

Assenti e ela foi até o closet enquanto eu terminava o almoço. Seus olhos estavam brilhantes quando ela voltou.

— Droga, meu irmão se saiu bem. Bem, quem quer que ele tenha contratado para escolher essas coisas fez bem. Você ficará incrível em tudo isso.

— Você acha que eu realmente deveria usá-las? Tudo parece tão... *excessivo*.

— Esse é o ponto. — disse Sienna com uma piscadela. — Você está na Máfia agora. Vivemos para o excesso.



— Você e Sienna se divertiram hoje? — Matteo perguntou.

Estávamos enrolados no sofá. Era quase meia-noite, mas nenhum de nós queria ir para a cama. Ele havia chegado em casa há poucos minutos e eu queria o máximo de tempo possível com ele.

— Nós nos divertimos. Eu fiz macarrão e ela se convidou para almoçar todos os dias a partir de agora.

Matteo zombou, passando a mão pelo meu quadril. Ele deve ter aumentado o aquecimento quando chegou em casa porque eu estava confortável com uma camiseta e shorts de renda, e ele estava sem camisa. Passei meus dedos pelas tatuagens em seu peito. Eu pesquisei o que as palavras em seu peito significavam em italiano: família, honra, lealdade. Eu me perguntei como me encaixava nessa equação.

— Por que você me deu um closet cheio de joias? — Eu sussurrei.

— Eu não dei. É apenas a parede dos fundos.

Belisquei seu mamilo e ri quando ele pulou. Ele me deu um tapa forte na minha bunda, mas não conseguiu esconder a forma como seus lábios se contraíram.

— Por quê? — Eu perguntei novamente.

— Porque você merece.

— É muito.

— Não, não é. Não discuta comigo, *tesoro*.

Pressionei meu sorriso em seu peito. — Ok, *miliy*.

Um pequeno sorriso satisfeito floresceu no rosto de Matteo ao ouvir meu apelido para ele. Ele brincou com meu cabelo, os olhos fechados e a expressão mais serena que eu já tinha visto. O filme que havíamos colocado passava silenciosamente ao fundo, esquecido. Era em momentos como esse que eu desejei que ele não fosse o Don da Máfia e eu não fosse a princesa da Bratva. Eu gostaria que pudéssemos ser apenas Matteo e Sofiya.

— Como foram os negócios da Máfia hoje?

Seus lábios se curvaram em um quase sorriso. — Terrível pra caralho. Isso me afastou de você.

— Seu doce falador. — Segurei seu rosto e beijei sua bochecha. — Oh, eu estava lendo um pouco hoje e aprendi uma palavra nova. — Eu comprei alguns livros de autoajuda, além da minha horda crescente de livros de romance. Crescimento pessoal e tudo mais.

— Que palavra é essa?

— Alexitimia.

Matteo ergueu a sobrancelha.

— É quando você luta para sentir e nomear suas emoções. Muitas pessoas que vivenciam traumas de infância aparentemente sofrem disso. — Mantive minha voz neutra, como se estivesse apenas compartilhando um fato interessante, mas não consegui evitar que meus olhos se voltassem para o rosto dele e depois voltassem para minhas mãos.

— É mesmo?

— Sim. Eu só pensei que isso era interessante.

Matteo se moveu rapidamente, inclinando seu corpo em minha direção e me cobrindo de modo que seu corpo me prendeu contra as almofadas.

— Você está tentando me diagnosticar, *tesoro*?

Olhei para ele, mantendo os olhos arregalados e inocentes, mas não consegui impedir a leve contração dos meus lábios. — Eu nunca faria isso, *miliy*.

— Claro que não. — disse ele, segurando meu queixo entre o polegar e o indicador.

— De qualquer forma, você está muito em contato com suas emoções. — eu brinquei.

Matteo praguejou enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso relutante. — Pirralha.

— Sua pirralha. — Pressionei meus lábios nos dele, passando os dedos pelos seus cabelos e puxando-o para mais perto. Mordi seu lábio e pressionei minha língua contra a dele, amando seu sabor. Ele agarrou meu pescoço, mas em vez de aprofundar o beijo, ele se afastou, me deixando gelada. Uma pitada de rejeição passou por mim.

— Não me olhe assim, *tesoro*. Você é irresistível. Mas preciso falar com você sobre uma coisa. — Seu tom sério fez meu estômago embrulhar.

Ele enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo. — Combinamos um jantar amanhã. Com seu pai. Ele está vindo para a cidade.

Eu congelei, mas meu coração certamente não. Ele acelerou, como se soubesse que em breve estaria a poucos centímetros do meu pai. Eu sabia que não era realista, mas esperava nunca mais vê-lo.

— Eu sei, *tesoro*. — Ele me puxou para seu colo, me embalando em seu peito. — Eu não gosto disso. Mas precisamos do seu apoio nesta guerra com os albaneses. Arben formou uma aliança com alguém, mas não consigo descobrir quem. Eu deveria ter conseguido resolver isso semanas atrás.

Eu odiei a auto-culpa que vi em seus olhos. — Não é sua culpa. — Descansei minha cabeça em seu peito. Eu não sabia a extensão do que estava acontecendo, mas se a parceria com o Pakhan ajudasse meu marido a destruir seus inimigos mais rapidamente, eu não tornaria as coisas mais difíceis para ele. — Você quer que eu vá ao jantar?

Ele suspirou e deu um beijo na minha testa. — Eu não vou forçar você. Mas as esposas estarão presentes.

— Minha mãe?

— Sim, acredito que sim.

Não havia como evitá-lo. Minha ausência seria questionada, e a autoridade de Matteo com ela. — Eu irei, então. — eu sussurrei. — Onde será?

Seus braços se apertaram em volta de mim. — No restaurante do meu primo. Seremos os únicos lá.

— Mila vem?

— Eu acho que não. — Diante da minha expressão abatida, ele passou os dedos pela minha bochecha. — Teremos a visita dela assim que tudo estiver resolvido. Ok, *tesoro*?

Eu balancei a cabeça. — Sim. Eu simplesmente sinto falta dela. E temo que o Pakhan faça algo para machucá-la.

A expressão de Matteo escureceu. — O que te faz dizer isso?

Merda. Eu não poderia permitir que ele entrasse em uma reunião com meu pai pronto para matar. — Sem motivo.

— Você é uma péssima mentirosa. — Ele me ajeitou para que eu ficasse de frente para ele e segurou meu rosto com as duas mãos. — Diga-me. Ele te machucou? Levantou a mão contra você?

Eu mordi meu lábio. — Acho que não devo responder a isso.

O fogo brilhou em seus olhos escuros. — Eu vou matá-lo, Sofiya. Eu juro, vou acabar com ele, porra.

— Não, você não vai. Você está em uma aliança com ele. Você precisa do apoio dele.

— Ninguém te machuca e sai impune.

— Ele não escapou impune. — Passei meus dedos pelas linhas de sua testa franzida. — Fui eu quem escapou. Para minha nova e incrível

vida com você.

Ele engoliu em seco. — Eu não vou matá-lo... ainda. Mas juro por Deus, *tesoro*, ele vai pagar. Você não irá amanhã à noite.

— Sim, eu vou. Eu preciso, ou você parecerá fraco. — Se eu não estivesse lá, isso sugeriria que Matteo não tinha controle sobre sua casa.

Ele sabia que eu estava certa porque soltou um som de descontentamento no fundo da garganta antes de agarrar meu queixo e me puxar para um beijo forte. — Eu protegerei você. Eu juro. E um dia vou puni-lo por toda dor que ele já causou a você.

Nós nos encaramos, o silêncio contendo todas as palavras não ditas entre nós... minha saudade, meu amor por ele. Encostei-me em seu peito e ficamos ali, abraçados, enquanto o filme continuava passando.



Meu pai estava atrasado.

Isso não deveria ser uma surpresa... era mais uma maneira de ele tentar afirmar seu poder em todas as situações, desrespeitando sutilmente Matteo, embora ele precisasse dessa aliança tanto quanto meu marido. Eu não sabia muito sobre os negócios do Pakhan, mas sabia que ele vinha cobiçando as rotas comerciais de Nova Iorque há anos. Meu pai deixou que seu orgulho interferisse na preservação de seus próprios interesses.

A mão de Matteo descansou na minha nuca, seu aperto foi a única coisa que me manteve remotamente calma. Meu pai não poderia mais me machucar. Ele poderia tentar, mas eu tinha pessoas ao meu lado agora. Angelo, Romeo e Domenico estavam posicionados ao redor do restaurante, e ainda mais homens estavam na parte de trás e cercando o perímetro. O pior que o Pakhan poderia fazer era me humilhar, mas eu confiava em meu marido para não dar atenção a qualquer crítica que meu pai fizesse ao meu respeito.

Eu mexi na minha nova pulseira de diamantes. Brincos combinando balançavam levemente contra minha pele. Eles eram lindos, mas o meu favorito ainda era o medalhão delicado que Matteo me deu. Estava quente enquanto descansava em meu pescoço. As joias eram uma armadura contra as mulheres Bratva que eu sabia que estariam presentes.

Três G-Wagons pretos pararam em frente ao restaurante e Matteo me apertou um pouco antes de me soltar. Eu agarrei sua mão enquanto ele se levantava. — Não faça nada que possa arruinar a aliança só por minha causa, ok?

Um lampejo de fúria cruzou seu rosto e ele se inclinou, as mãos apoiadas nas laterais da minha cadeira de rodas, me prendendo. — Só por sua causa, *tesoro*? Eu sei que você não está insinuando que não valeria a pena, que não é minha prioridade. Porque se você estivesse, eu teria que curvá-la sobre os joelhos aqui mesmo.

Minhas bochechas esquentaram. — Não, eu definitivamente não estava sugerindo isso.

Ele deu um beijo em meus lábios com uma carranca feroz, endireitando-se quando a porta da frente se abriu.

Um dos guardas italianos manteve-a aberta e o Pakhan entrou. Seu olhar zombeteiro passou por mim e eu cerrei os punhos. Ele foi seguido por seu segundo em comando, Bogdan, um homem cruel, mais ou menos da idade de meu pai. Eu fiz o meu melhor para manter distância dele durante toda a minha infância. Ele era um homem que adorava infligir dor aos outros. Seguindo-o estavam dois de seus guardas que reconheci como Igor e Arkadi. Eu já podia me sentir encolhendo, tentando me tornar um alvo menor para a ridicularização deles.

As esposas entraram atrás dos homens. Minha mãe, usando um vestido de cetim verde-ervilha com saia rodada, a esposa de Bogdan, Yulia, e duas mulheres mais jovens que devem ser casadas com os guardas. Achei que a linda de cabelos castanhos poderia se chamar Liliya.

Eu queria que Macarrão estivesse ao meu lado. Ele estava na minha vida há tão pouco tempo, mas agora eu não conseguia imaginar ficar sem ele. Enzo o levou para passar a noite, embora eu sentisse falta dele, nunca arriscaria Macarrão por tê-lo perto do meu pai. Quando eu tinha seis anos, encontrei uma gatinha em uma vala perto de nossa casa. Eu a chamei de Zvezda “Estrela” e cuidei dela em meu quarto durante semanas. Ela ficou forte sob meus cuidados, deliciando Mila e a mim com suas pequenas travessuras em nosso quarto, até que o Pakhan a descobriu e a afogou na minha frente.

Não havia nenhuma maneira de Macarrão chegar perto dele.

A expressão de Matteo era relaxada e impassível ao receber nossos convidados. Fui a única que notou a raiva incandescente fervendo sob a superfície?

— Venham, vamos comer. — disse ele, guiando todos até a grande mesa no centro do restaurante. Estava lindamente decorada com castiçais acesos, flores e vinho.

— Sente-se naquela ponta. — o Pakhan instruiu minha mãe, dispensando-a com um aceno de mão.

Matteo ocupou o lugar de honra na cabeceira da mesa e me guiou até o assento à sua direita.

— Bah, deixe sua esposa sentar do outro lado, Don Rossi. Dessa forma, nós, homens, podemos ter uma conversa real.

Sua esposa? Clássico. Com que rapidez ele removeu qualquer lembrete de seu relacionamento comigo.

— Minha esposa senta ao meu lado. — disse Matteo, sua voz como gelo.

— Bem, ela certamente não está ao *seu lado*. — Yulia disse em russo, sua voz alta o suficiente para garantir que eu a ouvi.

Dei a ela um sorriso doentamente doce e respondi em russo. — Palavras ousadas vindas de uma mulher cujo marido não consegue se afastar dela rápido o suficiente. Você chegou ontem à noite? Isso

significa que ele já deve ter encontrado pelo menos três mulheres para foder.

Foi um golpe baixo e me senti um pouco culpada, mas a expressão furiosa de Yulia também me deu algum prazer.

Matteo encontrou meu olhar e balancei levemente a cabeça. Eu poderia me defender contra as mulheres Bratva. Ele pegou minha mão e me ajudou a sentar na cadeira antes de ficar atrás de mim, com as mãos em meus ombros enquanto olhava para meu pai, desafiando-o a dizer alguma coisa.

O Pakhan começou a rir. — Amor jovem! Como todos nós nos lembramos daqueles dias.

Nenhum de seus homens abriu um sorriso. Eu duvidava que eles soubessem o que era o amor se ele lhes desse um tapa na cara.

Todos ocuparam seus lugares, as esposas Bratva relegadas para o extremo oposto da mesa. Um dos novos guardas sentou-se ao meu lado, o que me deixou grata. Já era ruim o suficiente ter que olhar para o Pakhan e o Bogdan, não achei que pudesse tolerar sentar ao lado deles.

O jantar se arrastava, repleto de conversas educadas e brandas. A mão de Matteo nunca deixou minha pele... seja descansando na minha perna debaixo da mesa ou segurando minha mão em cima dela. Algumas vezes, percebi o olhar de meu pai indo para onde meu marido e eu estávamos nos tocando e tive uma sensação doentia de satisfação. Ele me vendeu aos italianos sem se preocupar com meu bem-estar, e o tiro saiu pela culatra espetacularmente. Angelo olhou para mim por cima do ombro do meu pai e piscou. Senti um calor meu estômago. Finalmente tinha uma família de verdade que me deu carinho e proteção gratuitamente.

Minha mãe ficou em silêncio, mas olhou para meu prato de comida. Sua expressão era tão clara que eu praticamente podia ouvir suas palavras de repreensão sobre meu ganho de peso. Dei outra grande mordida no fettuccine, olhando para ela o tempo todo. Ela desviou o olhar, desgosto torcendo seus lábios.

Ao nos aproximarmos do final do jantar, apareceram porções de tiramisu e sambuca. Angelo esfregou a barriga enquanto olhava para as grandes bandejas de sobremesa de sua posição junto à parede. Eu precisava ter certeza de que ele teria um mais tarde.

Meu pai levantou-se e anunciou que os homens precisavam experimentar a vodca que ele trouxera. Eles se mudaram para a lateral do restaurante com lareira e grandes cadeiras de couro. Dessa vez apertei a mão de Matteo e lancei-lhe um olhar encorajador. Ele precisava ir com o resto dos homens para apaziguar meu pai. Ele se inclinou e deu um beijo na minha bochecha. — Comporte-se.

Revirei os olhos. — Comporte-se você. — eu sibilei de volta.

Sua expressão sombria me disse que ele estava imaginando me espancar. Ele apontou a cabeça para Angelo, que estava imediatamente ao meu lado, me acompanhando até onde as outras mulheres estavam sentadas nos sofás. Mas eu só tinha olhos para minha mãe. Seu vestido grudava em seu corpo magro e seus olhos pareciam ainda mais vazios desde a última vez que a vi. Estendi a mão e agarrei a mão dela. Sua pele estava fria ao toque.

— Mamãe, você está bem? — Meus sentimentos em relação à minha mãe eram infinitamente complicados. Ela havia falhado comigo e com Mila repetidas vezes, e não havia bondade nela. Mas eu também sabia que ela era uma vítima do Pakhan e mantive a esperança desesperada de que algum dia ela pudesse sair dessa névoa.

Ela encontrou meu olhar preocupado com um vazio.

— Mamãe, por favor. — sussurrei, desejando que as outras esposas não estivessem por perto. Isso seria motivo de fofoca para os círculos internos da Bratva, eu tinha certeza. — Fale comigo.

— O que ela poderia ter a dizer quando você aparece nisso? — Yulia disse, a voz mordaz enquanto gesticulava para minha cadeira de rodas.

Soltei a mão da minha mãe e engoli em seco. Recusei-me a ter vergonha. Sentir-me aceita por minha nova família estava lentamente

me ajudando a me aceitar. Como essas mulheres ousam tentar me fazer sentir mal por usar uma cadeira de rodas?

— Não é maravilhosa? Meu marido comprou para mim.

— Como se isso melhorasse as coisas. — ela zombou.

Mamãe ficou sentada em silêncio. Eu gostaria de saber como alcançá-la.

— Diga-nos, Sofiya, como vão as coisas com seu novo marido? — Liliya perguntou. — Ele certamente é bonito o suficiente.

Eu levantei uma sobrancelha. — Elas estão maravilhosas. E você é recém-casada? — Ela estava girando o anel no dedo.

— Com Arkadi. — ela disse, gesticulando para o guarda de cabelos pretos atualmente parado atrás do Pakhan, seu sorriso se tornando tenso. — Outro homem bonito.

Inclinei minha cabeça.

A outra jovem que eu não conhecia falou. — Esse é o seu anel? — Sua voz estava cheia de indignação fingida.

Olhei para minha aliança de ouro, tão simples, especialmente comparada aos anéis de diamante ornamentados das esposas Bratva, com suas três alianças entrelaçadas. Este foi o anel que meu marido me deu quando não me queria. Eu me perguntei como seria ter um anel ligado a uma memória mais feliz.

— Pensei que a Máfia estivesse envolvida no comércio de diamantes. — disse Yulia. — Acho que esse seu marido *maravilhoso* não achou que você merecesse um.

Não disse nada, apenas balancei o pulso, certificando-me de que a luz refletisse os diamantes da minha pulseira. Yulia revirou os olhos e eu sorri.

Olhei por cima do ombro para Matteo do outro lado da sala. Os homens bebiam enquanto a fumaça dos charutos girava ao redor deles. Eu sabia que fui eu quem o incentivou a ir até lá sem mim, mas agora eu

o queria desesperadamente ao meu lado. Na verdade, eu queria estar enrolada no colo dele, no sofá da nossa casa, longe de todas essas pessoas horríveis.

Seu olhar se voltou para o meu, seu olhar tão intenso como sempre. Quebrei todas as regras de etiqueta e mandei-lhe um beijo. Houve uma leve inclinação em seus lábios antes de ele retornar à conversa.



Eu torturei muitos homens ao longo dos anos. Matei muitos também. Há muito que aprendi a mergulhar profundamente naquele lugar frio e escuro, desprovido de humanidade. Mas nada em mim era insensível quando me sentei à mesa com Rustik Ivanov. Sofiya ainda se recusava a me dar detalhes sobre o que seu pai havia feito com ela, e isso me disse tudo que eu precisava saber.

Levantei meu copo enquanto Rustik fazia um brinde.

Seus dias estavam contados.

— Ouvi rumores sobre alguns problemas em sua cidade. — disse Rustik, engolindo outra dose de vodka.

Inclinei minha cabeça. — Os albaneses estão cada vez mais ousados. — Eu não queria revelar muito, me recusava a demonstrar qualquer tipo de fraqueza diante desses homens, mas precisava ver o quanto eles já sabiam.

Os russos se entreolharam. — Foi o que ouvimos — disse Rustik. — Arben é ainda mais imprudente que seu pai.

— Eles estão interferindo nas rotas das drogas? — Bogdan perguntou, sua voz com forte sotaque arrastada. Seus olhos estavam vidrados e me perguntei se ele estava apenas bêbado ou se também havia drogas envolvidas.

— Não. — respondeu Romeo. — Nossas rotas comerciais estão sob controle. A nossa preocupação é o comércio que os albaneses estão tentando trazer para a cidade.

Rustik ergueu as sobrancelhas. — O comércio de pele?

Inclinei minha cabeça. Todos sabiam da aversão que meu pai tinha por isso. Até agora, Rustik não tinha lidado com isso, uma das únicas razões pelas quais concordei com esta aliança. Eu não sabia por que Rustik havia evitado isso... certamente não era devido a qualquer decência humana.

— Arben precisa aprender uma lição. — eu disse.

— Outra rodada! — Rustik gritou. O garçom correu e encheu nossos copos. Rustik ergueu o dele. — Às lições de aprendizagem.

Inclinei minha cabeça em direção a ele e virei à dose. A vodca queimou ao descer.

Eu odiava vodca.

— Amanhã de manhã examinaremos os armazéns portuários. — disse Rustik. — E então poderemos voltar os nossos olhos para o problema albanês. Agora, chega de negócios. — Ele bateu as mãos nas coxas, de repente jovial. — Você está satisfeito com sua esposa?

Minha mandíbula se apertou com força suficiente para quebrar um dente. Se esse bastardo dissesse alguma coisa contra Sofiya...

Bogdan bufou enquanto tomava outra dose. — Eu disse que não seria um problema, Pakhan. Ela é bonita, mesmo sendo aleijada.

Uma névoa vermelha caiu sobre minha visão, meus batimentos cardíacos furiosos soando em meus ouvidos. Nem precisei olhar para Rustik para saber que ele não faria nada, nem diria nada, para defender a filha.

Bogdan se inclinou, baixando a voz, embora ainda fosse alta o suficiente para que todos na sala ouvissem. — Eu acho que uma boceta é uma boceta. Não importa se ela não pode usar as pernas.

Minha arma estava em minha mão antes mesmo de eu pensar em me mover, meu corpo agindo por puro instinto. Mirei em sua rótula e puxei o gatilho.

Seu grito perfurou o ar e sangue jorrou de seu ferimento. Fixei os olhos em Sofiya do outro lado da sala. Suas sobrancelhas estavam levantadas, os lábios ligeiramente entreabertos.

Rustik praguejou quando o homem caiu no chão. Todos os seus guardas apontaram suas armas para mim e meus homens fizeram o mesmo com eles.

Recostei-me na cadeira como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. — Peço desculpas. — Virei-me para Rustik, ignorando os gritos de Bogdan. — Eu deveria ter concedido a você o privilégio de atirar, pois era sua filha que ele estava insultando.

Rustik cerrou o punho, os olhos cheios de fúria, e nós dois sabíamos que meu pedido de desculpas era apenas uma demonstração. Eu estava me submetendo a ele e ao mesmo tempo apontando seu fracasso em defender seu próprio sangue. Meus dedos se contraíram com a vontade de atirar nele também, e com a maneira como seus olhos se voltaram para minha arma, me perguntei se ele percebeu isso. Mas eu apenas sorri e coloquei a arma de volta no coldre do peito.

Ele inclinou a cabeça em minha direção. — Você me poupou uma bala.

Bebi o resto da minha bebida e me levantei. — Está ficando tarde. Encontro você no armazém amanhã de manhã. — Virei-me antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, efetivamente dispensando-o, e fui até minha esposa.

Inclinei-me e agarrei seu queixo. Seus olhos atordoados encontraram os meus.

— Hora de ir, *tesoro*. — Ela assentiu e foi em direção à porta, mas permaneceu em silêncio. Mantive uma expressão calma e confiante, mas minhas entranhas estavam se contorcendo. Ela estava com medo de mim agora?



Matteo ficou em silêncio durante todo o trajeto de carro para casa. Ele manteve minha mão apertada na sua, recusando-se a soltá-la mesmo quando saímos do carro e subimos para nosso apartamento.

— Vou até a casa do Enzo pegar Macarrão para passar a noite. — disse Angelo quando saímos do elevador.

Mal tive a chance de dizer “obrigada” antes de Matteo praticamente me puxar para dentro e fechar a porta.

Ele largou minha mão e se afastou alguns passos, com uma expressão ilegível.

— Então... — eu disse, quebrando o silêncio. — Você atirou no segundo em comando do meu pai. Em um restaurante.

Matteo cruzou os braços, sua carranca feroz. — Eu faria isso de novo.

— É mesmo?

— Sim.

Eu curvei meu dedo para ele. — Venha aqui.

Aquele músculo em sua mandíbula se contraiu e ele soltou um longo suspiro. Mordi o lábio para esconder meu sorriso. Ele demorou alguns segundos antes de caminhar em minha direção. Levantei meus braços e ele se inclinou, permitindo-me circundar seu pescoço. Ele me levantou em um movimento rápido, suas mãos em concha na minha bunda.

Corri meu nariz por seu rosto, inspirando-o. — Você parece estar sofrendo com a ilusão, marido, de que estou chateada com o que você fez. — Sorri ao ver o brilho de surpresa em seu rosto. — Pouquíssimas pessoas na minha vida me defenderam, e nunca assim. — Segurei seu rosto, passando meus polegares por sua bochecha antes de pressionar meus lábios nos dele. — Você ganhou uma recompensa.

Ele pressionou minhas costas contra a parede e eu choraminguei enquanto seu pau se moveu contra minha boceta. — E qual será minha recompensa, esposa?

Passei meus dedos pelos cabelos dele. — O que você quiser. Faça o que quiser comigo.

— Esta é uma oferta bastante perigosa.

— Por que?

— Você acabou de me dar uma forte motivação para atirar em muitos homens, *tesoro*, só para que eu possa reivindicar meu prêmio.

Eu ri contra sua pele. — Ainda bem que você pode me reivindicar a qualquer momento, sem necessidade de balas, então, por favor, não atire em mais pessoas por minha causa.

— Farei o que eu achar melhor. — Seu tom era de descontentamento e eu o apertei com força enquanto ele me carregava para o nosso quarto.

Ele acendeu a luminária de cabeceira, o brilho suave iluminando a cama enquanto ele me deitava nela.

— Eu já te disse o quão linda você está? — Ele beijou meu pescoço e minha clavícula.

— Você pode ter mencionado isso.

— Eu nunca direi isso o suficiente. Nenhuma palavra será suficiente para descrever sua beleza.

Pisquei furiosamente. Eu não choraria com suas palavras doces.

Ele trouxe seus lábios de volta aos meus, aprofundando nosso beijo, eu me envolvi nele, precisando fazer o que pudesse para fundir nossos corpos. Seu gosto e cheiro me cercaram enquanto ele passava as mãos firmes pela minha pele. Ele se afastou com uma maldição.

— Preciso tirar isso de você. — disse ele, puxando meu vestido.

Me virei para que ele pudesse acessar o zíper. Ele puxou-o para baixo, sua respiração deslizando pela minha pele enquanto ele dava beijos quentes na minha espinha. Ele lentamente tirou o vestido, gemendo quando viu minha minúscula calcinha preta.

— Porra. — Ele mordeu cada uma das minhas nádegas, me fazendo gritar, mas ele manteve minha calcinha. — Vire-se, baby.

Suas mãos acariciaram minha pele enquanto eu fazia o que ele pedia, seus polegares circulando meus mamilos redondos. Ele se afastou apenas o suficiente para tirar o casaco e arregaçar as mangas, expondo seus antebraços grossos e musculosos. Estendi a mão para ele, precisava tocá-lo, mas ele segurou os meus dois pulsos com uma mão. — Eu preciso estar no controle esta noite.

A vulnerabilidade em seus olhos fez meu peito apertar. — Tudo o que você precisar, *miliy*.

Ele me beijou na testa e me ajudou a sentar, arrumando um travesseiro nas minhas costas para me dar apoio. Ele atravessou o quarto para tirar um pedaço de corda da cômoda. A tensão que carregava desde a noite passada, quando descobri que teria que ver meu pai, diminuiu quando meu marido caminhou em minha direção,

afrouxando a gravata. Talvez eu precisasse entregar o controle esta noite tanto quanto ele precisava assumi-lo.

Matteo passou a corda pela minha pele, a borda ligeiramente áspera do cânhamo causando um arrepio em mim. Ele demorou a amarrar um arnês no peito, me beijando e provocando meu clitóris enquanto enrolava a corda em volta dos meus seios e descia pelo meu torso em um padrão de diamante. O aperto firme da corda contrastava com a forma gentil e tentadora com que seus dedos roçavam minha pele, me deixando querendo mais.

— Você está se saindo tão bem para mim. Deixando-me amarrar você, usar você como eu quiser. — Suas palavras foram um sussurro contra minha pele e eu me movi, tentando me aproximar dele.

Ele me segurou com firmeza, me arrumando para que pudesse pegar a ponta da corda e enfiá-la entre minhas pernas. Eu choraminguei enquanto ele puxava com força entre os lábios da minha boceta. Minha calcinha de renda fornecia uma pequena camada de proteção, mas a corda roçava meu clitóris, me incendiando. Ele passou a corda entre minhas nádegas e eu engasguei quando ele puxou-a com força, amarrando-a na parte de trás do meu peitoral.

Meus lábios estavam entreabertos e eu estava ofegante. Meu clitóris estava inchado e necessitado, desesperado por fricção, e o arnês apertado era um lembrete constante de que eu estava completamente sob o controle de Matteo.

— Olhos em mim. — disse ele, em voz baixa. Eu me encontrei afundando ainda mais na submissão quando encontrei seu olhar sombrio.

— Por favor. — eu implorei.

Ele me acomodou de forma que eu ficasse de frente para ele, minhas pernas em volta da sua coxa. A gravata e o paletó estavam esquecidos no chão, mas, além disso, ele estava completamente vestido. Eu estava vulnerável e à sua mercê e me sentia completamente segura.

Ele segurou o arnês peitoral e me balançou para frente e para trás, cada movimento enviando uma pulsação de prazer através de mim enquanto eu esfregava a corda e sua perna. Tentei me mover mais rápido, mas ele estava totalmente no controle, extraindo meu prazer até que eu estava choramingando e gemendo em suas mãos.

— Tão linda. — ele murmurou.

Nós respiramos no mesmo ritmo um do outro, nossos batimentos cardíacos sincronizados enquanto eu caía mais profundamente sob seu feitiço. Eu estava flutuando... presa à terra apenas pelo toque dele. Algumas vezes, minhas pálpebras se fecharam e ele bateu na minha coxa como punição.

— Vou ver você gozar para mim, *tesoro*. Seu corpo pertence inteiramente a mim. Meu para tocar, meu para comandar, meu para controlar.

— Sim. — eu respirei.

— Ninguém mais vai tocar em você. Ninguém jamais sentirá o quanto você fica encharcada para mim.

— Só para você. — A neblina estava ficando mais pesada agora, minha mente flutuando para o lugar delicioso para onde só ele poderia me levar. Rendição absoluta, pois sabia que não havia lugar no universo tão seguro quanto seus braços.

Ele rosnou e acelerou seus movimentos, beliscando meu mamilo até eu gritar. Meu orgasmo quebrou, lavando-me como ondas. Agarrei seus ombros, enterrando meus dedos para me impedir de flutuar.

— Boa menina, você fez isso tão bem para mim. — Seus lábios roçaram minha orelha enquanto ele continuava murmurando elogios. Ele me abaixou na cama e desamarrou a corda, dando beijos em cada ponto da minha pele que estava vermelha antes de me aconchegar ao seu peito. Ele segurou minha nuca, seus dedos acariciando suavemente meu cabelo. — Porra, Sofiya, *porra*. Somos você e eu, para sempre.

Chuei seu pescoço, querendo, *precisando*, deixar minha marca nele também. O silêncio entre nós era fácil, envolvendo-nos

suavemente.

— Provavelmente deixei uma mancha molhada em sua calça. — sussurrei.

— Bom. Preciso do seu cheiro em cada calça que possuo.

— Você é ridículo.

Passei minhas mãos por seu peito, desfazendo os botões de sua camisa antes de tirar ela. Apertei seu pau duro através da calça e ele pressionou contra mim com um gemido. Deus, eu queria ouvi-lo fazer aquele som repetidamente. Abri o zíper de sua calça e ele levantou os quadris, ajudando-me a empurrá-las para baixo até que meus dedos envolveram seu pau quente e macio.

Ele respirou fundo e segurou minha bunda, apertando com firmeza. Soltei um pequeno gemido quando ele me levantou, deslizando seu pau entre os lábios da minha boceta. — Você está cansada, baby?

— Não. — eu disse com um sorriso. — Totalmente acordada.

Ele nos virou e ficou pairando sobre mim. Suas coxas grossas pressionadas entre as minhas, seu pau provocando minha entrada.

— Não me deixe esperando. — murmurei, meus lábios roçando sua garganta.

Ele pressionou, me provocando apenas com a cabeça do seu pau. — Eu viveria dentro de você se pudesse. — Antes que eu pudesse responder, ele empurrou todo o caminho e eu soltei um grito. Seus braços abraçaram meu corpo, me mantendo o mais imóvel possível enquanto ele se movia para dentro e para fora.

— Porra, eu vou gozar rapidamente. Goze comigo, baby. Eu preciso sentir essa sua boceta perfeita apertando meu pau.

Ele fez uma pausa para colocar um travesseiro sob meus quadris. A mudança de posição tirou a pressão das minhas articulações e fez com que cada impulso atingisse aquele ponto perfeito dentro de mim. Era como se eletricidade percorresse meu núcleo e eu choraminguei, agarrando Matteo quando gozei. Ele me seguiu segundos depois, nós

dois aproveitando nosso prazer, nossos corações disparados onde nossas peles estavam pressionadas.

— Perfeita. Você é tão perfeita. — ele murmurou, beijando suavemente meus lábios antes de sair de dentro de mim. Eu me cobri enquanto Matteo entrava no banheiro. Ele apareceu alguns minutos depois com um pano úmido e me limpou, fazendo meu rosto esquentar. Sempre senti um misto de prazer e vergonha quando ele cuidava de mim dessa forma.

Ele se deitou ao meu lado e eu me aninhei em seu peito.

— Tudo parece certo quando estou com você. — Minhas palavras saíram murmuradas, mas seu controle sobre mim aumentou. — Sempre sonhei em ter isso, mas nunca pensei que conseguiria. Obrigada.

— Você nunca precisa me agradecer. — ele murmurou. Ele parecia estar meio adormecido e eu sorri contra seu peito nu.

O sono estava me puxando para baixo, mas pouco antes disso, as palavras que eu havia reprimido por tanto tempo saíram de mim. — Eu te amo.

O peito de Matteo continuou a subir e descer continuamente. Dei um beijo suave em sua pele e fechei os olhos.



— *Eu te amo.*

Mantive a respiração estável para que Sofiya pensasse que eu estava dormindo, mas meu peito parecia prestes a explodir.

Ela me amava.

Me amava.

Tudo estava igual a alguns minutos atrás, mas nada era igual. O universo mudou e eu fui transformado.

Eu era um homem amado por Sofiya Rossi.

De alguma forma, contra todas as probabilidades, contra a minha própria idiotice e teimosia, eu conquistei o amor da minha preciosa esposa.

Eu a abracei com mais força enquanto sua respiração se acalmava. Eu nunca me cansaria disso, dela. Eu a desejava a cada momento acordado, minha mente até a procurava durante o sono.

E eu me perguntei se era assim que o amor era.



Domenico entrou no escritório com a mandíbula cerrada e um laptop nas mãos.

— Relatório — eu disse.

— Sim, chefe. — Então ele hesitou.

Eu tive que segurar um rosnado. Eu deveria estar com Sofiya agora. Eu não queria sair da cama esta manhã, especialmente com o quão cansada ela estava ultimamente. Eu queria passar o dia todo abraçado com ela, fodendo, tocando e ouvindo sua voz doce enquanto ela passava os dedos pelo meu peito nu. Se eu não quisesse matar os albaneses antes disso, teria feito isso simplesmente porque eles estavam me afastando da minha esposa.

Domenico pigarreou, abrindo o laptop. — Eu encontrei o traidor.

Levantei uma sobrancelha, minha expressão não revelando nada. Mas por dentro, meu coração batia forte com a necessidade de destruir. A sede de sangue me invadiu. Finalmente, nós o pegamos.

— Quem é então? — Romeo perguntou.

Domenico colocou o laptop sobre a mesa de frente para mim. — Eu não queria acreditar — disse ele. — Mas é a Sra. Rossi.

Levei um segundo para processar suas palavras, mas assim que o fiz, a raiva tomou conta de meu peito.

Não.

Ele estava errado. *Errado* pra caralho.

Domenico se mexeu enquanto olhava para onde sabia que minha arma estava escondida sob meu paletó. Ele deveria estar nervoso pensando que eu atiraria nele depois que ele *acusou minha esposa de ser uma traidora*.

— Você me deu permissão para investigar todos na Família e monitorar as comunicações — ele continuou apressadamente. — Eu instalei um software espião no telefone da sua esposa quando ela comprou o novo. Fiz isso por precaução, claro que não esperava encontrar nada, mas então notei um padrão de ligações e mensagens estranhas.

Ele se mexeu para poder rolar a tela, revelando um arquivo com capturas de tela de mensagens de texto. Meus olhos ficaram embaçados quando eu as observei. Sofiya estava mandando uma mensagem de texto para um número desconhecido com um código de área do norte do estado, enviando-lhes informações privilegiadas sobre nossos movimentos. Informações que ela poderia facilmente ter obtido sentada comigo nesta mesma mesa. Enquanto meu pau estava dentro dela, ela estava trabalhando para me trair.

A testa de Romeo franziu quando ele encontrou meu olhar, e eu sabia que nós dois estávamos nos lembrando dos meus pais e da traição que ninguém previu.

Domenico percorreu uma série aparentemente interminável de chamadas e mensagens. A maioria das mensagens recentes foi enviada no meio da manhã... as vezes em que ela me disse que estava cansada demais para sair da cama. Quando ela estava sozinha no apartamento.

Romeo me olhou com atenção, como se esperasse uma explosão. Mas a raiva dentro de mim ardia sombria e fria.

— Por que ela faria isso? — ele perguntou.

— Há mensagens entre a Sra. Rossi e sua irmã, Mila, que sugerem que Mila está apaixonada por... — Domenico parou.

— Diga isso. — eu rosnei.

— Arben — disse Domenico.

O nome causou um arrepio em mim.

— Rustik nunca permitiria que Mila se casasse com Arben e destruísse nossa aliança. — disse Romeo.

— A menos que Arben reivindique a cidade. — As palavras de Domenico pairaram no ar.

Se os Albaneses ganhassem o controle de Nova Iorque, seria muito melhor para Rustik romper a nossa aliança e ficar do lado dos albaneses.

Sofiya amava sua irmã. Disse que faria qualquer coisa por ela. Isso incluía trair sua nova família, *me* trair?

— Arben e Rustik estão trabalhando juntos? — Perguntei.

— Não parece. — disse Domenico. — Isso tudo é um plano de Mila e Sofiya. Arben prometeu a Sofiya uma casa em qualquer lugar do mundo que ela quisesse. — ele continuou enquanto mostrava uma troca de mensagens de texto entre Mila e minha esposa.

SOFIYA

Sempre fui uma prisioneira. Não posso fazer nada sem ser observada e estou tão cansada disso. Tem certeza de que ele pode realmente me libertar?

MILA

Arben diz que está tudo pronto. Uma casa à beira-mar, e posso visitá-la em segredo sempre que eu quiser. Ninguém jamais saberá.

SOFIYA

OK. Vamos fazer isso então.

Eu não pensei que algo pudesse ter tanto poder de destruir meu mundo quanto ouvir os tiros que mataram meus pais, mas a dor perfurando meu peito agora provou que eu estava errado. Passei anos endurecendo meu coração, mas de alguma forma Sofiya conseguiu entrar. E agora meu mundo estava desmoronando novamente.

— Espere lá fora, Domenico. — Romeo gritou, apontando para a porta. Meu executor hesitou por um momento antes de me dar um aceno de cabeça e sair da sala. Quando a porta se fechou atrás dele, virei-me para o meu segundo em comando.

— Pode não ser o que parece, *fratello*.

Passei a mão pelo rosto, deixando minha máscara escorregar um pouco na presença dele. — Ela disse que me amava. — As palavras pareciam cinzas na minha boca.

— Ela ama. — disse Romeo.

— Como você explica isso? — Eu gritei, apontando para o laptop. As mensagens remontavam aos primeiros dias depois de nos casarmos. O dia em que a abandonei no apartamento. Mas as coisas melhoraram desde então. Eu tinha melhorado. E ainda assim, ela escolheu a irmã em vez de mim.

O silêncio sufocante de Romeo se estendeu pela sala como algo tangível, roubando o fôlego dos meus pulmões.

Eu era um homem de ação. Sempre no controle, sempre com um plano. E ainda assim minha cabeça estava vazia. Meu mundo inteiro estava desmoronando e eu não conseguia ver o próximo passo à minha

frente. Contra o meu melhor julgamento, eu me abri para Sofiya, expus minha alma para ela. E foi assim que ela me retribuiu?

Romeo abriu a boca para falar, mas foi interrompido por uma batida forte na porta.

— Chefe. — Domenico gritou. — Estou com Ajello ao telefone. É uma emergência.

Levantei o queixo para Romeo e ele abriu a porta.

Meu executor entrou com os olhos arregalados. — Há uma emboscada no armazém norte. Nossos homens se barricaram lá dentro, mas podem não durar muito. Ajello diz que Arben está lá.

— Porra! — Eu rugi. Este era o momento que eu estava esperando: a oportunidade de derrubar Arben. Por que isso tinha que acontecer agora, quando eu precisava lidar com Sofiya?

A menos que seja por isso que estava acontecendo agora. Arben estava na cidade porque estava fazendo algum tipo de movimentação com Sofiya?

— Porra, chefe, eles não durarão muito mais sem reforços. — disse Domenico. Mesmo do outro lado da sala, pude ouvir gritos pelo alto-falante do telefone.

Coloquei meu paletó. Eu tinha que me mover agora.

— Pegue Sofiya e coloque-a em um porão. — eu disse a Domenico. Cada palavra era uma agonia, mas eu não conseguia ver outro caminho à frente.

— O quê? — Romeo sibilou com os olhos arregalados.

Eu respondi sua expressão chocada com a minha expressão dura. Ele podia ser meu irmão, exceto de sangue, mas eu era o Don e minhas ordens não podiam ser questionadas publicamente. Romeo reconheceu seu erro e me deu um aceno de cabeça. Sua mandíbula permaneceu cerrada.

— Você não quer que eu vá com você? — Domenico perguntou.

— Não, fique com Sofiya. — Uma raiva possessiva tomou conta de mim com a ideia de outro homem estar perto da minha esposa. Meu corpo certamente não percebeu o fato de que ela era uma traidora. Quanto do nosso tempo juntos havia sido uma mentira? Mas eu não tinha escolha. Minha prioridade deveria ser ir atrás de Arben. Embora Domenico fosse uma vantagem em uma luta, eu precisava de alguém em quem confiasse para ficar aqui. Foi ele quem me ajudou a identificar traidores há mais de uma década, quando eu estava lutando contra meu tio para reconquistar o que era meu.

— O que você quer que eu faça com ela quando ela estiver no porão? — ele perguntou.

— Nada. — eu gritei. — Não a machuque, apenas coloque-a na sala. Certifique-se de que ela não esteja com o telefone ou qualquer outra forma de se comunicar. Vou buscá-la quando voltarmos. — Virei-me para Romeo, incapaz de ignorar a vontade de defender as minhas ações. — Se ela for a traidora, espero que o tempo que passará na sala a assuste o suficiente para confessar.

Romeo não expressou sua pergunta, mas ela pairou no ar entre nós tão clara quanto o dia... *e se ela não for?*

Eu não poderia correr esse risco. Os meus homens estavam em perigo, todo o meu império ameaçado. Eu não poderia deixá-la sem supervisão quando eu estivesse fora. Era possível que ela e Arben já tivessem algum tipo de plano em prática, se suspeitasse que foi pega, poderia tentar fugir.

Nunca.

Nunca, tesoro.

Você nunca fugirá de mim.

— Sim, chefe. — disse Domenico. — Eu cuidarei disso.

Romeo e eu pegamos armas adicionais no arsenal antes de irmos para a garagem com dez dos meus melhores homens.

Iríamos ao armazém, destruiríamos os albaneses, capturaríamos Arben, e então eu voltaria e obteria a verdade da minha esposa.



Angelo colocou a pesada panela de ferro fundido no forno para mim enquanto eu supervisionava nervosamente.

— Vai ficar ótimo, *principessa*. — disse ele, fechando a porta por causa do calor forte.

— Não sei — eu disse, torcendo as mãos. — É a primeira vez que faço massa fermentada. Eu provavelmente estraguei tudo.

Angelo zombou. — Não se preocupe. Não é como se o chefe não comesse tudo o que você colocar na frente dele.

— Isso é um exagero. — murmurei, mas a expressão do meu guarda me disse que eu estava falando merda. Havia um brilho travesso em seus olhos e eu corei, lembrando de como Matteo tinha me comido no balcão da cozinha ontem.

Macarrão cutucou minha mão e eu cocei sua orelha. — Você quer dar um passeio, *malysh*?

— Temos tempo de dar uma volta no quarteirão antes que o pão esteja pronto — disse Angelo.

— Ok, vamos dar uma caminhada rápida então. — eu disse a Macarrão, que se virou animadamente.

Rolei em direção à porta da frente, mas ela se abriu antes de eu chegar lá. Por um momento, esperei que fosse Matteo voltando mais cedo, mas meu coração afundou quando vi que era Domenico. Macarrão se moveu na minha frente, seu corpo em alerta.

— O que está acontecendo? — Angelo perguntou, correndo para o meu lado.

— Matteo está bem? — Eu perguntei, olhando entre os dois homens.

— O chefe está bem. Estou aqui para ajudá-la, Sra. Rossi. — O rosto do executor estava impassível, mas havia um brilho em seus olhos que me fez estremecer.

— O que você quer dizer?

— O chefe me pediu para levar você para baixo. Ele está esperando por você lá.

Uma sensação desconfortável surgiu em meu peito. Matteo confiava em Domenico, mas eu não queria ir a lugar nenhum com ele.

— Não ouvi nada sobre isso. — disse Angelo.

Domenico bufou. — O chefe me mandou buscá-la. Ele tem uma surpresa para ela. — Sua voz estava calma, mas a tensão estalava no ar.

— Eu vou com ela. — disse Angelo.

Domenico encolheu os ombros. — Como quiser.

Fui colocar o arnês do Macarrão, mas Domenico me impediu. — Deixe o cachorro aqui.

— Ele vem comigo. — eu disse friamente.

Domenico revirou os olhos. — Tudo bem, tudo bem, faça o que quiser.

Angelo estava mandando mensagens para alguém em seu telefone quando entramos no elevador, e eu sabia que ele devia estar confirmando o que quer que fosse com meu marido. Respirei fundo e passei a mão pelas orelhas macias de Macarrão. Eu estava exagerando. Matteo só tinha uma surpresa para mim. Não havia nada de incomum nisso.

A porta do elevador se abriu e Angelo praguejou enquanto se movia na minha frente, bloqueando minha visão.

— Por que diabos estamos aqui, Domenico? — Angelo ferveu.

— Estou apenas seguindo as ordens do Chefe. — Domenico agarrou as alças da minha cadeira de rodas e me empurrou para frente, forçando Angelo a pular para trás.

Um arrepio tomou conta de mim quando vi que estávamos no porão, não na garagem. Estava escuro e frio, na minha frente havia uma porta aberta que levava a uma pequena cela.

Angelo rugiu e empurrou Domenico no peito. — Que porra é essa?

Respirei fundo quando Domenico apontou a arma para meu guarda-costas. — O que você está fazendo? Não atire! — Eu gritei.

— Estou cumprindo as ordens do chefe. — disse Domenico. — E não tolerarei nenhuma traição.

— Você está mentindo. — A raiva dançou nos olhos de Angelo e fiquei com medo de que ele atacasse Domenico e levasse um tiro. Só então, seu telefone tocou.

— Romeo — disse Angelo, com alívio tomando conta de seu rosto enquanto atendia. O resto da conversa foi completado em italiano rápido. Captei apenas algumas palavras, mas o horror nos olhos de Angelo foi muito fácil de entender.

Ele desligou.

— Sofiya — ele disse, sua voz gentil.

— Não. — eu resmunguei, balançando a cabeça. — O que está acontecendo? Não me deixe aqui.

Meu guarda-costas parecia angustiado. — É só até o chefe retornar. Não deve demorar muito.

— Por favor. — eu implorei. — Por favor, não faça isso.

Domenico agarrou minha cadeira de rodas e me empurrou para dentro da cela. Macarrão choramingou, recusando-se a sair do meu lado.

— Saia.

Antes que eu pudesse processar o comando de Domenico, ele inclinou a cadeira de rodas para frente e eu gritei. Consegui agarrar Macarrão, que me firmou e evitou que eu caísse no chão com muita força.

O executor agarrou a coleira de Macarrão e começou a puxar. Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu gritava para ele soltar. Mas ele apenas zombou e arrastou meu cachorro chorando para fora da cela, batendo a porta atrás deles.

A sala estava envolta em escuridão.

E eu estava sozinha.



Eu não sabia quanto tempo havia passado quando a porta se abriu novamente. Domenico entrou arrastando uma cadeira de metal com uma das mãos e segurando uma lanterna na outra. Olhei ao redor dele, tentando localizar Angelo ou Macarrão, mas a porta se fechou com um

barulho alto, deixando-me sozinha na pequena sala com o executor. Cerrei a mandíbula com força para evitar que as lágrimas caíssem.

— Você achou que estava sendo muito inteligente, não é? — Domenico perguntou, acendendo a lanterna. Projetava sombras ameaçadoras ao longo das paredes.

— Não sei o que você quer dizer.

Um sorriso sinistro se espalhou por seu rosto enquanto ele se recostava na cadeira. — Vou gostar de ver o Chefe obter informações suas. Quando o vi torturar um homem pela primeira vez, nunca tinha visto nada parecido. Aquele homem também era um traidor. O Chefe o manteve vivo por uma semana inteira, lentamente arrancando suas unhas, depois seus dedos e depois seus membros. Cada parte de seu corpo estava tão mutilada quando ele finalmente morreu que ele mal parecia humano. Foi... *inspirador*.

Calafrios assolaram meu corpo e minhas axilas ficaram úmidas. — Eu não sou uma traidora.

Domenico bufou. — Pelo menos você tem algumas horas para praticar sua atuação.

A raiva queimou em meu peito. — Eu não estou atuando.

— Há semanas que sabemos que alguém estava fornecendo informações aos Albaneses. O Chefe certamente não esperava que fosse você, mas as evidências são esmagadoras. — Seus olhos escureceram enquanto percorriam meu corpo, e de repente me senti terrivelmente nua. — Eu me pergunto se ele vai começar com o afogamento simulado. É incrível o que ele consegue fazer com tão pouca água. Ou talvez tirando cada uma de suas lindas unhas dos pés. Se eu tiver sorte, terei uma chance.

Minha mente rejeitou suas palavras. Matteo se importava comigo. Ele nunca me machucaria. Domenico deve ter mudado de lado.

Mas então... Angelo confirmou o pedido com Romeo.

O pânico explodiu em meu peito. — Isso tudo é um mal-entendido. — eu disse, mas minhas palavras soaram fracas.

Domenico apenas riu. Afastei-me dele o máximo que pude nesta cela minúscula e nojenta. O piso de concreto estava frio e sujo, e minha posição me deixou ainda mais vulnerável diante do horrível executor.

— Adeus, Sra. Rossi. Não que eu vá te chamar assim por muito mais tempo. Espero que você aproveite a sua estadia.



A sala estava coberta por uma escuridão opressiva, tornando impossível saber quanto tempo havia passado. Enrolei meu corpo em volta dos joelhos, tentando gerar calor. Mas foi inútil: o frio úmido do chão e das paredes de concreto parecia gelo através das minhas roupas. Meus dentes batendo quebraram o silêncio, mas nada poderia me distrair da dor na bexiga.

Eu meio que corri, meio rastejei até a porta de metal e bati as mãos nela.

— Eu tenho que ir ao banheiro. Por favor, deixe-me sair. — Minha voz estava rouca por causa das horas que passei gritando por socorro quando fui colocada aqui pela primeira vez. Finalmente caí contra a porta enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Eu estava sozinha.

Completamente sozinha.

Meus braços cederam e eu caí no chão, meu corpo muito fraco e cansado para me sustentar mais. O chão duro era insuportável sob

meus quadris, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Fechei os olhos, imaginando Matteo invadindo a cela e me resgatando. Mas nem mesmo minha imaginação conseguiu me oferecer alívio quando a imagem mudou, a expressão de Matteo se tornou cruel. Ele zombou de mim. — Agora posso finalmente me livrar de você.

Meus soluços me sufocaram. — Não me deixe aqui. — eu sussurrei repetidamente, até que meus lábios se moveram em uma agonia silenciosa, minha voz roubada.

Eu era a criatura mais patética do mundo enquanto a urina quente se espalhava pelas minhas pernas, acumulando-se no chão. Triste, patética e pequena. Porque pensei que finalmente o tinha encontrado. Amor, carinho... algo que parecia uma família.

Mas isso nunca foi real. Porque, mesmo agora, mesmo com o coração partido, eu sabia que, não importava o que ele fizesse, eu nunca seria capaz de fazer isso com Matteo.

Eu o amava demais.

Que idiota eu fui.



Pisquei os olhos, me sentindo drogado e confuso.

Fui tocar meu rosto e meu braço parecia que estava pegando fogo.

— Não é uma boa jogada.

Virei a cabeça para a direita, seguindo a voz de Romeo. Seu rosto parecia abatido, com sombras escuras sob os olhos.

— Você parece uma merda. — eu resmunguei.

Romeo bufou. — Você tem sorte de não haver um espelho aqui porque eu pareço melhor que você.

Eu acreditava nele se eu me parecesse com a maneira como eu me sentia. — O que aconteceu?

Romeo me entregou um copo de água da mesinha ao lado da cama. — Bala no braço. Aparentemente, um dos soldados albaneses no terreno não estava totalmente morto.

— Porra.

Quando chegamos ao armazém, Arben não estava em lugar nenhum. Tínhamos dominado os soldados albaneses sem muita dificuldade, libertando os meus homens presos. Estávamos trabalhando para carregar os soldados que pegamos nas vans quando caí.

— Qual é o dano?

— Você fez uma cirurgia. Disseram que você deveria se recuperar totalmente, mas precisa ter cuidado nas próximas seis semanas.

Eu gemi. — Eu odeio levar um tiro.

Romeo bufou. — Você faz isso com bastante frequência.

— Há quanto tempo estou inconsciente?

— Desde ontem à tarde. São dez da manhã agora.

Olhei ao redor da sala, minha visão embaçada, para ver se Sofiya estava aqui. Meu coração afundou quando as memórias do dia anterior voltaram para mim. Porra, como tudo ficou tão distorcido? Eu precisava voltar para casa para descobrir o que estava acontecendo. Era difícil argumentar contra as mensagens que tinha visto, mas ainda assim parecia impossível que ela tivesse me traído. Ela era uma ótima atriz se tudo fosse verdade. Esfreguei a mão no rosto. Ou talvez ela tenha me deixado mole.

Eu tinha certeza de que ela ficaria furiosa quando eu voltasse para o apartamento. Tentei encontrar a frieza que havia sido cultivada dentro de mim como Don da Máfia, mas não consegui apagar a culpa que sentia por ela ter passado algum tempo no porão.

Eu me sentei, amaldiçoando a fraqueza em meu braço. — Precisamos voltar para casa.



Encostei-me ao elevador enquanto ele nos levava ao último andar. Tudo que eu queria era arrastar Sofiya para o chuveiro, beijar cada centímetro de seu corpo e puxá-la para mim na cama enquanto eu dormia.

E então eu acordaria e foderia ela algumas vezes.

Mas havia muita coisa entre mim e essa fantasia.

Saí do elevador e encontrei Angelo parado do lado de fora do apartamento. Seu rosto era uma máscara de raiva e ele não encontrou meu olhar. Cerrei a mandíbula com a insubordinação, mas ele era o guarda de Sofiya e entendi por que ele estava chateado comigo. Eu me dirigiria a ele mais tarde.

— Você quer que eu entre como reforço? — Romeo perguntou.

Ele provavelmente deveria, apenas para evitar que Sofiya me envolvesse em seu dedo. Eu precisava questioná-la, para descobrir o que estava acontecendo. Assenti e passei por Angelo e entrei no apartamento.

Macarrão me cumprimentou na porta, saltando de energia. Fui dar um tapinha na cabeça dele, mas ele fugiu para o quarto.

Porra, até o cachorro não gostava de mim agora.

— Sofiya? — Eu gritei. Ela deve estar no nosso quarto.

Meus passos estavam pesados de exaustão. Antes que eu pudesse chegar ao quarto, Macarrão saiu correndo, jogando a sacola de remédios de Sofiya em mim. Uma onda de pânico percorreu meu peito. Sofiya estava ferida?

Corri para o quarto, mas estava vazio. Chamei por ela novamente e verifiquei o banheiro. Corri de volta para a sala.

— Ela não está aqui. — eu disse a Romeo, que estava tirando algo da geladeira.

Ele imediatamente colocou o pote de volta, entrando em ação como meu segundo em comando. Ele chegou antes de mim à porta da frente e a abriu.

— Angelo, onde está Sofiya? — ele perguntou.

Angelo se virou, olhando para nós dois confuso. — Ela está onde você a deixou. — Ele olhou diretamente para mim enquanto falava, seus olhos cheios de fúria.

Demorou um momento para que suas palavras fossem absorvidas.

Onde eu a deixei?

— Ela ainda está na porra do porão? — Eu rugi.

Romeo praguejou atrás de mim. Minhas mãos tremiam quando pressionei meu dedo no leitor do elevador. Abriu imediatamente.

— Entre — eu disse a Angelo. — E porra, explique o que aconteceu.

— Você disse que a Sra. Rossi deveria ficar na cela e que ninguém deveria deixá-la sair além de você. — disse Angelo.

Bati meu punho contra a parede do elevador. — E ninguém pensou em fazer algo quando eu não voltei *depois de algumas horas*?

— Quando você não voltou, tentei tirá-la de lá. Domenico disse que ligou para Romeo, que confirmou que ela precisava ficar lá até você voltar.

Virei minha cabeça em direção ao meu irmão, que ergueu as mãos. — Ele não me ligou. Eu nunca disse isso. Presumi que ela também estivesse de volta ao apartamento.

Domenico era um homem morto.

Meu coração disparou e eu queria gritar com a lentidão do elevador. No segundo em que as portas se abriram, corri pelo porão até a cela em que Sofiya estava. Não havia ninguém do lado de fora e as chaves não foram encontradas em lugar nenhum.

— Pegue as chaves extras do meu escritório. — gritei para Romeo. Voltei-me para a porta. — *Sofiya, tesoro*, você pode me ouvir? — Eu sabia que ela não poderia. Esta era a sala que usávamos para tortura. Era à prova de som.

Mas isso não me impediu de chamar o nome dela através do metal, avisando que eu estava aqui e que ela sairia em um minuto.

Romeo estava sem fôlego quando voltou com as chaves.

Destranquei a porta com as mãos trêmulas e a abri.

Nada poderia ter me preparado para o que vi.

A luz penetrou na sala, destacando minha esposa caída no chão e encharcada de urina.

Caí de joelhos e gentilmente a virei de costas. Seus olhos estavam fechados e sua pele estava fria.

— Não, meu amor, por favor, fique bem. — implorei enquanto a pegava em meus braços. — Romeo! Traga Aria aqui imediatamente!

Corri de volta para o elevador o mais rápido que pude, sem solavancar Sofiya. — Fique comigo. — implorei à sua forma ainda inconsciente.

Angelo arrancou o paletó e envolveu-a com ele enquanto entrávamos no elevador.

— Sofiya, você pode me ouvir? Por favor, baby, por favor, diga alguma coisa.

Ela soltou um gemido, e o som foi de alívio e tortura ao mesmo tempo.

As portas do elevador se abriram no último andar e corri para dentro do apartamento.

— Nós vamos aquecer você. — Tentei manter minha voz calma, mas era uma causa perdida. Nada poderia ser calmo ou reconfortante enquanto minha esposa estava quase inconsciente em meus braços.

Seus olhos se abriram.

— Aí está você. — Minha voz tremeu de alívio. — Vamos levar você para o banho. A água morna irá ajudá-la.

Uma expressão de horror contorceu seu rosto. — Não, por favor, sem água. Prometo que vou me comportar bem. Por favor, não faça isso. — Ela lutou em meu abraço, mas seus movimentos eram fracos e letárgicos. Ainda assim, eu a segurei com mais força para evitar que ela caísse ou se machucasse ainda mais.

— Sofiya, amor, qual é o problema? — Meu coração disparou enquanto ela continuava a lutar e a gritar, cada som que ela fazia era outra adaga torcida em meu peito.

— Por favor, não. A água não. Por favor, eu vou me comportar bem, prometo. — Suas palavras estavam arrastadas enquanto seus olhos se fechavam novamente.

Romeo correu para o quarto. — Aria está a caminho. Ela disse que primeiro temos que aquecer seu core. Tire as roupas molhadas e coloque cobertores nela.

Angelo entrou correndo no quarto, com os braços carregados de cobertores.

Soltar Sofiya na cama foi uma das coisas mais difíceis que tive que fazer.

Os outros dois saíram do quarto enquanto eu tirava a roupa dela. Passei uma toalha quente sobre sua pele, limpando-a, antes de colocar os cobertores sobre ela.

Eu pulei quando a porta do quarto se abriu. Era Aria. Ela se moveu rapidamente para o lado de Sofiya, tirando uma compressa quente de sua maleta médica. Eu queria gritar para ela se apressar enquanto ela

silenciosamente verificava os sinais vitais de Sofiya, mas segurei minha língua.

— Seus sinais vitais estão fortes — ela finalmente disse. — E a temperatura corporal dela está aumentando.

Eu não conseguia parar de olhar para minha esposa.

— Como isso aconteceu, Matteo? — ela perguntou.

Palavras não eram suficientes para detalhar o que eu tinha feito. Para expor minha vergonha.

Seus olhos escureceram enquanto Romeo explicava tudo.

Sofiya se mexeu na cama e eu me aproximei, mas Aria me impediu. — Você precisa sair.

Uma névoa vermelha caiu sobre minha visão. — Eu não vou deixá-la, porra. Eu tenho que cuidar dela.

— Foi você quem fez isso. — ela fervia. — Você acha que Sofiya vai ficar calma com você no quarto? Ela é minha paciente e estou dizendo que você precisa sair. Você só pode voltar se ela chamar por você.

Angelo apareceu na minha frente, seu corpo largo pairando sobre mim.

— Vamos. — ele disse, olhando para mim como se eu fosse lixo.

Pela primeira vez desde que era criança, me senti pequeno.

Deixei que ele me empurrasse para fora do quarto e para longe do meu amor.



Eu estava entorpecida enquanto a Dra. Amato tirava meu sangue. Ela estava na terceira tentativa de me furar, mas eu mal sentia.

Eu estava amontoada sob cobertores, mas a única coisa que me mantinha aquecida, me mantendo um pouco presa à realidade, era o corpo macio de Macarrão contra o meu. Ele se recusou a sair do meu lado. Sua cabeça descansava contra meu peito, a pressão mantendo meu pânico sob controle.

— Sofiya? Você pode me ouvir? Sofiya?

Eu estremeci quando percebi que a Dra. Amato estava falando comigo. O tempo estava correndo muito devagar e rápido. O quarto girava ao meu redor, aumentando minha desorientação. Virei minha cabeça para encará-la. Sua testa estava contraída de preocupação, seus olhos tristes, mas eu não senti nada. Foi como se o frio tivesse congelado minhas emoções.

Por mim tudo bem.

Eu não queria sentir. Não queria ser. Eu pensei que tinha tudo o que queria. Tudo que eu sonhei. Agora tudo se foi, e o pior é que eu não entendia por quê. O que eu fiz para que meu marido me odiasse? Para fazê-lo querer me torturar? Alguma coisa que vivenciamos foi real?

Estremeci quando a Dra. Amato tocou meu rosto.

— Sinto muito. — ela murmurou. — Gostaria de medir sua temperatura novamente e também lhe dar uma bolsa de fluidos intravenosos. Você está muito desidratada.

Não consegui encontrar palavras para falar.

— Que tal um chocolate quente? — ela perguntou. — Isso ajudará você a se aquecer.

Fechei os olhos. Talvez eu pudesse bloquear o mundo inteiro.

Talvez eu pudesse simplesmente desaparecer.

Macarrão cutucou meu pescoço com o focinho frio e úmido. Tentei ignorá-lo, mas ele foi ficando cada vez mais insistente até que cuidadosamente tirei minha mão de debaixo do peso de todos os cobertores para dar um tapinha em sua cabeça. Uma onda de emoção percorreu meu peito com seu toque gentil, a maciez de seu pelo, mas eu rapidamente a controlei. Eu não tinha coragem suficiente para encarar a realidade.

Eu me enrolei no corpo de Macarrão, envolvendo-o com os dois braços. — Senti sua falta — murmurei. — Você está com saudades de mim?

Macarrão soltou um longo suspiro, como se dissesse sim.

— Tenho sua permissão para lhe administrar fluidos intravenosos? — A Dra. Amato perguntou.

Fiquei pressionada contra Macarrão, mas balancei a cabeça. Não era mais como se eu me importasse com o que acontecia. A médica poderia fazer o que quisesse.

Um gosto metálico na minha boca me disse que ela havia iniciado os fluidos. Eu mantive meus olhos fechados.

— Vou levar seu exame de sangue para o laboratório e voltarei esta noite para verificar você novamente. — Ela hesitou antes de perguntar: — Você quer que alguém fique sentado com você enquanto eu estiver fora?

— Não. — eu disse, minha voz rouca e quebrada.

Eu não queria que ninguém me visse.

Não estava segura com ninguém.

A Dra. Amato abriu a porta e tive um breve vislumbre de Matteo antes de ela se fechar novamente. Ele parecia arruinado, com marcas escuras sob os olhos vermelhos.

Por que ele estava chateado?

Pressionei meu rosto no pelo de Macarrão e fechei os olhos, deixando o sono me levar.



— Sofiya?

As palavras da Dra. Amato flutuaram até mim, como se tivessem que atravessar um grande abismo no espaço para chegar até mim.

O rabo de Macarrão balançou, batendo contra o colchão, mas ele não se moveu do lugar. A ansiedade tomou conta de mim quando percebi que ele provavelmente precisava de comida e de sair. Alguém o alimentou enquanto eu estava presa?

Eu me empurrei para uma posição sentada. — O Macarrão foi alimentado? — Eu perguntei, uma ponta de pânico em minha voz.

— Oh — disse a Dra. Amato, com a testa franzida. — Eu não tenho certeza. Eu poderia perguntar a alguém?

Mordi o lábio, com medo de ver alguém brigando com a minha necessidade de garantir que Macarrão fosse cuidado. — Angelo. — eu finalmente disse. — Você pode trazê-lo aqui?

Poucos minutos depois, meu guarda-costas entrou no quarto. A expressão em seu rosto era de agonia. Ele caiu de joelhos ao lado da minha cama.

— Não vou pedir seu perdão, porque não mereço. Eu deveria ter matado Domenico, deveria ter feito o que fosse necessário para impedi-lo de colocar você lá.

Engoli em seco contra o nó de emoção na minha garganta.

— Tudo o que posso dizer é que daqui para frente, minha lealdade é para você e somente para você. Estou sob seu comando.

Eu sabia que o que aconteceu não foi culpa do Angelo. A culpa era do Don. Mas tudo em que consegui pensar enquanto estava presa naquela cela foi em como entreguei minha confiança com muita facilidade a todos ao meu redor.

— O Macarrão foi alimentado? — Eu perguntei, minha voz rouca.

Ao som de seu nome, Macarrão se animou. Ele se virou para Angelo e lambeu o rosto.

— Sim, eu o alimentei e o levei para passear. — disse Angelo.

— Tudo bem — eu disse. Meu lábio inferior começou a tremer e eu me enrolei na cama, envolvendo meus braços em volta do meu cachorro. — Você pode ir agora.

Angelo respirou fundo, como se quisesse dizer mais, mas então se levantou. — Vou trazer o jantar para ele em cerca de uma hora.

A Dra. Amato voltou para o lado da cama. — Sofiya, recebi seus resultados de laboratório.

Olhei fixamente para a parede. Eu não me importava com os resultados dos meus exames. O que ela poderia me dizer que eu já não soubesse? Que meu corpo estava quebrado. Eu estava quebrada.

— Os resultados estavam em sua maioria dentro da faixa normal, mas também revelaram... — Ela parou antes de limpar a garganta. — Sofiya, você está grávida.

Suas palavras me tiraram da minha névoa. — O que você disse?

Aria me olhou com atenção. — Você está grávida.

Uma onda de emoções rompeu o entorpecimento que me cercava, quase me deixando sem fôlego. Sentei-me, minha mão indo para a barriga sob a pilha de cobertores.

Macarrão foi para o meu colo, pressionando o focinho na minha barriga como se já soubesse que uma vida estava crescendo ali.

Fechei os olhos com força, mas as lágrimas ainda escorreram pelo meu rosto. Este tinha sido o meu sonho, tudo que eu sempre quis, mas agora parecia que estava presa em um pesadelo.

— Eu sei que isso é muito para absorver, especialmente porque você ainda está em choque. — disse a Dra. Amato, com voz gentil.

Um pensamento horrível tomou conta de mim e estendi a mão para agarrar a mão da médica, apertando-a com força. — Você contou ao Don?

— Não, eu queria te contar..

— Você não pode contar a ele. — eu disse, apertando ainda mais a mão dela. — Ele não pode saber. — Meus pensamentos estavam confusos e eu tropeçava nas palavras, mas meu corpo gritava *não é seguro, não é seguro*.

Seus olhos se voltaram para a porta e depois de volta para mim. — Ele vai descobrir eventualmente.

Cravei minhas unhas em sua mão, em seu braço, puxando seu corpo para perto do meu. — Você tem que me prometer que não contará a ele. Prometa-me. — Eu sabia o que estava pedindo, o que poderia custar a ela trair o Don. Mas eu precisava que ela entendesse, precisava que ela protegesse a mim e ao meu bebê.

Ela respirou fundo, olhando profundamente nos meus olhos. — Ok, Sofiya. — ela disse lentamente. — Vou ficar quieta. Por agora.

Por agora.

Pelo menos o silêncio dela deveria me dar algum tempo para entender as coisas. Soltei o braço dela. Eu deixei marcas em forma de lua crescente em sua pele.

— O bebê está bem? — Eu sussurrei.

— Eu não tenho certeza. Seu corpo passou por muito estresse. — Diante da minha expressão de pânico, ela colocou a mão gentilmente em meu ombro. — Isso não significa que o bebê não esteja bem. Você sabe de quanto tempo você pode estar?

Tentei lembrar quanto tempo se passou desde que Matteo e eu fizemos sexo pela primeira vez, mas minha mente estava muito acelerada para pensar com clareza. — Não pode ser mais do que algumas semanas.

A Dra. Amato assentiu. — Faz pouco mais de duas semanas que você me perguntou sobre gravidez.

Deus, parecia que foi há muito tempo. Nossa primeira vez fazendo sexo foi tão mágica, tão perfeita.

Era tudo uma mentira.

— Os exames de sangue podem mostrar a gravidez mais rapidamente do que os exames de urina. — continuou ela. — Você se lembra quando foi sua última menstruação?

— Eu não menstruei desde antes do casamento. — eu disse, passando a mão pelo rosto. — Eu deveria ter suspeitado de algo. Mas meus períodos podem ser imprevisíveis.

A Dra. Amato segurou minha mão entre as dela e me deu um aperto suave. — Você passou por muita coisa ultimamente. Não me surpreende que você não tenha notado.

Macarrão cutucou minha barriga novamente. Meu mundo inteiro mudou nos últimos minutos.

— Você não pode fazer um ultrassom para ver se o bebê está bem?

A Dra. Amato balançou a cabeça. — É realmente muito cedo para ver qualquer coisa em um ultrassom. Geralmente, você tem que esperar pelo menos seis semanas para ver alguma coisa.

Meu coração afundou. Eu queria ver meu bebê agora, queria saber se já não havia falhado com ele. Como meu corpo poderia ser um lar seguro para meu bebê quando eu não estava segura?

Lágrimas encheram meus olhos e eu as deixei sair. Eu estava pronta para desistir, para me deixar desaparecer desta vida cheia apenas de dor e sofrimento. Mas agora eu tinha um motivo para continuar. Eu daria a esse bebê todo o amor que sonhei e nunca consegui, não importa o que custasse.



A Dra. Amato me trouxe o jantar em uma bandeja junto com uma caneca grande de chocolate quente. Antes de ela sair para dormir, pedi que mandasse Angelo entrar.

Passei a última hora pensando nas coisas e elaborei um plano. Era uma loucura, arriscado e exigiria que eu confiasse em pelo menos uma pessoa.

Angelo estava ao pé da minha cama, com os ombros eretos e as mãos cruzadas na frente do corpo.

— Você quis dizer o que disse? — Perguntei. Fiquei orgulhosa por minha voz ter recuperado um pouco de força. Eu precisava ser forte pelo meu bebê. — Que você fará qualquer coisa para me proteger?

— Sim — disse Angelo sem hesitação.

— Você vai me ajudar? Não ao Matteo? — Doeue fisicamente falar seu nome.

— Minha lealdade é para com você, Sofiya. Eu juro.

— OK. — Mexi no cobertor, desejando ter forças para ficar de pé. Era difícil exalar poder e confiança enquanto estava enrolada na cama.

Respirei fundo e endireitei os ombros. — Então você vai me ajudar a escapar.

Seus olhos se arregalaram. — O que você quer dizer?

— Precisamos ir embora. Não estou segura aqui. E... — Olhei para ele de perto, torcendo desesperadamente para não estar cometendo um erro. Eu queria confiar em Angelo. Eu precisava acreditar que ainda tinha alguém ao meu lado. — E eu preciso proteger meu bebê.

Angelo empalideceu e seus olhos passaram entre mim e a porta. Ele deu um passo hesitante em minha direção, esperando para ver se eu protestaria ou se Macarrão rosnaria. Quando nós dois ficamos quietos, ele sentou-se suavemente ao meu lado.

— Você está grávida, *bella*? — Ele colocou sua mão suavemente em cima da minha.

Eu rapidamente enxuguei uma lágrima enquanto assentia.

— Ele sabe?

— Não. Acabei de descobrir. A Dra. Amato disse que ela não contaria a ele ainda. Mas não podemos esperar. Ele descobrirá em breve e preciso proteger esse bebê dele.

— Sofiya, ele nunca machucaria seu bebê. O chefe viu evidências de que você o traiu ao fazer um acordo com Arben, e ele sentiu que não tinha escolha a não ser agir. Ele não queria que você ficasse naquela cela por tanto tempo.

A raiva brilhou em meu peito e afastei a mão de Angelo. — Oh, então eu deveria estar grata por ele só me querer lá por um curto período de tempo? Apenas o tempo suficiente para *Il Diavolo* me contar todas as maneiras pelas quais meu marido me torturaria para arrancar informações de mim? — Cuspi as palavras, minhas mãos tremendo. Macarrão choramingou e deitou no meu colo.

Os olhos de Angelo estavam arregalados. — O chefe nunca torturaria você.

— Ele já fez isso. — eu disse, esbravejando. — Você está do meu lado ou não?

Angelo engoliu em seco e olhou novamente para a porta. Um poço de pavor se formou em meu estômago enquanto esperava por sua resposta. Eu tinha calculado mal de *novo*?

— Estou do seu lado — ele finalmente disse. — Sempre.

Soltei um estremecimento de alívio. — Preciso de um telefone que não seja rastreável.

Ele tirou um telefone descartável do bolso. — Qual é o seu plano? Você não pode voltar para Chicago.

— Não. — eu disse, pegando o celular. — Chicago não.

Peguei minha bolsa da mesa de cabeceira e tirei o cartão de Leona do bolso escondido com as mãos trêmulas. Se a mãe dela tinha escapado da máfia italiana, talvez Leona estivesse disposta a me ajudar. Eu odiava confiar em outra pessoa, mas o que mais eu poderia fazer? Eu não envolveria Mila, o Pakhan nunca estaria do meu lado e eu não poderia confiar em mais ninguém da Família.

Ela atendeu no terceiro toque. — Olá?

— Leona?

Houve uma longa pausa. — Bem, isto é uma surpresa. Não esperava notícias suas, Sra. Rossi. A que devo esse prazer?

— A quem você é leal? — Eu perguntei, tentando parecer feroz.

Ela bufou. — O que é isso, uma pesquisa Gallup? Receio não ter...

— Eu preciso saber. — eu rebati. — A quem você é leal? Aos italianos ou aos irlandeses?

Eu estava meio que esperando que ela desligasse na minha cara. Ela não tinha motivos para falar comigo, mas talvez tenha ouvido algo

em meu tom, porque depois de alguns momentos torturantes, ela respondeu.

— O tio do seu marido assassinou minha mãe. O que você acha?

— Bom — eu disse. — Porque preciso da sua ajuda.



Sofiya estava do outro lado da porta do quarto. Estávamos separados por meros centímetros de madeira, mas poderia muito bem ser um oceano.

A Dra. Amato entrou e saiu ao longo do dia, recusando-se a me dar qualquer informação, exceto que Sofiya estava estável. Ela saiu durante a noite, me dizendo que voltaria pela manhã.

E agora Angelo estava no meu quarto com minha esposa. Ele tinha entrado lá algumas horas atrás. Ela pediu por ele, queria ele, não eu. Porque não foi ele quem a trancou em uma cela. Não foi ele quem a traiu.

Meus homens estavam posicionados do lado de fora da porta da frente. Romeo foi o único que eu permiti ficar comigo. Ninguém mais poderia testemunhar minha vergonha, testemunhar seu Don desmoronar por causa de uma mulher.

Romeo contornou o corredor, com a mandíbula tensa e a gravata torta. Ele tinha uma bebida em uma mão e o telefone na outra. Ele estendeu o telefone para mim. — É Franco.

Coloquei o celular no ouvido.

— Chefe, Domenico tem um apartamento secreto no Brooklyn.

Meu coração batia forte no peito. — O quê?

— Eu o encontrei nas câmeras de vigilância. Ele tem frequentado este apartamento pelo menos uma vez por semana nos últimos três meses.

Xinguei e me virei para Romeo. — Franco está lhe enviando um endereço. Você precisa chegar lá agora! Leve homens com você. Esteja preparado para uma luta.

— Sim, chefe. — disse ele, tocando-me no ombro antes de sair correndo do apartamento.

Eu queria ir com ele, mas isso significaria deixar Sofiya. E eu cansei de colocar qualquer outra pessoa acima dela.

Desliguei o telefone e um silêncio opressivo tomou conta do apartamento. Toda a vibração que Sofiya trouxe para este espaço foi destruída.

Andei pelo corredor enquanto esperava pelo relatório de Romeo. Fantasiei sobre todas as maneiras como torturaria Domenico, como arrancaria a pele de sua carne. Lentamente, para que ele permanecesse vivo por dias. Semanas.

Ele imploraria pela morte e eu não concederia seu desejo até que ele estivesse totalmente destruído.

Meu telefone estava no meu ouvido no momento em que tocou.

— Ele está morto. — disse Romeo. — O corpo mutilado do bastardo nos recebeu quando entramos em seu apartamento. Parece que jogaram gasolina nele e atearam fogo.

Eu esbravejei enquanto a raiva fervia por dentro. — Quem?

— Os irlandeses.

Levei um momento para processar o que Romeo disse. — A porra dos irlandeses?

— Eu sei. Há uma tonelada de evidências de que *Il Diavolo* estava se coordenando entre os Irlandeses e os Albaneses para matá-lo e tomar seu território.

— Maldito bastardo! — Virei-me e fiz um buraco na parede. Eu merecia sentir a dor nos nós dos dedos. Eu merecia sofrer todos os dias pelo resto da minha vida pelo que fiz Sofiya passar. — Eu confiei nele!

Isso significava que todas as evidências que ele me mostrou sobre a traição de Sofiya eram falsas. Esperei que a sensação de alívio viesse, mas nada aconteceu. Porque eu já sabia. Ela não me trairia.

Ela me amava.

Costumava me amar.

Porque eu tinha certeza de que todos esses sentimentos haviam desaparecido agora. E era tudo culpa minha.

— O apartamento está destruído e a tela do laptop quebrada, mas o disco rígido estava intacto. Há uma tonelada de e-mails aqui entre Domenico e Ronan Finnegan. Finnegan ordenou que Domenico colocasse Sofiya contra você para que ele pudesse se casar com ela. Haveria então uma aliança entre russos, albaneses e irlandeses. Domenico organizou o ataque ao armazém. Você estava destinado a morrer lá.

Ronan Finnegan subiu ao poder na máfia irlandesa na mesma época em que ascendi como Don, e tivemos uma trégua informal durante todos esses anos para nos mantermos em nossos próprios territórios e ficarmos fora do caminho um do outro.

Que idiota eu fui. Tudo que eu construí estava desmoronando. Eu sacrifiquei tudo pela Família, pelo meu império, e veja onde isso me levou.

— Por que os irlandeses matariam Domenico agora? — Eu gritei. A raiva queimou em meu peito por não ter sido eu quem o matou, esse

traidor que torturou minha esposa.

— Talvez eles tenham percebido que você nunca o deixaria viver depois do que ele fez, então eles o pegaram antes que pudéssemos. Você estava certo sobre o envolvimento irlandês no comércio de peles. Há planilhas aqui detalhando como os irlandeses estão vendendo meninas aos albaneses.

Fechei os olhos enquanto o fogo queimava em meu peito. Ronan Finnegan era um homem morto, e desta vez eu garantiria que teria o prazer de matá-lo. — Reúna todas as evidências que puder conseguir no apartamento do traidor e depois volte aqui. — ordenei a Romeo.

Meus dedos apertaram meu telefone depois que desliguei. Eu precisaria do apoio de Rustik nesta guerra. A Máfia Irlandesa não era tão hierárquica ou organizada como as Cinco Famílias ou a Bratva, mas eu não subestimaria a sua força. Não de novo.

Olhei para a porta do quarto, me perguntando se deveria forçar Sofiya a me ouvir, a explicar o que havia acontecido. Mas de que adiantaria minha esposa saber que fui enganado por um traidor em minhas próprias fileiras? Como isso consertaria o que eu havia quebrado?

Ainda assim, minha mão pairou sobre a maçaneta. Doía fisicamente estar longe dela.

Apertei a maçaneta, o metal frio contra minha pele. Antes que eu pudesse girá-la, uma explosão sacudiu o prédio.

Abri a porta do quarto. — Angelo! Proteja a Sofiya! — Minha esposa estava enrolada na cama, Macarrão ao lado dela, uma expressão chocada no rosto.

— Sim, chefe. — respondeu Angelo.

Saí correndo do apartamento. Quem estava nos atacando... os albaneses? Os irlandeses? Eu não os deixaria pegar minha esposa. Eu a protegeria até meu último suspiro.

Ordenei a dois guardas que ficassem na porta do apartamento enquanto os demais corriam para a escada. A explosão ocorreu no lado leste do prédio.

Porra. *Sienna*.

Eu ordenei que ela ficasse em seu apartamento.

Desci as escadas até o andar dela, aliviado quando vi que estava intacto. Ordenei a um dos meus homens que a verificasse enquanto eu continuava a descer as escadas. Uma fumaça acre encheu o ar quando me aproximei do meu escritório. Fui na frente dos meus homens, invadindo a porta com minha arma em punho.

Meu escritório foi destruído. A janela estava quebrada por onde um explosivo obviamente havia entrado. Mas a sala estava vazia, além de papéis esvoaçantes e móveis lascados.

Sinos de alerta soaram em minha mente, mas estava nublada de exaustão e dor. Meu ombro estava em chamas, quando olhei para baixo, vi sangue escorrendo pela minha camisa. Devo ter estourado meus pontos.

Meu coração batia forte, meu instinto me dizia que eu precisava voltar para Sofiya agora. Chamei meus homens e subi as escadas correndo. Meu relógio vibrou e olhei para o alerta: o alarme da saída de incêndio havia disparado.

Um medo como nunca havia sentido antes me inundou quando abri a porta do apartamento e o encontrei vazio.



Esperamos até que a porta da frente se fechasse atrás de Matteo antes de entrarmos em ação. Angelo me ajudou a sair da cama e a sentar na cadeira de rodas antes de colocar a mochila que tínhamos embalado com itens essenciais. O arnês de Macarrão já estava colocado e Angelo agarrou sua coleira enquanto corríamos para o lado oposto do apartamento, em direção à escada de incêndio.

Angelo abriu a janela. — Isso irá disparar o alarme. Precisamos agir rapidamente.

Levantei-me da cadeira, travando os joelhos para não cair. A sala girou ao meu redor e eu me apoiei em Macarrão para me manter firme. Angelo espremeu seu enorme corpo pela janela e depois estendeu a mão para mim, arrastando-me para o ar fresco da noite.

— Vamos, Macarrão. — Eu puxei sua coleira. Macarrão me deu uma expressão que me dizia que ele estava muito inseguro sobre esse plano. Angelo se inclinou para frente e agarrou o arnês de Macarrão, puxando-o.

— Talvez você devesse carregar Macarrão em vez de mim. — eu disse, olhando para as traiçoeiras escadas de metal.

— Você primeiro. Voltarei para buscá-lo, se necessário. — grunhiu Angelo.

O som alto de um helicóptero se aproximando tornou impossível falar enquanto Angelo subia rapidamente as escadas, segurando-me contra seu peito largo. Chegamos ao telhado no momento em que o helicóptero pousava na plataforma. Eu saltei nos braços de Angelo enquanto ele corria em direção a ela. Sua mão cobriu minha cabeça quando nos aproximamos da porta do helicóptero onde Leona estava parada, com um sorriso feroz no rosto.

Angelo me levantou e Leona agarrou meu braço, me puxando para dentro. Gritei quando uma dor aguda explodiu em meu ombro... ela o havia deslocado.

— Merda, Sofiya, você está bem? — Angelo perguntou.

— Vá buscar Macarrão. — gritei. Angelo voltou para a escada de incêndio no momento em que um tiro soou do outro lado do telhado.

Matteo estava correndo em nossa direção, com fúria no rosto. Seus guardas não estavam muito atrás deles e todos estavam com armas em punho, apontando para as hélices do helicóptero.

— Temos que ir. — Leona gritou.

Olhei de volta para a escada de incêndio bem a tempo de ver a cabeça de Macarrão aparecer na beirada do telhado enquanto ele lutava para se levantar. Angelo praguejou e pulou no helicóptero. Antes mesmo de a porta ser fechada, já estávamos no ar. Gritei, tentando chegar até meu cachorro, meu melhor amigo, mas o chão desapareceu debaixo de nós.

Angelo me puxou para um assento e colocou o cinto de segurança, tomando cuidado para evitar meu ombro. Ele agarrou meu rosto com as duas mãos. Minhas lágrimas encharcaram sua pele.

— Eu sinto muito.

Não consegui ouvir por causa do som do helicóptero, mas li as palavras em seus lábios.

Coloquei minha mão sobre o peito, meu coração se partindo. Meu doce Macarrão. Eu o abandonei.

Angelo sentou-se ao meu lado e Leona estava à nossa frente. Ela entregou um fone de ouvido para cada um de nós. Angelo colocou o meu para mim. Instantaneamente, o barulho ao meu redor diminuiu e pude ouvir a voz estática de Leona.

— Bem, isso foi emocionante. Tive a sensação de que deveria ficar em Nova Iorque, como se algo emocionante estivesse para acontecer.

Meu mundo tinha acabado de ser destruído e aqui estava Leona, agindo como se estivéssemos em algum tipo de divertida excursão. — Sente-se e relaxe. — ela continuou. — Estaremos em Boston em pouco tempo. Ronan ficará muito animado em conhecê-la.



Ver o helicóptero desaparecer ao longe juntou-se à lembrança de ouvir os tiros que atingiram meus pais e de encontrar Sofiya deitada imóvel no chão daquela cela.

Todos os meus piores momentos foram culpa minha.

Romeo colocou uma mão hesitante no meu ombro. — Vamos voltar para baixo. Pensar em um plano. — Quando não consegui me mover, ele me apertou ainda mais. — Vamos, *fratello*. Sofiya precisa de você focado.

— Eu sou a última coisa que ela precisa. — Minha voz era tão monótona e fria quanto meu coração. Minha esposa havia tirado todo o calor e a luz do mundo.

— Isso não é...

— Ela fugiu de mim, Romeo. Ela não suportava ficar perto de mim por causa do que eu tinha feito, então agora ela caiu nos braços de *malditos traficantes sexuais!* — Agarrei meu cabelo e me virei, precisando de algo para destruir, quando meus olhos encontraram

Macarrão lutando para subir no telhado. Corri até ele e o agarrei pelo cinto, puxando-o para meus braços. Ele estava respirando pesadamente e descansou a cabeça no meu peito. Eu o abracei, pressionando meu rosto em seu pelo macio. — Como tudo pode dar tão errado, hein?

Ele choramingou baixinho.

— Eu vou recuperá-la. Eu prometo.

Ele levantou a cabeça e lambeu meu rosto, e percebi que havia lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Limpei-as e limpei a garganta. — Tudo bem, temos que nos recompor e recuperar nossa garota.

Respirei fundo e tirei Macarrão do meu colo. Ele se sentou, encontrando meu olhar com uma expressão solene, eu balancei a cabeça. Levantei-me do chão e abotoei o paletó, ficando ereto como Don.

Voltei para onde Romeo estava com o resto dos meus homens. — Precisamos rastrear onde o helicóptero está pousando e entrar em contato com Rustik para obter reforços. Os irlandeses levaram a minha mulher. Estamos em guerra.



Romeo e Enzo arrastaram uma grande mesa e cadeiras para o meu escritório e todos se reuniram em volta. Franco havia saído de qualquer covil escuro onde normalmente trabalhava e atualmente estava rastreando a trajetória de voo do helicóptero.

— Eles estão pousando no oeste de Massachusetts, não em Boston. — disse ele.

— Romeo, prepare o jato para segui-los. — ordenei.

Franco tirou o cabelo longo e bagunçado do rosto enquanto se inclinava sobre o laptop. — Assim que pousarem, poderemos rastrear sua localização exata com o colar de Sofiya, se ela ainda o estiver usando.

Eu congelo. No meu pânico, esqueci o rastreador. Pelo amor de Deus, eu esperava que ela ainda estivesse usando. Abri o aplicativo de rastreamento no meu telefone e preendi a respiração enquanto ele carregava. E lá estava ele, o pontinho representando o amor da minha vida sobrevoando Connecticut.

— Nós a pegamos. — eu disse. — Todos precisam estar armados e prontos. Não podemos saber quantos irlandeses e albaneses estarão lá, mas provavelmente estarão prontos para nos receber. — Acenei para Romeo para assumir a preparação de nossos soldados enquanto saía para ligar para o Pakhan.

Meu coração bateu forte quando ele atendeu. Limpei a garganta. — Ivanov. Os irlandeses levaram Sofiya.

Meu sogro, o Pakhan, esse homem que eu desprezava, soltou o que presumi ser um palavrão em russo. — Como você pôde deixar isso acontecer? — ele rugiu.

Agarrei o telefone, meu desejo de gritar e xingar era temperado apenas pela minha própria culpa. — Estou apelando à nossa aliança para resgatá-la e derrotar os irlandeses. Eles se aliaram aos albaneses para trazer o comércio de peles para Nova Iorque.

Rustik praguejou novamente. — Envie-me a localização. Meus homens e eu estaremos lá.

Este homem não amava Sofiya, mas em nosso mundo imagem era poder, e o sequestro de sua filha o faria parecer fraco.

Desliguei, enviei-lhe as coordenadas do aeroporto de Massachusetts e voltei ao escritório. Meus homens estavam prontos e mais soldados nos encontrariam no aeroporto.

— Porra, Sienna sabe o que aconteceu? — Perguntei a Romeo em voz baixa enquanto saíamos do escritório.

— Ela foi mantida em seu apartamento. Ela sabe que algo aconteceu, mas não o quê.

— Vou passar no apartamento dela agora mesmo e te encontro na garagem.

Romeo assentiu e chamei Macarrão para o meu lado. Ele me acompanhou enquanto eu descia as escadas até o andar de Sienna.

Acenei com a cabeça para o guarda que estava posicionado do lado de fora de sua porta e entrei. Ela pulou do sofá e correu em minha direção.

— Matteo, que porra está acontecendo? Eles disseram que você foi baleado? — Seus olhos percorreram meu braço. — E acabei de ouvir algo no telhado.

— Sofiya foi levada pelos irlandeses. — eu disse. — Nós vamos atrás dela agora. Você precisa cuidar do Macarrão.

Seus olhos se arregalaram. — Oh, Matteo. — Ela me puxou para um abraço que eu não merecia. — O que aconteceu?

— Eu não tenho tempo...

— Juro por Deus, Matteo, você não sairá desta sala até me contar o que está acontecendo.

Como foi que todos me temiam, exceto as mulheres da minha vida? — Consegui provas de que Sofiya era uma traidora... que ela estava fornecendo informações aos albaneses.

O queixo de Sienna caiu. Então ela balançou a cabeça ligeiramente. — Não tem como isso ser verdade.

Sua rejeição imediata da traição de Sofiya me fez sentir ainda pior. Como eu poderia ter acreditado nisso mesmo por um segundo, mesmo diante de uma tonelada de evidências? — Sim, bem, logo depois que recebi a notícia, fui informado que Arben estava atacando um de nossos

armazéns. — Agora era tão óbvio que Domenico havia orquestrado tudo. — Então... eu a coloquei no porão até eu voltar.

Sienna deu um passo para trás, seus olhos se transformando em fendas de julgamento. — Você está falando sério?

— Ela deveria ficar lá apenas por algumas horas para assustá-la, mas então eu levei um tiro. Quando acordei no hospital, presumi que ela estaria me esperando em nosso apartamento, mas ela ainda estava no porão. — Afastei-me da expressão horrorizada de Sienna. — Eu nunca quis que isso acontecesse. Foi tudo uma armação de Domenico. Ele estava trabalhando com os albaneses, mas agora está morto.

— E o helicóptero? O telhado? — A voz de Sienna estava gelada.

— Sofiya e Angelo partiram com os irlandeses. E... — Porra, eu não queria falar as palavras. — Os irlandeses têm uma aliança com os albaneses para expandir o comércio de tráfico sexual na cidade.

A expressão de Sienna ficou horrorizada. — O quê? Tem certeza?

— Sim. Agora eu tenho que ir. — Fiz um gesto para Macarrão. — As coisas dele estão no apartamento.

— Você está brincando comigo? Você vai me deixar com isso e ir embora? Como você pôde colocar sua esposa numa maldita cela por horas? Dias? Não é à toa que ela foi embora! — Suas mãos pousaram em meus braços e ela me sacudiu, enviando choques de dor através do meu braço machucado. — O que há de errado com você?

— Tudo, aparentemente! — Eu gritei. — Não fui feito para ser marido ou irmão, aliás. Eu sei que tudo o que sou para você é uma decepção! Eu sou a razão pela qual você não tem pais, a razão pela qual passamos dois anos na clandestinidade e na pobreza. Eu falhei com todas as pessoas em minha vida, então por que me preocupar com relacionamentos?

Sienna deu um passo para trás, piscando. — É isso que você pensa, Matteo? Você é a razão de eu ainda estar viva! Como você pode ser tão estúpido? Nosso tio teria matado você! E isso significa que eu também estaria morta, ou pior. Até quando você vai se punir por algo

que não foi sua culpa? Você não se permite ser humano e agora você perdeu o amor da sua vida.

Minha mandíbula apertou. — Eu não sou capaz de amar.

Ela ergueu as mãos. — Você não reconheceria o amor nem se ele desse um tiro na sua cara. É por isso que você não entende que eu te amo. Romeo te ama. Sofiya... bem, pelo menos ela amava você.

Meus membros pareciam fracos e meu peito, vazio. — E eu estraguei tudo.

— Sim, bem, conserte isso.

— Como? — Minha voz era um sussurro rouco.

— Descubra como. Mas comece trazendo-a de volta para cá.

Balancei a cabeça brevemente enquanto girava nos calcanhares e caminhava até a porta. Parei com a mão na maçaneta dela. — Você sabe que te amo. Não é o suficiente, mas eu te amo.

E então eu saí.



A dor percorreu meu braço e ombro, cerrei os dentes contra ela.
— Você pode colocar meu braço de volta no lugar quando pousarmos?
— perguntei a Angelo.

Ele olhou para mim em pânico. — Um médico não deveria fazer isso?

Eu balancei minha cabeça. — Eu vou te dizer como fazer isso. Não é difícil.

Uma onda de náusea tomou conta de mim e eu não sabia se era causada por ansiedade, enjoo matinal ou dor. O helicóptero atingiu um local de turbulência e meu estômago embrulhou.

— Andar de helicóptero estava naquela sua lista? — Angelo perguntou. Ele estava tentando me distrair e eu o agradei por isso.

— Não, não estava. — E por uma boa razão, aparentemente, quando nos deparamos com outra turbulência. — Acho que vou me ater aos aviões. Ou melhor ainda, carros.

Leona sorriu amplamente. — Onde está seu senso de aventura?

— Devo ter deixado em Nova Iorque. — murmurei.

Coloquei minha mão na minha barriga e desejei que meu bebê ficasse bem. Eu odiava não poder fazer mais para protegê-lo, quase tanto quanto me odiava por sentir falta de Matteo. Continuei sendo assaltada por lembranças... dele sendo carinhoso comigo, da sensação de seus braços e do roçar de seus lábios. Eu me senti protegida e segura com ele.

Até que eu não me senti mais.

Fiquei de frente para a janela e enxuguei as lágrimas do meu rosto.

O helicóptero voou mais baixo quando nos aproximamos de uma pista de pouso vazia cercada por campos.

— Assim que pousarmos, nosso piloto, Finn, nos levará para ver Ronan. Temos feito alguns trabalhos aqui no oeste de Mass, e é por isso que não vamos desembarcar em Boston.

— Que tipo de trabalho? — Angelo perguntou, a voz dura.

— Isso é para eu saber e você descobrir. — ela disse com uma piscadela.

Angelo encontrou meu olhar, parecendo tão impressionado quanto eu, mas não houve tempo para dizer mais nada quando estávamos pousando. Cerrei os dentes enquanto era empurrada, cada movimento agravando meu ombro.

Soltei um grito de dor assim que pousamos, e Angelo estava instantaneamente na minha frente, com os joelhos pressionados contra os meus.

— Me diga o que fazer.

— Você precisa ajudar a colocar o ombro de volta no lugar, mas não precisa forçá-lo. Basta colocar a mão no meu cotovelo e deixar o peso da sua mão puxá-lo para baixo. — Dobrei meu braço direito e ele moveu a mão para a dobra do meu braço. — Agora, pegue a outra mão e massageie meu ombro e bíceps.

Ele fez o que eu pedi, parecendo sério e focado enquanto me segurava com firmeza. O piloto – Finn – e outro homem que estava sentado na frente nos observaram com curiosidade enquanto Angelo continuava sua massagem. Depois de alguns minutos, meu ombro moveu. — Acho que está de volta. — Meus músculos ainda estavam doloridos e eu sabia que precisava ser extremamente cuidadosa nos próximos dias, mas consegui mover meu braço com mais facilidade.

— Uau, eu esperava que esse processo fosse mais dramático. — disse Leona.

— Oh, eu tento manter minha vida sem drama. — eu brinquei.

Ela bufou. — É exatamente assim que eu descreveria...

— Leona — Finn soltou. — Aproximação.

Todos eles, incluindo Angelo, sacaram as armas. Amaldiçoei internamente por ainda não ter uma arma. Eu deveria ter me esforçado mais para conseguir uma. Pelo menos eu não seria um alvo fácil, presa em um helicóptero do qual não conseguiria sair sozinha.

— Não são nossos homens. — Leona disse, todos os traços de humor desaparecendo de sua voz.

Inclinei-me o suficiente para ver uma fila de carros pretos se aproximando.

— Merda — disse Finn. — Podemos chegar ao nosso carro a tempo? Ou deveríamos tentar decolar e pousar em outro lugar?

Olhares furtivos vieram em minha direção e minhas bochechas queimaram. Eu era obviamente o elo mais fraco aqui.

— Ligue os motores, Finn. — disse o outro homem. — Devemos ter combustível suficiente para chegar ao aeroporto de Westover.

Os dois homens foram para a cabine enquanto Leona e Angelo permaneceram perto da porta aberta, com as armas em punho. O motor deu partida e parecia que meu coração batia no ritmo das vibrações.

— Proteja-se! — gritou Angelo, inclinando-se para fora do helicóptero para fechar a porta enquanto as balas começavam a atingir a estrutura de metal.

— Eles estão tentando derrubar a cauda e as lâminas! — Finn gritou.

O helicóptero levantou do chão e então balançou, caindo de volta. Angelo se jogou sobre mim e eu enrolei meu corpo sobre a barriga. O som de vidro quebrando foi seguido por tiros rápidos, mas eu não tinha ideia de onde eles vinham.

— Há muitos deles. — Leona gritou. — Mande uma mensagem para Ronan, mas ele está a vinte minutos de distância.

Angelo saiu de cima de mim, virando-se para atirar pela janela quebrada da porta até que sua arma fez um clique. — Porra.

— Rendam-se agora e salvem suas vidas. — gritou alguém de fora do helicóptero.

Finn rastejou até nós vindo da cabine. — Os carros deles são à prova de balas e estou sem munição. Leona...

— Não — ela disse. Eu não conseguia vê-la da minha posição apertada, mas ela parecia furiosa. — Não podemos desistir.

— Podemos sair dessa. — disse o outro irlandês. — Mas temos que nos render primeiro. Ronan virá atrás de nós.

Agarrei o braço de Angelo, um terror agudo apunhalando meu peito.

— Eles simplesmente vão nos matar, Aidan. — Leona disse. — Nós nem sabemos quem eles são. Eles não têm razão para nos manter vivos.

De repente, a porta do helicóptero se abriu. Quatro homens mascarados estavam ali, rifles apontados para nós. — Larguem as armas. — gritou um dos homens mascarados enquanto agitava a arma. Ele tinha sotaque, mas eu não conseguia identificá-lo.

Um por um, Leona, Finn, Aidan e Angelo largaram as armas. Outro homem se aproximou por trás dos guardas armados, mas não estava mascarado. Ele parecia ter trinta e tantos anos, cabelo penteado e corpo atarracado.

Angelo respirou fundo e se mexeu na minha frente, bloqueando minha visão. — Arben.

Meu sangue gelou.

— Angelo Conti. — respondeu uma voz zombeteira.

Então soou um tiro alto e Angelo caiu na minha frente.

Tudo desapareceu, meu mundo inteiro se reduziu ao meu guarda-costas inconsciente, *meu amigo*. Um grito agonizante deixou meus lábios enquanto eu me lançava sobre ele. — Angelo! — Pressionei minhas mãos sobre o ferimento de bala em seu peito. Sangue quente jorrou nas palmas das minhas mãos e lágrimas caíram nas costas da minha mão. — Juro por Deus, vou matar você se você morrer em mim.

Gritos altos e o som de metal encheram o ar e então mãos frias me agarraram por trás, arrancando-me de Angelo e puxando-me para trás, para fora do helicóptero. Gritei e me debati, mas quem quer que estivesse me segurando tinha um aperto de ferro e meu ombro estava fraco e dolorido, deixando-me indefesa.

Um capuz áspero cobriu meu rosto e fui empurrada para dentro de um carro. Antes de a porta se fechar, pensei ter ouvido alguém falar em russo.



Braços ásperos me jogaram no chão. Eu me segurei antes que meu rosto batesse no chão, causando uma dor aguda em meus ombros e pulsos. A porta bateu e fiquei sozinha, o frio já penetrando na minha pele.

Arranquei meu capuz encharcado de lágrimas e espiei ao redor da cela escura. Era semelhante ao do porão de Matteo, exceto que havia uma pequena janela no alto da parede com grades. Aparentemente todos os chefes da Máfia seguiram o mesmo plano de design de interiores.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto e eu apertei meu peito, sentindo como se meu coração estivesse sendo arrancado. Recusei-me a acreditar que Angelo estava morto, mas minhas mãos ainda estavam encharcadas de seu sangue. Meu estômago embrulhou e respirei lentamente pelo nariz para não vomitar. Minha mente estava lenta e a exaustão tomou conta de mim. Fiquei tentada a me enrolar no chão imundo e fechar os olhos, mas precisava ficar alerta. Foram os albaneses que nos pegaram? Mas então... por que ouvi alguém falando em russo? Eu não conseguia entender nada disso.

Meus ombros se curvaram para dentro enquanto a verdade se instalava em meus ossos. Foi minha culpa que Angelo levou um tiro. Foi minha culpa que os irlandeses foram capturados. Meu plano tinha sido imprudente e estúpido.

Meu lábio inferior tremeu e eu o chupei na boca. Eu tinha que me controlar. Eu não merecia chafurdar na autopiedade. Eu precisava consertar isso.

Olhei ao redor da sala para ver se havia alguma coisa que eu pudesse usar para escapar, mas não havia nada. Pelo menos eles não tinham me amarrado, não que meus braços e pernas pudessem fazer muita coisa contra um inimigo.

Eles teriam que ser suficientes. Meu corpo era tudo que eu tinha.

Usei a parede para ficar de pé para poder testar minhas pernas. Meus quadris estavam doendo e meus tornozelos estavam instáveis, mas isso era vida ou morte, então eu lidaria com as consequências para meu corpo mais tarde. Girei suavemente meu ombro e massageei meu braço, desejando que tudo permanecesse no lugar.

Fiquei na ponta dos pés para espiar pela janela. Tudo o que pude ver foi um pedaço de céu cinzento. Os minutos passaram e finalmente me sentei novamente. Eu precisava economizar energia.

Um estrondo fora da sala me tirou da névoa do sono. Eu me levantei bem a tempo de a porta se abrir. A luz do corredor fez meus olhos arderem, mas quando eles se ajustaram, vi o Pakhan parado na porta. Foi a primeira vez na minha vida que fiquei feliz em ver meu pai. O alívio tomou conta de mim quando percebi que Matteo devia tê-lo chamado como reforço contra os albaneses.

Mas então ele se virou para mim com a mesma expressão sombria e distorcida que eu tinha visto em seu rosto muitas vezes.

Meu coração afundou. Ele não estava aqui para me resgatar. *É claro* que ele não estava.

— Sofiya.

— Você está trabalhando com os albaneses?

Ele puxou um cigarro e acendeu-o, soprando a fumaça em minha direção. — Pelo menos você não é uma completa idiota, ao contrário do seu marido.

— Por quê?

— Como se eu fosse explicar minhas decisões para uma garota como você. — ele cuspiu, com escárnio pesado em sua voz como se eu fosse a escória na sola de seu sapato.

— Por favor, deixe-me ir. — Me matou implorar a ele, mas eu estava sem opções.

Sua expressão se transformou em um sorriso de escárnio. — Não se preocupe. Eu tenho planos para você. — E com isso ele fechou a porta, me trancando de volta.

Soltei um grito. Como essa era minha vida? O que eu fiz para merecer um pai tão ruim? Caí de volta no chão. Senti um nó na garganta, mas eu estava com raiva demais para chorar.

Eu sobressaltei-me quando a porta se abriu novamente, mas desta vez, três homens estavam na porta. Um deles parecia vagamente familiar - era um dos soldados do Pakhan - mas os outros dois eram estranhos.

Meu coração disparou. A expressão em seus olhos só poderia ser descrita como sinistra, mas forcei meu terror a diminuir. Eu precisava ficar alerta... essa poderia ser minha única chance de escapar.

Fiquei no chão, tentando bolar um plano.

— Ela é mais bonita do que eu imaginava. — disse o primeiro homem. Ele era careca e usava um uniforme preto de estilo militar.

O soldado da Bratva deu um sorriso amarelo e nojento. — São as pernas dela que não funcionam. Seu rosto, seios e bunda não foram afetados. Além disso, eu meio que gosto quando elas ficam ali deitadas enquanto você as fode.

— E a boceta dela? — o terceiro homem disse. Ele era loiro e parecia apenas alguns anos mais velho que eu.

— Acho que teremos que provar e ver. — disse o careca.

O soldado da Bratva parecia nervoso pela primeira vez. — O Pakhan disse que ela não deveria ser tocada. Ela vai se casar.

— Ela já é casada. — disse o loiro.

O soldado careca deu mais um passo em minha direção e meus olhos se voltaram para a arma em sua cintura. Eu tensionei meus músculos para me impedir de me mover. Eu precisava cronometrar tudo com cuidado. — Isso não importará quando o marido dela estiver morto. As viúvas podem se casar novamente.

Oh Deus. Não importa o quão confusos fossem meus sentimentos em relação a Matteo, eu não o queria morto.

E prefiro morrer a ser vendida a outro homem da escolha do meu pai.

O soldado da Bratva fechou a porta da cela atrás de si, deixando todos nós na escuridão. O cheiro pútrido de suor encharcou a sala. — O que importa se transarmos com ela? Ela já está usada, de qualquer maneira. E não é como se Arben a estivesse comprando por sua boceta.

A bile subiu pela minha garganta, mas eu a engoli. Esta aliança foi uma farsa desde o início. O Pakhan jogou contra todos nós, usando-me como peça de xadrez em seu jogo distorcido.

Os homens se aproximaram, discutindo quem iria “pegar minha boceta primeiro”. Pisquei, desejando que meus olhos se ajustassem à escuridão.

Um deles se agachou sobre mim e eu me movi. Com a mão direita, agarrei sua virilha e apertei com força. O grito de choque do homem encheu a sala e ele me empurrou para o lado, mas eu já tinha conseguido pegar sua arma.

— Sua maldita vadia! — ele gritou.

O som de três tiros ecoou pela pequena sala, seguido pelo baque de três corpos.

A adrenalina correu através de mim, permitindo-me ficar de pé sem dor. Contornei cuidadosamente os corpos e abri a porta com cuidado. Eu tinha certeza de que alguém devia ter ouvido os tiros, mas ninguém veio correndo. A luz do corredor se espalhava pela sala o suficiente para que eu visse que todos os três guardas estavam mortos. Eu bati na testa de cada um deles. Fiquei bastante impressionada comigo mesma. Eles estavam tão perto que não era como se tivesse sido um tiro difícil, mas acertar todos eles com precisão mortal no escuro ainda era muito bom. Dimi ficaria orgulhoso.

Peguei as armas dos outros guardas deles, colocando-as na cintura. O sangue se acumulou no chão, encharcando os joelhos da minha calça jeans. Minhas mãos tremiam enquanto eu procurava em seus bolsos um telefone. Quando peguei um, meu coração afundou ao ver que não havia nenhum serviço. Eu precisaria chegar a um lugar melhor e ligar para Matteo.



Olhei para o ponto imóvel de Sofiya no aplicativo rastreador. Ela estava dentro do armazém há quarenta e cinco minutos. Cada segundo de espera era uma agonia, mas não sabíamos quantos irlandeses estavam lá dentro e precisávamos ser estratégicos.

Pelo menos foi isso que Romeo continuou me dizendo.

O armazém ficava no meio do nada. Um longo caminho de cascalho atravessava campos abertos até chegar à entrada de um prédio cinza. Havia um anexo abandonado à vista do armazém e foi lá que esperamos por Rustik. Ele havia desembarcado no mesmo pequeno aeroporto que usávamos e estava a caminho.

Uma ligação apareceu no meu telefone. Meu dedo pairou sobre o botão de atender, mas era um número desconhecido, então enviei para o correio de voz.

— Rustik está há três minutos. — disse Romeo.

— Vamos entrar em posição. — Tínhamos planejado com Rustik enquanto ele estava no avião. Meus homens e eu tomaríamos o lado

leste do armazém e ele tomara o lado oeste. Iríamos até o meio para libertar Sofiya e destruir os irlandeses e albaneses.

O armazém estava silencioso quando nos aproximamos. Encontrei o olhar igualmente confuso de Romeo com a falta de guardas. Felizmente, isso significava que eles não estavam nos esperando e que não enfrentaríamos muita oposição.

— Rustik está em posição. — sussurrou Romeo.

Acenei com a cabeça para meus homens. Vinte deles tinham vindo conosco e eu olhava cada um deles nos olhos agora. Eram homens que tinham sido leais a mim, e no caso dos mais velhos, leais ao meu pai. A Máfia, estes homens, eram uma Família, mas a minha família nunca estaria completa sem Sofiya.

— Obrigado por estarem comigo — eu disse. Algumas expressões de choque passaram pelos rostos diante de mim. — Não há mais ninguém em quem eu confiaria a segurança da minha esposa. — Seus rostos ficaram sérios e seus peitos inchados de orgulho. Voltei-me para Romeo. — Vamos.

O interior do armazém estava escuro. As sombras das pequenas janelas gradeadas brincavam nas paredes de concreto. Fui na frente por uma sala pequena e silenciosa até chegarmos a outra porta. Romeo testou-a e ela se abriu com um rangido, e todos nós nos movemos para um espaço escuro como breu e sem janelas. Houve um baque suave quando a porta se fechou atrás de nós. Antes que eu pudesse pegar meu telefone para ligar a lanterna, a sala foi inundada de luzes – luzes ofuscantes e brilhantes que iluminavam uma sala enorme com intermináveis paletes de caixas empilhadas.

E uma fila de homens armados e uniformizados à nossa frente.

Na frente da fila estava Domenico.

Um Domenico muito *vivo* e zombeteiro.

Um momento de confusão foi seguido por um raio de raiva. Eu levantei minha arma. — Dê-me uma razão pela qual eu não deveria matar você.

O sorriso de Domenico era algo doentio e distorcido. — Meu grande amigo está com sua esposa agora. Qualquer coisa que acontecer comigo acontecerá com ela.

As peças do quebra-cabeça se encaixaram, cada uma destacando o quão idiota eu tinha sido. Eu estava tentando descobrir com quem os albaneses tinham se aliado, e o tempo todo era o maldito Rustik Ivanov. Que trabalhou com meu executor. E incriminou os irlandeses para me distrair.

— Vejo que você finalmente descobriu. — Domenico esticou os braços, parecendo completamente à vontade, sabendo que eu não poderia fazer nada com ele e arriscar Sofiya. — Tem sido exaustivo ter que me curvar e me rebaixar a você todo esse tempo. Eu apoiei você todos aqueles anos atrás, mas você ficou fraco. Você não é nada comparado a Arben e Rustik.

Romeo rosnou ao meu lado e eu pressionei minha mão em seu peito. Meu coração estava batendo forte. Eu não tinha ideia de como sairíamos disso.

— Agora, é hora de usar suas células cerebrais lamentáveis e se render. Você, é claro, terá que morrer, mas prometo ser gentil. — disse Domenico.

Cerrei a mandíbula, resistindo à tentação de atirar na boca dele.

— Mas se seus homens se renderem, tenho certeza de que poderemos encontrar um lugar para eles no novo império de Arben.

— Se você acha que algum dia iríamos servi-los... — um dos meus homens rosnou.

— Porra, a idiotice está profundamente enraizada na Família. — disse Domenico. O homem ao lado dele bufou.

Olhei para Romeo, tentando avaliar as probabilidades.

Poderíamos atirar neles. Não havia como eles permitirem que qualquer um de nós vivesse, então poderíamos muito bem levar muitos deles conosco.

Mas então, o que aconteceria com Sofiya? Eu não estava convencido de que Rustik mataria sua filha, mas não estava disposto a correr esse risco, especialmente sabendo que ele não tinha reservas quando se tratava de machucá-la. Ou vendê-la para se casar.

Filho da puta.

Outra peça do quebra-cabeça se encaixou. Ele iria casá-la com *Arben*.

— Como posso saber se você realmente está com Sofiya? — Eu precisava ganhar tempo para nós.

Domenico encolheu os ombros. — Isso é apenas um risco que você terá que...

Um tiro ecoou do outro lado da sala. O sangue escorria da boca de Domenico antes que ele caísse para frente.

O caos estourou. — Abrir fogo! — Eu gritei. Os meus homens dispararam contra a linha de soldados Bratva e Albaneses, que continuaram a ser atingidos pelas costas por algum atirador desconhecido. As balas passaram zunindo por mim enquanto eu me agachava e atirava nos homens que caíam rapidamente. O chão e as paredes de concreto levantaram poeira e então as luzes se apagaram, encharcando-nos de escuridão enquanto gritos e balas enchiam o ar.

E então um silêncio estranho caiu. A lanterna do meu celular destacou o corpo de Domenico, cercado por soldados mortos. Acendi a luz para meus homens, que pareciam praticamente ilesos graças a quem havia atirado nos soldados inimigos por trás. O atirador ainda devia estar nesta sala, mas era impossível localizá-lo com pilhas de caixotes criando um esconderijo perfeito.

— Francesco levou um tiro. — disse Romeo. — Parece um ferimento superficial, mas Ajello vai levá-lo de volta ao carro para ver como ele está.

— Bom. — Dirigi-me ao resto dos homens. — Espalhem-se pelo armazém e encontrem Sofiya.

Virei-me para Romeo e baixei a voz. — Vou ver se há outra porta por aqui. — Virei a cabeça para o outro lado do grande armazém.

Romeo ergueu o queixo, o resto dos meus homens se espalharam para verificar o resto das salas do prédio.

Procurei ao longo da parede um interruptor de luz, mas não consegui encontrá-lo.

Atravessei a sala, meus olhos percorrendo as paredes e me movendo em torno dos estrados, minha arma erguida em meus braços para o caso de eu esbarrar no atirador. Quem quer que fosse, não parecia ser meu inimigo, mas eu não confiava em ninguém que se escondesse nas sombras.

Um barulho alto e gritos soaram do lado de fora. Meu coração batia mais rápido enquanto eu caminhava ao longo da parede até o outro lado da sala, tateando em busca de uma porta. Meus dedos bateram em uma saliência e percebi que era um interruptor de luz.

Eu apertei. Meus olhos percorreram a sala e então eu a vi.

Sofiya. Meu amor.

Seus olhos estavam selvagens e ela estava rastejando em direção a uma porta não muito longe de onde eu estava.

Um alívio como nunca havia experimentado antes me tirou o fôlego.

Ela estava aqui.

Ela estava *viva*.

Chamei o nome dela e corri em sua direção. Ela se virou, a expressão em seu rosto era de confusão e alívio. Seus lábios se moveram, formando meu nome.

Então uma explosão atingiu a lateral da sala e fui jogado para trás.



Um som estrangulado me deixou quando a respiração foi tirada de meus pulmões e algo duro pousou em minhas pernas. Pisquei em meio à poeira que enchia a sala e vi um grande pedaço de concreto da parede destruída me prendendo ao chão. Eu conseguia mexer os dedos dos pés para não achar que alguma coisa estava quebrada, mas não conseguia me mover por baixo dele.

Virei a cabeça, desesperado para ver Sofiya. Estremeci de alívio quando a vi a cerca de três metros de distância, coberta de poeira, mas aparentemente ilesa.

— Sofiya, amor, você está bem?

Ela tossiu e enxugou o rosto com a manga. — Estou bem. Você está?

— Sim, apenas preso aqui.

Ela assentiu e tentou ficar de pé, mas caiu de volta no chão.

Estremeci quando seus joelhos bateram no chão. — Tenha cuidado. — eu rosnei.

Ela revirou os olhos. — Ainda mandão como sempre. — Ela mordeu o lábio enquanto olhava para o grande buraco na parede. — Quem provocou a explosão?

Antes que eu pudesse responder, houve um grito alto. A princípio, tudo que pude ver através do buraco foi um flash verde e azul vindo de fora. Mas então Rustik apareceu, cercado por seus homens.

Eu foquei os olhos em Sofiya. — Corra! — Eu murmurei.

Tentei tirar o concreto das minhas pernas, mas não consegui. Fiquei mais frenético à medida que minha esposa se aproximava de onde eu estava, em vez de atravessar a sala em direção à saída. Ela se posicionou atrás de uma viga de metal retorcida que devia ter caído do teto. Havia uma arma em suas mãos e percebi que ela pretendia ficar e lutar.

— *Tesoro*, não, você não pode fazer isso. Saia daqui. — eu sibilei.

Ela me ignorou e olhou por trás dos escombros, a arma firmemente na mão. Porra, por que eu não a ensinei a atirar? Procurei minha arma, mas tudo que consegui sentir foram pedaços de pedra e vidro. Ela havia voado de minhas mãos na explosão, então agora eu estava a poucos minutos da morte, assim como minha esposa.

Os homens de Rustik gritavam enquanto passavam pelas pilhas de escombros. O barulho de tiros encheu a sala quando um de seus guardas mirou em mim. Os blocos de cimento ao meu redor desviaram a maior parte das balas, mas então uma linha de fogo passou pela minha coxa e eu sabia que tinha sido atingido.

Olhei de volta para Sofiya. Ela seria a última coisa que veria antes de morrer. Eu a absorvi avidamente, memorizando a maneira como ela tirou o cabelo emaranhado do rosto, a expressão determinada de sua mandíbula, a maneira firme como suas mãos envolveram a arma. Sua determinação era contagiante e encheu meu peito. Recusei-me a acreditar que meu *tesoro* morreria hoje. À medida que a vida sangrava do meu corpo, eu confiaria que ela conseguiria. Os reforços chegariam a tempo para ela se ela corresse.

— Sofiya, por favor, corra, se esconda. Não faça isso, *por favor*. — Eu era o alvo pretendido da Bratva, não ela. Rustik não ganharia nada matando sua filha, mas se ela ficasse, poderia se tornar um dano colateral.

Sofiya me ignorou e apontou a arma antes de apertar o gatilho e disparar tiro após tiro. As balas atingiram a viga de metal atrás dela, mas ela não se encolheu. Seus tiros pareciam fáceis, embora eu não tenha virado a cabeça para ver se algum deles acertava, fiquei sem fôlego ao ver como ela estava magnífica.

Os gritos juntaram-se ao cheiro de pólvora e sangue no ar. A cada batida do meu coração, rezei a um Deus em que não acreditava para que Sofiya fosse poupada.

Meus ouvidos zumbiam enquanto tudo ficava em silêncio. Um olhar de pura raiva transformou o rosto de Sofiya. Ela tentou ficar de pé, mas suas forças falharam. — Rustik! — ela gritou. — Volte e me enfrente, seu covarde! Covarde! — Ela gritou algo em russo e depois soltou uma série de palavrões.

Meu coração batia tão rápido que pensei que fosse explodir de terror. A qualquer momento eu veria a luz saindo dos olhos da minha esposa, sabendo que era tudo culpa minha.

Houve um ruído surdo de passos que se desvaneciam, o som de escombros sendo esmagados e depois silêncio. A confusão me encheu. Onde estavam os outros homens? Quebrei minha promessa de não desviar o olhar de Sofiya e virei dolorosamente a cabeça em direção à abertura na parede. Corpos espalhados pelo chão, sangue encharcando o chão em ruínas.

Eles estavam todos mortos.

— Eu disse que sabia atirar. — Sofiya encontrou meu olhar com uma inclinação arrogante de cabeça antes de apontar lentamente a arma para mim. — Foi você quem duvidou de mim.

Meus lábios se separaram. Ela realmente havia eliminado todos eles? Uma dúzia de homens sozinha? Ela era melhor atiradora do que

eu, do que qualquer um dos meus homens.

— Deus, *tesoro*, você nunca esteve tão linda. — Sorri enquanto olhava para o cano da arma. — Você vai me matar agora? Eu mereço.

— Ainda não decidi. — disse ela. Então seus olhos se voltaram para o sangue acumulado sob minha perna e seus lábios começaram a tremer. — Não. — ela engasgou.

— Tudo bem. — Meu corpo estava ficando frio e entorpecido, eu sabia que não demoraria muito para que a perda de sangue me deixasse inconsciente. — Posso ir agora, sabendo que você ficará bem.

— Não. — ela repetiu, balançando a cabeça enquanto sua voz falhava. Ela abaixou a arma no chão e começou a rastejar em minha direção.

— *Tesoro*, não. — implorei. Tentei me mover, tentei fazer *qualquer coisa* para impedi-la, mas meus membros não respondiam. — Sofiya, por favor, pare.

Pedaços de vidro quebrados cobriam o chão e minha perfeita e preciosa esposa estava se arrastando por ele para chegar até mim.

— Achei que você estava preso — disse ela ao me alcançar. — Eu não vi... — Uma lágrima escapou de seus olhos e partiu meu coração. Tive força suficiente para roçar meus dedos em seu braço e foi como o paraíso, só de senti-la novamente pela última vez.

— Sinto muito — eu disse. — Sinto muito por machucar você e por não ter protegido você. Você é tão preciosa. Eu te amo tanto. — Minhas palavras saíram arrastadas.

Suas mãos pousaram na minha coxa, mantendo a pressão sobre o ferimento, mas eu mal conseguia senti-las.

— Juro por Deus, Matteo, você não vai morrer por minha causa. — Lágrimas escorriam por seu rosto e eu queria beijá-las. Eu não tinha reconhecido verdadeiramente o tesouro que ela era até que fosse tarde demais.

— Depois de toda a merda destes últimos dias, nunca vou te perdoar se você nos deixar sozinhos. — ela rosnou. Ela tirou a camiseta e a usou para manter pressão sobre meu ferimento. — Você tem que estar aqui para mim. — Sua voz falhou quando ela acrescentou: — E o bebê.

Suas palavras flutuaram até mim pelo ar, pousando suavemente em minha mente enquanto eu desaparecia do mundo.



Havia um homem sentado ao lado da minha cama. Minha visão ficou turva quando eu olhei para ele.

Ele parecia ter trinta e tantos ou quarenta e poucos anos, com cabelos castanhos, sardas no nariz e óculos pretos emoldurando seus olhos verdes brilhantes, que agora estavam fixos em meu rosto.

Algo mexeu no fundo da minha mente. Como eu conhecia esse homem?

Virei minha cabeça, observando o quarto. Eu estava no que parecia ser um quarto de hospital sofisticado com um homem estranho vestindo terno.

— Você está acordada. — disse ele com um forte sotaque irlandês.

Ao som de sua voz, tudo voltou para mim. Eu estava tentando estancar o sangramento na perna de Matteo quando este homem entrou correndo no armazém através do enorme buraco na parede com um grupo de soldados. Eles tiraram Matteo de debaixo do pedaço de

concreto e nos levaram para o hospital. Devo ter desmaiado no caminho.

— Quem é você? — Eu resmunguei.

— Sou Ronan, chefe da Máfia Irlandesa.

— Oh. — Eu deveria estar em pânico, mas me senti estranhamente entorpecida. — Eu deveria estar gritando por ajuda agora?

Ele sorriu. — Não tenho certeza se isso levaria você a algum lugar, mas você sempre pode tentar.

— Vou poupar minha voz. — eu disse secamente.

Minha mente girava enquanto eu lentamente saía da pesada névoa mental. E então veio o pânico. Abri minha boca para tentar formar palavras... o que aconteceu depois que desmaiei? Será que Matteo...

Ele deve ter lido o medo em meus olhos. — Matteo está bem. Angelo também.

O alívio tomou conta de mim tão intensamente que pensei que fosse desmaiar. Caí de volta nos travesseiros. — Você tem certeza? Eles estão realmente bem? — Eu funguei.

— Ah, merda, moça, não aguento as lágrimas. — Ele deu um tapinha na minha mão um tanto sem jeito. — Sim, ambos estão bem. O Don saiu da cirurgia. Ele ainda está inconsciente, mas salvaram sua perna e ele vai ficar bem. Seu guarda-costas, Angelo, também saiu da cirurgia. Os albaneses o deixaram no campo de aviação e conseguimos levá-lo ao hospital. Ele precisou de uma transfusão de sangue, mas os médicos estão confiantes de que ele sobreviverá. Ambos estão se recuperando em quartos neste corredor. Este é o meu hospital particular.

Tentei conter as lágrimas, mas elas escorreram pelo meu rosto e caíram na minha bata. — Muito obrigada — eu chorei. — Como estão Leona, Finn e Aidan?

Ronan recostou-se na cadeira com um sorriso. — Leona disse que você era uma garota doce. Ela estava do outro lado do muro quando os russos atiraram a granada e teve que fazer uma cirurgia para remover os estilhaços da sua lateral, mas ela já está tentando sair da cama. — Ele revirou os olhos, mas havia carinho em sua voz. — Finn e Aidan estão um pouco machucados, mas estão bem. Tivemos que sedá-la depois de tirá-la do Don, porque você estava muito perturbada. Você dormiu por doze horas. Os médicos trataram os cortes em suas mãos, braços e joelhos. Você também teve um ombro deslocado e algumas costelas.

— E quanto a... — Minha voz estava tão rouca que mal consegui pronunciar as palavras. Ronan pegou um copo d'água da mesinha lateral e estendeu-o para mim. Engoli o copo inteiro com gratidão e ele me serviu outro. — O médico disse alguma coisa sobre o bebê?

Ronan congelou ao devolver a jarra de água à mesa. — Você está grávida?

Minhas lágrimas continuaram caindo porque eu não sabia mais qual era a resposta para isso, então apenas balancei a cabeça.

— Certo. Deixe-me chamar alguém. — Ronan apertou o botão de chamada ao lado da cama e olhou para mim com ar de pânico.

Uma enfermeira entrou rapidamente no quarto. — Você está acordada. — ela disse com um largo sorriso.

— Sra. Rossi acaba de me informar que está grávida. — disse Ronan. — Peça a alguém para examiná-la imediatamente.

A enfermeira piscou e saiu correndo do quarto.

— De quanto tempo você está grávida? Quero dizer... quantos meses?

Eu levantei uma sobrancelha. Aparentemente, a gravidez era a maneira como você amolecia os homens da Máfia. — Apenas algumas semanas. Se eu ainda estiver grávida.

Sua expressão suavizou e ele pegou minha mão. Eu apertei em gratidão.

A enfermeira voltou e outra mulher entrou atrás dela.

— Sra. Rossi, é um prazer conhecê-la. Sou a Dra. Aisling Sullivan. Eu sou uma ginecologista obstetra.

— Prazer em conhecê-la. — eu murmurei.

Ela sorriu. — Ouvi dizer que você está grávida?

— Acabei de descobrir há alguns dias através de um exame de sangue. Mas os últimos dias foram... muito. — Eu não sabia o quanto poderia dizer.

— Este é o hospital particular do Sr. Finnegan. — disse ela, olhando para Ronan. — Portanto, entendemos sua linha de trabalho.

Bem, isso tornava as coisas um pouco mais fáceis de explicar. — Não sei se todo o estresse e tudo mais machucaram o bebê. — Minha voz falhou.

Dra. Sullivan me lançou um olhar solidário. — Bem, seu exame de sangue indica gravidez, mas leva um tempo para os níveis de HCG voltarem ao normal após um aborto espontâneo. — Ela continuou rapidamente quando viu minha expressão de pânico. — Não estou dizendo que você teve um aborto espontâneo, apenas que exames de sangue podem não ser um indicador preciso de gravidez. Vamos fazer um ultrassom e ver o que podemos ver. Não conseguiremos ver muita coisa nesta fase, mas isso não significa que o bebê não esteja perfeitamente saudável.

— Como o bebê pode estar saudável? — Eu chorei. — Não fiz nada para protegê-lo.

— Oh, querida, não. — disse Sullivan.

Ronan apertou minha mão com mais força. — Sofiya, pelo que vi, você foi absolutamente incrível. Você salvou a si mesma e a muitos outros lá dentro.

A Dra. Sullivan me passou uma caixa de lenços de papel e eu os peguei com gratidão.

— Apenas respire fundo por mim e daremos uma olhada. Faremos um ultrassom transvaginal. Você já fez uma antes?

Eu balancei minha cabeça.

— Pode ser um pouco desconfortável, mas não deve ser doloroso.

Ronan pediu licença, avisando que ficaria do lado de fora da porta, e a Dra. Sullivan e as enfermeiras prepararam o equipamento. A médica arrumou minhas pernas em estribos e pressionou o aparelho de ultrassom dentro de mim. Respirei em meio ao desconforto, mantendo o olhar na tela do computador, desesperada para entender as formas estáticas em preto e cinza. A médica ficou quieta e tive vontade de gritar.

Então ela sorriu. — Ali — disse ela, apontando para um pequeno ponto borrado no meio de um oval preto. — Esse é o saco vitelino e o embrião.

O mundo parou enquanto eu olhava para a tela. Não era quase nada, apenas um pequeno borrão, mas era a prova de que eu ainda estava grávida. — Existe um batimento cardíaco? — Eu engasguei.

— Ainda não, mas isso é de se esperar. Com base neste exame e pelo que você me contou, você está com cerca de cinco semanas.

Eu fiz uma careta. — Isso não é possível. Só começamos a fazer sexo há algumas semanas.

Ela sorriu. — A idade gestacional é, na verdade, baseada na sua última menstruação, não na data real da concepção. Você deverá fazer outro ultrassom em cerca de três semanas. Posso fazer isso se você ainda estiver na área, ou marcaremos com outro ginecologista para você. Mas você poderá ver mais e possivelmente ouvir os batimentos cardíacos.

Ela removeu a varinha de ultrassom e me ajudou a sentar.

— Eu realmente quero que esse bebê sobreviva. — eu sussurrei.

Ela deu um tapinha na minha mão. — Eu quero isso também.

A enfermeira mediu meus sinais vitais e a médica examinou meu ombro e costelas. Quando ela estava saindo, ela perguntou se eu queria Ronan de volta no quarto e eu balancei a cabeça. Eu não queria ficar sozinha agora.

Ronan voltou e sentou-se ao lado da minha cama. — Está tudo bem com o bebê?

— Sim, parece que sim.

Ele deu um tapinha na minha mão novamente. — Fico feliz em ouvir isso.

Pressionei minha mão contra minha barriga, desejando que a pequena vida ali sobrevivesse. — Posso ver Matteo e Angelo?

— Nenhum deles está acordado agora e você precisa descansar.

— *Por favor.*

— Porra. Tudo bem. Mas você tem que usar esta cadeira de rodas. — Ele apontou para uma cadeira no canto do quarto e eu balancei a cabeça. Eu não tinha certeza se ele sabia que eu usava uma normalmente ou se estava apenas sendo protetor.

Antes que qualquer um de nós pudesse se mover, a porta se abriu. Ronan se virou e apontou a arma para... Leona.



— O que você está fazendo aqui? — Ronan rosnou. — Você deveria estar na cama.

— Por favor, foi apenas um ferimento superficial. — Leona estava incrivelmente bem arrumada, seu cabelo impecável. A única coisa que sugeria sua lesão era um curativo em volta do bíceps.

— Você acabou de fazer uma cirurgia na porra do seu braço!

Leona ignorou Ronan e caminhou até mim. — Sofiya, acabei de falar com o guarda-costas de Mila.

Eu fiz uma careta. — Nikolai? O que você quer dizer com isso?

— Ele ligou para Sienna porque não conseguiu falar com você, e Sienna me ligou. Rustik está de volta a Chicago com Arben, que vai se casar com Mila esta noite.

A náusea revirou meu estômago. — O quê? Não. — Joguei minhas pernas para o lado da cama. — Eu tenho que chegar até ela. O que exatamente Nikolai disse?

— Ele disse que precisa de reforços. Mila está sendo vigiada muito de perto para que ele consiga afastá-la.

— Eu tenho que ir para Chicago.

— Já liguei para o jato. — ela respondeu.

Ronan jurou. — Leona, que diabos?

Ela o encarou com um olhar gelado. — Ronan, este casamento cimentaria a aliança entre Arben e Rustik, que, caso você tenha esquecido, são seus inimigos. Então você pode ficar sentado aqui, girando os polegares enquanto espera que os albaneses e a Bratva ataquem sua cidade, ou vir conosco.

— Juro por Deus. Por que permiti que você voltasse para Boston? Eu deveria ter feito você ficar em Nova Iorque.

— Porque você sabe que eu poderia matar você de cem maneiras diferentes se quisesse.

— Ah, sim, isso. — ele respondeu ironicamente. Ele encontrou meu olhar suplicante e passou a mão pelo rosto em um movimento que fez meu coração doer com o quanto isso me lembrava Matteo. — Você não pode vir conosco. Você está *grávida*.

Leona ergueu as sobrancelhas.

— Mila é mais importante. — Eu estava inabalável quando encontrei seu olhar. Eu queria desesperadamente que meu bebê sobrevivesse. Eu não entendia como eu poderia amar algo que eu só conhecia há um dia, mas isso não era nada comparado ao amor que eu tinha pela minha irmã. Ela era minha melhor amiga, minha parceira para sempre na vida. Eu iria até os confins da terra por ela. Arriscaria tudo por ela.

A mandíbula de Ronan apertou, mas ele pegou a cadeira de rodas do hospital no canto do quarto e a colocou ao lado da cama, permitindo que eu me transferisse para ela.

— Tudo bem. — Ele foi até a porta, murmurando algo sobre mulheres exaustivas e obstinadas.

Leona colocou a mão no meu ombro enquanto eu me aproximava da porta. — Vamos detê-los. — disse ela, cheia de confiança. — E preciso da oportunidade de ver qual de nós tem a melhor pontaria. A resposta sou eu, claro, mas gostaria de acabar com quaisquer rumores sobre sua habilidade.

Revirei os olhos, mas estava muito grata por tê-la ao meu lado.



Minhas pálpebras pesavam mil quilos enquanto eu lutava para abri-las.

Apertei os olhos enquanto observava o quarto branco. Sem janelas. Cheiro de antisséptico. Algum tipo de equipamento médico apitando suavemente ao fundo.

Virei a cabeça, meus músculos gritando com o movimento, até que meus olhos pousaram em Romeo. — Estou no inferno? — Eu resmunguei.

Romeo tinha olheiras e não tinha se barbeado. — Você deveria estar. Não tenho certeza de como você saiu dessa, *fratello*.

— O que aconteceu?

— A Bratva desencadeou a explosão. Isso nos impediu de chegar até você. Tivemos que lutar através dos escombros. — Sua expressão era sombria, sua mandíbula cerrada. — Finalmente conseguimos passar e encontramos Ronan Finnegan.

— O quê? — Tentei me sentar.

— Deite-se. — Romeo rosnou. — Ele estava lá com Sofiya, estancando o sangramento em sua perna. — Seus olhos desceram para onde o cobertor do hospital cobria minhas pernas. Eu o arranquei e gemi quando vi o ferimento de bala coberto de curativos e a massa de hematomas em minhas coxas.

— Os homens de Ronan libertaram você e transportaram todos nós aqui para seu hospital particular. Você teria morrido se não fosse por ele. Angelo também.

— Angelo?

— Os homens de Arben atiraram nele na pista de pouso. Ele fez uma cirurgia, mas vai ficar bem.

Eu não sabia o que sentir por Angelo. Ele tinha sido um dos meus homens mais leais, mas sua lealdade obviamente mudou para minha esposa. Suas ações a colocaram em perigo. — Onde ela está?

— Sofiya está em um quarto no corredor. Ela está bem. — ele acrescentou rapidamente diante da minha expressão de pânico. — Ela tem alguns cortes e hematomas, mas está bem.

A raiva queimou em meu peito por ela ter alguma marca em seu corpo. — Eu preciso vê-la.

Romeo suspirou. — Você perdeu muito sangue e teve que fazer uma cirurgia na perna. Você precisa de tempo para se recuperar.

— Foda-se. — Sentei-me e coloquei as pernas sobre a cama.

Romeo colocou a mão no meu peito. — Eu posso ir buscá-la.

— Não. — eu rosnei. — Eu irei até ela. — Era o mínimo que eu podia fazer depois de toda a dor que causei a ela.

Romeo resmungou, mas se levantou e pegou uma cadeira de rodas na lateral do quarto. — Você vai sentar nisso. Inegociável.

— Eu sou seu Don. — eu disse em voz baixa.

— Sim, sim, você é muito feroz e assustador. Agora sente na porra da cadeira de rodas.

Comecei a suar com o esforço de sair da cama. Minha respiração estava irregular e me senti tonto. Romeo me lançou um olhar de desaprovação, mas não disse uma palavra enquanto me empurrava para o corredor vazio. Eu odiava ficar preso na cadeira de rodas e percebi que estava vivenciando apenas uma pequena parte do que Sofiya vivenciava todos os dias.

— O que aconteceu com Rustik? Arben?

— Ambos escaparam com alguns de seus homens. O resto de seus soldados foram mortos ou capturados. Ronan os está segurando.

— Porra. Eu estou em dívida com ele agora, não é? — Algo me ocorreu: foi ele quem atirou em Domenico e no resto de seus homens?

— Receio que sim. Pelo menos sabemos que eles não estão envolvidos no comércio de peles.

Viramos um corredor. — Esse é o quarto da Sofiya. — Romeo apontou para uma porta no corredor.

— Por que não há um guarda fora do quarto? — Eu rosnei.

— Ronan está lá dentro com ela.

— O quê? — Eu balancei minha cabeça para encarar meu segundo em comando. — Dê-me uma razão pela qual eu não deveria matá-lo agora mesmo por deixar um homem que não conheço, um chefe rival da Máfia, entrar em um quarto com *minha esposa*?

— Eu estaria tremendo de medo se você estivesse forte o suficiente para limpar a própria bunda. — Romeo brincou. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, ele acrescentou: — Finnegan é a razão pela qual não estamos todos mortos. Não tínhamos homens ilesos suficientes para servir de guarda, então ele se ofereceu para ficar com ela.

— *Você* deveria ter ficado com ela.

— Eu sou seu segundo. Eu fico com você.

Cerrei a mandíbula, mas não respondi porque finalmente estávamos na frente do quarto de Sofiya. Empurrei a porta. Meu coração batia forte em antecipação ao ver minha esposa. Ela gritaria comigo? Me expulsaria do quarto? Eu merecia isso. Eu merecia toda a sua raiva, seu julgamento. Eu suportaria tudo só para estar perto dela, para satisfazer o desejo desesperado do meu corpo de estar sempre com ela.

Eu estava preparado para qualquer coisa que ela jogasse em mim, mas não estava preparado para encontrar uma cama vazia. Romeo correu na frente e verificou o banheiro. Ele balançou a cabeça quando se virou.

— Meu telefone. — eu engasguei.

Romeo tirou-o do bolso e eu abri o aplicativo de rastreamento, enviando uma oração ao universo para que ela não tivesse tirado o colar.

O ponto dela era no aeroporto e meu coração batia forte no peito. Minhas mãos tremiam quando liguei para ela. Nenhuma resposta.

— Estou ligando para Ronan. — disse Romeo. Ele segurou o telefone no ouvido e então praguejou, desligando e balançando a cabeça.

Nesse momento meu telefone tocou, mas era Sienna, não Sofiya. Quase não atendi (tinha que me concentrar em minha esposa agora), mas então percebi que minha irmã provavelmente teria o número de telefone de Leona.

— Matteo, Sofiya está indo para Chicago. — disse Sienna imediatamente quando atendi.

— O quê? — Coloquei a ligação no viva-voz para que Romeo pudesse ouvir.

— Nikolai me ligou. Rustik está forçando Mila a se casar com Arben. Sofiya, Ronan e Leona vão impedir o casamento.

— Prepare o avião. — eu disse a Romeo.

Sienna respirou fundo. — Matteo, você não pode ir. Romeo disse que você levou um tiro, o que significa que é a segunda vez esta semana.

— Se você pensa por um momento que vou deixar minha esposa enfrentar Rustik e Arben sozinha, você não me conhece, porra! — Eu rugi.

— Porra, Matteo. — Sienna disse com um suspiro. — Apenas tome cuidado, ok? Preciso que vocês dois voltem.

— Eu vou. — eu prometi. Romeo me levou até a porta e eu tirei a ligação do viva-voz. — Como está o Macarrão?

Sienna parou por um momento antes de responder. — Ele parece triste. Ele apenas fica deitado na porta chorando. Acho que ele sente falta de Sofiya.

Isso faz de nós dois.

— Vou trazê-la de volta para casa. — prometi. — Para todos nós.

Não havia vida para mim sem ela. Posso ter sido muito tolo para perceber isso no início, mas agora que sabia, nunca a deixaria ir.



Buzinas de carros soavam para nós enquanto Leona entrava e saía do trânsito de Chicago, cada uma delas aumentando minha pressão arterial.

— É bastante inconveniente da parte deles realizar a cerimônia na hora do rush. — disse ela enquanto cortava outro carro.

— Não tenho certeza se conveniência estava em sua mente. — eu disse.

— Você conhece a igreja? — Ronan perguntou. Ele estava segurando a porta e seu assento enquanto Leona dava outra volta rápido demais.

— Não muito bem. Foi onde me casei, mas estive lá apenas brevemente para a cerimônia.

— Ah, maravilhoso. Cheio de boas lembranças, tenho certeza. — Leona brincou.

Se meu peito não estivesse tão apertado que eu mal conseguisse formar palavras, eu poderia ter rido.

— A cerimônia já começou. — ela continuou. — Então vamos fazer uma entrada e tanto.

Ronan passou a mão pelo rosto com um suspiro exasperado. — Você não deveria ser boa em furtividade? Alguma ideia de como podemos resgatar Mila sem que todos nós morramos no processo?

Leona encolheu os ombros. — Sempre tenho tempo para planejar e reunir informações antes de minhas missões. É meio emocionante agir sem um plano. Talvez eu devesse tentar com mais frequência.

— Leona — Ronan rosnou.

— Tão sensível. — Leona disse, sua voz tilintando de tanto rir.

Ronan olhou para mim por cima do ombro e eu sabia que nós dois estávamos nos preparando mentalmente para nossas mortes iminentes.

Leona deu outra volta e vi a igreja à nossa frente. Ela estacionou bem na frente. — Tenho um bom pressentimento sobre hoje. As coisas vão dar certo.

Nesse momento, três G-wagons pretos pararam ao nosso lado, bloqueando-nos.

— Que bom que você teve um pressentimento bom. — disse Ronan, pegando sua arma.

A porta do passageiro do primeiro carro se abriu e alguém conhecido saiu. Abri a porta, sem me importar que o homem estivesse apontando a arma para mim.

— Dimi! — Eu gritei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Meu irmão praguejou, guardando a arma no coldre e ordenando que seus homens se retirassem. Ele correu até mim, me puxando para um abraço firme. — O que você está fazendo aqui, Sofiya?

— A mesma coisa que você, presumo. Resgatando Mila.

Ele praguejou. — Vocês duas serão a porra da minha morte. Fique no carro enquanto cuidamos disso.

Ele me soltou e fez sinal para seus homens, que haviam saído dos carros. Eles subiram correndo as escadas da igreja e desapareceram pela porta da frente.

— Quais são as chances de ficarmos aqui? — Ronan perguntou.

— Dez negativo. — Leona respondeu. Ela enfiou a mão no portacalças e me entregou uma pistola. Verifiquei se estava carregada e coloquei-o na parte de trás da minha calça jeans.

— Foi o que pensei — disse Ronan. — Malditas mulheres da Máfia. — Ele saiu do carro e me ofereceu o braço, meio que me carregando pelas escadas até a igreja. Ele insistiu em passar pela porta primeiro, o que fez Leona revirar os olhos, então nós três rastejamos pelo saguão vazio até o santuário.

O que vi quando espiei pela janela do santuário fez meu sangue gelar e não hesitei em abrir a porta.

O Pakhan estava na frente da igreja. Minha mãe estava ao lado dele usando um vestido de cetim amarelo neon. Mas ela mal foi registrada em minha mente porque o braço do meu pai estava em volta de Mila enquanto ele pressionava uma faca em sua garganta, enquanto a outra mão segurava uma arma.

Dimitri estava no corredor da igreja, olhando para o nosso pai. — Você perdeu. — disse ele. — Seus homens são leais a mim. — Olhei ao redor da sala e vi todos os soldados da Bratva, homens que conheci durante toda a minha vida, encarando meu pai com armas em punho.

— Traidores! — o Pakhan gritou. Seus olhos eram selvagens e isso me aterrorizou. Ele era um homem sem nada a perder.

Continuei minha caminhada até o altar, desejando que meus joelhos e quadris permanecessem fortes. Não havia como conseguir um tiro certo quando ele segurava Mila na sua frente. Mas talvez eu pudesse distraí-lo, fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, para salvar minha irmã.

Os olhos do meu pai fixaram-se em mim, cheios de crueldade, e o cano da sua arma apontou para o meu peito. — Minha outra filha inútil. — ele zombou.

Cada batida furiosa do meu coração me incentivou. *Faça alguma coisa. Faça alguma coisa. Faça alguma coisa.*

— Você realmente vai assassinar suas duas filhas? E seu neto ainda não nascido? — Minha voz estava firme e cheia de desprezo.

Minha mãe respirou fundo e os olhos de Mila se arregalaram enquanto desciam para minha barriga.

O Pakhan soltou uma gargalhada áspera. — Minha filha defeituosa e o fraco Don da Máfia vão ter um filho. Que combinação perfeita. — Ele balançou a faca enquanto falava, e minhas palmas ficaram escorregadias de suor.

— É assim... — acenei com a mão — ...realmente como você quer ser lembrado?

Ele soltou uma risada áspera. — *Lembrado?* Você parece estar sob a ilusão de que não sairei daqui vivo.

Uma saraivada de tiros soou do lado de fora e todos nós paralisamos. Minha mente zumbia enquanto tentava descobrir quem estava atirando. Os olhos de Dimi encontraram os meus e ele balançou a cabeça sutilmente. Seus homens não foram responsáveis pelos tiros.

Minhas axilas estavam encharcadas de suor e respirei em meio a uma onda de tontura. Mantive meus olhos fixos no Pakhan, ignorando o flash em neon de movimento atrás dele.

— Acabou, Rustik — disse Dimi, elevando a voz sobre a cacofonia lá fora. — Você perdeu.

— Que porra eu perdi! — ele gritou. Seus braços se agitaram em agitação, afrouxando momentaneamente o controle sobre Mila.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo, numa confusão de som e cor. As mãos da minha mãe fecharam-se em torno do pesado candelabro do altar. Ela o levantou e bateu com força na nuca do marido. Ele soltou um

rugido de dor e se virou para minha mãe, com a arma levantada. Eu não hesitei. Tirei minha pistola das costas, o movimento fluido, automático.

Mirei e puxei o gatilho.

A bala atingiu direto na lateral da cabeça do Pakhan. O sangue brotou da ferida como uma flor e então ele caiu no chão.

Este homem que causou tanta dor - em sua própria família, em inúmeras vidas desconhecidas - estava morto.

Olhei ao redor da sala, o coração batendo forte com medo de que os homens da Bratva se voltassem contra mim, mas ninguém se mexeu. Alguns levantaram o queixo para mim em sinal de respeito.

O pesado candelabro escorregou das mãos de minha mãe, atingindo o chão de mármore com um barulho alto.

— *Obrigada*, mamãe. — eu disse.

Ela encontrou meu olhar, e houve um breve lampejo de algo em seus olhos – fogo, determinação – então desapareceu, substituído pelo vazio familiar que permeou minha infância.

E então a porta dos fundos da igreja se abriu.



Romeo nos conduziu pelas ruas movimentadas de Chicago enquanto perseguíamos a minha esposa. A última vez que estive nesta cidade, pensei que tinha casado com uma garota indefesa e tímida.

Quão errado eu estava.

— Devíamos entrar pela entrada dos fundos. Isso pode nos dar uma vantagem surpresa. — disse Romeo quando viramos para a rua familiar da igreja onde me casei. — E talvez você devesse ficar no carro até nós...

— Nem pense em terminar essa frase. — rosnei.

Romeo suspirou enquanto entrava no beco ao lado da igreja, dirigindo até encontrarmos o pequeno caminho de cascalho perto das lixeiras nos fundos.

Enzo e Ajello estavam conosco. Eu gostaria de ter trazido mais homens, mas escolhi a velocidade em vez da força.

Só o tempo diria se eu me arrependeria dessa decisão.

Romeo estacionou o carro e estendeu a mão para a maçaneta da porta. — Não morra, *fratello*.

— O mesmo para você.

Nós quatro saímos do carro... Enzo e Ajello me flanqueando enquanto Romeo assumia a liderança. Assim que nos aproximamos da placa de metal da porta dos fundos, ela se abriu. Mergulhamos atrás das lixeiras para nos proteger enquanto um grupo de homens saía correndo, falando albanês. Com Arben bem no meio do grupo.

— Arben fica vivo. Mate os outros. — eu sibilei antes de me inclinar o suficiente além das lixeiras para dar meu primeiro tiro. Um soldado albanês caiu, causando o caos absoluto. Os outros homens deram tiros selvagens enquanto corriam, e conseguimos acertá-los em poucos segundos, deixando Arben parado no meio de uma pilha de corpos. Ele mirou na lixeira que nos escondia, com as mãos tremendo e a pele pálida enquanto esvaziava a arma. Todos os seus tiros foram para longe e, em seguida, sua arma fez um clique, sinalizando que ele estava sem balas.

Saí de trás da lixeira enquanto Arben tentava recarregar a arma com as mãos trêmulas e atirei na panturrilha dele. Ele caiu gritando e Romeo, Enzo e Ajello correram para desarmá-lo e empurrá-lo no chão.

Eu odiava que precisássemos mantê-lo vivo. Eu não queria nada além de estripar Arben, extrair os órgãos de sua carne patética. Mas ele tinha as informações de que precisávamos: a localização das meninas traficadas, a lista de quaisquer outros aliados. A única sensação de satisfação que tive quando Enzo e Romeo o amarraram e amordaçaram foi saber que eu seria capaz de torturá-lo pelo tempo que quisesse.

Dias. Semanas. Meses.

Nada era demais para esse bastardo.

Meus rapazes o empurraram no porta-malas do carro. Fiz sinal para Ajello ficar com ele enquanto Romeo e Enzo se dirigiam à porta da igreja.

O som abafado de um tiro vindo de dentro atravessou o ar e meu coração parou. Cambaleei em direção à porta dos fundos, esquecendo qualquer pensamento sobre minha segurança. Minha esposa estava lá e eu não pararia por nada para chegar até ela.

Romeo pegou meu braço antes que minha perna cedesse completamente. O suor pinicava em minha testa, mas continuei subindo os degraus e passando pela porta.



A porta dos fundos se abriu e uma dúzia de armas foram levantadas para apontar para... *meu marido*.

Meu coração pulou uma batida.

Ele está aqui. Ele está aqui.

A última vez que o vi, ele estava inconsciente e encharcado de sangue. Vê-lo agora, de pé, embora sua pele estivesse acinzentada de dor, me encheu de alívio.

Eu ainda não o tinha perdoado – nem tinha certeza de que ele estava aqui para me ajudar – mas meu coração não se importou. A parte da minha alma que pertencia a ele ansiava por correr para seus braços.

Ele olhou entre o corpo caído e sangrando do Pakhan e a arma em minha mão. Ele inclinou a cabeça e eu sabia que ele estava perguntando se eu havia atirado em meu pai. Eu balancei a cabeça e suavidade encheu seus olhos. — Estou orgulhoso de você. — ele murmurou, e foi isso que aconteceu.

Eu tropecei em direção a ele. No momento em que cheguei perto o suficiente, ele me puxou para seus braços. Agarrei-me a ele e jurei que nossos corações batiam em sincronia, como se quisessem declarar o quanto eles sentiam falta um do outro.

— Os albaneses estão mortos. — disse ele, com a voz alta e clara.
— Capturamos Arben.

— Rustik Ivanov está morto. — A voz de Dimitri soou forte e autoritária. Ele passou por cima do corpo do nosso pai e subiu no altar da igreja.

— Sofiya, Mila, venham. — O comando de Dimitri ecoou pelo salão.

Os braços de Matteo se apertaram ao meu redor, mas eu gentilmente os afastei até que ele me soltou relutantemente. Fui em direção a Mila, minha irmã, meu coração. Sangue escorria de um corte superficial em sua garganta, mas ela estava viva. Nós nos abraçamos, tremendo de alívio.

— Você está machucada? — Perguntei.

— Não — disse ela, com a voz embargada. — Estou bem.

Eu me afastei e segurei seu rosto com minhas mãos. Minha visão escureceu quando vi a sombra de um hematoma em sua bochecha, aparecendo através da maquiagem.

— Ele machucou você também, não foi? — ela sussurrou. — Eu não sabia.

Engoli em seco. — Isso não importa agora.

— Isso *sempre* importará para mim.

Meu rosto se contraiu e eu inspirei e expirei lentamente.

Ela apertou os braços em volta da minha cintura. — Você consegue? — Seu queixo apontava para os três degraus que levavam ao altar onde Dimi esperava por nós.

Eu balancei a cabeça. Havia tanta adrenalina correndo pelo meu corpo que não senti nenhuma dor.

Ela suportou o máximo que pôde do meu peso enquanto caminhávamos para o novo Pakhan. O segundo em comando de Dimi, Maxim, juntou-se a nós. De frente para o santuário, ele gritou: — Todos se ajoelhem pelo novo Pakhan, Dimitri Ivanov.

Os soldados da Bratva se ajoelharam, seguidos por minha mãe e Maxim. Mila e eu trocamos olhares, sem saber se deveríamos nos ajoelhar. No final, fiquei de pé, assim como Matteo e seus homens, e Ronan e Leona, enquanto minha irmã dobrava o joelho. Mila ainda fazia parte da Bratva, mas eu agora era uma rainha da Máfia.

A sala se encheu de gritos dos homens que meu irmão de alguma forma conquistou. — Pela Irmandade! Pelo Pakhan!

— Juro ser digno da lealdade que vocês me mostraram. — gritou Dimitri em russo. — Pela Irmandade!

Os homens se levantaram e aplaudiram, e eu tinha certeza de que a vodka fluiria esta noite.

Dimi puxou Mila e eu em seus braços, nos segurando com força. — Me desculpe por não estar aqui antes. Sinto muito.

Eu sufoquei um soluço. Agora não era hora de desmoronar. — O que você tem feito? Como você fez tudo isso? — Perguntei.

Ele se afastou de nós e balançou a cabeça. — Não posso falar sobre isso ainda.

Deixei escapar um som de frustração. Eu estava tão exausta com os segredos e de ser mantida no escuro. Mas talvez isso fosse apenas a inevitabilidade da vida no crime organizado.

Pelo canto dos meus olhos, vi minha mãe oscilar enquanto se levantava. Eu saltei em sua direção, mas um soldado da Bratva chamado Anatoly, um homem mais velho com cabelos grisalhos, agarrou seu braço antes que ela desmaiasse e a guiou até um banco. Lancei um

olhar para Dimi e ele assentiu. Não havia amor entre ele e minha mãe, mas eu sabia que ele cuidaria dela.

— Vocês duas podem ficar aqui comigo. — disse ele. — Eu vou mantê-las seguras.

Senti uma presença atrás de mim e me virei para ver Matteo na parte inferior dos degraus do altar com Romeo ao seu lado. — Se você tentar convencer minha esposa a me deixar, eu vou acabar com você. — disse ele, com gelo na voz.

Dimi inclinou a cabeça. — E se você fizer alguma coisa para machucar minha irmã, eu vou acabar com você.

Eles se encararam, expressões vazias, olhos fixos, até que um sorriso lento se espalhou pelo rosto do meu irmão. — Estou ansioso para formar uma nova aliança com você, Don Rossi. Uma verdadeira.

A expressão de Matteo permaneceu estoica e então ele assentiu.

— E com você. — Dimi disse, inclinando a cabeça para Ronan, que estava parado no meio do corredor com Leona.

— Oh maravilhoso. Alguém finalmente percebeu que eu estava aqui. — ele murmurou.

Mila e eu rimos. Agora que a atirude masculina acabou, havia coisas mais importantes para cuidar.

Desci as escadas e peguei a mão de Matteo. Seu rosto estava cinzento devido ao esforço de ficar em pé. — Você precisa se sentar. Ronan, você pode tirar a cadeira do carro?

Matteo não se mexeu e eu dei-lhe um empurrãozinho em direção a um banco. — Sente-se. — Ele me lançou um olhar incrédulo, mas eu mantive minha posição. — Ou fique aí e desmaie. Não tenho certeza se é muito adequado para um grande e assustador Don da Máfia desmaiar, mas acho que a escolha é sua.

Ele rosnou e depois sentou-se.

Mila se juntou a mim, apoiando a cabeça no meu ombro. Eu passei meus braços em volta dela. — Você não precisa ficar aqui. — Eu não poderia imaginar que Mila iria querer colocar os pés na casa do Pakhan novamente. — Venha para casa comigo.

Ela balançou a cabeça e se afastou. — Eu te amo, Sofiya. Mais do que tudo. Mas preciso de uma pausa de tudo isto... da violência, da política e do controle.

Abri a boca para discutir, mas ela balançou a cabeça. — Se eu morasse com você, todos os meus movimentos seriam controlados. Preciso de espaço para respirar, para experimentar a liberdade.

Eu queria discutir com ela, dizer que não seria assim, mas nós duas sabíamos que não era verdade. Eu tinha aceitado as restrições da minha nova vida como rainha da Máfia, mas Mila sempre foi um espírito livre. Recusei-me a prendê-la, embora não tivesse certeza se meu coração conseguiria suportar a dor de dizer adeus.

Ela piscou como se estivesse afastando as lágrimas e me puxou de volta para seus braços. — Não é como se fosse para sempre.

— É melhor que não seja — sussurrei em seu ouvido. — Meu bebê precisa da tia dele.

Ela fungou. — Você não poderia me manter longe nem se tentasse. Só preciso de algum tempo para completar os itens da minha lista primeiro.

Eu gemi. Os itens de Mila eram muito mais *aventureiros* que os meus.

Captei o olhar sombrio de Nikolai por cima do ombro. Mas ele não estava olhando para mim... ele só tinha olhos para minha irmã. — E Nikolai vai deixar você ir sozinha? — Eu perguntei, arqueando as sobrancelhas enquanto nos separávamos.

Pela primeira vez na minha vida, vi Mila corar. — Ele vem comigo.

Tudo bem.

— Você vai me contar mais. — eu disse, meu tom que lembrava o do meu marido.

Um sorriso curvou seus lábios. — Eu vou.

— Você precisa fazer check-in todos os dias.

— E use um rastreador. — disse Matteo.

Mila franziu a testa. — Eu não...

— Já está feito. — Nikolai disse, vindo para o lado de Mila. Ela olhou para ele com indignação.

— Do que diabos você está falando, *Kolya*?

Nikolai sorriu. — Não se preocupe com isso.

Mila o encarou de braços cruzados, mas antes que pudesse xingá-lo, que era o que eu tinha certeza que ela estava prestes a fazer, Dimi interrompeu.

— Precisamos sair daqui e permitir que minha equipe faça a limpeza.

A dor tomou conta do meu coração. Dimi, Mila e eu passamos anos tendo apenas um ao outro como aliados. Agora, Dimitri era forte como Pakhan com centenas de homens leais a ele, e quando Nikolai colocou o braço em volta de Mila, percebi que ela também não estava mais sozinha.

— Vamos, *tesoro*. — Matteo murmurou, passando a mão pelo meu braço. Ele parecia tão inseguro como eu nunca o tinha visto. Havia tantas palavras não ditas entre nós, tanta mágoa e medo. Mas ele veio atrás de mim. Corri meu dedo pelo medalhão que ele me deu de presente. Eu escolhi continuar com ele, sabendo que ele seria capaz de me rastrear, porque no fundo, eu esperava que ele viesse. Eu esperava que ele se importasse o suficiente comigo para me perseguir.

Descansei minha mão em seu ombro, mais alta que ele pela primeira vez. — Vamos para casa.

Seus olhos suavizaram e pensei ter vislumbrado uma lágrima.

Ronan voltou com a cadeira de rodas que havíamos roubado do hospital, e ele e Romeo ajudaram Matteo a sentar.

Meu marido agarrou minha mão e voltamos pelo corredor pela segunda vez.

Juntos.



Estávamos saindo de Chicago. Desta vez, eu não permitiria qualquer distância entre mim e minha esposa no avião. Estávamos no quarto na parte de trás do jato, enrolados na cama. Sofiya sentou-se entre minhas pernas, enrolada em um cobertor, e meus braços a envolveram com força. Muita força, mas eu estava com medo de soltar. Com medo de que a qualquer momento ela percebesse quem a estava segurando e me afastasse.

Nenhum de nós disse nada desde que entramos no avião, e nossas palavras não ditas pesaram entre nós.

— Para ser justa — disse Sofiya, finalmente quebrando o silêncio.
— Pelo menos nosso casamento foi melhor que esse.

Levei um tempo para processar suas palavras, e então soltei uma gargalhada mais completa e brilhante do que eu havia experimentado em anos. Meu corpo inteiro tremeu, assim como o dela, até que lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Porra, *tesoro*. Você é a melhor coisa em todo o universo.

Os últimos dias foram os piores da minha vida e os dias seguintes estavam cheios de incertezas, mas nada poderia destruir a certeza de ter minha esposa em meus braços. Passei minha mão pelo cabelo dela. — Sofiya, eu sinto muito, muito mesmo. Por não confiar em você, por te colocar naquela cela, por te assustar, não te proteger. Não espero seu perdão porque não sou digno dele, mas preciso que você saiba que trabalharei todos os dias para lhe dar a vida que você merece.

Minhas palavras não foram boas o suficiente - eu não fui bom o suficiente para ela, - mas eram o que eu tinha a oferecer.

Ela soltou um suspiro profundo e me forcei a esperar pacientemente que ela falasse. — Como posso saber que você não vai se voltar contra mim novamente? Não foi nada para você me jogar lá. — Sua voz estava quebrada e dolorosamente vulnerável.

Apertei-a mais perto, passando a mão pelos seus braços, costas, quadris. — Eu sei que isso não melhora as coisas, mas foi uma tortura colocar você lá. Me arrependi no momento em que saímos. Mas fui criado para acreditar que ser Don significa nunca recuar. Achei que mudar de ideia, mudar minha ordem, teria me tornado fraco.

— E um Don não pode ser fraco.

Engoli em seco. — Você sabe que meus pais foram assassinados?

Seus olhos se voltaram para os meus, franzindo levemente a testa, e ela assentiu.

— Na noite em que foram mortos, Sienna me convenceu a assistir a um filme com ela. Estávamos na sala e o telefone da casa tocou. Eu peguei. Era o guarda do portão perguntando se poderia deixar meu tio entrar. — Minha respiração ficou superficial enquanto meu peito apertava. Fazia anos que eu não falava sobre isso, desde que me permitia pensar nisso, pelo menos quando estava acordado.

Sofiya passou os dedos pelo meu peito até agarrar minha nuca. Seu toque afrouxou o nó na minha garganta o suficiente para eu continuar.

— Havia tensão entre meu tio e meus pais, mas eu disse que ele poderia entrar. Deixei-o entrar na porra da casa. Não demorou muito para ouvirmos um tiro, seguido de um grito. O grito da minha mãe.

Foi a vez de Sofiya me abraçar com força. Ela não interrompeu, não me pressionou para continuar. Ela estava aqui, comigo.

— Tive que tomar uma decisão: correr para o escritório para salvar meus pais ou fugir com Sienna. Ela era tão pequena, estava tão assustada. Ela agarrou minha mão e eu sabia que tinha que salvá-la. Corremos para uma passagem secreta que levava para fora da casa, mas antes de escaparmos, ouvi o segundo tiro.

Meus olhos ardiam, contra a minha vontade, uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Sofiya a limpou.

— Não foi sua culpa.

Eu balancei minha cabeça. — Eu deveria ter feito mais. Se eu não tivesse deixado meu tio entrar, se tivesse corrido para o escritório...

— Então você teria morrido.

Eu sabia que ela estava certa, embora não conseguisse fazer meu coração acreditar nisso. Foi a mesma coisa que Sienna me disse. Romeo também. — Eu vejo o sangue deles em meus sonhos. Ouça os tiros e os gritos. Isso me assombra todas as noites... pelo menos todas as noites quando você não está ao meu lado.

— Você também faz meus pesadelos irem embora. — ela murmurou.

Limpei outra lágrima e beijei sua testa.

— Eu quero te perdoar. — ela disse suavemente.

Eu congelo.

Meu coração pulou uma batida antes de começar a acelerar em velocidade dupla.

Ela torceu os dedos na minha camisa. — Você quebrou minha confiança e vai demorar um pouco para reconstruí-la.

— Mas você acha que posso reconstruí-la?

Ela inclinou a cabeça para cima. Seus olhos eram tão lindos. — Você terá que rastejar muito. Espero que você esteja preparado.

Meus lábios se contraíram. — E o que essa humilhação implicará?

Ela pressionou o rosto na curva do meu pescoço e respirou profundamente. — Isso é para você descobrir. Mas envolve muitos cachorros-quentes da cidade de Nova Iorque.

— Vou comprar para você seu próprio carrinho de cachorro-quente. Todas os carrinhos da cidade. — Uma ideia passou pela minha mente e meu peito apertou, mas desta vez com um fio de esperança e entusiasmo. — Na verdade, vou ajudá-la a marcar todos os itens da sua lista.

— Oh sim?

— Sim. — Eu faria o que fosse necessário para cumprir cada item.

— Talvez devêssemos fazer uma nova lista juntos.

Engoli em seco, passando pelo nó na garganta. — Eu adoraria isso, *tesoro*. Assim como eu te amo.

Ela respirou fundo. — Você me ama?

Tive uma vaga lembrança de ter dito isso depois de levar um tiro, mas foi a primeira vez que pronunciei as palavras com total clareza. Elas deixaram meus lábios como se fosse à coisa mais fácil do mundo. Achei que estava me protegendo da dor ao me isolar da minha esposa. Mas o maior sofrimento que pude suportar foi estar separado dela.

— Claro que eu amo. Mais do que tudo.

— Eu também te amo. — ela sussurrou. Ela sustentou meu olhar, seus olhos cheios de lágrimas, e então nossos lábios se encontraram. Agarrei seu queixo, puxando-a para perto enquanto a devorava. Ela se mexeu no meu colo até ficar montada em mim, eu gemi com a mudança de posição. Eu me perdi no sabor dela, em seu doce perfume, na sensação de seu corpo pressionado contra o meu.

Beijei seu queixo e chupei um ponto em seu pescoço. Eu precisava marcá-la, gritar para o mundo inteiro que ela era minha.

O avião balançou com a turbulência, nos separando. Sofiya sorriu diante da minha carranca, passando os dedos pelas linhas da minha testa. — Espere, estou machucando sua perna? — Ela tentou sair do meu colo e eu apertei sua cintura com mais força.

— Achei que você tivesse aprendido a ficar onde eu te coloquei. — Arqueei as sobrancelhas. O ferimento de bala na minha coxa queimava, mas eu precisava da dor. Era a minha maneira de me arrepender, por ter sofrido uma fração do que eu havia infligido a ela.

— Desculpe por estar preocupada com você. — ela disse, revirando os olhos.

— Garota malcriada.

Ela fez um som um pouco descontente, mas se aninhou em meu peito.

Corri minha mão para cima e para baixo em suas costas. — Minhas lembranças depois que levei um tiro são nebulosas, mas... — a ansiedade me sufocou, mas me forcei a continuar falando — Continuo ouvindo essas palavras se repetindo em minha mente, como se estivesse em meio a uma neblina. Suas palavras. Mas não tenho certeza se elas são reais ou não.

Ela parou em meus braços.

— Você disse algo... algo sobre um bebê.

Sofiya manteve a cabeça encostada no meu peito e eu tinha certeza de que ela conseguia ouvir meus batimentos cardíacos frenéticos. Ela desabotoou os primeiros botões da minha camisa e passou os dedos pelas palavras gravadas em meu peito. — Eu teria feito algo fofo para te contar, mas estava um pouco ocupada salvando sua vida.

Meu coração gaguejou.

— Você está grávida, *tesoro*? — Tentei me afastar para olhá-la nos olhos, mas ela pressionou o rosto em meu pescoço e se recusou a se mover.

— É muito cedo, então ainda posso perdê-lo.

O pânico tomou conta de mim. — Há algo de errado com o bebê? — E se tudo o que ela passou tivesse machucado o bebê? Seria minha culpa. Nunca pensei sobre o que significava ser pai. Os filhos sempre foram apenas um conceito abstrato de “herdeiros”, mas agora era real, uma combinação de Sofiya e eu. E eu queria, ansiava por isso.

Ela se mexeu e eu afrouxei meus braços o suficiente para ela tirar algo do bolso. — Está um pouco amassada, mas aí está.

Ela me entregou uma pequena impressão de um ultrassom. Eu não tinha ideia do que estava olhando até que ela apontou para um pequeno oval branco. — Esse é o embrião. A médica disse que precisarei de outro ultrassom em algumas semanas. Talvez possamos ouvir os batimentos cardíacos do bebê.

Passei os dedos pela imagem. Nós criamos isso. Fazia parte de nós.

— É uma bolha fofa, certo? — ela perguntou.

— O mais fofo.

Deitamos na cama, segurando o ultrassom, olhando para ele em um silêncio satisfeito. Passei minha mão em sua barriga, desejando que nossa pequena bolha crescesse forte.

Sofiya começou a mexer na gola da minha camisa.

— O que foi? — Perguntei.

— Eu não deveria sentir *algo* agora sobre Rustik? Tipo tristeza ou culpa por matar meu próprio pai? Mas não sinto, e isso me faz sentir que algo está errado comigo.

Eu odiei a incerteza em sua voz. Eu segurei a parte de trás de sua cabeça. — Não, *tesoro*. Você não precisa sentir nada sobre isso. Quando

matei meu tio, tudo que senti foi alívio. Eu o admirava quando era mais jovem, até o via como uma segunda figura paterna. Mas no final, ele não era nada para mim, e nem o seu pai. — Acariciei seus cabelos e beijei sua têmpora. — Eu sei que tudo que sinto é orgulho. Orgulho de como você é forte, de como você é protetora.

— Obrigada, *miliy*.

Ouvir o termo carinhoso em sua língua fez meu coração doer.

Quando chegou a hora da descida, fomos para a frente do avião. Um sorriso torceu os lábios de Sofiya quando afivelei o cinto de segurança para ela. Ela apenas teria que se acostumar comigo cuidando dela.

Brinquei com o cabelo dela enquanto nos aproximávamos do aeroporto, parando quando percebi que ainda tinha uma pergunta sem resposta. — Você viu quem atirou em Domenico e nos outros homens que estavam com ele? — Perguntei. — Eles devem ter fugido depois. — A explosão e tudo o que aconteceu depois apagaram isso da minha mente, mas não parecia certo que eu não soubesse quem havia me salvado. — Aliás, como você escapou de Rustik?

Sofiya bufou. — Você está falando sério?

— O quê?

Ela me olhou com uma expressão exasperada. — Talvez Domenico estivesse certo sobre a sua falta de células cerebrais.

Franzi a testa e ela apenas revirou os olhos.

— Eu matei três guardas que entraram na minha cela para... — Ela engoliu em seco e minhas mãos flexionaram em torno das dela. Ela tinha acabado de me dizer que eles estavam mortos, mas a vontade de voltar ao armazém para matá-los novamente tomou conta de mim.

— Eles tocaram em você? — Minha voz era baixa, perigosa.

— Não, eu os parei antes que eles... Bom, de qualquer forma, peguei as armas deles e estava procurando a saída quando vi Domenico.

Percebi que ele devia ser o traidor e o segui. Depois disso, foi fácil acabar com eles.

Minha boca ficou aberta.

Ela revirou os olhos e depois deu um tapinha na minha bochecha.
— Não se preocupe. Não vou pensar menos de você, mesmo que você seja muito pior atirador do que eu.

Eu balancei minha cabeça. — Você é magnífica, *tesoro*.

Ela se acomodou em meu peito. — Eu sei.



Eu me senti um milhão de quilos mais leve quando Romeo me carregou para fora do avião, com Matteo resmungando e seguindo atrás com a ajuda de Enzo.

Levaria algum tempo para curar a dor entre nós, mas eu tinha esperança de que poderíamos ser costurados novamente.

Matteo me amava.

Ele me amava.

Seu amor era precioso, especialmente agora que eu entendia perfeitamente o que lhe custava dá-lo.

Chegamos ao final da escada e soltei um grito de alegria quando vi Sienna nos esperando com Macarrão de um lado e minha cadeira de rodas do outro. Lágrimas encheram meus olhos quando Macarrão começou a fazer uma dança feliz. Todo o seu corpo se mexeu furiosamente e ele chorou de excitação.

Romeo me colocou na cadeira de rodas e estendi os braços para Macarrão. — Oi, bebê. Eu senti tanto sua falta. — Ele me deu beijos e eu

pressionei meu rosto em seu pelo. — Sinto muito por ter ido embora. — murmurei, minha voz baixa e só para ele. — Não foi por sua causa. Você é o melhor garoto de sempre.

Eu me afastei e ele me deu uma grande lambida no rosto. Eu esperava que isso significasse que eu estava perdoadada. Macarrão descansou a cabeça no meu colo, abanando o rabo, e eu olhei para Sienna. Havia lágrimas em seus olhos quando ela jogou os braços em volta de mim. — Porra, você está bem?

— Sim. — Eu a segurei com força. — Eu estou.

— Você quer que eu o mate? Porque eu vou. Eu trouxe uma arma.

— Eu posso ouvir você. — Matteo disse secamente.

Ela se afastou o suficiente para dar ao irmão um olhar feio.

— Guarde a matança. Por enquanto, pelo menos. — Dei um tapinha na mão de Sienna. Ela ainda estava carrancuda. — Se você matá-lo, não terei o prazer de vê-lo rastejar. E... meu filho não terá pai.

Seu queixo caiu e ela soltou um grito enquanto pulava para cima e para baixo. — Você está grávida? Oh meu Deus! — Ela me puxou para outro abraço e depois abraçou seu irmão, sua raiva momentaneamente esquecida. — Eu não posso acreditar. Eu vou ser tia. — Lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Sua excitação aqueceu meu coração, mas também experimentei uma pontada de desconforto... aquele sentimento familiar que dizia que eu não deveria ficar muito feliz, não deveria olhar para o futuro porque isso só traria decepção. — Ainda é muito cedo, então não há nenhuma garantia real de que o bebê vai... — Eu parei, sem vontade de falar as palavras.

— Este bebê será absolutamente perfeito. — Sua voz era tão feroz que quase acreditei nela.

Matteo agarrou meu ombro, apoiando-se fortemente em Enzo para se apoiar enquanto beijava o topo da minha cabeça. — Vamos para casa, *tesoro*.

Sorri e pressionei minha mão em cima da dele. — Sim. Casa.



TRÊS MESES
DEPOIS



— Então não vamos ficar em Los Angeles?

Dei uma olhada para Sofiya. — Não, não vamos passar a lua de mel em Los Angeles.

Ela olhou pela janela do avião. Estávamos reabastecendo no LAX antes da próxima etapa da nossa viagem. — Como eu vou saber? Tenho certeza que LA é legal.

Eu a puxei de seu assento e a coloquei em meu colo. Ela me deu um sorriso conhecedor enquanto passava os dedos pelo meu queixo. Eu só conseguia passar alguns minutos sem tocá-la antes de sentir uma sensação de aperto e coceira no peito.

— Você vai adorar nosso destino.

Sofiya mordeu meu lábio. — Você diz isso como uma ameaça.

— Silêncio. — Segurei seu rosto, passando meu polegar por sua bochecha macia antes de puxá-la para um beijo.

Demorei um pouco para convencê-la a me mostrar sua Lista de Sonhos completa. Tudo nela era pura inocência, e eu tinha como missão de vida ajudá-la a fazer tudo o que estava escrito nela. Eu havia planejado nossa lua de mel especificamente para que ela pudesse riscar alguns itens. Assim que a concluíssemos, eu pediria que ela escrevesse outra. E outra. Até que as únicas lembranças que ela tivesse fossem felizes.

A contragosto, desisti de segurá-la para a decolagem. Ela ficou colada na janela quando saímos do chão, mas eu não conseguia tirar os olhos dela. Enrolei uma mecha de seu cabelo em volta do meu dedo.

Assim que estávamos no ar, desafivelei-a e puxei-a de volta para meus braços. Sofiya se aninhou em meu peito, com os olhos fechados.

— Você acha que Macarrão ficará bem com Sienna? Ainda acho que deveríamos tê-lo trazido.

— Ele vai ser tão mimado. Estas são férias para ele também.

Ela cantarolou. Decidimos não trazer Macarrão porque era um voo longo e eu estaria com ela durante toda a viagem, ajudando-a no que precisasse. Foi difícil convencer Sofiya a deixá-lo, mas Sienna prometeu enviar pelo menos fotos e atualizações diárias.

Passei a mão pelos cabelos dela. — Você está cansada, lindinha?

— Mmm, talvez com um pouco de sono.

Eu a peguei no colo, adorando o jeito que ela se agarrou a mim, e caminhei até o quarto dos fundos. Angelo e Enzo ergueram o queixo quando passei por eles. Eles estavam aqui como nossos guarda-costas enquanto Romeo estava no comando de casa.

Coloquei Sofiya na cama. Ela fez um barulho descontente quando me afastei.

— Eu não vou embora. — eu a tranquilizei. — Só vou dizer à tripulação para não nos incomodar e pegar um pouco de água. Precisa de alguma coisa?

— Só você.

Porra, eu nunca me acostumaria com isso. Sofiya me mostrou mais gentileza do que eu merecia depois de como a tratei. As primeiras semanas foram difíceis. Eu tive que destruir os focos restantes de ameaças albanesas e da Bratva e restabelecer meu controle sobre minha cidade, ao mesmo tempo em que me curava de meus ferimentos e tentava reparar meu casamento. Eu tentei grandes gestos, presentes extravagantes, jantares chiques, mas aos poucos percebi que o que Sofiya realmente precisava era que eu aparecesse de forma consistente. Cumprindo minhas promessas. Compartilhando meus *sentimentos*.

Tudo valeu a pena quando ela dizia coisas fofas como essas.

Quando voltei para o quarto, ela estava enrolada de lado, com os olhos fechados. Tirei a roupa e fiquei atrás dela, certificando-me de que o cobertor estava colocado em volta dela.

— Eu quero você dentro de mim. — ela murmurou.

Passei a mão pela sua barriga inchada. — Você precisa dormir, *tesoro*. — Sua gravidez estava indo bem, mas ela estava cansada ultimamente. Eu perguntei a médica de Sofiya umas cem vezes se era seguro para ela fazer um voo longo, e ela me garantiu que estava tudo bem. Sofiya não sabia que eu havia contratado um ginecologista para ficar em nosso resort, caso algo acontecesse.

— Mas eu ainda quero você dentro de mim.

Minha mão congelou em seu caminho até seu quadril. — Enquanto você está dormindo?

Ela assentiu e recuou ainda mais contra mim, esfregando sua doce bunda contra meu pau duro como pedra. Tirei sua calça de moletom e calcinha antes de passar meu dedo por sua boceta. — Você está encharcada. A ideia de eu usar sua doce bocetinha enquanto você dorme deixa você molhada para mim?

Ela choramingou e eu enfiei dois dedos dentro dela. — Responda-me.

— Sim, sim, deixa. Por favor, eu preciso de você.

Dei um beijo no topo de sua cabeça. — Essa é minha boa menina. Você sabe que sempre lhe darei o que você precisa.

Tirei minha boxer, a tensão em meu peito diminuiu ainda mais com a sensação de sua pele quente contra a minha. Talvez eu começasse a insistir para que ela ficasse nua o tempo todo. Pelo menos quando estávamos em casa. Sua mudança de corpo me deixou selvagem. Eu a queria cheia da minha porra a cada momento de cada dia.

Coloquei uma almofada entre suas pernas para lhe dar o apoio que ela precisava antes de deslizar para dentro dela. Eu gemi em seu cabelo, respirando seu doce perfume. — Eu nunca vou me cansar disso. Eu quero viver dentro de você.

Ela gemeu e empurrou os quadris para trás, tomando mais do meu pau.

— Você gostou dessa ideia, *tesoro*? Você sente dor quando não estou dentro de você?

— Sim. É muito vazio.

— Mmm, talvez eu precise comprar um plug para sua boceta para mantê-la satisfeita sempre que não posso. Lembrá-la a quem pertence essa boceta.

Ela respirou fundo e eu sorri. — Oh, minha pequena esposa gosta dessa ideia.

Eu a fodi lentamente enquanto ela estremecia, cada impulso era um lembrete de minha propriedade, meu amor. Nossa respiração sincronizou e eu pressionei minha mão em seu peito, sentindo seu coração bater na palma da minha mão.

Quando ela gozou, seu orgasmo foi suave, passando por ela como uma onda. Eu a segui, gemendo enquanto derramava dentro dela. Mas em vez de puxar para fora, mantive o meu pau firmemente dentro dela, certificando-me de que nenhuma das minhas sementes vazava.

Cochilei e quando acordei, Sofiya ainda estava dormindo e eu ainda estava dentro dela. Movi meus quadris, mantendo minhas

estocadas tão suaves quanto possível para não acordá-la. Não demorou muito para que eu ficasse duro novamente e ela soltasse um pequeno gemido.

— Shh, essa é uma boa menina. Não acorde. Apenas deixe-me te foder até dormir. — Pressionei minha mão na frente de sua garganta, prendendo-a levemente enquanto continuava empurrando. Eu arrastei meu orgasmo, querendo que esse momento nunca acabasse.



— Fiji? Estamos em Fiji? — Os olhos de Sofiya brilhavam enquanto o carro nos levava até nossa villa. — Lá está o oceano!

— Porra, você é fofa.

Ela jogou os braços em volta de mim, segurando firme. — Não acredito que estamos em Fiji. Eu teria ficado feliz com Los Angeles.

— Você tem coisas para riscar da sua lista.

Ela se afastou. — Sim, tenho certeza de que tudo isso é a serviço da minha Lista de Sonhos. — Ela balançou a cabeça e entrelaçou os dedos nos meus.

Angelo e Enzo ficaram com ela enquanto eu fazia o check-in no saguão do resort. Quando voltei, a vi sentada em um carrinho de golfe. Do lado do motorista.

— *Tesoro?*

— Você acredita que ganhamos dois carrinhos de golfe para a nossa estadia? — Seus olhos estavam brilhantes e cheios de malícia. Ela era um problema e tanto.

— Emocionante. Agora, por que você está sentada aí?

— Oh, pensei que fosse óbvio. Estou nos levando para nossa villa.

Olhei para Angelo e Enzo, que estavam no segundo carrinho de golfe com sorrisos travessos.

Eu balancei minha cabeça.

Eu era o Don. Eu assumiria o controle dessa situação.

— Suba, *miliy*. — Ela deu um tapinha no assento ao lado dela.

De alguma forma, me vi deslizando para o lado do passageiro. Sofiya deu um gritinho e pisou no acelerador, seguindo um funcionário que nos guiava até nossa villa com nossa bagagem empilhada na parte de trás do carrinho de golfe.

— Desacelere! — Eu gritei. — Você já dirigiu antes?

— Eu dirijo minha cadeira de rodas o tempo todo. Não há ninguém com tanta experiência em condução de veículos motorizados quanto eu! — Ela fez uma curva brusca em direção à água e eu joguei meu braço sobre seu corpo enquanto visões de nós acabando no oceano passavam diante dos meus olhos.

— Relaxe, marido. Eu consigo fazer isso.

Meu coração não parou de bater acelerado.

Fizemos outra curva e nossa villa apareceu. Era uma grande casa de madeira com telhado de palha e varanda envolvente.

— Está sobre a água! Oh meu Deus! — Sofiya gritou. — Definitivamente vou tocar o oceano. — Ela soltou um suspiro e então me encarou. Fiz um barulho aterrorizado no fundo da garganta e agarrei o volante. Ela bufou e revirou os olhos.

— Eles têm mergulho com snorkel aqui? Isso é outra coisa na minha lista.

— Vá mais devagar. — eu rosnei.

Ela soltou um bufo irritado e então parou bruscamente ao lado do outro carrinho de golfe.

— Então, mergulho com snorkel? — Seus olhos estavam brilhando e eu beijei seu nariz.

— Sim, baby, eles têm mergulho com snorkel aqui.

Ela se inclinou para mim e então sua expressão sorridente se transformou em algo triste enquanto lágrimas enchiam seus olhos.

— *Tesoro mio*, o que há de errado? — Olhei em volta, pronto para queimar a villa inteira se algo a incomodasse.

— Eu simplesmente não posso acreditar que estamos realmente aqui. Não acredito que esta é a minha vida. — Ela enxugou uma lágrima. — Obrigada por me dar isso.

Encostei minha testa na dela. — Não me agradeça. *Nunca mais*. Você merece *tudo*.

— E foi isso que você me deu.



Matteo estava colado ao meu lado na água enquanto arraias nadavam abaixo de nós. Estendi a mão, tonta de excitação. A água estava perfeitamente quente e suave para minhas juntas. Eu poderia ficar aqui para sempre.

Um mundo inteiro existia abaixo de nós e fiquei hipnotizada. Eu me assustei quando uma tartaruga marinha nadou em nossa direção, agarrando a mão de Matteo com entusiasmo. Seus dedos deslizaram pelas minhas costas enquanto a tartaruga cortava preguiçosamente a água. Uma pequena emoção de excitação e nervosismo passou por mim à medida que se aproximava, e agarrei a mão de Matteo com mais força.

Eventualmente, chegou a hora de voltarmos ao barco. Meu lábio se curvou em um beicinho quando Matteo nos puxou de volta.

— Não me faça essa cara, *tesoro*. Temos que voltar e nos preparar para o jantar. Mas podemos mergulhar novamente antes de partirmos. — Ele me ajudou a entrar no barco e me envolveu em uma toalha antes de me sentar em um banco almofadado.

— Gostaria disso. E agora posso riscar o mergulho com snorkel da minha lista. Talvez eu devesse adicionar mergulho autônomo na próxima.

Ele me puxou com força para o seu lado. — Não.

— O quê? Por quê?

— É perigoso.

— Tenho certeza de que é perfeitamente seguro.

Sua mandíbula apertou novamente. — Não me teste, *tesoro*.

— Ou o quê?

Seu grunhido vibrou contra minha garganta enquanto ele beliscava minha pele, e eu sorri. Eu adorava pressioná-lo porque isso geralmente fazia com que ele me amarrasse na cama ou me espancasse.

— Que planos temos para o resto do dia? — Alguns dias atrás, andamos de caiaque pela ilha. Bem, eu sentei na frente do caiaque enquanto Matteo remava, recusando-se a me permitir levantar um dedo. Depois tivemos aulas de culinária e aprendemos a preparar pratos clássicos de Fiji, Tailandeses e Malaaios. Eu forcei Matteo a usar o avental fornecido e Angelo tirou fotos para mim enquanto ficava de lado. Ele e Enzo ficaram em segundo plano durante nossa viagem, permitindo que Matteo e eu passássemos algum tempo juntos. Tínhamos passado tão pouco tempo sozinhos nos últimos meses, então eu estava aproveitando cada minuto.

— Só jantar — meu marido murmurou, inclinando-se para beijar minha bochecha.

O capitão veio até nós enquanto a tripulação se preparava para zarpar. — Você deve ser nosso amuleto da sorte, linda. — ele me disse. — Nem sempre vemos as arraias manta, e era uma tartaruga-de-pente. Não as vemos com frequência porque estão ameaçadas de extinção.

Matteo me segurou mais perto dele e lançou ao capitão um olhar assassino. O rosto do homem ficou branco e ele recuou rapidamente.

Revirei os olhos e empurrei a lateral do meu marido. — Nada de arrancar os olhos. — sussurrei em seu ouvido.

— Sem promessas, *tesoro*.

Nós nos abraçamos para o passeio de barco de volta. O vento quente emaranhou meu cabelo e pensei que nunca me senti tão feliz.



Sofiya estava deitada no grande sofá creme da sala de estar da villa, descansando depois do nosso dia na água. Seus pés estavam no meu colo e eu os massageava, adorando os barulhinhos de prazer que ela fazia. Ela estava usando um short minúsculo de renda e um top creme que forçava meus olhos a voar entre a curva de seus seios e a faixa de barriga nua.

Ela folheava o livro de atividades fornecido pelo resort. — Eles jogam golfe aqui. — Ela olhou para mim por cima do livro. — Acho que teria que me divorciar de você se você começasse a jogar golfe.

Rosnei e rastejei sobre seu corpo, segurando sua cabeça com meus antebraços e encontrando-a com uma expressão furiosa. — Você nunca vai se divorciar de mim.

Ela riu e arqueou, esfregando sua doce boceta contra mim. O livro caiu no chão, esquecido. — Talvez eu precise de um lembrete de quem é meu dono.

Eu gemi e pressionei meu rosto na curva de seu pescoço, chupando sua pele macia. — Porra, temos que nos preparar para o jantar.

Sua mão deslizou entre nossos corpos, segurando meu pau que endurecia rapidamente. — Poderíamos simplesmente fazer o pedido.

Se fosse em qualquer outra noite, se eu não tivesse algo planejado, eu teria tirado a roupa dela e a tomado aqui num piscar de olhos. Cerrei minha mandíbula e me forcei a sair de cima dela. — Não. Jantar.

Ela fez beicinho. — Tudo bem, então, se você quer ser todo *romântico*. — Ela bufou como se estivesse completamente irritada com meu desejo de ser romântico com ela, mas eu sabia que não. Ela estava ficando cada vez melhor em me deixar mimá-la, embora ela tenha resistido, eu sabia que ela adorava.

Assim como eu adorava mimá-la.

Amá-la.

Eu a puxei do sofá e a coloquei em meus braços, levando-nos para o quarto.

— Você sabe que posso andar. Minhas pernas estão bem hoje. Provavelmente melhor que as *suas*. — Eu a ignorei. Eu não ia deixar meu ferimento de bala ainda cicatrizando me impedir de carregar minha esposa. Estava quase totalmente curado agora, graças à intensa fisioterapia, mas ainda tinha que usar uma bengala quando a dor aumentava.

Coloquei-a na cama, movendo o andador na frente dela. — Prepare-se, baby. — Dei um beijo suave em seus lábios. Quando me afastei, notei um tom rosado em seu nariz e bochechas. Eu fiz uma careta enquanto passava meu dedo pela ponta de seu nariz. — Você está queimada de sol.

— Só um pouquinho.

— Eu não gosto disso.

Ela juntou seus dedos aos meus, um sorriso brincando em seus lábios. — Sinto muito, mas não acho que você possa atirar no sol como punição.

Talvez não, embora ele merecesse depois de ferir meu *tesoro*. Mas até que eu pudesse castigar o sol, eu teria que ser mais diligente e fazer com que ela usasse protetor solar e chapéu.

Beijei seu nariz rosa e me forcei a sair do quarto antes de ser completamente sugado por sua órbita.



Sofiya usou seu andador para ir até o pátio externo do restaurante, e eu mantive minha mão nas costas dela o tempo todo. Ela estava usando um vestido prateado de lantejoulas que batia no meio da coxa, deixando suas pernas exuberantes à mostra. Pernas que dois funcionários masculinos do restaurante estavam olhando. Minha mão se moveu em direção à minha arma, mas Sofiya não gostaria que eu atirasse neles. Resolvi virar meu olhar furioso e ardente para eles. Talvez eles tivessem algum bom senso porque os dois recuaram, com os olhos arregalados, antes de voltarem correndo para dentro do restaurante.

— Esta vista é incrível. — disse Sofiya com admiração na voz. O pátio dava para o oceano, o cheiro de sal pairava no ar. Minha esposa aproveitou todas as oportunidades que pôde para estar ao ar livre, então combinei que ficássemos sentados aqui, onde poderíamos assistir ao pôr do sol enquanto um quarteto de cordas tocava suavemente ao fundo. Esta noite tinha que ser perfeita. Ela não merecia nada menos.

Meu coração bateu forte durante todo o jantar. Eu mal provei minha comida. Por que diabos eu estava tão nervoso? Eu era o Don e Sofiya já era *minha*.

Tomei um gole da minha bebida e me concentrei nela para me distrair do zumbido furioso das vespas em meu peito. Ela estava brilhando. A luz das velas brilhava em seus olhos enquanto ela falava sobre todas as suas partes favoritas da nossa viagem até agora. Ela estava tão cheia de vida enquanto pulava na cadeira, conversava com o garçom e fazia barulhinhos de agradecimento a cada mordida na comida, fazendo meu pau ficar vergonhosamente duro.

Ela estendeu a mão para mim e eu a peguei. Ela passou os dedos pelos nós dos meus dedos. — Você parece distraído. Está tudo bem?

Tínhamos acabado de terminar a sobremesa.

— Tudo está perfeito, *tesoro*. — Levei a mão dela aos meus lábios e a beijei. — Exceto por uma coisa.

Ela inclinou a cabeça para o lado, mas quando saí da cadeira e me ajoelhei, seus lábios se abriram e os olhos se arregalaram. Peguei uma pequena caixa de veludo para anéis e a abri. — Este é o anel que você merecia desde o início.

— Oh meu Deus. — Os olhos de Sofiya brilharam enquanto passavam entre meu rosto e o anel.

Meu coração batia forte quando deslizei em seu dedo. Foi tão diferente da última vez que coloquei um anel nela. Durante nossa cerimônia, meu foco esteve na aliança e no que nosso casamento poderia fazer pela Família. Agora, eu estava ajoelhado diante do centro do meu universo, sabendo que não havia nada que eu não fizesse por ela. Acaricieei sua mão, a possessividade enchendo meu peito ao ver mais uma prova de que ela pertencia a mim.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo e eu me inclinei para seu toque. — Você não deveria me pedir em casamento?

— Já somos casados.

— Bem, sim, mas você sabe, é tradição perguntar.

Eu a encarei com uma expressão severa. — Você vai se casar comigo, *tesoro*.

Ela bufou. — Perto o suficiente. — Ela agarrou os dois lados do meu rosto e me puxou para um beijo. Quando nos separamos, seus olhos estavam brilhando. — Não acredito que estou noiva. Espero que meu marido não descubra.

Rosnei e agarrei seu queixo. — Você está tentando me irritar?

— Sempre.

Estreitei os olhos, mas meus lábios se contraíram quando a puxei para outro beijo.

Emilia Rossi
His Tesoro





Eu ri enquanto meu marido me carregava para nossa villa, incapaz de tirar os olhos do anel. Era perfeito. Havia um grande diamante lapidação marquise cercado por diamantes circulares, fazendo com que parecesse quase uma flor.

— Você gosta dele?

— Eu amo ele. Você fez um bom trabalho.

— Eu tive ajuda.

— Sienna?

— Mila.

— Realmente? — Isso fez um nó subir na minha garganta. Tínhamos passado tantas horas conversando sobre alianças e casamentos, e isso fez com que parecesse que ela fazia parte da minha nova vida. — Como ela estava?

Matteo me deitou na cama. As grandes portas francesas estavam abertas para o exterior, a brisa quente do oceano soprava sobre nós. —

Bem. Ela tinha opiniões fortes sobre o anel.

— Aposto que sim. — Passei a ponta do dedo sobre ele. — É tão bonito.

— Vou comprar um milhão deles para você.

Eu sorri. — Não tenho certeza de como eu usaria tantos.

— Espero que você esteja pronta para o desafio.

Ficamos deitados um de frente para o outro, olhando nos olhos um do outro, e então nós dois quebramos, nossos lábios se chocando. Matteo agarrou minha nuca, inclinando minha cabeça para trás para ter acesso perfeito aos meus lábios, mas eu queria mais. Eu queria fazê-lo perder o controle da mesma forma que ele fez comigo.

Eu me puxei do seu aperto e ele me soltou, com confusão em seus olhos. Não durou muito enquanto eu desabotoava sua camisa e calça, beijando seu corpo.

— Porra, baby, porra. — Ele respirou fundo. — Você vai chupar meu pau nessa boquinha linda?

— Sim — eu disse, deixando escapar um pequeno gemido quando seu pau duro saltou para fora dos limites de sua boxer. Uma gota de pré-sêmen jorrou da ponta, eu me ajoelhei entre suas pernas e lambi, mas a posição tensionou meus joelhos e quadris. Tentei me reorganizar, mas era uma confusão descoordenada de membros.

— Desculpe, desculpe. — eu disse quando meu joelho bateu em sua perna.

— Shhh, não se desculpe.

— Eu só quero ser sexy e não bagunçar tudo. — Eu me senti estranhamente emocionada, ondas de vergonha me invadindo. Matteo estava cuidando muito bem de mim. Entre o repouso que ele me impôs, minha cadeira de rodas, a nova medicação e o início da fisioterapia, eu estava sentindo muito menos dor. Mas a gravidez também aumentava o número de subluxações e eu precisava ter cuidado. — Eu poderia tentar ficar de joelhos no chão.

Matteo soltou um som que só poderia ser descrito como um grunhido antes de me puxar para seus braços.

— Ou podemos fazer isso em nossa cama, onde minha rainha ficará confortável. — Ele fez uma careta quando eu abri minha boca. — Nada é mais importante que o seu conforto, *tesoro*. Mas não se preocupe, encontraremos uma posição que permita que você chupe meu pau.

Eu bufei uma risadinha, me sentindo muito melhor. Nós resolveríamos isso juntos. Eu não tinha estragado nada.

Ele gentilmente tirou minhas roupas antes de tirar as suas e se deitar ao meu lado. Ele me puxou para seus braços. — Nunca haverá qualquer pressão para você me fazer um boquete. E eu proíbo você de fazer qualquer coisa que lhe cause dor.

— Eu sei — murmurei. — Mas eu realmente quero. Eu quero que você assuma o controle. Eu só queria que meu corpo cooperasse mais.

— Bem, se eu estiver no comando, seu corpo será forçado a me obedecer e cooperar.

— Tão arrogante.

Ele sorriu e envolveu meu cabelo em sua mão, puxando minha cabeça para trás, então fui forçada a encontrar seu olhar. — Você tem trabalho a fazer. — Ele ergueu uma sobrancelha arrogante.

Uma emoção passou por mim com seu domínio enquanto ele me guiava por seu corpo até que eu estava deitada de lado, meus lábios no nível de seu pau. Ele colocou um travesseiro entre minhas pernas e outro atrás das minhas costas, me dando o apoio que eu precisava. Passei a mão pelo seu quadril e apertei sua bunda.

— Pare de brincar. — ele rosnou. — Leve-me em sua boca. Quero ouvir você engasgar.

Oh, porra. Isso não deveria ser tão quente.

Fiz o que ele ordenou, não que tivesse muita escolha com a maneira firme com que ele agarrou meu cabelo. Abri bem, minha língua

deslizando sobre sua fenda antes que ele empurrasse em minha boca. Meus olhos imediatamente começaram a lacrimejar e entrei em pânico por um momento ao sentir falta de oxigênio.

— É isso, essa é minha garota. Você está me aceitando tão bem. — Havia suavidade em sua voz, mesmo enquanto ele mantinha um controle de ferro em meu cabelo e pescoço. Suas palavras pareciam um banho quente, reconfortante e perfeito enquanto eu relaxava minha garganta e o levava mais fundo. Tínhamos praticado garganta profunda e eu lutei contra isso, mas adorei fazê-lo enlouquecer.

Ele manteve nosso ritmo rápido, mantendo-me completamente à sua mercê. Minha boceta ficou molhada sob seu controle, fazendo-me mover meus dedos para baixo para tocar meu clitóris. Mas então seus dedos cercaram meu pulso.

— Minha — disse ele. — Ninguém toca nessa boceta além de mim. Você entende?

Ele empurrou dentro da minha boca novamente, eliminando qualquer possibilidade de resposta.

— Olhe para você, ficando excitada chupando meu pau como a garotinha safada que você é. Tão perfeita para mim. Uma bagunça tão perfeita.

A baba escorreu pelo meu queixo e eu gemi perto dele. Ele amaldiçoou, empurrando ainda mais na minha garganta. Eu engasguei, mas ele continuou, me forçando a levá-lo mais fundo. Ele empurrou dentro de mim mais duas vezes antes de gozar com um rugido. Fiz o meu melhor para engoli-lo, mas um pouco de porra vazou pelo meu queixo.

Tentei mover minha cabeça para trás, mas seu aperto aumentou.

— Não. Bata duas vezes na minha perna se precisar parar, mas não estou pronto para deixar o calor quente da sua boca.

Eu choraminguei, adorando seu controle total sobre mim enquanto continuava chupando seu pau. Eu estava uma bagunça... baba escorrendo pelo meu queixo, lágrimas escorrendo pelo meu rosto,

garganta e mandíbula doloridas, mas também senti um estranho contentamento em minha alma. O aperto de Matteo em meu cabelo tornou-se suave, seus dedos passando levemente pelos meus fios, massageando meu couro cabeludo. Meus olhos pareciam pesados, caídos até fecharem completamente, eu fiquei na escuridão silenciosa, chupando suavemente seu pau.

Eu estava em um transe nebuloso e não tinha ideia de quanto tempo havia passado. Eventualmente, ele endureceu novamente. Ele segurou minha nuca e empurrou levemente em minha boca. Eu engasguei quando ele bateu no fundo da minha garganta, e ele acariciou meu cabelo em desculpas, mas continuou. Nunca me senti tão usada ou querida. Isso era o que eu queria: meu marido dominante e controlador, que de alguma forma ainda me colocava em primeiro lugar, mesmo enquanto fodia meu rosto. Ele gozou na minha garganta novamente, e dessa vez eu fiquei calma e respirei fundo.

— Porra, porra, baby. — Ele gentilmente me puxou para cima para que nossos rostos ficassem nivelados. Ele pegou lenços de papel da mesa de cabeceira e limpou meu rosto. Então ele me apoiou para que eu pudesse beber de uma garrafa de água.

— Você está bem? Isso foi demais? — A leve ponta de pânico em seu olhar me fez sentir como se meu peito fosse explodir de felicidade.

— Não, foi perfeito. — Eu me aninhei em seu peito. Meu queixo estava tão dolorido que eu sabia que não seria capaz de repetir aquela experiência por um tempo, mas valeu a pena.

Suas mãos deslizaram pela minha pele e ele beijou minha testa. — Você se saiu tão bem para mim. — Seus dedos continuaram descendo pela minha pele até chegarem à junção das minhas coxas. — Você está encharcada. Você gostou de ser usada como meu brinquedo pessoal?

Mordi meu lábio quando ele enfiou dois dedos dentro de mim.

— Responda-me. — Sua voz severa estava de volta, exigindo minha submissão.

— Sim, eu gostei disso. — Minha voz saiu em um sussurro rouco e minhas bochechas queimaram.

— Isso mesmo, você gostou. Porque você é perfeita para mim.

E com isso, ele desceu pelo meu corpo para retribuir o favor.



Sentei-me no cais privado perto da nossa villa, meus pés roçando a água. Era a última noite da nossa lua de mel e eu tentava registrar na memória cada parte dessa viagem.

Passos soaram atrás de mim e olhei por cima do ombro para ver meu marido se aproximando. Corri meus olhos por seu corpo, notando a maneira como seu cabelo castanho escuro se enrolava em sua testa com a umidade, o brilho de seu peito musculoso marrom-dourado e a protuberância pressionando seu calção de banho preto.

Ele sentou-se ao meu lado e me entregou uma bebida. Era vermelha brilhante com um morango fresco espetado em um pequeno guarda-chuva colorido.

— Daiquiri de morango virgem. — Seus lábios roçaram minha orelha. — Quase tão doce quanto você.

Corei quando as lembranças dele me acordando com a língua na minha boceta inundaram minha mente... e outras partes de mim. Ele passou os dedos pelas minhas bochechas quentes. — Minha linda garota.

Inclinei-me para o lado dele e tomei um gole. — Isso é bom. Obrigada, *Miliy*.

— Qualquer coisa para você.

Respirei o doce aroma de flores e sal no ar e soltei um suspiro. — Eu adoro isso aqui. — O sol estava se pondo, espalhando rosas e laranjas pelo céu e pela água.

— Voltaremos quando você quiser. Basta dizer a palavra.

— Oferta perigosa.

— Você já me ouviu negar *alguma coisa para você*?

Pressionei meu sorriso em seu ombro. Eu estava aceitando ser uma garota mimada da Máfia e adorando cada minuto.

— Gosto bastante deste biquíni. — disse Matteo. Eu me contorci sob seu olhar ardente. Ele finalmente me convenceu a usar um biquíni. Era absolutamente minúsculo... preto com tiras finas que emolduravam minha barriga. Ele passou a mão sobre minha barriga crescente. — Voltaremos com o bebê.

Eu me aninhei mais ao seu lado e ele colocou o braço em volta de mim, me segurando perto. Matteo havia melhorado nos últimos meses. Ele estava me deixando entrar, me surpreendendo com seus sorrisos e senso de humor. A excitação que ele sentia pelo nosso bebê foi quase suficiente para me fazer perdoar o quão ridiculamente superprotetor ele se tornou.

Ele beijou o topo da minha cabeça antes de tirar o braço de mim e pousar sua bebida. Levantei uma sobrancelha, mas ele apenas piscou e entrou na água. Suas mãos molhadas agarraram minhas coxas e apertaram com força.

— Você vai se juntar a mim, esposa?

— Hmm. — eu disse, fingindo pensar sobre isso. Ele rosnou e abriu minhas pernas, passando a língua pela parte interna da minha coxa. Coloquei minha bebida no chão enquanto ele desfazia os laços da parte de baixo do meu biquíni.

Olhei por cima do ombro. — Alguém nos verá.

— Eu proíbo.

— Matteo — eu disse, exasperada.

— Sofiya — ele respondeu, combinando com meu tom.

Tudo o que eu ia dizer morreu em meus lábios enquanto ele acariciava a pele sensível das minhas coxas e passava a língua pela minha boceta já molhada.

— Oh, *tesoro*, você deveria ter me contado o quanto estava desesperada para mim. Você está tão encharcada, tão carente.

Inspirei profundamente, minhas pernas se alargando.

— A boceta mais bonita. — Ele deu beijos gentis em meu monte, cada um deles uma tortura enquanto eu implorava para que ele tocasse meu clitóris. Ele finalmente o fez, circulando-o com a língua, mas seus movimentos eram leves demais.

— Por favor. — eu implorei. — Por favor, por favor.

Ele riu, sua risada vibrando contra minha boceta sensível enquanto ele mergulhava de volta. Desta vez, sua língua estava firme contra mim e então ele *finalmente* sugou meu clitóris em sua boca. Meu orgasmo caiu sobre mim, áspero e rápido, arrancando um grito dos meus lábios. Matteo se afastou com um sorriso de satisfação, mas eu não estava nem perto de terminar.

Algo molhado caiu perto de mim. Minha respiração acelerou quando vi que era seu calção de banho.

— Você vai se juntar a mim, Sra. Rossi?

Eu me joguei do cais em seus braços surpresos.

— Porra, tenha mais cuidado. — ele disse enquanto me aproximava de seu peito.

— Não preciso ter cuidado quando você está aqui para me pegar.

Sua expressão se suavizou e eu pressionei meu sorriso em seus lábios. — Você acha que me tem enrolado em seu dedo mindinho, não é?

— Só acho isso porque é verdade.

Sua mão pousou suavemente na minha bunda e eu levantei as sobrancelhas diante de sua expressão descontente. — Não consigo nem bater em você na água.

Eu bufei. — Outra hora. Dê-me um tapa quando sairmos.

Ele passou os lábios pela lateral do meu rosto. — Eu vou te dar o que eu quiser. — Sua voz era baixa e eu segurei meu gemido.

Virei de costas e flutuei, adorando o quão leve a água me fazia sentir. Passei a mão pela barriga. — Você acha que vamos ter um menino ou uma menina? — Tínhamos uma ultrassonografia marcada dali alguns dias para saber o sexo.

A mão de Matteo se juntou à minha, acariciando minha barriga. — Um menino.

Eu fiz uma careta. — Por que, porque o grande Don precisa de um herdeiro homem?

Ele zombou e me puxou para seus braços, minhas costas pressionadas contra seu peito enquanto suas pernas pisavam na água para nos manter à tona. — Minha safada está se sentindo muito atrevida. — Ele beliscou minha orelha. — Não, porque se tivermos uma menina, ela será tão bonita quanto você, e então terei que arrancar todos os olhos da cidade de Nova Iorque... de todo o estado.

— Você é ridículo. — Mas não consegui conter meu sorriso. Todos os nossos exames tinham sido bons até agora... e tínhamos feito muitos deles, pois sempre que eu estava ansiosa, Matteo exigia que o médico viesse e fizesse outro. Ele finalmente comprou uma máquina de ultrassom para o nosso apartamento, para facilitar.

Eu estava lentamente me permitindo ter esperança de que esse bebê ficaria bem.

Matteo me apertou ainda mais e me rebocou pela água.

— Onde estamos indo?

— Preciso de melhor alavancagem.

— Alavancagem?

Aproximamo-nos da nossa praia privada até que Matteo pudesse ficar de pé na água. Ele me acomodou de forma que eu ficasse de frente para ele, meus braços e pernas em volta dele.

— Ahh, alavancagem. — eu disse com um sorriso.

Ele cantarolou e envolveu meu cabelo úmido em seus dedos, inclinando minha cabeça para trás. — Minha esposa perfeita e linda. A putinha perfeita para mim.

Estremeci em seu aperto forte e então ele deslizou dentro de mim. Nós dois gememos enquanto seu pau me enchia, me esticava. Sua mão espalmou minha bunda, apertando com força enquanto ele murmurava elogios contra minha pele. Ele continuou se movendo contra o meu corpo e eu inclinei a cabeça para trás, observando o céu colorido. Algo sobre esse momento - a água quente com listras rosadas, seu aperto possessivo, a maneira áspera como ele empurrou dentro de mim e o olhar gentil em seus olhos - curou as pequenas arestas do meu coração. O alívio foi físico, uma lufada de ar primaveril depois de um inverno sombrio trazendo a promessa de que Matteo estava para mim, sempre ao meu lado, e eu era o mesmo para ele.

Eu o puxei para um beijo salgado. — Isso é tudo.

— *Você* é tudo. — ele respondeu.

Pressionei minha bochecha contra a dele e fechei os olhos, contente em apenas sentir. Sentir meu marido fazendo amor comigo no paraíso, sentir meu coração se recuperando, sentir a esperança de um futuro brilhante.

Estava aqui.

E era nosso.



Acordei enquanto a cama se mexia. A luz da manhã mal aparecia pelas cortinas e Sofiya estava indo ao banheiro novamente.

Eu me forcei a ficar na cama. Ela já havia gritado comigo duas vezes esta semana quando tentei segui-la até o banheiro. Mas e se ela ficasse tonta e caísse? Meu peito apertou e eu me levantei na cama no momento em que Sofiya voltava para o quarto.

— Não se preocupe, marido, eu sobrevivi ao banheiro. — Ela revirou os olhos ao dizer isso, mas havia um sorriso em seus lábios. Ela estava tão linda. Sua mão apoiava sua barriga redonda, que estava coberta por uma camisola macia e rendada. Suas bochechas estavam rosadas e a luz da manhã fazia seu cabelo bagunçado brilhar, assim como no dia do nosso casamento.

Ela era a perfeição.

Guiei-a para a cama com as costas apoiadas no meu peito, arrumei o travesseiro de gravidez entre as pernas e passei os braços em volta dela.

— Feliz Natal, *tesoro*. — murmurei, dando um beijo em sua bochecha. — Você é o maior presente da minha vida. — Passei minha mão por sua barriga, segurando-a perto. Faltavam apenas algumas semanas para o parto e eu mal podia esperar para conhecer nosso bebê.

Minha *filha*.

Estávamos tendo uma menina e eu não poderia estar mais emocionado e aterrorizado. Eu esperava que ela se parecesse exatamente com minha linda esposa.

— Feliz Natal. — disse ela, cobrindo minha mão com a dela e apertando-a.

Eu respirei seu doce perfume floral, aproveitando esses últimos momentos sendo apenas nós dois.

Cochilei, contente por ter esta manhã lenta antes que o caos tomasse conta de nossa casa. Fui acordado pela minha pequena esposa esfregando a bunda no meu pau que endurecia rapidamente.

Pressionei meu sorriso em seu cabelo. Ela estava especialmente excitada nos últimos meses.

— Matteo. — Meu nome em seus lábios era *tudo*.

— Sim, *tesoro*. — Passei a mão pela barriga dela até que estava segurando sua boceta. — Estou aqui.

— Estou tão feliz que você está comigo. — disse ela. — Não há outra pessoa com quem eu preferiria viver a vida.

Meu coração apertou quando levantei sua camisola e baixeí minha boxer, deslizando suavemente em sua boceta molhada. Ela tinha mais luxações durante a gravidez, então fiz meus movimentos torturantemente lentos enquanto empurrava para dentro e para fora. Minha mão vagou por sua pele macia, absorvendo seu calor enquanto eu apertava suavemente seu mamilo sensível. Ela gemeu, voltando-se para segurar qualquer parte de mim que pudesse agarrar.

— Essa é minha boa menina. — Ela se apertou em volta de mim enquanto pequenos gemidos escapavam de seus lábios. — Eu te amo,

tesoro. Porra, muito.

Ela tremeu quando seu orgasmo tomou conta dela. — Eu te amo. — disse ela, repetindo as palavras indefinidamente.

Eu me enrolei em torno dela quando gozei. Nunca me cansava de enchê-la com a minha porra ou de segurá-la assim. Ela era a pessoa mais importante da minha vida, o centro do meu universo.



— Tenho algo para você abrir antes de tomarmos café da manhã. — disse Sofiya enquanto rolava até a árvore e pegava um pacote listrado de vermelho e dourado.

— Tenho uma pilha de presentes que você pode abrir antes do café da manhã. — respondi. Eu queria que ela abrisse todos os seus presentes ontem à noite. Na verdade, eu estava incomodando ela para abrir presentes desde primeiro de dezembro, mas ela disse que não era assim que se fazia.

Como se eu me importasse. Eu não deveria ter que esperar um determinado dia para mimar minha esposa.

Ela me olhou com severidade e Macarrão fez o mesmo enquanto balançava a cabeça em minha direção. Suspirei, incapaz de discutir com eles, e fui pegar meu presente. Rasguei o embrulho e encontrei um suéter vermelho brilhante com algo deformado na frente.

Franzi a testa tentando descobrir o que diabos eu estava segurando.

— Você gostou? Sienna e eu estamos aprendendo a fazer crochê e eu fiz isso para você.

Anos de treinamento como Don me permitiram manter o rosto inexpressivo. Sofiya parecia tão feliz que não tive coragem de dizer que o suéter era a coisa mais horrível que eu já tinha visto.

— Bem, o que você acha? — ela perguntou, seus olhos brilhando de esperança.

Inclinei-me e agarrei seu queixo. — Estou honrado que você tenha feito isso para mim, *tesoro*.

Ela sorriu para o meu beijo. — Bem, experimente! Usei uma de suas camisas para acertar o tamanho, então espero ter medido corretamente.

Cerrei o queixo antes de puxá-lo sobre minha cabeça. Pelo menos o material era macio e ela tinha conseguido o ajuste quase correto.

— Ok, pode ser um pouco curto demais. — disse ela, puxando a barra do suéter. — Mas você está ótimo.

Olhei para seu suéter de Natal. Era azul claro com flocos de neve e parecia decididamente comprado em loja. — Você não fez um para você?

— Eu não tive tempo. — Ela passou a mão pela frente do suéter. — Sienna comprou este para mim.

— Bem, você está deslumbrante, como sempre.

— Tão bajulador. Preciso começar o café da manhã.

Sofiya insistiu que comêssemos rolinhos de canela na manhã de Natal só porque eram meus favoritos.

Minha irmã, Romeo, e eu geralmente comíamos comida chinesa no dia de Natal e ficávamos bêbados enquanto assistíamos a qualquer filme de férias de merda que Sienna nos forçava. Sofiya nunca teve um Natal de verdade e disse que queria criar novas tradições para a nossa nova família. Não era como se eu pudesse recusar alguma coisa a ela,

então fizemos tudo... uma árvore de verdade, uma tonelada de presentes e música de Natal tocando nos alto-falantes.

Sofiya tirou da geladeira os rolinhos de canela que havia preparado na noite anterior. — Você pode me trazer o açúcar de confeitiro, *miliy*?

Peguei a lata de um dos armários superiores e coloquei-a sobre o balcão, dando-lhe um beijo no topo da cabeça. Ela se recostou no meu peito.

— Você está se sentindo bem? — Perguntei. — Posso terminar isso se você me disser o que fazer.

Eu não me importaria se ela ficasse em meus braços até ter esse bebê. E então por vários meses depois.

— Estou me sentindo bem, juro.

Houve uma batida na porta e Sienna enfiou a cabeça para dentro. — Vocês dois terminaram seu amor matinal?

— Juro por Deus — eu disse, passando a mão pelo rosto. — Por que os convidamos?

— Entre! — Sofiya gritou antes de me fixar com seu olhar feroz. — Porque eles são nossa família e todos nós teremos uma aconchegante manhã de Natal juntos.

Sienna entrou na sala com os braços cheios de pacotes de Natal. — Romeo está trazendo o resto. — Ela colocou tudo embaixo da árvore... a árvore alta e magnífica que rivalizava com a do Rockefeller Center, com feias decorações caseiras que Sofiya insistiu que todos fizéssemos nas últimas semanas. A interminável cola quente e glitter valeram a pena quando soube que ela transformou a noite de pôquer de Angelo em uma noite de artesanato de Natal. Era impossível dizer não à minha esposa. Eles nunca tiveram a menor chance.

Pelo menos a noite de artesanato a impediu de aumentar sua considerável dívida de pôquer. Eu sempre me esquecia de perguntar a Angelo quanto Sofiya devia. Ela ainda não percebeu que as fichas

representavam dinheiro de verdade, e eu não queria perguntar a Angelo na frente dela e aborrecê-la. Eu daria tudo o que possuo para fazê-la feliz, se fosse uma noite de pôquer, pagaria o que fosse preciso.

Romeo e Angelo entraram com os braços carregados de presentes. Eles os deixaram perto da árvore e Sienna os repreendeu por sua “falta de elegância e estilo”. Os dois reviraram os olhos e se juntaram a nós na cozinha enquanto Sienna reorganizava os presentes.

Angelo esfregou as mãos enquanto olhava os rolinhos de canela no forno. Ele ganhou pelo menos cinco quilos desde que me casei com Sofiya. Não que eu estivesse limpo para criticar... fui forçado a adicionar um treino extra à minha semana com todos os doces que minha esposa fazia.

— O que você está vestindo? — Romeo me perguntou, com um brilho de riso em seus olhos.

— Um lindo suéter feito pela minha esposa. — eu disse antes que ele pudesse dizer outra palavra. Ninguém insultaria minha Sofiya.

— Oh, não fique com ciúmes, Romeo. — disse Sofiya. — *Miliy*, você consegue pegar esses três pacotes do topo da pilha?

Fiz o que ela pediu, sorrindo enquanto entregava pacotes para Romeo e Angelo que pareciam suéteres. O terceiro pacote tinha uma etiqueta que dizia “Para Macarrão, da mamãe”.

Porra, ela era fofa.

— Venha aqui, Macarrão. — eu gritei. O cachorro olhou para Sofiya como se pedisse permissão antes de sair do seu lado e caminhar até mim. Dei-lhe o presente e ele o levou delicadamente à boca, olhando para mim com uma expressão confusa. — Você deveria rasgá-lo. — eu disse a ele. Ele apenas abanou o rabo. Peguei o presente de volta com raiva e desembrulhei-o. — Que porra é essa? — Olhei para o suéter que Sofiya havia tricotado para o cachorro.

— O que está errado? — Sofiya perguntou.

Peguei o suéter do cachorro e fui para a cozinha. — Por que o suéter do cachorro parece absolutamente perfeito? — Era verde escuro com detalhes brancos e até fileiras de pompons costurados nele.

Sofiya me deu um sorriso travesso. — Eu fiz por último, então tive muita prática. Mas... você está dizendo que acha que seu suéter é ruim?

— Nem comece comigo. — eu disse, rondando em sua direção. Ela estava sentada ao lado do forno em seu andador, as bochechas rosadas, o cheiro de canela pesado no ar. — Acho que você fez isso de propósito porque sabe que nunca me recusarei a usar algo que você fez para mim.

— Eu nunca seria tão diabólica, marido. — Havia um pequeno brilho em seus olhos.

Eu balancei minha cabeça. — Claro que não, esposa.

Ela me puxou para um beijo e mordeu meu lábio inferior. — Agora que você está aqui, quer tirar isso do forno para mim?

Ela tirou o suéter de Macarrão das minhas mãos e saiu do caminho. Tirei os rolinhos de canela do forno e me virei para ver Romeo, Angelo e Macarrão, todos enfileirados, vestindo seus suéteres de Natal. Sienna estava de lado, cobrindo a boca e parecendo suspeita, como se estivesse segurando o riso.

Sofiya bateu palmas. — Preciso de uma foto de todos os meus meninos juntos.

— Eles não são *todos* seus meninos. — eu rosnei.

— Somos homens, não meninos. — acrescentou Romeo. Ele cruzou os braços, o que apenas destacou a confusão de enfeites verdes em seu suéter.

— Bem, seja você o que for, fique perto da árvore para que eu possa tirar uma foto. — ela exigiu antes de ir para a sala com seu andador. Soltei um som frustrado e agarrei sua cadeira de rodas.

— Você só deve usar o andador quando estiver assando.

Eu tinha planos de reformar toda a cozinha para que fosse adequada para cadeiras de rodas, mas Sofiya disse que não faríamos obras enquanto ela estivesse em “modo de aninhamento” seja lá o que isso significasse. Achei absolutamente absurdo. Sienna já havia escolhido o empreiteiro e projetado a reforma, então estávamos todos prontos assim que Sofiya nos desse luz verde. Ela estava sentindo muita dor ultimamente para usar o andador por mais do que breves períodos, e estava ficando tonta com mais frequência.

Assim que ela estava na cadeira de rodas, agarrei seu queixo e murmurei “garota safada”. Suas bochechas coraram lindamente.

Todos nós nos movemos em frente à árvore de Natal e Sofiya tirou fotos de “seus meninos”. Então ela e Sienna nos instruíram em todos os tipos de formações e combinações. Eu não me importava, desde que pudesse ficar ao lado da minha esposa.

Descobri que não me importava com nada, desde que ela estivesse ao meu lado.



Sofiya

— Não tenho certeza se o pôquer é uma atividade de Natal muito tradicional. — eu disse, mordendo o lábio.

Tínhamos terminado o jantar de Natal e estávamos cheios demais para comer a sobremesa imediatamente. Matteo resmungou quando descobriu que eu tinha feito os pratos favoritos de todos: tiramisu para Angelo, cannolis para Romeo, bolo funfetti para Sienna e biscoitos de chocolate para meu marido. Ele queria que eu ficasse reclinada na cama com pessoas esperando por mim durante as últimas semanas da minha gravidez, mas eu estava me sentindo bem. A exaustão que senti no primeiro e no segundo trimestres finalmente se dissipou e senti a vontade de cuidar de todos e do ninho.

— Não é — disse Sienna. — Mas ouvi tudo sobre suas habilidades e preciso ver com meus próprios olhos.

— É festivo se bebermos vinho quente enquanto jogamos. — disse Romeo.

— Ou chocolate quente. — acrescentou Angelo, erguendo as sobrancelhas para mim.

Eu sorri. — Se todos vocês estão tão desesperados para perder, acho que não posso recusar. — Apertei a mão de Matteo. — Você vai jogar, marido? Por favor?

— Se isso for forçá-la a ficar sentada, tudo bem.

Eu sorri, inclinando-me para lhe dar um beijo na bochecha. Estava pinicando com a barba por fazer. — Tão irritadiço.

— Sim, Matteo, pare de ser tão irritado. — disse Romeo.

Matteo revirou os olhos. — Vamos fazer isso.



— Como você está fazendo isso? — Matteo olhou para mim do outro lado da mesa, absolutamente perplexo.

Mordi o lábio para esconder meu sorriso. — Sou muito boa, não sou?

— Você tem ganhado jogos esse tempo todo? Achei que você não sabia que eles estavam jogando com dinheiro de verdade. Eu estava me preparando para pagar suas dívidas antes que o clube de pôquer viesse atrás de você.

Eu bufei uma risada. — Sua falta de fé em mim é surpreendente. Quanto ganhei agora, Angelo? Acho que são cerca de trinta mil.

— Parece certo, *bella*.

Matteo passou a mão pelo rosto. — Bem, merda.

— É o suficiente para começar minha nova organização sem fins lucrativos.

Meu marido se levantou bufando e contornou a mesa.

— Ei, o que você está fazendo? — Eu gritei. Ele me ignorou e me levantou da cadeira, sentou-se e me colocou em seu colo. — Isso é trapaça. — protestei, tentando proteger minhas cartas dele.

— Eu desisto, *tesoro*. Não posso perder todo o meu dinheiro para você.

Revirei os olhos, mas me aninhei em seu peito enquanto o resto de nós continuava o jogo.

— Que organização sem fins lucrativos você está começando? — ele perguntou, os lábios roçando a concha da minha orelha.

— Quero converter alguns apartamentos em habitações para mulheres que foram vítimas de tráfico sexual. Para que pessoas como Katya e Stasya possam ter um lar. — Trabalhei com a Dra. Amato para conseguir moradia e empregos para as duas meninas, bem como um subsídio mensal para que elas nunca tivessem que se preocupar com dinheiro, mas eu queria expandir para ajudar mais mulheres. Eu estava trabalhando com Matteo para dismantelar as redes sexuais restantes que Arben e meu pai administravam. Fiquei doente ao pensar que alguém de quem eu era parente havia causado tanto sofrimento.

— É uma ideia maravilhosa — disse Matteo. Então uma carranca tomou conta de seu rosto. — Contanto que você não se esforce demais. Você precisa descansar e o bebê está quase chegando.

— Não se preocupe, terei muita ajuda.

— Nesse caso, doarei um prédio de apartamentos para a instituição de caridade.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Que prédio de apartamentos?

Matteo encolheu os ombros. — Há muitos na cidade. Faça sua escolha.

Revirei os olhos, mas meu peito se encheu de calor. Sua fácil aceitação e apoio ao meu plano significavam tudo. Pressionei meus lábios em sua orelha. — Você vai receber um boquete esta noite.

Ele grunhiu e apertou ainda mais meus quadris.

Quando chegou a hora dos jogadores restantes mostrarem nossas cartas, coloquei as minhas na mesa com um sorriso. — Royal flush.

Angelo praguejou e se afastou da mesa. — Você está contando cartas, não está? Tem que ser isso.

Sienna bufou enquanto olhava entre os homens descontentes. — Tenho certeza de que isso é blackjack, não pôquer.

O peito de Matteo tremeu de tanto rir. — Não sabia que você era um péssimo perdedor, Angelo. — Ele beijou minha bochecha. — Agora você tem mais dez mil para adicionar à sua caridade.

— Sim, obrigada a todos por suas doações. — eu disse.

O semblante geralmente brilhante de Romeo estava irritado. — Vou pegar a porra do meu cannoli — disse ele, indo para a cozinha.

Sienna olhou para os dois homens com alegria. — Vale a pena perder para vê-los assim. — Ela se levantou da mesa. — Vamos trazer todas as sobremesa para cá.

— Eu deveria ajudá-los. — eu disse, tentando sair do colo de Matteo.

— Você não deveria. — foi a única coisa que ele disse em resposta.

Soltei um pequeno barulho quando o bebê chutou com muita força. Ela estava destinada a ser dançarina ou corredora com a força de suas pernas.

Matteo pressionou a mão na minha barriga, seu rosto suavizando ao senti-la se mover.

— No próximo Natal teremos uma filha de quase um ano. — murmurei.

— Mal posso esperar.

Eu chorei com a sinceridade em sua voz. Todos aqueles anos tão sozinha e mal amada me trouxeram aqui... para minha nova família.

Todos voltaram para a sala e arrumaram as sobremesas na mesa. Matteo fez meu prato primeiro, colocando uma de cada sobremesa nele. Nossos presentes um para o outro estavam espalhados pela sala, incluindo os de Mila, Nikolai, Leona e Ronan. Macarrão cutucou minha mão, implorando por coisas para pets.

Eu não poderia ter sonhado com um Natal melhor. Mas essa era a minha vida agora: viver dias ainda melhores do que os meus sonhos.

Lista de Sonhos da Sofiya

VOAR EM UM AVIÃO.

TOCAR O OCEANO.

FAZER UMA TATUAGEM.

EXPERIMENTAR ALGO NOVO TODA SEMANA DURANTE UM ANO.

APRENDER A FAZER CERÂMICA.

IR À DISNEY WORLD.

COMER UM CACHORRO-QUENTE DE NOVA YORK

PASSEAR EM UM BALÃO DE AR QUENTE.

PRATICAR MERGULHO COM SNORKEL.

CULTIVAR UM JARDIM.

FAZER MARSHMALLOWS EM UMA FOGUEIRA DE VERDADE.

ADQUIRIR UM CACHORRO.

APERFEIÇOAR MINHA RECEITA DE BISCOITO DE CHOCOLATE.

APRENDER A COZINHAR PRATOS DE DIFERENTES CULTURAS.

ANDAR DE TREM.

OBSERVAR AS ESTRELAS.

FAZER SEXO SUPER QUENTE

FICAR MAGRA

CRIAR OS FILHOS EM UMA FAMÍLIA FELIZ.

SER AMADA.

Mila, pare com isso!

Viva um pouco, Sofiya



Matteo

EU

O que Sofiya está fazendo?

Onde diabos você está?

Por que você não está respondendo?

ANGELO

Já se passaram trinta segundos.

Sou lento para enviar mensagens de texto.

EU

Vá mais rápido ou eu atiro em você.

ANGELO

Sim, chefe.

Ai meu Deus Matteo! Você não pode ameaçar atirar nas pessoas porque elas enviam mensagens lentas.

(Aqui é a Sofiya).

EU

Você não estava atendendo ao telefone, Sofiya.

ANGELO

Ooh, o que você vai fazer sobre isso?

Merda, espere, não quero fazer isso no telefone do Angelo. Isso vai deixá-lo traumatizado para o resto da vida.

Apertei meu nariz e suspirei. Minha mão coçava de vontade de bater em minha esposa. Eu tinha planejado ir almoçar no apartamento depois das intermináveis reuniões da manhã, estava contando os minutos até o meio-dia, mas então recebi uma mensagem de Angelo dizendo que Sofiya queria fazer compras. Eu não ia dizer não a ela, se ela finalmente iria gastar meu dinheiro - para que diabos eu tinha esse dinheiro se não era para mimar minha esposa - mas um desconforto irritante agarrou meu peito ao saber que ela não estava me esperando lá em cima. Eu tentei convencer o obstetra a dizer a Sofiya que ela precisava ficar em repouso absoluto na cama para que eu tivesse uma desculpa para mantê-la comigo o tempo todo, mas, aparentemente, isso não era “medicamente necessário”.

Que seja.

Eu olhei sem entusiasmo os relatórios que Romeo enviou. Ele estava sentado na minha frente com seu laptop, mas ficava pegando o telefone e mandando mensagens para alguém, com um sorriso absurdo no rosto. Estávamos trabalhando para dismantelar as facções

albanesas restantes e encontrar as meninas traficadas desaparecidas, mas algo, ou alguém, estava distraíndo meu segundo em comando, e eu não sabia o quê. Eu simplesmente sabia que não gostava disso.

Não que eu pudesse dizer muito quando fiquei olhando a localização de Sofiya em meu aplicativo de rastreamento. Eu esperava que ela e Angelo fossem à Madison Ave ou a qualquer um dos lugares de compras que Sienna frequentava. Mas eles não foram. Em vez disso, dirigiram mais para leste, em direção ao Harlem.

SOFIYA

Olá marido.

Meu peito relaxou ao ver o nome dela aparecer na minha tela.

EU

Olá, pirralha.

SOFIYA

Isso não é muito legal.

EU

Não me teste, tesoro. Você já está com problemas do jeito que está. Onde você está?

SOFIYA

bufando como se você não estivesse me rastreando. Estamos no Costco.

EU

Que porra é Costco?

SOFIYA

Acabei de descobrir isso! É um armazém enorme com toneladas de coisas a granel.

Eu já estava fora da cadeira antes de perceber o que estava fazendo. Romeo arqueou a sobrancelha.

— Tenho algo para fazer. — eu disse.

— Mas temos uma reunião com os capos em uma hora. — gritou ele enquanto eu saía da sala.

— Você assume o controle. — rosnei.

— Eu não me inscrevi para realmente trabalhar como seu segundo em comando.

Eu sorri quando a porta se fechou atrás de mim. Romeo me daria um sermão mais tarde, mas agora eu tinha outras prioridades. A única coisa que iria acabar com essa maldita coceira na minha pele era ter Sofiya em meus braços.



Franzi a testa quando Enzo entrou em um grande estacionamento.
— Que porra é esse lugar?

Ele encolheu os ombros. — Tem certeza de que isso está certo, chefe?

Franzi a testa para a grande placa vermelha anunciando o nome da loja. O que minha pequena esposa estava fazendo?

Minha mão desceu para a arma escondida em meu paletó enquanto nos dirigíamos para a entrada. O estacionamento estava lotado, principalmente com famílias, mas eu ainda estava nervoso.

Talvez eu estivesse destinado a ficar nervoso sempre que minha esposa estivesse fora de vista. Minha esposa grávida. Ela era boa demais, vulnerável demais, doce demais. Ela precisava que eu fosse o diabo nas sombras, sempre observando, sempre protegendo-a.

— Com licença. Ei, espere.

Virei-me para o funcionário parado na entrada. Ele deve ter visto a escuridão em minha expressão porque deu um passo para trás.

— Você tem que mostrar seu cartão de membro. — ele disse fracamente.

Fiz uma careta e continuei andando, Enzo logo atrás. Ninguém iria me impedir de caçar minha esposa.

— Merda, quão grande é esse lugar? — Enzo perguntou antes de bufar e apontar para uma caixa de anéis e colares de baixo orçamento. — Talvez ela esteja aqui por causa de joias.

Eu não estava com vontade de rir. Abri o aplicativo rastreador no meu telefone e o segui enquanto ele me levava à seção de produtos hortifrutigranjeiros. Meu peito relaxou quando vi Sofiya e Angelo deliberando sobre uma caixa de laranjas enquanto Macarrão olhava para eles. Ele foi o primeiro a sentir minha chegada, balançando a cabeça em minha direção e cheirando o braço de Sofiya. Ela se virou, franzindo a testa em confusão antes de abrir um enorme sorriso. Atravessei a multidão de compradores, mal reprimindo minha vontade de gritar para todos eles se mexerem. Eles estavam me mantendo longe da minha esposa.

Finalmente, ela estava na minha frente – com as bochechas rosadas e perfeita em um vestido floral que se estendia sobre sua barriga redonda. Inclinei-me e segurei seu rosto. A sensação de sua pele macia contra minhas palmas ásperas me fez sentir tranquilo pela primeira vez desde que a deixei na cama esta manhã.

— Olá, *miliy* — ela disse contra meus lábios.

Eu me afastei e dei a ela um olhar severo. — O que você está fazendo aqui? Você precisa ir com calma.

Ela franziu a testa. — Eu estou. Estou usando minha cadeira e Angelo não me deixa levantar nada. Além disso, você disse que eu precisava gastar mais dinheiro.

— Tenho quase certeza de que uma das roupas da minha irmã custa mais do que esta loja inteira.

— Sim, bem, não preciso de mais roupas. Mas conversei com um abrigo local para vítimas de violência doméstica e consegui uma lista de coisas de que eles precisam, e eles recomendaram que fizéssemos nossas compras aqui.

Olhei para minha linda esposa, exasperado. — O que eu tenho que fazer para que você seja egoísta? Eu quero mimar você, porra.

— Você pode me mimar esta noite. — Seus lábios deslizaram contra os meus, e precisei de toda a minha força de vontade para me impedir de levá-la para casa e amarrá-la na cama para que eu pudesse transar com ela a tarde toda. — Mas agora que você está aqui, você e Enzo podem pegar carrinhos. Estávamos tentando descobrir como colocar tudo o que precisávamos no carro.

— Você quer que eu empurre um carrinho de compras? — Minha voz era baixa, os olhos fixos nos de minha esposa.

— Sim — disse Sofiya, sua expressão provocadora me desafiando a recusar.

— Vá buscar carrinhos. — ordenei a Enzo.

Angelo fez um barulho que soou suspeito como uma risada, mas se transformou em tosse quando olhei para ele.

Minha expressão se suavizou quando Sofiya pegou minha mão. — Eu não achei que você seria capaz de fugir hoje.

— Bem, tive a súbita vontade de comprar laranjas para um ano por US\$ 24,99.

— Você está fazendo uma piada?

— Os chefes da máfia não fazem piada, *tesoro*.

Sofiya apenas sorriu.

Angelo e eu seguimos suas instruções, empilhando laranjas, maçãs e bananas no carrinho enquanto ela verificava itens de uma lista. Enzo se juntou a nós com dois carrinhos e seguimos pela loja que parecia um labirinto.

— Veja! — Sofiya disse, apontando para algo em uma prateleira. — Almofadas de aquecimento. Você pode me comprar uma dessas, *milliy*, se quiser me mimar.

— Elas custam US\$ 14,99 — eu disse secamente.

Seu lábio se projetou em um beicinho. — Então você não vai comprar uma para mim?

Revirei os olhos e coloquei três delas no carrinho. Eu já tinha escondido almofadas térmicas na maioria dos cômodos da casa e no meu escritório, caso ela precisasse delas, mas era sempre bom ter algumas extras.

Fiquei de olho em Sofiya, observando qualquer sinal de que ela estava ficando cansada ou com dor, ao mesmo tempo que tinha que encarar qualquer homem cujos olhos ousassem permanecer nela. Da próxima vez que ela quisesse ir à porra da Costco, poderíamos fazer isso depois do expediente.

Estávamos na seção de roupas quando algo me chamou a atenção. Peguei a peça de roupa, meu peito apertando.

— O que você encontrou? — Sofiya perguntou.

Virei-me para encontrá-la ao meu lado, a cabeça inclinada para trás para encontrar meu olhar, um sorriso suave nos lábios.

— Isso é muito pequeno. — eu disse. — Nosso bebê não será tão pequeno.

— É um macacão de recém-nascido, *miliy*. Os bebês são pequenos.

Olhei para a roupinha e me aproximei de Sofiya, lutando contra a vontade de construir uma fortaleza para ela e o bebê e trancá-los lá dentro.

Eu também estaria lá, é claro.

A mão de Sofiya envolveu a minha. — Devemos levar?

Era uma roupa absurda... um macacão rosa claro com um donut sorridente. — Bebês nem comem donuts. — murmurei.

Minha esposa apenas sorriu. — Estamos levando. — Ela olhou para as outras roupas de bebê na mesa grande e se iluminou quando viu uma com um golden retriever. Ela se inclinou para pegá-lo e estendeu-o para Macarrão.

— O que você acha, *malysh*? É perfeito para sua irmã, certo?

Macarrão cheirou o macacão e abanou o rabo. Sofiya tirou o macacão de donut da minha mão e colocou-o no colo. — Não se preocupe, não direi a nenhum dos seus homens que o Don deles adora macacões de donut.

Inclinei-me, apoiando as mãos nos braços da cadeira de rodas. — Isso é muita atrevimento para uma garota que já devia uma punição.

Seu queixo caiu. — Por que estou devendo uma punição? — ela perguntou indignada.

— Você me roubou a chance de almoçar com você. Isso é um crime.

Um sorriso malicioso se espalhou por seu rosto. — Há uma praça de alimentação aqui, você sabe.

— Você está tentando me matar. — Dei um beijo em sua testa antes de me levantar e procurar nossos guardas. Angelo segurava um

pijama listrado colado ao corpo e Enzo levantava o polegar para ele. — Pelo amor de Deus. — eu murmurei. — Vamos.

Angelo jogou o pijama no carrinho e fomos fazer o pagamento.



Sofiya

— Para casa, finalmente. — disse Matteo, parecendo extremamente mal-humorado.

— Oh, vamos lá, você se divertiu. Admita — eu disse. Comemos na praça de alimentação da Costco e depois deixamos tudo no abrigo para vítimas de violência doméstica. A mulher que o gerenciava quase chorou ao ver tudo o que estávamos descarregando, antes de sairmos, vi meu marido passar um cheque para ela quando achou que ninguém estava olhando. Ele já deveria saber que eu estava sempre olhando para ele.

Matteo não respondeu quando entramos em nosso apartamento, mas ele manteve uma mão em volta do meu pescoço enquanto a outra segurava os dois macacões.

— Ela vai ficar tão fofa com isso. — eu disse. Minha garganta estava apertada e eu estava a segundos de começar a chorar ao vê-lo segurar as roupas minúsculas em sua mão grande.

Os hormônios da gravidez eram uma merda.

— Ela ficará linda em tudo que vestir. — disse ele, com a voz rouca.

Eu o puxei para o meu nível, agarrando seu rosto enquanto o beijava. — Eu te amo — murmurei.

— Eu te amo até os confins do universo, *tesoro*.

Agarrei-me à mão dele enquanto íamos para o berçário, soltando-a apenas para que ele pudesse dobrar os macacões e colocá-los na gaveta da cômoda. Faltavam três meses para a data do parto e o berçário ainda estava quase vazio. Sienna estava me implorando para deixá-la projetar, mas eu estava com muito medo. Passei os últimos meses tão ansiosa com a possibilidade de perder o bebê que continuei adiando. Mas na semana passada, eu encontrei a cômoda antiga mais bonita e não pude deixar de comprá-la. Ver meu marido colocar as primeiras peças de roupa fez meu coração parecer que iria explodir.

Matteo se ajoelhou ao meu lado e passou as mãos pelas minhas coxas. — Você começou a decorar.

Eu balancei a cabeça.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Bom. Eu gostaria de ajudar.

Ok, isso era demais. Comecei a chorar. Sua testa franziu em preocupação enquanto ele segurava meu rosto.

— Está tudo bem. Estou feliz — eu chorei. — Isso parece muito bom.

Ele enxugou minhas lágrimas e eu sabia que seria um grande esforço para ele parar de me ordenar que não chorasse. — Vamos, *tesoro*. Você precisa de uma soneca.

Passei meus braços em volta de seu pescoço enquanto ele me levantava, me segurando firmemente contra seu peito. Pressionei meu rosto em seu pescoço, respirando-o.

Ele nos acompanhou até nosso quarto e me colocou na cama.

— Você sabe. — eu disse, brincando com seu cinto enquanto ele pairava sobre mim. — Não estou particularmente cansada.

Seu rosto abriu um sorriso antes de mascará-lo com uma expressão severa. — Você precisa descansar.

Dei de ombros. — Acho que não estou com vontade.

Matteo tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa. Fiquei hipnotizada por seus antebraços fortes e não percebi que ele havia me perguntado algo.

— Huh?

Ele riu. — Minha garota está se sentindo um pouco carente?

Eu me contorci na cama. — Não sei do que você está falando.

— Agora você está mentindo para o seu Don? Você está acumulando punições. — Ele puxou a barra do meu vestido e lentamente o tirou. Tirei meu sutiã e minha calcinha. Minha barriga estava redonda e pesada, mas eu não estava mais constrangida com isso. Adorei vê-la crescer, fazendo um lar para nossa filhinha.

— Mãos e joelhos — disse Matteo, seus olhos famintos percorrendo meu corpo.

Fiz beicinho enquanto fazia o que ele pedia, mas por dentro eu estava fazendo uma dança feliz. Eu não entendi exatamente, mas sempre que ele me “punia” assim, eu me sentia muito próxima dele.

Ele rapidamente pegou nossos travesseiros de posicionamento e colocou um embaixo da minha barriga, no peito e em cada lado dos meus quadris. — Tudo bem, amor? — ele perguntou suavemente.

Eu balancei a cabeça. As almofadas aliviaram a pressão dos meus pulsos e quadris, ajudando-me a manter a posição sem dor.

— Bom. Você é uma garota tão boa para mim, mesmo quando é travessa.

Ele se acomodou atrás de mim. Suas coxas grossas abraçaram as minhas enquanto ele se inclinava sobre minhas costas e passava as

mãos pela minha barriga. — Porra, você é tão linda. Ver você assim me deixa louco. Eu quero foder minha porra em você, enchê-la com outro bebê.

— Não acho que funcione assim. — eu disse, rindo.

Matteo rosnou e sua mão pousou com força na minha bunda. — Garota atrevida. Tão desobediente para o seu Don.

Eu mexi minha bunda. — O que você vai fazer sobre isso?

Seus lábios roçaram em minha orelha. — O que eu quiser, porra.

Ele se mexeu atrás de mim e depois me espancou novamente. Eu gritei com a dor deliciosa que aumentava enquanto ele continuava, sua mão salpicando ambas as nádegas até que minha pele estava quente e eu estava pingando de excitação.

— Matteo. — eu choraminguei.

— Tão carente. — Ele envolveu meu cabelo em volta do punho e puxou minha cabeça para trás. — E eu amo isso.

Ouvi o zíper de sua calça e então ele empurrou dentro de mim. Suas pernas prenderam as minhas com força, eu gemi com a extensão dele, com o quão grande ele parecia dentro de mim.

— Somos você e eu para sempre, baby. — disse ele. — Você nunca me deixará e sempre mantereí você segura.

— Para sempre. — eu engasguei.

Cada impulso foi forte e rápido, mas tudo parecia amor. Seus dedos roçaram meu clitóris, meu prazer crescendo enquanto ele continuava se movendo dentro de mim. Eu choraminguei e gemi quando um orgasmo me invadiu, deixando meus braços tremendo. O aperto de Matteo aumentou em meus quadris e ele gozou com um suspiro. Eu tinha provocado ele antes, mas adorei saber que sua porra estava me enchendo.

Ele pressionou beijos em minha espinha antes de me reorganizar suavemente para que eu ficasse de lado.

— Você foi tão bem, baby. — Ele acariciou meu rosto, olhando nos meus olhos como se eu fosse o mundo dele. — Está doendo alguma coisa? — Suas mãos percorreram meu corpo como se procurassem ferimentos.

— Não, eu disse. — Então hesitei, mordendo o lábio.

— Nada disso. — ele disse severamente, passando o polegar pelo meu lábio. — O que você precisa?

— Você tem que voltar ao trabalho? — Eu sussurrei, de repente me sentindo carente.

A expressão de Matteo suavizou-se. — Vou ficar aqui com você enquanto você tira uma soneca. Precisarei trabalhar mais tarde, mas posso trazer meu laptop aqui ou você pode vir comigo ao escritório. Você não vai sair do meu lado.

O calor percorreu meu peito e passei os dedos pela barba por fazer no queixo do meu marido. — Obrigada, miliy.

Ele pegou uma toalha para me limpar e depois tirou a roupa antes de se deitar ao meu lado e me puxar para seus braços. Eu me aninhei nele, me sentindo completamente segura, feliz e amada. À medida que meus olhos ficavam pesados, eu sabia do fundo do meu coração que nosso bebê sempre se sentiria assim.

Fim



Notas

[←1]

Irmão.

[←2]

Um homem mais velho atraente, especialmente aquele com cabelos grisalhos.

[←3]

Há duas garotas aqui.

[←4]

Princesa.

[←5]

Coquetel alcoólico italiano, feito com Aperol, espumante e água com gás.

[←6]

Verde brilhante, meio caminho entre o verde e o amarelo.

[←7]

Cão de serviço: ajuda pessoas com deficiência orgânica ou motora e podem prestar auxílio psiquiátrico a pessoas com doenças como síndrome do pânico, transtorno pós-traumático, esquizofrenia e autismo.

[←8]

Meu tesouro.

[←9]

Miúdo, pequeno em russo.

[←10]

Idiota.

[←11]

Rope Play é basicamente a tradução de seu nome, um jogo com cordas.

[←12]

Significa “queijo e pimenta” em vários dialetos do centro da Itália. Os ingredientes do prato são simples apenas pimenta preta, manteiga, queijo e macarrão.